OBSERVATIONS

UPON THE

PROPHECIES

OF

DANIEL,

AND THE

APOCALYPSE

OF

St. *JOHN.*

In Two Parts.

By Sir *ISAAC NEWTON.*

LONDON,
Printed by J. Darby and T. Browne in *Bartholomew-Close.*
And Sold by J. Roberts in *Warwick-lane*, J. Tonson in the *Strand*, W. Innys and R. Manby at the West End of St. *Paul's Church-Yard*, J. Osborn and T. Longman in *Pater-Noster-Row*, J. Noon near *Mercers Chapel* in *Cheapside*, T. Hatchett at the *Royal Exchange*, S. Harding in St. *Martin's lane*, J. Stagg in *Westminster-Hall*, J. Parker in *Pall-mall*, and J. Brindley in *New Bond-street.*
M.DCC.XXXIII.

HTTP://JARIO-RS.TUMBLR.COM/

Isaac Newton, Observações sobre as Profecias de Daniel e do Apocalipse de São João (1733)

Seis anos após sua morte,o sobrinho de Newton,Benjamin Smith publicou uma pequena porção de escritos posteriores de Newton sobre os livros proféticos de Daniel e Apocalipse. Por mais de dois séculos, este livro foi vislumbrado apenas no pensamento profético de Newton.
Palavras do texto original foram trocadas para facilitar o entendimento do leitor.

Tradução por
Julio Abreu Filho

Rua Alferes Guimarães, 304
São Paulo – Brasil

ÍNDICE

Dedicatória,Joseph Smith 4

Parte Um.
Observações sobre as profecias de Daniel

1 –Introdução: Os compiladores dos livros do Velho Testamento 6
2 -A linguagem profética 10
3 -Da visão da imagem de quatro metais 13
4 -Da visão das quatro bestas 15
5 -Dos reinos representados pelos pés de ferro e barro 17
6 -Dos dez reinos representados pelos dez chifres 21
7 -Do undécimo chifre da quarta besta 28
8 -Do poder do undécimo chifre de mudar os tempos e as leis 32
9 -Dos reinos representados pelo carneiro e pelo bode 38
10 -Da profecia das setenta semanas 42
11 -Da época do nascimento e da paixão de Cristo 47
12 -Da profecia da escritura da verdade 54
13 -Do rei que fez o que quis; elevou-se e engrandeceu-se acima de todos os deuses e venceu os maozins e mostrou-se indiferente ao amor de mulheres 60
14 -Dos maozins, venerados pelo rei que faz o que quer 63

Parte Dois.
Observações sobre o Apocalipse de São João.

15 –Introdução: Época em que foi escrito o Apocalipse 71
16 -Das relações entre o Apocalipse e o livro da lei de Moisés e o culto de Deus do tempo (versão resumida, trazida como Apêndice ao final do livro) 76
17 -Da relação entre as profecias de João e de Daniel. O assunto da profecia 85
Notas do Digitador 93

Dedicatória ao honorável

Peter,

Rei e Senhor, Barão de Ockham, Alto Chanceler da Grã Bretanha. Meu senhor, Eu não faço nenhuma objeção em enviar as folhas seguintes para V. Excia., já que vós vivestes um relacionamento de longa amizade com o Autor, e, como ele, entre ocupações de natureza distinta, também fez da religião seu estudo voluntário; e, também como ele, em todas as ações e investigações, teve a mesma inflexível adesão à Verdade e Virtude. Eu sempre considerarei isto uma das vantagens de minha relação com Sir Isaac Newton, qual seja a de permitir a mim uma oportunidade de fazer este reconhecimento público do sincero respeito que Este tinha para com Vossa Excelência. De seu mais obediente e humilde serviçal,

Benjamin Smith.

Parte Um.
Observações sobre as profecias de Daniel.

Capítulo 1

Introdução:

Os compiliadores dos livros do Velho Testamento

"O que sabemos é uma gota; o que ignoramos é um oceano."

Isaac Newton

Quando Manassés colocou uma imagem esculpida na Casa do Senhor e nos dois pátios construiu altares dedicados a todos os hóspedes do céu; quando,conforme 2 Crôn. 33:5 a 7, praticando encantamentos e feitiçaria, utilizou espíritos familiares, pelo que, devido à sua maldade, foi invadido pelo exército de Asserhadon, rei da Assíria, que o levou cativo para a Babilônia; o Livro da Lei ficou perdido até o ano décimo oitavo do reinado de seu neto,Josias. Então, ao restaurar o Templo, aí o encontrou o sumo-sacerdote Helcías. Lamentando o rei que seus pais não tivessem seguido as palavras do Livro, determinou que o mesmo fosse lido ao povo, a quem fez renovar o santo concerto com Deus (cf. 2 Crôn. Cap. 34) Este é o atual Livro da Lei.

Quando Sesac veio do Egito e saqueou o Templo, no quinto ano de Roboão, submetendo Judá à monarquia egípcia, (cf. 2 Crôn. 12:2 a 4; 8,9), durante cerca de trinta anos continuou o povo judeu sob grandes perturbações. "Sem o verdadeiro Deus e sem sacerdote que instrua, e sem lei. Nesse tempo não haverá paz para o que sai, nem para o que entra, mas de todas as partes haverá terror em todos os habitantes da terra, porque se levantará uma nação contra outra nação, e uma cidade contra outra cidade, porque o Senhor os conturbará com toda sorte de aflições". (2 Crônicas 15:3, 5 e 6)

Então morreu Sesac e o Egito foi presa de desordem. Tinha Judá apenas dez anos, conforme indicado em 2 Crônicas 14:1; 6 a 9:12. Naquele tempo Asa edificou cidades fortificadas em Judá e organizou um exército de 580.000 homens, com o qual, no décimo quinto ano de seu reinado, enfrentou e venceu a Zara, o etíope, que havia conquistado o Egito, a Líbia e a Troglodítica; e, com um exército de um milhão de Líbios e Etíopes, se havia atirado à reconquista das regiões antes tomadas por Sesac (cf. 2 Crônicas 15:3, 12, 13, 16, 18). Depois dessa vitória, Asa destronou a própria mãe, sob o pretexto de idolatria; renovou o altar e trouxe para o Templo novas baixelas de ouro e prata; ele e o povo entraram em novo concerto, para buscar o Senhor Deus de seus pais, sob pena de morte aos adoradores de outros deuses; seu filho Josafá destruiu os altos lugares e no terceiro ano de seu reinado mandou alguns de seus Príncipes, Sacerdotes e Levitas a ensinar nas cidades de Judá: estes traziam consigo o Livro da Lei e percorreram quasetodas as cidades de Judá, ensinando ao povo. É este o Livro da Lei, que depois foi perdido, no reinado de Manassés e reencontrado no de Josias: escrito, portanto, antes do terceiro ano do reinado de Josafá. O mesmo Livro da Lei foi conservado e legado à posteridade pelos Samaritanos; por isso mesmo foi recebido pelas dez tribos antes do cativeiro, pois, (cf. 2 Reis 17:27, 28, 32, 33), quando estas tribos foram escravizadas, um Sacerdote foi mandado do cativeiro de volta à Betel, por ordem do rei da Assíria, para ensinar aos novos habitantes de Samaria "o costume do Deus da terra". Foi dEsse Sacerdote que os Samaritanos tiveram o Pentateuco, contendo a Lei “do costume do Deus da terra", que, conforme, o Sacerdote deveria ensinar ao povo (cf. 2 Reis 17:34, 41). Porque (os de Samaria) perseverassem na religião que lhes havia sido ensinada, a ela juntando a adoração dos próprios deuses, e perseverassem no que haviam aprendido, conservaram esse Livro da Lei nos caracteres originais dos Hebreus, enquanto que as outras duas tribos, depois de sua volta do cativeiro, adotaram o Livro da Lei nos caracteres dos Caldeus, aprendidos na Babilônia.

Desde que o Pentateuco havia sido recebido como o Livro da Lei, tanto pelas duas tribos (versão caldaica), quanto pelas dez (hebraico original), segue-se que o receberam antes de sua divisão em dois reinos. Porque após a divisão não receberam mais leis uns dos outros, já que mantiveram a separação. Judá não podia acusar a Israel pelo pecado de Jeroboão, nem Israel tampouco. Assim, o Pentateuco era o Livro da Lei nos dias de Davi e de Salomão. Os assuntos do Tabernáculo e do Templo eram regulados, por Davi e Salomão, conforme a Lei desse livro; e, no Salmo 78, Davi adverte ao povo a dar ouvidos à Lei de Deus, isto é, a Lei desse livro; tanto que, descrevendo como os seus antepassados não a respeitaram, cita passagens históricas doslivros de Êxodo e Números. A árvore genealógica dos reis de Edom, antes que existissem reis em Israel, é dada no Gênesis, capítulo 36 e verso 31. Assim, Gênesis não foi escrito, inteiramente na forma como atualmente este nos apresenta, antes do reinado de Saul. Fica, assim, evidente que o autor do livro registrou a genealogia daqueles reis até a sua própria época e, assim, escreveu o Gênesis antes que Davi houvesse conquistado o Edom.

O Pentateuco compõe-se da Lei e da História do povo de Deus. Tal história foi reunida em coletânea a partir de vários livros, tais como a História de Criação, composta por Moisés (Gênesis 11:4); o Livro das Gerações de Adão (Gênesis 5:1); e o Livro das Guerras do Senhor (Números 21:4). Este ‘livro das guerras’ continha o que se passara no Mar Vermelho e as jornadas de Israel pelo deserto. Devia,pois, ter sido começado por Moisés e continuado por Josué, até a conquista de Canaã, porque Josué escreveu algo no Livro da Lei de Deus (cf. Josué 24:26). Assim, no Livro das Guerras do Senhor, deveria ter escrito a sua própria guerra, de vez que esta foi a mais importante das guerras de Deus.Eram livros públicos e, como tal, não teriam sido escritos sem a autoridade de Moisés e de Josué. E, no reinado de Saul, Samuel teve oportunidade de pôr estes livros na forma como os livros Pentateucos e o livro Josué agora aparecem,entretanto enxertando ali, no livro de Gênesis, a genealogia dos reis de Edom até que aí reinasse um rei de Israel. O livro dos Juízes é a contínua história dos juízes hebreus e seis atos até a morte de Sansão. Foi, portanto,compilado depois ds morte deste.. Diz-se nesse livro (Juízes 17:6; 18:1; 19:1; 21:25) que muitas coisas ocorreram ‘quando não havia rei’ em Israel. Assim, foi escrito depois do começo do reinado de Saul, quando os Jebusitas habitavam Jerusalém (cf. Juízes 1:21) e antes do oitavo ano de Davi (cf. 2 Samuel 5:8; 1 Crônicas 11:6). Os livros Pentateucos, e de Josué e de Juízes apresentam uma história seqüencial, desde a Criação até a morte de Sansão. Onde termina o Pentateuco, começa o livro de Josué; e onde termina este, inicia o livro dos Juízes. Assim, todos eles foram compostos a partir dos escritos de Moisés, de Josué, e outras fontes, por uma e mesma pena, depois de iniciado o reinado de Saul e antes do oitavo ano do reinado de Davi.Samuel era um escritor sacro (1 Samuel 10:25), familiarizado com a história

de Moisés e dos juízes (1 Samuel 12:8 a 12). No reinado de Saul, Samuel teve oportunidade e suficiente autoridade para Os compôr. Era profeta e julgou Israel durante toda sua vida, sendo portanto estimado pelo povo. E a Lei, segundo a qual se haveria de por ela julgar o povo, não devia ter sido publicada por uma autoridade que fosse inferior à sua, de vez que seu autor não podia ser inferior ao Juíz que a iria aplicar. E o Livro de Jasher (ou Livro da Retidão), citado em Josué 10:13, ainda não existia quando da morte de Saul (2 Samuel 1:18). Quando da dedicação do Templo de Salomão, a Arca foi trazida para o lugar mais sagrado dEste, porém aí não havia senão as duas tábuas (cf. 1 Reis 8:9). Portanto, quando os Filisteus tomaram a Arca, dela foram retirados o Livro da Lei, o vaso de ouro com Manná e a Vara de Aarão. Estas e outras perdas, ocorridas na desolação de Israel pela conquista destes pelos Filisteus, poderiam, depois de alguma relutância daqueles inimigos, ter dado uma chance à Samuel para recolher os escritos esparsos de Moisés e de Josué e os registros dos Patriarcas e Juízes, compondo os livros na forma atual como se apresentam. O livro de Rute é a história de fatos ocorridos nos dias dos Juízes e pode ser considerado como um apêndice ao livro dos Juízes, escrito pelo mesmo autor e ao mesmo tempo. Foi escrito depois do nascimento de Davi (cf. Rute 4:17,22), e não muito depois disto, pois a história de Boaz e Rute, bisavós de Davi, bem como a de seus contemporâneos, não poderia ter sido tão bem conservada como tradição oral depois de duas ou três gerações. E, desde que o livro deriva a genealogia de Davi de Boaz e Rute, omitindo seus irmãos mais velhos e seus filhos, deve ter sido escrito em honra a Davi, depois de ungido Rei por Samuel e antes que tivesse filhos no Hebron e, conseqüentemente, no reinado de Saul. A história de Davi não continua no livro. Parece, assim, ter sido escrito logo após a sua unção como rei. Por isso, devem estar certos os que atribuem a Samuel a autoria dos livros de Josué, Juízes e Rute. Samuel é também considerado autor do primeiro livro de Samuel, até a época de sua morte. Os dois livros de Samuel não indicam autores e, entretanto, parecem originais.Começam com sua genealogia, nascimento e educação e devem ter sido escritos por ele próprio parcialmente, ou durante sua vida, pelos seus discípulos, os Profetas de Naiot em Ramata (I Samuel 19:18 a 20) e, em parte, depois de sua morte, pelos mesmos discípulos. O livro dos Reis cita outros autores, como o livro dos Atos de Salomão, o livro das Crônicas dos Reis de Israel, e o das Crônicas dos Reis de Judá. Os livros das Crônicas citam o livro de Samuel O Vidente, o livro de Natan O Profeta, e o livro de Gad O Vidente é citado nos Atos de Davi; o livro do Profeta Natan, a Profecia de Abijah O Shilonita e as Visões Do Vidente Iddo são todos citados nos Atos de Salomão; o livro do Profeta Shenajah e o livro do Vidente Iddo, com referência às genealogias, é citado nos Atos De Roboão E Abijah; o livro dos Reis De Judá E De Israel comenta sobre os Atos De Asa, De Joaz, De Amazias, De Jothan, De Acaz, De Hezequias, De Manassés e De Josias; o livro do Vidente Hananias comenta sobre os Atos De Josafá; e as Visões De Isaías comenta sobre os Atos De Ozias E Hezequias.Eram, portanto, estes livros colecionados independentemente dos escritos históricos dos antigos Videntes e Profetas. E porque os livros dos Reis e das Crônicas citam-se reciprocamente, devem ter sido escritos na mesma época, depois do regresso do cativeiro da Babilônia, pois indicam a história de Judá e as genealogias dos Reis de Judá e dos Sumo-sacerdotes durante o cativeiro. Eram os livros de Ezra originàriamente uma parte do livro das Crônicas; posteriormente, foi separado das mesmas: tanto que começa com os dois últimos versículos dos livros das Crônicas e o primeiro livro de Ezra começa com os dois últimos capítulos daquele. Foi, portanto, Ezra o compilador dos livros dos Reis e das Crônicas, escrevendo a história de sua época. Era um Escriba conhecedor da Lei de Deus; e, nesse mister, Neemias o assistira e, "formando uma biblioteca, ajuntara livros dos diversos países, assim os dos Profetas, como os de Davi, e as Cartas dos reis, e os que administravam os seus bens" (2 Macabeus 2:13). Como Atos de Davi, compreendo aqui os livros de Samuel ou, pelos menos, o segundo deles. Além dos Atos dos Reis, escritos periodicamente pelos Profetas, Ezra compôs os livros dos Reis de Judá e Israel. Assim reuniu aqueles Atos cronologicamente, copiando os autores literalmente, como se vê dos livros dos Reis e das Crônicas, em freqüentes concordâncias de palavras e de sentenças. Onde há concordância de sentido, também o há de palavras. Assim, as profecias de Isaías, escritas em momentos diversos, foram reunidas num corpo único. O mesmo foi feito com as de Jeremias e dos demais Profetas, até a época do Segundo Templo. O livro de Jonas é a sua história escrita por outro.O livro de Daniel é uma coleção de escritos de épocas diversas. Os seis últimos capítulos contêm as Profecias escritas pelo próprio Daniel em diferentes ocasiões; os seis primeiros, uma coleção de escritos históricos de outros autores. O quarto capítulo é um Decreto de Nabucodonozor. O primeiro capítulo foi escrito depois da morte de Daniel, pois aí se diz que Daniel viveu até o primeiro ano do reinado de Ciro, isto é, até o primeiro ano do domínio deste rei sobre os Persas e os Medas e o terceiro ano sobre a Babilônia. E, pelo mesmo motivo, o quinto e sexto capítulos também foram escritos após a morte de Daniel, pois terminam com estas palavras: "E Daniel permaneceu sempre em dignidade, durante o reinado de Dario e o reinado do persa Ciro" (Daniel 6:28). Também estas palavras deveriam ter sido adicionadas pelo coletor dos escritos, que suponho tenha sido o próprio Ezra. Parece que os Salmos, compostos por Moisés, Davi e outros, foram colecionados por Ezra pois, na coleção, encontro alguns até da época do cativeiro de Babilônia, mas nenhum posterior. Ezra os reuniu num grande volume que conhecemos atualmente como livro dos Salmos. Depois disto, Antíoco Epifânio saqueou o Templo, proibiu os Judeus de respeitar a Lei, sob pena de morte, e mandou queimar todos os livros sagrados que fossem encontrados. Nesses distúrbios, é bem provável que o livro das Crônicas dos Reis de Israel se haja perdido por completo. Passada a opressão, Judas Macabeu recolheu todos os escritos que foi possível encontrar (cf. 2 Macabeus 2:14). Ao pô-los em ordem, ocorreu que parte das Profecias de Isaías ou algum outro Profeta foi acrescentada no final das profecias de Zacarias. E o livro ficou separado das Crônicas e arranjado em duas ordens diferentes: numa, no livro de Ezra,juntou-se o Cânon; na outra, juntou-se o primeiro livro

de Ezra. Depois do período em cativeiro Romano, preservando suas tradições, os Judeus as inscreveram no Talmude; e, visando preservar as escrituras, resolveram fazer uma edição "gemátrica", na qual contaram as letras de todas as maneiras em cada livro. Conservaram então apenas essa edição. Entretanto, notas marginais e outras correções, tais como os erros dos copistas, anteriores à preparação dessa edição, interpenetraram-se aos textos e são agora de difícil correção. E por conservarem apenas essa edição, vários ensinos mais antigos estão agora perdidos, com exceção daqueles que podem ser descobertos através da Septuaginta. Antes do Cativeiro Romano os Judeus dividiram os livros sagrados do seguinte modo: a Lei, os Profetas e a Hagiógrafa ou os escritos sagrados. E nas sinagogas apenas eram lidos a Lei e os Profetas. O próprio Cristo e seus Apóstolos apoiaram a religião na Lei e nos Profetas (veja Mateus 7:12; 22:4; Lucas 16:16, 29, 31; 24:44; Atos 24:14; 26:22; Romanos 3:21).A Hagiógrafa compreendia os livros históricos, chamados Josué, Juízes, Rute, Samuel, Reis, Crônicas, Ezra, Neemias e Ester, o livro de Jó, os Salmos, os livros de Salomão e as Lamentações. Os Samaritanos liam apenas o Pentateuco. E quando Josafá mandou ensinar nas cidades, os sacerdotes mestres apenas levaram o Livro da Lei, porque as profecias então existentes ainda não haviam sido escritas. Quando de volta do Cativeiro da Babilônia, Ezra lia ao povo o Livro da Lei, de manhã à noite, no primeiro dia do sétimo mês, assim como diariamente, durante a festa dos Tabernáculos. É bem possível que por esta época Ezra não havia ainda reunido a coleção dos escritos dos Profetas em volumes, tal qual agora eles se nos apresentam; mas tão logo a coleção foi concluída, já instituiu sua leitura nas sinagogas. Mais que a Hagiógrafa, a leitura dos livros da Lei e dos Profetas nas sinagogas provavelmente os preservou um pouco mais da corrupção. Na infância da nação de Israel, quando Deus lhes havia dado a Lei e estabelecido um pacto para ser o seu Deus, com a condição de que seus mandamentos fossem respeitados, enviou os Profetas para reclamar o seu cumprimento, pois que várias vezes o haviam infringido, adorando a outros deuses. E, quando voltavam, o pacto, uma vez já quebrado, com freqüência era renovado. Esses Profetas continuaram a ser mandados à Israel até os dias de Ezra. Mas depois que suas profecias eram lidas nas sinagogas, tinham tal ato como suficiente. Por isso o povo não queria ouvir Moisés ou qualquer outro velho Profeta: queriam novos, conquanto soubessem que estes "se levantariam dentre os mortos".Por fim, quando uma nova verdade devia ser pregada aos Gentios, isto é, que Jesus era O CRISTO, Deus mandou novos Profetas e Mestres. Entretanto, depois que seus escritos eram recebidos e lidos nas sinagogas dos Cristãos, a Profecia cessou novamente. Agora temos Moisés, os Profetas, além das palavras do próprio Cristo. E se não os ouvirmos, não seremos menos excusáveis que os Judeus. Porque os Profetas e os Apóstolos predisseram: que, assim como Israel tantas vezes se revoltara e quebrara o pacto,renovando-o depois, arrependidos, também entre os Cristãos seria verificada, logo depois dos Apóstolos, esta mesma fraqueza, chamada de 'A Apostasia' ou 'Tempo da Apostasia'; e que nos últimos dias Deus destruiria os revoltosos impertinentes, fazendo com seu povo um novoconcerto; que DAR OUVIDOS AOS PROFETAS É UMACARACTERÍSTICA DA VERDADEIRA IGREJA; que Deus ordenou as Profecias de tal maneira que, nos últimos dias, "os ímpios procederão ímpiamente, e nenhum ímpio compreenderá, porém os sábios, estes sim, compreenderão"(Daniel 12:9,10); que a autoridade dos Imperadores, Reis, e Príncipes é humana. Também a autoridade dos Concílios,Sínodos, Bispos, Presbíteros é humana, porém A AUTORIDADE DOS PROFETAS É DIVINA e compreende toda a religião; que, além dos próprios Profetas maiores e menores, a Moisés, Cristo e os Apóstolos entre estes, e se um Anjo do céu pregar uma outra boa notícia, que não esta que por eles foi anunciada, que seja maldito. As escrituras contêm o Concerto entre Deus e o seu povo, com as instruções para a sua observância, exemplos do julgamento de Deus sobre aqueles que quebraram tal Concerto, e predições das coisas que estariam ainda por acontecer. A predição de coisas porvindouras refere-se à situação da Igreja em todas as épocas. Enquanto o povo de Deus guardar o Concerto, continuará como Seu povo; porém quebrando-O, cessará de o ser e de ser a sua Igreja, tornando-se assim "sinagoga de Satã, que diz que são Judeus, quando não o são". E nenhum poder na Terra tem força para alterar esse Concerto.E entre os velhos Profetas, Daniel é o mais característico na questão de datas e o mais fácil de ser entendido. Por isso, no que se refere aos velhos Profetas, Daniel deve ser tomado como a chave para os demais.

Capítulo 2

A linguagem profética

"Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos."

Isaac Newton

Para entender as Profecias, é necessário, antes de mais nada, estar familiarizado com a linguagem figurada dos Profetas, extraída das analogias entre o mundo natural e um império ou reino, considerado como um cenário político. De acordo com isto, o conjunto do mundo natural, compreendendo o céu e a terra proféticos, significa todo o cenário político em pauta, consistente de tronos e povo, ou apenas uma parte, conforme a Profecia. Os componentes daquele cenário profético representam coisas análogas no cenário político. Assim, o Céu e o que nele se contém representam os tronos e as dignidades, ou aqueles que as desfrutam, enquanto a Terra com suas coisas, representa a massa popular, o povo; as partes inferiores da Terra, chamadas Hades ou Inferno, representam as mais rebaixadas ou miseráveis camadas da população. Então, a subida ao Céu ou a descida à Terra significam elevação ou queda do poder e das honras: elevar-se sobre a Terra ou sobre as águas quer dizer elevação à alguma dignidade ou predomínio, partindo da condição inferior do povo, enquanto que a descida em tais elementos significa a perda de dignidades/cargos ou de predomínio; as descidas às partes mais baixas da Terra indicam redução à um estado infeliz e de rebaixamento; falar com voz fraca e como que saída do pó, indica uma condição humilde e fraca; andar de uma a outra parte quer dizer mudança de método, de dignidade ou de domínio; grandes terremotos e abalos do Céu e da Terra indicam comoções de reinos, tal como separações e destruição generalizada; a criação de um novo Céu e nova Terra, um mundo antigo que passa, ou ainda o começo e o fim de um mundo, traduzem o aparecimento e a ruína do corpo político por eles indicado. Para os intérpretes de sonhos, o Sol e a Lua representam Reis e Rainhas; entretanto, nas Profecias sacras, as quais não cuidam de indivíduos, o Sol representa, de um modo geral, a raça dos Reis, no reino ou reinos do cenário político, brilhando com poder e glória reais; a Lua simboliza o povo, tomado em seu conjunto, como a esposa do Rei; e as Estrelas são os Príncipes vassalos e os grandes homens do reino; ou,quando o Sol profético é o Cristo, representam os Bispos e os dirigentes do povo de Deus a luz representa a glória (talvez grandeza, virtude), a verdade, o saber, quando,através dos grandes homens e dos bons, ilumina os outros; a escuridão denota condição obscura, em erro, cegueira e ignorância; o escurecimento, o abalo ou o pôr do Sol, da Lua e das Estrelas, representam o desaparecimento de um reino ou a sua desolação, proporcional ao entenebrecimento apontado: Sol escuro, Lua coberta de sangue ou queda das estrelas, trazem o mesmo significado; uma Lua nova representa a volta de um povo disperso à um corpo político ou eclesiástico organizado; Fogo e meteoros tanto se referem ao Céu quanto à Terra e têm a seguinte significação: a queima de alguma coisa no fogo representa seu desaparecimento pela guerra; a conflagração da Terra ou a transformação de um país num lago de fogo é o desaparecimento de um reino pela guerra; o lançamento num forno quer dizer dominação por uma outra nação; a contínua ascensão de fumo de alguma coisa que se queima denota que um povo conquistado continua na miséria do domínio e escravidão por um longo período de tempo; o abrazante calor do Sol indica vexames de guerras, perseguições e distúrbios infligidos pelo próprio Rei; passear nas nuvens quer dizer reinar sobre muitos povos; o Sol coberto por nuvens ou por fumaça é sinal de pressão de exércitos inimigos exercida sobre o Rei; ventos tempestuosos, ou movimento de nuvens traduzem guerras e movimentações de tropas; o trovão ou a voz de uma nuvem representam a voz do povo; uma tempestade de trovões e relâmpagos, com chuvas torrenciais, simboliza a tempestade da guerra descendo dos céus e das nuvens políticas sobre a cabeça de seus inimigos; chuva moderada, orvalho e águas em movimento denotam graças divinas e doutrinas do Espírito; a falta de chuva indica nudez espiritual. Na Terra, o solo enxuto e um conjunto de águas, como mares, rios, ou uma enchente, simbolizam o povo de várias regiões, nações ou domínios; se as águas se tornarem salobras, significam grandes aflições do povo por causa de guerras e perseguições; se as coisas se transformarem em sangue, representam a morte mística de organismos políticos, isto é, sua dissolução, politicamente falando; a maré alta sobre um mar ou enchente dum rio quer dizer invasão de um país, pelo povo representado pelas águas; se as águas secarem, denotam a conquista dessas regiões pelo povo representado pela terra; as fontes de água representam cidades, ou origem permanente dos rios políticos; as montanhas e as ilhas simbolizam as cidades da terra e do mar político-proféticos, com os respectivos territórios e domínios que lhes pertencem; cavernas e montanhas graníticas são os templos das cidades; homens que se escondem nessas cavernas e rochas representam ídolos trancados em seus templos; casas e navios são famílias, ajuntamentos e cidades do todo político representado pela terra e pelo mar; e uma frota de guerra é um exército proveniente do reino representado pelo mar.Também os animais e os vegetais representam o povo de várias regiões e condições; especialmente as árvores, as ervas e os animais terrestres, representam a gente do grupo político simbolizado pela terra. As bandeiras, os juncos e os peixes representam o povo cuja nação é simbolizada pelas águas; as aves e os insetos também representam a população do país simbolizado pelo Céu e pela Terra. As florestas significam reinos; e o deserto traduz um povo fraco e desolado. Se o cenário político considerado na profecia for constituído de muitos reinos, será representado por tantas partes quantas as do mundo natural: as mais nobres, pelos corpos celestes; mas a Lua e as nuvens representam a gente comum; as menos nobres são figuradas pela terra, o mar, os rios ou por animais, plantas e edifícios. O animal maior e mais poderoso, bem como as árvores mais altas, indicam os Reis, os Príncipes e os Nobres. E porque, em seu todo, o reino é um organismo político do Rei, o Sol, ou uma árvore, um animal ou uma ave ou ainda um homem, aí representando o Rei, adquire maior significação, pois representa todo o reino; muitos animais, como um Leão, um Urso, um Leopardo, um Bode, conforme suas qualidades, são os representantes proféticos de vários reinos ou organismos políticos. O sacrifício de animais indica grande morticínio ou conquista de reinos; a amizade entre dois animais, indica paz entre dois reinos. Em vista de certos epítetos ou circunstâncias, por vezes animais e plantas têm, por extensão, outros significados: assim uma árvore, quando chamada 'a árvore da

vida ou do conhecimento'; e um animal, quando venerado ou quando chamado 'a velha serpente'.Quando um animal ou um homem representa um reino, suas partes ou qualidades indicam, por analogia, partes ou qualidades daquele reino. Assim, a cabeça deste animal aponta os grandes homens do governo e comando; quando forem mais de uma, as cabeças indicam as partes principais, ou as dinastias, ou ainda domínios (dentro) do reino,colaterais ou sucessivos em relação ao governo; os chifres em qualquer cabeça, representam aí o número de reinos, relacionados com a autoridade militar exercida. “Ver” quer dizer compreender. Os olhos valem por homens de compreensão e autoridade política; em assuntos religiosos, entretanto, querem dizer bispos/ líderes. Falar significa fazer leis; assim a boca indica aquele de onde promana a lei, seja agrada ou profana. A voz alta é indicativa de força e poder enquanto que a voz tênue indica fraqueza. Comer e beber valem pela aquisição do que está representado pela comida e a bebida. Os pêlos dos animais e dos homens, bem como as penas das aves querem dizer o povo; as asas indicam o número de reinos representados pelo animal. O braço do homem é o seu poder ou o de qualquer povo pelo mesmo representado; os pés valem pelas mais baixas camadas do povo ou pelo final do reino. Pés, garras e dentes de animais de presa, indicam exércitos e corpos de exércitos; os ossos indicam os lugares fortificados; a carne signifca riqueza e bens. Os dias de ação proféticas são contados como anos. Quando uma árvore representa um reino, seus galhos, folhas e frutos valem o mesmo que as asas e as penas ou o alimento de uma ave ou de um animal.Quando um homem é tomado em sentido profético, freqüentemente suas qualidades são expressas por suas ações e pelas circunstâncias que cercam as coisas que lhe dizem respeito. Assim um Governante é representado cavalgando um animal; um Guerreiro ou Conquistador terá uma espada ou um arco na mão; um homem poderoso apresentará estatura agigantada; um Juiz traz consigo pesos e medidas; uma sentença terá como símbolo uma pedra branca para sentença absolvitória ou uma pedra preta para sentença condenatória; uma nova dignidade se exprime por um novo nome; os ornamentos indicam qualificação moral ou civil; vestidos explêndidos significam honra e glória; a dignidade real é expressa pela púrpura, pela escarlata ou por uma coroa; a retidão é simbolizada por vestes brancas e limpas, enquanto que a maldade é indicada pelas roupas manchadas ou sujas; a aflição, o luto e a humilhação, vem indicadas por vestes grosseiras; já a desonra, a vergonha e a falta de boas obras é indicada pela nudez; o erro e a miséria, pelo ato de beber uma taça do vinho que os produz; a propagação da religião por interesse monetário, pelo exercício de tráfico ou comércio, com o povo a que se refere àquela religião; a adoração ou serviço de falsos deuses de qualquer nação, pela prática de adultério com os seus príncipes ou pela sua adoração; o Conselho de um Reino, pela imagem do mesmo; a idolatria, pela blasfêmia; a derrubada pela guerra, por uma ferida feita por homem ou por animal; o duradouro flagelo da guerra, por uma chaga ou tormento; a aflição ou a perseguição que sofre um povo no trabalho de constituir um novo reino, pelas dores de uma mulher no parto de um menino; a dissolução de um corpo político ou eclesiástico, pela morte de um homem ou animal; e a revivescência de um domínio que foi dissolvido, pela ressurreição de um morto.

Capítulo 3

Da visão da imagem de quatro metais

"A maravilhosa disposição e harmonia do universo só pode ter tido origem segundo o plano de um Ser que tudo sabe e tudo pode. Isso fica sendo a minha última e mais elevada descoberta."

Isaac Newton

As profecias de Daniel ligam-se todas umas às outras, como se fossem simples partes de uma profecia geral, dada em várias épocas. A primeira deve ser compreendida em primeiro lugar; e cada uma das que se seguem adicionam algo de novo às anteriores. A primeira foi dada num sonho a Nabucodonosor, rei da Babilônia, no segundo ano de seu reinado. Tendo o rei esquecido do sonho que havia tido, a mesma foi dada novamente a Daniel, também num sonho,que o revela então à Nabucodonosor. Assim Daniel tornou-se famoso por seu saber e pela faculdade de revelar coisas secretas, de tal modo que Ezequiel, seu contemporâneo, no décimo nono ano do reinado de Nabucodonosor, assim fala ao rei de Tiro: "Porque és mais sábio que Daniel, nenhum segredo há oculto para ti" (Ezeq. 28:3). E o mesmo Ezequiel, noutra passagem, reúne Daniel a Noé e a Jó, como os mais distingüidos pelos favores de Deus (Ezeq. 14:14, 16, 18, 20). E no último ano de Baltazar, dele disse a rainha-mãe ao rei: "No teu reino há um homem que tem em si o espírito dos deuses santos; e no tempo de teu pai, manifestaram-se nele a ciência e a sabedoria; por isto até o rei Nabucodonosor, teu pai, o constituiu chefe dos magos, dos encantadores, dos caldeus e dos agoureiros; porque um espírito superior aos dos outros, e prudência, e inteligência, e interpretação de sonhos, e declaração de segredos, e solução de dificuldades, tudo se achou nele, isto é, Daniel, a quem o rei pôs o nome de Baltazar" (Daniel v. 11, 12). Tinha Daniel o maior prestígio entre os Judeus até o reinado do Imperador Romano Adriano. Rejeitar suas profecias é rejeitar a religião cristã, por isso que a religião está fundada nas profecias concernentes ao Messias. O fundamento de todas as profecias de Daniel encontra-se na visão dessa imagem feita de quatro metais. Ela representa um corpo de quatro grandes nações, que deveriam reinar sucessivamente sobre todo o mundo então conhecido, a saber: o povo da Babilônia, os Persas, os Gregos e os Romanos. E uma pedra, arrancada sem auxílio de mãos humanas, caiu sobre os pés da imagem, reduzindo a pedaços os quatro metais; ela "tornou-se um grande monte que encheu toda a terra", o que indica que um novo reino surgirá depois do quarto e conquistará todas as nações; e durará até o fim dos tempos. A cabeça da imagem era de ouro e representava as nações do Império Babilônico, que reinou primeiro, conforme a interpretação do próprio Daniel. "Tu, pois, és a cabeça de ouro", disse ele a Nabucodonosor. Estas nações reinaram até Ciro conquistar a Babilônia e, poucos meses depois dessa conquista, os Persas revoltaram-se, submetendo os Medos. O peito e os braços eram de prata e representavam os Persas, que reinaram a seguir. A barriga e as coxas eram de latão e representavam os Gregos que, sob o domínio de Alexandre o Grande, conquistaram os Persas e reinaram depois daqueles. As pernas eram de ferro e representavam os Romanos, que dominaram depois dos Gregos e começaram a conquistá-los no oitavo ano de Antíoco Epifânio. Pois naquele ano submeteram Perseu, rei da Macedônia, principal reino dos Gregos; daí por diante foram-se tornando um Império poderoso e reinaram soberanamente até os dias de Teodósio o Grande. Então, dada a incursão de muitas nações do norte, rompeu-se numa porção de reinos menores, que são representados pelos pés e dedos dos pés da imagem, feitos em parte de ferro e em parte de barro. "Esse reino", diz Daniel, "que terá sua origem na veia de ferro, será dividido; segundo tu viste que o ferro estava misturado com a terra e com o barro; também eles se misturarão por meio de parentescos contraídos, mas não formarão um corpo único entre si, assim como o ferro não pode se ligar ao barro". (Daniel 2:41, 43)"No tempo, porém, daqueles reinos", diz Daniel, "suscitará o Deus do céu um reino que não será jamais destruído, e este seu reino não passará a outro povo; antes esmigalhará e aniquilará todos esses reinos, e ele subsistirá para sempre. Segundo o que viste, que uma pedra foi arrancada do monte sem intervir mão de nenhum homem, e esmigalhou o barro, e o ferro, e o cobre e a prata e o ouro." (Daniel 2:44, 45).

Capítulo 4

Da visão das quatro bestas

"A gravidade explica os movimentos dos planetas, mas não pode explicar quem colocou os planetas em movimento. Deus governa todas as coisas e sabe tudo que é ou que pode ser feito."

Isaac Newton

Na visão seguinte, a das quatro Bestas, repete-se a mesma profecia dos quatro Impérios, porém com várias adições, tais como as duas asas da Leoa, as três ordens de dentes na boca do Urso, as quatro asas e as quatro cabeças do Leopardo, os onze chifres que têm a quarta besta e o "Filho do homem, que vinha com as nuvens do céu, e que chegou até ao Ancião dos muitos dias", sentado em julgamento. A primeira Besta era como uma Leoa, e tinha asas de águia, para denotar os reinos da Babilônia e da Média, que derrubaram o Império Assírio e o dividiram entre si, tornando-se assim Impérios consideráveis. Na profecia anterior o Império Babilônico era representado pela cabeça de ouro; nesta, Babilônia e Média são representados juntos pelas duas asas da Leoa. E diz Daniel: "quando eu estava olhando para ela, foram-lhe arrancadas as asas, e foi levantada da terra, pôs-se sobre os seus pés, como um homem, e foi-lhe dado um coração de homem" (Daniel 7:4),isto é, até que fosse humilhada e subjugada e reconhecesse sua condição humana.A segunda besta era como um Urso e representa o Império que reinou depois dos Babilônicos, isto é, o Império Persa. "O teu reino foi dividido e dado aos Medos e aos Persas" (Daniel 5:28), diz ele ao Rei da Babilônia. Esta Besta levantou-se e se pôs ao seu lado, pois estavam os Persas dominados pelos Medos quando da queda de Babilônia, mas depois levantaram-se e os dominaram. E "tinha três ordens de dentes na sua boca" (Daniel 8:5) para significar os reinos de Sardes, Babilônia e Egito, por eles conquistados, mas que não pertenciam ao seu próprio corpo. E devorava "carne em abundância", isto é, as riquezas daqueles três reinos.A terceira Besta é o reino que sucedeu aos Persas, isto é, o Império dos Gregos (Daniel 7:6, 7, 20, 21). Era como um Leopardo, para significar sua ferocidade; e tinha quatro cabeças e quatro asas, para indicar que poderia ser dividido em quatro reinos (Daniel 8:22), pois continuou em regime monárquico durante o reinado de Alexandre o Grande, seu irmão Arideus e seus filhos Alexandre e Hércules, dividindo-se então em quatro reinos, de vez que os governadores das províncias, por mútuo consenso, se tinham feito coroar e reinaram sobre as mesmas. Cassandro reinou sobre a Macedônia, a Grécia e o Épiro; Lisímaco sobre a Trácia e a Bitínia; Ptolomeu sobre o Egito, a Líbia, a Arábia, a Celosíria e a Palestina; e Seleuco sobre a Síria.A quarta Besta é o Império que sucedeu ao dos Gregos, isto é, o Império Romano. Esta Besta era excessivamente terrível e tinha grandes dentes de ferro, devorava e quebrava em pedaços, e calcava os restos com os pés: tal era o Império Romano. Era maior, mais forte e mais formidável e duradouro do que qualquer dos outros.Conquistou o reino da Macedônia, com a Ilíria e o Épiro, no oitavo ano de Antíoco Epifânio ou em 580; herdou o de Pérgamo, em 515; conquistou a Síria em 718, datas todas estas referidas a ano de Nabonassar. Por estas e outras conquistas tornou-se maior e mais terrível que qualquer das três Bestas anteriores. Este Império, o Romano, continuou sua grandeza até o reinado de Teodósio o Grande; então se dividiu em dez reinos, representados pelos dez chifres desta Besta, continuando assim até que o Ancião de muitos dias se sentasse num trono como uma chama viva e o julgamento fosse feito, os livros abertos, as Bestas abatidas, seus corpos destruídos e atirados às chamas; "num personagem que parecia o Filho do homem, que vinha com as nuvens do céu, e que chegou até ao Ancião dos muitos dias" (Daniel 7:13), deu-lhe o poder sobre todas as nações e foi dada autoridade aos Santos de Altíssimo e veio o momento em que estes possuíram o reino. Diz Daniel: "E vi que o animal tinha sido morto e que o seu corpo perecera e fora entregue ao fogo para ser queimado; vi também que tinha sido tirado o poder aos outros animais, e que a duração de vida destes lhes tinha sido assinalada até um tempo e um tempo" (Daniel 7:11, 12). Assim, as quatro Bestas estão vivas, conquanto já passada a dominação das três primeiras. A Caldéia e a Assíria ainda são a primeira Besta; a Média e a Pérsia são a segunda; aMacedônia, a Grécia, a Trácia, a Ásia Menor, a Síria e o Egito ainda constituem a terceira Besta, enquanto as nações da Europa, do lado da Grécia, ainda são a quarta Besta. Vendo, assim, que o corpo da terceira Besta é circunscrito pelas nações daquele lado do rio Eufrates, e que o corpo da quarta Besta é circunscrito pelas nações deste lado da Grécia, devemos procurar as quatro cabeças da terceira Besta entre as nações daquele lado do Eufrates, porém os onze chifres da quarta Besta devemos procurar entre as nações deste lado da Grécia. Portanto na fragmentação do Império Grego em quatro reinos dos Gregos, não devemos incluir a Caldéia, a Média e a Pérsia, porque pertenciam aos corpos das duas primeiras Bestas. Também não devemos reconhecer o Império Grego, sediado em Constantinopla,entre os chifres da quarta Besta, porque aquela cidade pertencia ao corpo da terceira Besta.

Capítulo 5

Dos reinos representados pelos pés de ferro e barro

"A verdadeira filosofia nada mais é que o estudo da morte."

Isaac Newton

Era a Dácia uma grande região limitada ao sul pelo rio Danúbio, a leste pelo rio Euxino e os montes Crapac, e a oeste pelo rio Tibesis ou Teis, que corre para o sul até lançar-se no Danúbio, um pouco acima de Belgrado. Compreendia as regiões agora chamadas Transilvânia, Moldávia e Valáquia e, a leste, a Hungria Superior. Seus antigos habitantes chamavam a si mesmos de Godos, mas os Gregos os chamavam Getas, e os Latinos os chamavam Daci. Alexandre o Grande atacou-os e Trajano os conquistou, reduzindo-os a uma província do Império Romano. Por isso a propagação do Evangelho entre eles foi muito incrementada. Compunham-se de várias Nações Godas, chamadas Ostrogodos, Vândalos, Lombardos, Burgúndios, Alanos, etc.; todos semelhantes nas maneiras, falavam a mesma língua, como Procópius faz notar. Quando sob o domínio Romano, os Godos ou Ostrogodos estavam localizados ao leste da Dácia, os Vândalos ao oeste, no Teis, onde correm o Maresh e o Karesh; e entre aqueles ficavam os Visigodos. De acordo com Jornandes, os Gépidas viviam no Vístula. Os Burgúndios, povo Vândalo, ficavam entre o Vístula e a nascente sul do Boristenes, a alguma distância dos montes Crapac, para os lados do norte, onde os situa Ptolomeu, com os nomes de Phrugundiones e Burgiones. Os Alanos, outro povo Godo, ficavam entre a nascente norte do Boristenes e a foz do rio Tanais, onde Ptolomeu situa o monte Alanus e a margem oeste do Palus Maeotis (cf. Procop.1 - 1- De Bello Vandalico).Estes povos continuaram sob o domínio dos Romanos até o segundo ano do imperador Filipe; então se rebelaram, por falta de pagamento do seu soldo: os Ostrogodos, estabelecendo um reino que sob o domínio dos Reis Ostrogota, Cniva, Ararico, Geperico e Hermanarico se desenvolveram até o ano de 376; então, por uma incursão dos Hunos, vindos de além do Tanais, e pela morte de Hermanarico, retalharam-se em diversos pequenos reinos. Hunimundo, filho de Hermanarico, tornou-se rei dos Ostrogodos; Ffridigern, dos Visigodos; Winithar ou Vinithar reinou sobre uma parte dos Godos chamados Gruthingi por Ammiano, Guthunni por Claudiano e, pelos outros, chamados Sármatas e Citas. Athanarico reinou sobre outra parte dos Godos na Dácia, chamada Thervingi; Box reinou sobre os Antes na Sarmácia. Os Gépidas também tinham o seu rei. No fim do reinado de Constantino o Grande, os Vândalos fugiram de Geberico para o Danúbio; o Imperador garantiu-lhes séde na Panónia, onde viveram pacíficamente quarenta anos, ou até o ano 377, quando várias nações Godas, fugindo dos unos, caíram sobre o Danúbio e tiveram suas sédes garantidas na Mésia e na Trácia por Valente, então ImperadorGrego. Mas no ano seguinte, revoltaram-se alguns Godos, Alanos e Hunos de além Danúbio, destroçaram o exército romano, puseram em fuga o Imperador Valente e espalharam-se pela Grécia e pela Panónia, até aos Alpes. Nos anos de 379 e 380, foram batidos pelas armas dos Imperadores Graciano e Teodósio e aceitaram uma paz imposta. Os Visigodos e os Thervingi voltaram para suas sédes no Danúbio e os Alanos e os Gruthingi obtiveram sédes na Panónia. Por volta do ano 373 ou 374, os Burgúndios levantaram-se de sua séde no Vístula, com um exército de oitenta mil homens para invadir a Gália; porém, encontrando resistência, estabeleceram-se nas margens do Rheno, nas alturas de Mentz. No ano 358, um corpo de Francos Sálicos, com o seu rei, descendo do rio Sala, foram recebidos no império por Juliano e sediados na Gália, entre o Brabante e o Rheno. Seu rei, Mellobaudes, foi, pelo Imperador Graciano, nomeado Comes Domesticorum. Outro nobre Franco Sálico, Richomer, foi,por Teodósio, nomeado Comes Domesticorum e Magister Utriusque Militiae e, em 374, foi Cônsul com Clearchus. Richomer foi um grande favorito de Teodósio e o acompanhou nas guerras contra Eugênio, morrendo numa expedição e deixando um filho, chamado Teodomiro, o qual foi posteriormente rei dos Francos Sálicos do Brabante. Durante essa guerra, alguns Francos de além do Rheno invadiram a Gália, sob a chefia de Genobaldo, Marcomiro e Suno, mas foram repelidos por Stilicão; Marcomiro tendo sido morto nesta guerra, sucedeu-lhe na Germânia seu filho Ferramundo. Enquanto estas nações ficaram sossegadas dentro do império, submetidas aos Romanos, muitas outras continuaram assim além do Danúbio, até a morte de Teodósio, quando então levantaram-se em armas. Em sua "Historia Miscellanea", livro 14, falando dos tempos que se seguiram à morte daquele imperador, diz Paulus Diaconus: "Ao mesmo tempo os Godos e numerosos outros povos habitavam além do Danúbio. Destes, os mais humanos são quatro, a saber: os Godos, os Visigodos, os Gépidas e os Vândalos, apenas diferenciados quanto ao nome. Depois de passarem o Danúbio, ao tempo de Arcádio e de Honório, eles se estabeleceram em território romano; e os Gépidas, dosquais, mais tarde, se separaram os Longobardos e os Ávaros,viveram em aldeias perto do Singídono e do Sirmium". E, no começo de sua "História Vandalica", Procopius nos diz a mesma coisa. Até aqui o Império do Ocidente continuava intacto; só depois é que partiu-se em muitos reinos. O imperador Teodósio morreuem 395. Então, sob o comando de Alarico, sucessor de Fridigern, os Visigodos levantaram-se em sua séde na Trácia, devastaram a ferro e fogo, durante cinco anos, a Macedônia, a Tessália, aAcaia, o Peloponeso e o Épiro. Voltando-se depois para o oeste, invadiram a Dalmácia, a Ilíria e a Panônia; dali passaram à Itália em 402; e no ano seguinte foram de tal forma batidos em Pollentia e Verona por Stilicão, comandante das forças do Império do Ocidente, que Claudiano chama o remanescente das tropas de Alarico de "pequenos resíduos de povo de tão grande valor" e Prudentius de "povo destruído". Nestas condições, Alarico fez a paz com o Imperador, tendo sido tão humilhado que, conforme cita Orosius, “oravam humildemente e com simplicidade por uma paz melhor e algumas habitações". Esta paz foi ratificada de parte a parte pelos reféns: Aetius foi mandado como refém a Alarico e este continuou como príncipe livre na séde que então lhe foi assegurada.Quando Alarico se pôs em armas, os povos além do Danúbio começaram a se movimentar; no inverno seguinte, entre 395 e 396, grandes corporações de Hunos, Alanos, Ostrogodos, Gépidas e outros povos do norte desceram sobre o Danúbio gelado, a convite de Rufino; então seus irmãos, que haviam obtido sédes dentro do império,também correram às armas. Diz Jerome que essa multidão era composta de Hunos, Alanos, Godos, Sarmatas, Quades e Marcomanos; e que os mesmos invadiram todas as regiões entre Constantinopla e os Alpes Julianos, devastando a Cítia, a Trácia, a Macedônia, a Dardânia, a

Tessália, a Acaia, oÉpiro, a Dalmácia e toda a Panônia. Os Suevos também invadiram a Rhaetia; pois, enquanto Alarico devastava a Panônia, os Romanos defendiam aquela região. Isto deu a Alarico a oportunidade de invadir a Itália, conforme refere Claudiano: “Os Getas só irromperam por traição, enquanto a Rhaetia subjuga as nossas forças e, numa segunda batalha, dispersa as nossas Cortes". E quando daí Alarico passou à Itália, outros povos bárbaros invadiram a Nórica e a Vindelícia, como o mesmo Claudiano nos descreve nos seguintes versos: “Já os povos haviam desfeito as suas alianças e, sabedores da derrota, os ferozes Lácios ocupavam os desfiladeiros vendélicos e os campos da Nórica” Isto se passou entre os anos de 402 e 403. Entre aqueles povos, constato os Suevos, os Quades e os Marcomanos, todos então em armas. Os Quades e os Marcomanos eram Suevos; aqueles e estes vieram originàriamente da Boêmia e do rio Suevos ou Sprake, na Lusatia; achavam-se então unidos sob um rei comum, chamado Ermerico, o qual logo depois os conduziu à Gália. Por esse tempo os Vândalos e os Alanos deveriam estar espalhados pela Nórica. Na mesma ocasião, Aldino atravessou o Danúbio com um exército de Hunos, quando do banimento de Crisóstomo, isto é, em 404, devastando a Trácia e a Mésia. Radagásio, rei dos Gruthunni e sucessor de Winithar, convidou mais bárbaros de além do Danúbio, invadiu a Itália com um exército de mais de duzentos mil Godos e, em um ou dois anos, de 405 a 406, foi derrotado por Stilicão, perecendo com o seu exército. Nesta guerra, Stilicão foi ajudado por um grande exército de Hunos e Ostrogodos, sob a chefia de Uldino e de Sarus, mercenários ao serviço de Honório. Em toda esta confusão, os Lombardos na Panônia tiveram de se armar para a defesa da própria liberdade, de vez que já os Romanos não eram capazes de o fazer.Então Stilicão, pretendendo fazer-se coroar imperador, proporcionou uma prefeitura militar a Alarico e mandou-o para o Oriente, ao serviço de Honório, Imperador do Ocidente, entregando-lhe algumas tropas Romanas, a fim de aumentar a sua força de Godos e prometendo seguir, em breve, com seu próprio exército. Sua intenção era reconquistar algumas regiões da Ilíria, que o Imperador do Oriente era acusado de deter com prejuízo do Ocidente. Mas seu secreto desígnio era fazer-se imperador, com o auxílio dos Vândalos e seus aliados: ele próprio era Vândalo. Com o objetivo de facilitar o seu plano, convidou um grande exército de povos bárbaros a invadir o Império do Ocidente, enquanto ele e Alarico invadiam o Império do Oriente. Sob o comando de vários reis, isto é, os Vândalos, comandados por Godegésilo; os Alanos em duas corporações, respectivamente sob as ordens de Goar e de Resplendial; e os Suevos, Quades e Marcomanos chefiados por Ermerico; estas nações marcharam através da Rhaetia, para os lados do Rheno, deixando suas sédes na Panônia aos Hunos e Ostrogodos e reunindo-se aos Burgúndios chefiados por Gundicar, vindo a incomodar os Francos em sua marcha final. Por fim, em Dezembro do ano de 406, passaram o Rheno em Mentz e derramaram-se pela Germânia Prima e regiões adjacentes. Entre outras ações, os Vândalos tomaram a Triers. Então avançaram pela Bélgica e começaram a devastar aquela região. Em conseqüência disto, os Francos Sálicos dos Brabante tomaram as armas e, conduzidos por Teodomiro, filho de Richomer, também chamado Ricimer, opuseram tão tenaz resistência que mataram no campo da luta cerca de vinte mil Vândalos, inclusive seu rei Godegésilo; o resto escapou devido aos Alanos de Resplendial, que lhes trouxeram uma ajuda oportuna.Então os soldados Britânicos, alarmados pelos boatos, revoltaram-se e nomearam seus tiranos: primeiro Marcos, que logo assassinaram; depois Graciano, também morto em poucos meses; por fim Constantino, sob cujo comando invadiram a Gália em 408, no que foram favorecidos por Goar e Gundicar. Tendo Constantino se apoderado de boa parte da Gália, nomeou César a seu filho Constâncio e mandou-o à Espanha, em 409, a fim de pôr ordem nos negócios. Entrementes, vendo Resplendial o supradito desastre dos Vândalos, e que Goar se lançara sobre os Romanos, retirou seu exército do Rheno e, com os Suevos e o remanescente dos Vândalos, dirigiu-se para a Espanha; entretanto, prosseguindo em suas vitórias, os Francos operaram a retomada de Triers, que saquearam antes de a entregar aos Romanos. A princípio, os Bárbaros haviam parado nos Pireneus, o que fez com que se espalhassem pela Aquitânia; mas no ano seguinte tiveram a passagem tomada, graças à traição de alguns soldados de Constâncio; e entrando na Espanha no dia 4 de Outubro de 409, conquistaram tudo quanto puderam. Por fim, em 411, fizeram a partilha de sua conquista: os Vândalos ficaram com a Bética e parte da Galícia; os Suevos com o resto da Galícia; os Alanos com a Lusitânia e a Província de Cartagena. Em homenagem à paz, o Imperador os confirmou em suas sédes pelo Ato de 413. Tendo feito Teodomiro rei, os Franco-Romanos supra mencionados, logo depois da conquista dos Vândalos,começaram a invadir os vizinhos. Os primeiros foram os Gauleses de Brabante (i.é, “Galli Arborici”, daí o ter sido a região chamada “Arboricbant” e, por contração, Brabante);mas não encontrando resistência suficiente, preferiram sua aliança. Assim aqueles Gauleses, separando-se dos Romanos,

firmaram sólida ligação com os Francos, a fim de se tornarem um só povo, unindo-se pelo matrimônio e misturando usos e costumes até não haver mais distinção entre eles. Deste modo, pela entrada daqueles Gauleses, assim como dos Francos, que pouco depois vieram para o Rheno, o Reino Sálico em breve cresceu e tornou-se poderoso. A expedição de Stilicão contra o Imperador Grego foi sustada por ordem de Honório; então Alaricopassou do Épiro à Nórica e reclamou certa indenização pelos seus serviços. O Senado estava inclinado a negar-lhe esta, porém cedeu ante a interferência de Stilicão. Entretanto, pouco depois, foi este acusado de conspiração traiçoeira com Alarico e assassinado no dia 10 de Setembro de 408; em vista disso, aquela soma foi negada também à Alarico, o qual foi considerado inimigo do império; em conseqüência, marchou diretamente para a Itália com o exército retirado doÉpiro e mandou seu irmão Adolfo seguí-lo com as forças armadas de que dispunha na Panônia, as quais, apesar de não muito grandes, não eram de se desprezar. Em vista disso, e porque temesse ser encurralado em Roma, Honório retirou-se para Ravena no mês de outubro do mesmo ano. E desde então, esta passou a ser e se tornou a séde dos Imperadores do Ocidente. Naqueles dias

também os Hunos invadiram a Panônia e, ocupando as sédes desertadas pelos Vândalos, Alanos e Godos, fundaram aí um novo reino. Avançando sobre Roma, Alarico sitiou-a, tomou-a no dia 9 de setembro de 410, e, em seguida, naufragou ao tentar passar para aÁfrica. Depois disso, Honório fez a paz e organizou um exército para atacar o tirano Constantino. Ao mesmo tempo Gerôncio, um dos seus capitães, revoltou-se e fez-se Máximo Imperador da Espanha. Em conseqüência, Constantino mandou Edobec, outro de seus capitães, levar assistência aos Bárbaros comandados por Goar e Gundicar, na Gália e reservas de Francos e Alemães de além do Rheno; então seu filho Constante cercou Viena, na Gália Narbonense. Adiantando-se, Gerôncio matou Constante em Viena e assediou Constantino em Arles. Entretanto, ao mesmo tempo, Honório mandou um exército sob as ordens de Constâncio, com o mesmo propósito; Gerôncio escapou e Constâncio continuou o cerco, reforçado pela entrada da maior parte dos soldados de Gerôncio. Depois de quatro meses de resistência, tendo Edobec conseguido auxílio, o rei bárbaro de Mentz, Goar e Gundicar fizeram Jovino o Imperador e, com o mesmo, mandaram auxílio à Arles. Diante de sua aproximação, Constâncio retirou-se; perseguiram-no, mas foram derrotados de surpresa. Como entretanto não tivessem prosseguido depois dessa vitória, logo os Bárbaros se refizeram, muito embora não tivessem podido evitar a queda dos tiranos Constantino, Jovino e Máximo. A Bretanha não pôde ser reconquistada pelo Império; depois disto ficou sempre um reino distinto. No ano seguinte, 412, tendo sido batidos os Visigodos na Itália, na retirada invadiram a Aquitânia, devastando-a violentamente, obrigando a retirada dos Alanos e dos Burgúndios, que então a assolavam. Ao mesmo tempo, estes foram pacificados e o Imperador lhes deu como herança a região do Rheno, que haviam invadido; parece que outro tanto foi feito aos Alanos. Mas, pouco depois, os Francos retomaram Triers e, em 415, Castino foi mandado contra eles com um exército: derrotou-os e matou seu rei Teodomiro. Foi esta a segunda tomada de Triers pelos Francos. Entretanto a mesma foi tomada quatro vezes: uma pelos Vândalos e três pelos Francos. Teodomiro foi sucedido por Ferramundo, Príncipe do Rei dos Francos Sálicos da Germânia. Dali, este trouxe novas forças e reinou sobre todos; tinha sédes garantidas ao seu povo dentro do Império, perto do Rheno.Então os Bárbaros se aquietaram, constituiram-se em vários reinos dentro do Império, não só pela conquista, mas por concessão do Imperador Honório. Pois Rutilius, em seu "Itinerario", escrito no outono do Ano Urbis 1169, isto é, de acordo com os cálculos de Varro, então correntes, no ano de 416, assim lamenta a devastação dos campos: “...por aquelas partes muito devastadas por longas guerras”. E acrescenta: "Destroçadas as herdades por longos incêndios, já se podiam edificar casas de pastores”. E um pouco adiante: "Para sempre te sulque o teu Rheno".E Orosius, no fim de sua história, que foi concluída em 417, descreve assim a pacificação geral das nações bárbaras: "Refreavam, apertavam e dominavam povos ferocíssimos”; chamando-as "imperio addictas" (adicionadas ao Império), porque se haviam estabelecido no Império numa liga, e compactadas e refreadas (no original: coangustatas), porque não mais invadiram as regiões à sua vontade; antes, pela mesma compacticidade, ficaram sossegadas nas sédes que lhes haviam sido assinadas. E estes foram os reinos surgidos dos pés da Besta e que são representados por ferro e barro misturados, mas que não se ligam um ao outro, pois são de energias diferentes.

Capítulo 6

Dos dez reinos representados pelos dez chifres

"A unidade é a variedade, e a variedade na unidade é a lei suprema do universo."

Isaac Newton

Pelas guerras anteriormente discutidas, o Império Romano do Ocidente, ao tempo em que Roma foi cercada e tomada pelos Godos, dividiu-se nos seguintes reinos:

1. dos Vândalos e Alanos, na Espanha e África;
2. dos Suevos, na Espanha;
3. dos Visigodos;
4. dos Alanos, na Gália;
5. dos Burgúndios;
6. dos Francos;
7. dos Bretões;
8. dos Hunos;
9. dos Lombardos;
10. de Ravenos, na Ravena.

Sete destes são assim mencionados por Sigonius:"No reinado de Honório, os Hunos entraram na Panônia; os Vândalos, Suevos e Godos, na Espanha; e os Alanos,Burgúndios e Godos, na França, com direito a certashabitações". Acrescentem-se os Francos, os Bretões e os Lombardos e ter-se-ão os dez: pois estes se erigiram mais ou menos no mesmo tempo que aqueles.

Entretanto, examinemo-los separadamente:

1. Os reis dos Vândalos eram: em 407, Godegésilo; ainda em 407, Gunderico; em 426, Geiserico;em 477, Hunerico; em 484, Gundemundo; em 496,Trasamundo; em 523, Geiserico; em 530, Gelimer. Os Vândalos foram conduzidos: por Godegésilo à Gália, em 406;por Gunderico à Espanha, em 409; por Geiserico à África,em 427. E Gelimer foi vencido por Belisário, em 533.Seu reino durou na Gália, Espanha e África aotodo 126 anos. E na África foram muito poderosos. Os Alanos só tiveram própriamente dois reis na Espanha: Resplendial e Ataces, também chamado Utacus ou Otacar. Sob o domínio de Resplendial, entraram na França em 407 e na Espanha em 409. Ataces foi morto com quase todo o seu exército por Vália, o rei dos Visigodos, em 419.Então, os remanescentes Alanos se sujeitaram a Gunderico, rei dos Vândalos, na Bética, e com estespassaram depois à África, conforme se lê em Procopius. Por isso os reis dos Vândalos passaram a se denominar reis dos Vândalos e Alanos, como se vê no Édito de Hunerico, citado por Victor na sua "Perseguição Vandálica". Em conjunto com os Chatti, estes Alanos deram nome a Cathalaunia, ou Chatti-Alania, atual província de Catalunha. Entre os Alanos havia também Gépidas; foi por isso que vieram à Panônia antes que aqueles a deixassem. Aí tornaram-se súditos dos Hunos até a morte de Átila, em 454, sendo finalmente dominados pelos Ostrogodos.

2. Foram os seguintes os reis dos Suevos: em 407, Ermerico; em 438, Rechila; em 448, Rechiário; em 458,Maldra; em 460, Frumário; em 463, Regismundo. Depois de alguns reis desconhecidos, temos: em 558, Teodomiro; em 568, Miro; em 582, Eubórico; e em 583, Andeca. Depois de se ter sediado na Espanha, este reino ficou sempre na Galícia e na Lusitânia. Depois da queda do reino Alano, Ermerico extendeu-o à toda a Galícia, forçando os Vândalos a se retirarem para a Bética e para a província Cartaginesa. Segundo Isidorus, este reino durou 177 anos, tendo sido então conquistado por Leovigildo, rei dos Visigodos, e transformado numa província de seu reino em 585.

3. Foram os seguintes os reis dos Visigodos: em 400, Alarico; em 410, Ataulfo; em 415, Sergerico e Vália; em 419, Teodomiro; em 451, Torismundo; em 452, Teodorico; em 465, Eurico; em 482, Alarico; em 505, Gensalarico; em 526, Amalarico; em 531, Téudio; em 548, Teudisclo, etc. Considero o início deste reino da data em que Alarico deixou a Trácia e a Grécia, para invadir o Império do Ocidente. No fim do reinado de Ataulfo, os Godos foram humilhados pelos Romanos e tentaram passar da França à Espanha. Sergerico reinou apenas uns poucos dias. No começo do reinado de Vália, de novo assaltaram os Romanos, mas foram repelidos mais uma vez, tendo sido feita a paz com a condição de que, em favor do Império, invadissem os reinos bárbaros da Espanha. E o fizeram, juntos com os Romanos, nos anos de 417 e 418, destroçando os Alanos e parte dos Vândalos. Então receberam do Imperador, como doação, a Aquitânia, deixando-lhe em troca suas conquistas na Espanha. Assim, as sédes conquistadas aos Alanos caíram nas mãos dos Romanos. No ano de 455, assistido pelos Burgúndios, Teodorico invadiu a Espanha, então quase toda submetida aos Suevos, tomando-lhes uma parte. Em 506, os Godos foram postos fora da Gália pelos Francos. Em 585, conquistaram o reino Suevo e se tornaram senhores de toda a Espanha. Em 713, foram invadidos pelos Saracenos, mas logo reconquistaram seus domínios e desde então reinaram na Espanha.

4. Os reis dos Alanos na Gália foram Goar, Sambida, Eucárico, Sangibano, Beurgos e outros. Em 407, sob o comando de Goar, invadiram a Gália e em 412 estabeleceram-se perto do Rheno. Sob o domínio de Sambida, sucessor daquele, segundo Bucher, senão seu próprio filho, obtiveram o território de Valência, dado por Aetius, general do Imperador, no ano de 440. Sob o comando de

Eucárico, conquistaram uma região dos rebeldes Gauleses de Brabante, que a estes havia sido dada pelo mesmo Aetius. A esta região chamavam "Alancônio, espécie de cabeça de comarca (“quasi Conventus”) dos Alanos”. No reinado de Sangibano foram invadidos e Orléans, sua capital, foi cercada por Átila, rei dos Hunos, com enorme exército de 500.000 homens. Aetius e os reis Bárbaros da Gália vieram para levantar o cerco e derrotaram os Hunos em memorável batalha, no ano de 451, em campos Catalúneos, assim chamados da mistura entre os Chatti e os Alanos. A região é agora chamada Champagne. Naquela batalha pereceram de ambos os lados 162.000 homens. Um ou dois anos depois, Átila voltou com um imenso exército para conquistar este reino, mas foi novamente batido por eles, junto com os Visigodos, numa batalha que durou três dias e com uma carnificina quase igual à primeira. Sob o reinado de Beurgos, também chamado Biorgor, infestaram toda a Gália até o reinado do Imperador Máximo. Então passaram os Alpes no inverno e penetraram na Ligúria, onde foram batidos, e Beurgos foi morto por Richomer, também chamado Ricimer, comandante das forças do Imperador, em 464. Outra vez foram ainda batidos pelas forças reunidas de Odoacro, rei da Itália e de Quilderico, rei dos Francos, por volta do ano de 480 e ainda por Teudoberto, rei dos Francos-Austríacos, aí pelo ano de 511.

5. Foram os seguintes os reis dos Burgúndios: em 407, Gundicar; em 436, Gundioc; em 467, Bilimer; em 473, Gundobaldo com seus irmãos; em 510, Sigismundo; em 517, Godomaro. Sob as ordens de Gundicar, invadiram a Gália em 407, e em 412 obtiveram do Imperador sédes perto do Rheno, na Gália Belga. Havia Saxões no seu meio e eram tão poderosos que deles escreveu Orosius em 417, dizendo: "Hoje as Gálias testemunham que os Burgúndios são um exército muito poderoso e que, depois de as ocupar, aí se mantêm”. Por volta do ano 435, Aetius lhes infligiu duros golpes e em seguida o mesmo lhes fizeram os Hunos. Mas cinco anos depois, a Sabóia lhes foi abjudicada, a fim de ser partilhada por seus habitantes; e desde então tornou-se de novo um reino forte, limitado pelo Ródano e que mais tarde se extendeu ainda pelo centro da Gália. Gundobaldo conquistou as regiões ribeirinhas do Araris e do Ródano, com o território de Marselha; e, invadindo a Itália, ao tempo do Imperador Glicério, dominou todos os seus irmãos.Godomaro estabeleceu sua capital em Orleans, e desde então o reino chamou-se Reino de Aureliano. Foi conquistado por Clotário e Quildeberto, reis dos Francos, em 526. Daí em diante, o reino esteve por vezes unido ao dos Francos até o reinado de Carlos Magno, que fez de seu filho Carolotius o rei da Burgúndia. Desde esse momento, teve reis próprios durante cerca de trezentos anos, quando se dividiu no Ducado de Burgúndia (Borgonha) e nos Condados de Burgúndia e de Sabóia. Algum tempo depois, ainda se dividiram em condados menores.

6. Foram os seguintes os reis dos Francos: em 407, Teodomiro; em 417, Ferramundo; em 428, Clôdio; em 448, Meroveu; em 456, Quilderico; em 482, Clodoveu, etc. Windeline e Bucher, os dois melhores pesquisadores das origens deste reino, fazem-no começar no mesmo ano de invasão da Gália pelos Bárbaros, ou seja, em 407. Do primeiro destes reis, a Biblioteca Labbe faz o seguinte registro:

“Alguns excertos históricos das velhas árvores genealóticas dos Reis da França: Genobaldo, Marcomero, Suno e Teodomeris. Estes foram chefes ou “régulos” da nação dos Francos em diversas ocasiões, desde o princípio. Mas os historiadores deixaram incerta sua linha genealógica e de sucessão”.Pharamundus/ Faramundo: “Sob o domínio deste seu primeiro rei, sujeitaram-se os Francos às leis promulgadas por seus principais: Wisogastus, Atrogastus, Salegastus e Chochilo. Este atravessou o Rheno, venceu os Romanos na Floresta Carbonária, apoderou-se do Camaraco, que conservou, reinando durante vinte anos. Durante o seu reinado os Francos fizeram muitos progresssos”.Merovechus: “Sob o domínio deste rei os Francos destroem Treves, incendiam Metz e chegam até Aureliano”.Quanto a Genobaldo, Marcomero e Suno, durante o reinado de Teodósio estes eram capitães dos Francos TransRhenanos e não nos interessam para fins deste estudo. Devemos começar com Teodomiro, primeiro rei dos Sálios rebelados, que Ivo Carnotensis chama Thiedo ou Theudemerus. Sua efígie existe numa moeda de ouro,encontrada com a inscrição Theudemir Rex, conforme nos diz Petavius e que, segundo Windeline, era ainda existente.Isso mostra que era rei, e rei na Gália; mostra ainda que a rude Germânia ainda não entendia de cunhagem de moedas nem usava as letras ou palavras latinas. Teodomiro era filho de Richomer, o favorito do Imperador Teodósio. Assim,sendo ele um Franco-Romano de sangue real Sálico, foi feito rei por meio de uma rebelião. Toda a história de seu reinado é encontrada no “Excerptis Gregorii Turonensis”, de Fredigarius; os capítulos 5, 6, 7 e 8 apresentam este reinado como uma série de acontecimentos encadeados, tais como sua elevação ao trono, a tirania de Jovino, o morticínio dos partidários de Jovino, a segunda tomada de Triers pelos Francos e sua guerra com Castino, na qual o rei foi morto. Eis a seqüência, descrita por Fredigarius:
“Extintos os chefes entre os Francos, são novamente criados reis da mesma estirpe dos que o eram antes. Ao mesmo tempo, Jovino toma as insígnias reais. Constantino foge para a Itália; mas é perseguido até o rio Mentio pelos emissários do Príncipe Jovino e aí é decapitado.Por ordem de Jovino, muitos nobres foram presos na Auvergne e impiedosamente trucidados pelos capitães de Honório. Pela ação de um dos Senadores, chamado Lúcio, a cidade de Treves (Trevirorum) foi tomada pelos Francos e incendiada. Castino, então "Comus Domesticorum", aceita a expedição contra os francos, etc.”Na pressa de falar de Teodósio, Fredigarius acrescenta: “Os Francos, procurando, como anteriormente,escolherem para si um rei que fosse da linhagem de Príamo,de Frígio e de Francion, para

que reinasse sobre eles,elegeram a Teodemero, filho de Richomer, o qual foi morto pelos Romanos, na batalha que acima referi", isto é, na batalha com as forças de Castino. Assim é a sua morte relatada por Gregório Turonensis: "Temos lido, nas consulares, que Teodomiro, rei dos Francos, filho de Richomer, e sua mãe Aseila foram mortos a espada".Com essa vitória dos Romanos, os Francos e Gauleses rebelados, que ao tempo de Teodomiro se guerreavam mútuamente, fizeram a paz e se uniram, a fim de se fortalecerem, conforme nos conta Ordericus Vitalis, no "Apud Bucherum, 50:14, c.9, n.8": "Como os Gauleses tivessem sido os primeiros a rebelarem-se contra os Romanos, os Francos se lhes associaram e, juntos, escolheram para seu rei a Ferramunduo, filho do capitão Suno".Prosper indica-nos a data: "No vigésimo quinto ano de Honório, Ferramundo reina na França". Com razão é que observou Bucher que isto se refere ao fim do ano de 416, ou começo do ano seguinte, desde que se datem os anos de Honório desde a morte de Valentiniano. E argumenta bem ao dizer que, então, Ferramundo não só era rei segundo a constituição dos Francos, mas coroado também por consentimento de Honório e tinha uma parte da Gália, que lhe fora concedida por um acordo. Talvez por isto os escritores romanos o reconhecem como o primeiro rei. Não compreendendo deste modo, outros escritores o consideram o fundador deste reino, apoiado num exército de Francos TransRhenanos. Poderia ter vindo com tal exército, mas foi o sucessor de Teodomiro, por direito hereditário e pela vontade do povo. A passagem de Fredigarius, já citada, relatando que "extintos os chefes entre os Francos, são novamente criados reis da mesma estirpe dos que o eram antes", implica a continuação do reino sob essa família, eleita durante o reinado de mais de um soberano. Se contarmos os anos de Honório desde a morte de seu pai, o reinado de Ferramundo deve começar dois anos mais tarde do que admite Bucher. As leis Sálicas, feitas em seu reinado e ainda subsistentes,mostram, por seu nome, que reinava sobre um reino Sálico e,pelas multas em dinheiro que as mesmas continham, mostram que, no lugar onde reinava, o dinheiro era abundante e,conseqüentemente, era dentro do Império, pois a rude Germânia, por todo o tempo enquanto não se misturou com os Romanos, desconhecia o uso do dinheiro. No prefácio das leis Sálicas, escrito especialmente logo após a conversão dos Francos à religião cristã, isto é, no final do reinado de Meroveu, ou pouco depois, a origem deste reino é assim descrita: "E esse povo forte e poderoso, lutando, sacudiu o jugo duríssimo dos Romanos, etc." Assim, não foi o reino estabelecido por uma invasão, mas por uma rebelião, como ficou descrito. Fazendo o registro cronológico de seus reis, diz Prosper: "Ferramundo reina na França; Clôdio reina na França; Meroveu reina na França"; e não se pode imaginar senão que em todos estes lugares se referia a uma só e mesma França. E é certo que a "Francia" de Meroveu era a Gália. Ainda mais, quando o pai de Ferramundo era rei de um corpo de Francos na Germânia, no reinado do Imperador Teodósio, Ferramundo devia reinar sobre os mesmos Francos na Germânia, antes que sucedesse a Teodomiro no reino dos Sálicos com o Império e mesmo antes que começasse o reinado de Teodomiro. Admitimos que tenha sido no primeiro ano de Honório ou possívelmente quando aqueles Francos, ao serem expulsos por Stilicão, perderam seus reis Marcomiro e Suno, um dos quais era pai de Ferramundo. Então, os Francos Romanos, após a morte de Teodomiro, deveriam ter convidado Ferramundo, com seu povo de além do Rheno. Mas não queremos considerar o reino de Ferramundo na Germânia: queremos, isto sim,admitir o início deste reino a partir da data de seu estabelecimento dentro do Império e considerá-lo reforçado pelo acesso de outros Francos vindos de além do Rheno, quer na gestão deste rei, quer na de seu sucessor, Clôdio. Isto porque, no último ano do reinado de Ferramundo, Aetius lhe tomou uma parte das possessões na Gália. Mas seu sucessor, Clôdio, que Fredigarius apresenta como sendo filho de Teodomiro, e que alguns chamam Clógio, Clóvio e Claudio, convidando um grande corpo de Francos de além do Rheno, recuperou tudo e levou suas conquistas até o Soame. Dividindo então as conquistas entre si, aqueles Francos constituíram novos reinos em Colônia e em Cambray, como em algumas outras cidades, todos posteriormente conquistados por Clodoveu, que também expulsou os Godos da Gália e fixou sua capital em Paris, onde permaneceu desde então. E esta foi a origem do atual reino da França.

7. Foram estes os reis da Bretanha: em 407 ou 408, Marcos, Graciano e Constantino, sucessivamente; em 425, Vortigern; em 466, Aurélio Ambrósio; em 498, Uther Pendragon (ou Pendraco); em 508, Artur; em 542, Constantino; em 545, Aurélio Cunano; em 578, Vortiporeu; em 581, Malgo; em 586, Carético; em 613, Cadwan; em 635,Cadwalin; em 676, Cadwallader. Os três primeiros eram tiranos romanos que se haviam rebelado contra o Império. Orosius, Prosper e Zósimus ligam sua revolta à irrupção dos Bárbaros na Gália e como uma conseqüência disto. Prosper, com quem concorda Zósimus, fixam a revolta no ano começado ao dia seguinte àquela invasão. Assim, fixam a data certa: Marcos não reinou muitos dias; Graciano, apenas por quatro meses; e Constantino, por três anos. Foi morto no ano seguinte a tomada de Roma, isto é, em 411, no dia 14 de outubro, enquanto que a revolta ocorreu na primavera de 408. Sozomen fixa a expedição de Constantino à Gália na época da morte de Arcádio, ou pouco depois; e Arcádio morreu a 1 de maio de 408. Entretanto, apesar de curto, o reinado destes tiranos deu início ao reino da Bretanha, pelo que devem ser considerados como seus três primeiros reis, principalmente porque a descendência de Constantino, a saber, seus filhos Aurélio Ambrósio e Uther Pendraco e seu neto Artur reinaram depois. Porque, desde a revolta daqueles tiranos, a Bretanha continuou como um reino distinto, isento de submissão ao Império, pois o Imperador não dispunha de soldados para remeter para lá, a fim de receber e guardar a Ilha, pelo que a abandonou; é, pelo menos, o que lemos em registros dignos de fé. Diz-nos Prosper: "Em 410, no consulado de Variano, pelo poder militar dos Romanos reduziram-se consideravelmente as forças da Bretanha". E,aliando isto ao cerco de Roma, diz Sigebert: "As forças da Bretanha ficaram muito reduzidas; entretanto subtraíram-se ao domínio dos Romanos", E em seu livro 6, Zósimus diz: "Os Bárbaros TransRhenanos invadiram todos os lugares,submeteram os habitantes da ilha da Bretanha,

bem como certos povos Célticos daquela região, que se haviam subtraído ao Império Romano; e, desde que não mais obedeciam às leis romanas, viviam à vontade, em grupos separados. Então, tomando das armas, os Bretões se aventuraram em busca de sua mesma segurança e livraram suas cidades da iminência do ataque dos Bárbaros. Deste modo, todo o Brabante e algumas províncias dos Gauleses,imitando os Bretões, conquistaram sua liberdade, expulsando os presidentes romanos e organizando-se numa espécie de comunidade, de acordo com seus gostos. Esta rebelião de povos Bretões e Celtas ocorreu quando Constantino usurpou seeo trono", conclui Zósimus. Também Procopius, falando do mesmo Constantino, assim se exprime em "Livro 1 Vandal": "Tendo sido vencido na batalha, Constantino foi morto com seus filhos: E nunca mais os Romanos puderam reconquistar a Bretanha que, desde então, ficou sob o domínio dos Tiranos".Segundo Beda, Livro 1, capítulo 2: "Roma foi destruída pelos Godos no ano de 1164 da fundação de Roma; desde então os Romanos deixaram de reinar na Bretanha". Também Ethelwaldus relata: "Ao tempo da conquista de Roma pelos Godos, cessou o domínio dos Romanos na ilha da Bretanha, bem como em muitas outras regiões escravizadas ao seu jugo". E, no sermão nono, de "De Curand Graec Affect", por volta do ano de 424, Teodoreto reconhece os Bretões entre as nações que não se achavam submetidas ao Império Romano. E Sigonius assim se exprime: "Nos anos de 411, depois da retirada de Constantino, nulo foi na Bretanha o poder dos Romanos". Entre a morte de Constantino e o reinado de Vortigern houve um intervalo de cerca de catorze anos, nos quais os Bretões estiveram em guerra com os Pictos e os Scots (Escoceses) e por duas vezes obtiveram a ajuda de uma Legião Romana, que expulsou o inimigo, mas que não mais deveria voltar. Sobre o começo do reinado de Vortigern há esse registro numa velha crônica de Nennius, citado por Camden e outros: "Guortigerno ocupou o poder na Bretanha no consulado de Teodósio e de Valentiniano (ano 425) e no quarto ano de seu reinado chegaram os Saxões à Bretanha, no consulado de Felix e de Tauro (ano 428)". Esta vinda dos Saxões é referida por Sigeberto ao quarto ano de Valentiniano, que cai no ano de 428, conforme a crônica acima; e dois anos depois, os Saxões reunidos com os Pictos foram batidos pelos Bretões. Depois disso, no reinado do Imperador Matian, isto é, entre os anos 450 e 456, os Saxões,sob o comando de Heugisto, foram convidados pelos Bretões;mas, após seis anos, sublevaram-se contra os mesmos,fizeram-lhe guerra com alguns sucessos, substituindo-os pouco a pouco. Ainda os Bretões continuaram como um reino florescente até o reinado de Carético. E entre as duas nações a guerra continuou até o pontificado de Sérgio, no ano de 688, conforme consta no "Rolevinc Antiqua Saxonia, Livro 2, capítulo 6".

8. Foram os seguintes os reis dos Hunos: em 406, Octar e Rugila; em 433, Bleda e Átila. Octar e Rugila eram irmãos de Munzuc, rei dos Hunos na Gothia, para além do Danúbio; e Bleda e Átila eram seus filhos e Munzuc era filho de Balamiro. Segundo Jornanus, os dois primeiros eram reis dos Hunos, mas não de todos eles e os dois últimos foram seus sucessores. Considero o reinado dos Hunos na Panónia desde o momento em que os Vândalos e os Alanos lhes abandonaram aquela região, em 407; Sigonius o considera desde quando os Visigodos abandonaram a Panónia em 408. Diz ele: "Consta que quando os Godos partiram da Ilíria, os Hunos os sucederam, entraram na Panónia e a ocuparam. E porque, entre tantas dificuldades, Honório se encontrasse desprovido de forças para lhes resistir e forçá-los a retroceder, achou mais acertado tomar uma atitude pacífica, fazer aliança com eles, dar e receber reféns; e entre os que foram dados recorda-se principalmente Écio [Aetius], que já havia antes sido dado a Alarico".Fredigarius descreve como Aetius foi refém dos Godos e Hunos. E, ao mencionar que Teodósio, então Imperador do Oriente, tinha mandado ordens severas a João,o qual, depois da morte de Honório, havia usurpado a coroa do Império do Ocidente, acrescenta: "Movido por estes, Écio [Aetius], que era então o administrador do palácio, com uma grande quantidade de ouro foi enviado por João aos Hunos,muito conhecidos ao tempo por suas ciladas, e que lhe eram ligados por amizade de família". E, pouco adiante, acrescenta: "Durante três anos Écio [Aetius] foi prisioneiro de Alarico, depois dos Hunos e finalmente genro de Carpílio, ex 'Comite Domesticorum' e administrador do palácio de João".Bucher então mostra que Aetius foi refém de Alarico até o ano de 410, quando este morreu; dos Hunos entre os anos de 411 e 415; tornou-se genro de Carpílio por volta de 417 ou 418 e 'Curopalater' de lá para os fins de 423. Daí, provavelmente, ter sido feito refém dos Hunos entre 412 e 413, quando Honório fez aliança com quase todos os povos bárbaros e lhes assegurou sedes. Entretanto, pensamos com Sigonius que Aetius se tornou refém de Alarico no ano de 403. É bem manifesto em Prosper que os Hunos tinham posse pacífica sobre a Panónia em 432. Porque no primeiro livro da "Crônica de Eusébio", escreve Prosper: "Dez anos depois da morte de Honório, e após a batalha com Bonifácio, tendo Écio [Aetius] recorrido ao patrocínio dos Hunos, então governados por Rugila, e impetrado auxílio, regressou ao solo dos Romanos". E no segundo livro diz: "No consulado de Écio [Aetius] e Valério, pondo de lado a autoridade, aquele expatriou-se entre os Hunos na Panónia, de cuja amizade e auxílio se servira e conseguiu a graça dos principais, para a interrompida autoridade".Por aqui parece-me que, ao tempo em que Rugila – ou Rechila, como o chamou Maximus – reinava sobre os Hunos na Panónia; e que esta não era bem considerada como solo do Império, pois tinha sido outrora assegurada aos Hunos; e que estes eram o mesmíssimo corpo de Hunos com os quais, ao tempo em que foi seu hóspede, Aetius fez amizade. Por força disto, tendo solicitado sua ajuda antes da do tirano João, em 424, assim lhes proporcionou uma intercessão espontânea junto ao Imperador. Octar morreu em 430, pois nos diz Sócrates que por aquele tempo, tendo os Burgúndios sido novamente incomodados pelos Hunos, tendo conhecimento da morte de Octar e os vendo sem um chefe, caíram de surpresa sobre eles e com tanto vigor que, numa só batalha, 3000 Burgúndios mataram 10000 Hunos.Já falamos de Rugila como rei da Panónia. Este morreu em 433 e foi sucedido por Bleda, segundo relatam Prosper e Maximus. Este Bleda e seu irmão Átila eram antes reis dos Hunos do alto Danúbio, tendo dividido entre si o reino de seu pai Munzuc; então

reuniram aos seus o reino da Panónia. Por isso diz Paulus Diaconus que "governavam o reino entre a Panónia e a Dácia". No ano de 441 começaram a invadir o Império, reunindo às forças da Panónia novos e grandes exércitos da Cítia. Mas foi posto um termo à guerra e, tendo Átila visto Bleda inclinado à paz, assassinou-o em 444, herdou os seus domínios e novamente invadiu o Império. Por fim, após várias guerras importantes com os Romanos, Átila pereceu no ano de 454. Disputando seus filhos por seus domínios, deram lugar a que os Gépidas,Ostrogodos e outros povos seus súditos se revoltassem e lhes fizessem guerra. No mesmo ano, os Ostrogodos tiveram o seu estabelecimento garantido na Panónia pelos Imperadores Marciano e Valentiniano; e, com os Romanos, expulsaram os Hunos logo após a morte de Átila, no que concordam todos os historiadores. Tal expulsão se deu no reinado de Avitus, conforme se encontra em "Choronicum Boiorum" e em "Carm. 7 in Avitum", de Sidonius, que assim se refere ao Imperador: "Este já estava resolvido à guerra, para reconquistar assim as Panónias, perdidas há muitos séculos". Quis dizer este poeta que, com a vinda de Avitus, os Hunos renderam-se mais facilmente aos Godos. Isto foi escrito por Sidonius no começo do reinado de Avitus; e seu reino começou no fim do ano de 455 e não durou nem um ano.Diz-nos Jornandes: "No décimo segundo ano do reinado de Vália, aos cinqüenta anos da invasão da Panónia pelos Hunos, foram estes expulsos pelos Romanos e Godos". E assim se exprime Marcellinus: "No consulado de Hiério e Ardabúrio, a Panónia, que durante cinqüenta anos estivera ocupada pelos Hunos, foi reconquistada pelos Romanos". Daí poderia parecer que os Hunos tivessem invadido e dominado a Panónia do ano 378 ou 379 até 427, quando teriam sido expulsos. Porém, isto é puro engano. O certo é que o Imperador Teodósio deixou o império intacto; e já mostramos, com Prosper, que em 432 os Hunos estavam em posse pacífica da Panónia. Naqueles dias nada tinham que fazer com a Panónia, e os Ostrogodos continuavam submetidos aos Hunos até a morte de Átila, em 454; e Vália, rei dos Visigodos não reinou doze anos: começou seu reinado no fim de 415, reinou três anos e foi morto em 419, como se vê em Idacius, em Isidorus e no "Manuscrito Espanhol", citado por Grotius. Olympiodorus, que leva sua história somente até o ano de 425, cita a morte de Vália, rei dos Visigodos, ligando-a à de Constantino, ocorrida em 420. Em conseqüência disso, o Vália a que se refere Jornandes, e que reinou pelo menos doze anos, é um "outro rei" qualquer. Suspeitamos que tal nome tenha sido escrito por engano, em lugar de Valamir, rei dos Ostrogodos, porque a ação referida aí era de Romanos e Ostrogodos expulsando os Hunos da Panónia, depois da morte de Átila. E é improvável que algum historiador referisse a história dos Ostrogodos nos anos dos reis Visigodos. Esta ação ocorreu no fim de 455, que considero como o décimo segundo de Valamir na Panónia, e que é quase cinqüenta anos após 406, quando os Hunos ali sucederam aos Vândalos e Alanos.Quando cessou a linhagem de Hunimundo, filho de Hermanerico, os Ostrogodos viveram cerca de quarenta anos dominados pelos Hunos e sem reis próprios. E, quando Alarico começou a guerrear os Romanos, no ano de 444, fez Valamir, com seus irmãos Teodomiro e Videmir, netos de Vinethar, capitães ou reis destes Ostrogodos, por ele dominados. No décimo segundo ano do reinado de Valamir, contado daquela época, os Hunos foram expulsos da Panónia. Os Hunos ainda não haviam sido expulsos, mas se achavam em luta com os Romanos, quando a cabeça de Denfix, filho de Átila, foi levada para Constantinopla, em 469, no consulado de Zeno e de Marciano, conforme relata Marcellinus. Também não tinham sido ainda completamente expelidos do Império: porque além de suas relíquias na Panónia, diz-nos Sigonius que, quando os Imperadores Marciano e Valentiniano haviam garantido a Panónia aos Godos, o que se deu em 454, garantiram parte da Ilíria a alguns Hunos e Sármatas. E no ano de 526, quando os Lombardos, agitando-se na Panónia, aí combateram osGépidas e os Ávaros, parte dos Hunos que haviam tomado esse nome de um de seus reis, ajudaram os Lombardos. Depois disso, quando passaram à Itália, estes deixaram suassédes na Panónia aos Ávaros, em recompensa por sua amizade.Daí por diante os Hunos tornaram-se muito poderosos. Seus reis, a quem chamavam Chagan, causaram grandes perturbações ao Império, durante os reinados de Maurício, Focas e Heráclio. Esta é a origem do atual reino daHungria, o qual, daqueles Hunos e Ávaros misturados, tomou o nome de Hun-Avaria e, por contração, Hungria.

9. Antes de vir para o Danúbio, eram os Lombardos comandados por dois capitães: Ibor e Ayon. Depois da morte destes tiveram os seguintes reis: Agilmundo,Lamisso, Lechu, Hildehoc, Gudehoc, Clafo, Tato, Wacho, Walter, Andoino, Alboim, Cleopis e outros.Agilmundo era filho de Ayon e, segundo Prosper, tornou-se rei no consulado de Honório e de Teodósio, em 389, reinando trinta e três anos, conforme Paulus Warnefridus, tendo sido morto em combate pelos Búlgaros. Prosper coloca sua morte no consulado de Marinianus e de Asclepiodorus, isto é, no ano de 423. Lamisso bateu os Búlgaros e reinou três anos,enquanto Lechu reinou quase qüarenta anos. Gudehoc foi contemporâneo de Odoacro, rei dos Hérulos na Itália; levou seu povo da Panónia para a Rúgia, região ao norte da Nórica, pouco acima do Danúbio; daí então Odoacro levou sua gente para a Itália.Tato bateu o rei dos Hérulos acima do Danúbio.Wacho conquistou os Suevos, reinou, então, limitado a leste pela Bavária, a oeste pela França e ao Sul pela Burgúndia.Andoino voltou para a Panónia em 526 e aí venceu os Gépidas. Em 511, Alboin submeteu o reino dos Gépidas e matou seu rei, Chunnimund. Em 563, ajudou o Imperador Grego contra Totila, rei dos Ostrogodos na Itália; e em 568 levou seu povo da Panónia para a Lombardia, onde dominaram até o ano de 774.De acordo com Paulus Diaconus, os Lombardos, com muitos outros povos Godos, vieram para o Império de além do Danúbio, no reinado de Arcádio e de Honório, isto é, entre os anos de 395 e 408. Mas deveriam ter vindo um pouco mais cedo: sabemos que, sob comando de seus capitães Ibor e Ayon, os Lombardos venceram os Vândalos em combate; e Prosper situa essa vitória no consulado de Ausonius e de Olybrius, isto é, no ano de 379. Antes desta guerra, os Vândalos haviam ficado quietos durante qüarenta anos, nas sedes garantidas na Panónia por Constantino o Grande.

Portanto, se se trata dos mesmos Vândalos, esta guerra deve ter sido na Panónia e deve ter tido como causa a chegada dos Lombardos ao Danúbio, na Panónia, um ou dois anos antes da batalha. Assim foi posto um fim a um repouso de qüarenta anos. Depois que Graciano e Teodósio tinham pacificado os Bárbaros, ou estes se haviam retirado para o Danúbio ou tinham ficado sossegados sob o domínio romano,até a morte de Teodósio. Então, ou invadiram novamente o Império, ou rejeitaram toda sujeição. Por suas guerras,primeiramente com os Vândalos e depois com os Búlgaros,uma nação Cita, assim chamada a partir do nome do Rio Volga de onde vieram, parece que já naqueles dias era um reino não desprezível.

10. O reinado dos Ravenos: Examinados foram estes nove reinos. Agora devemos considerar o resíduo do Império do Ocidente. Enquanto ainda continuasse intacto, o Império do Ocidente era a própria Besta; mas os seus restos são apenas uma parte sua. Então, se esta for considerada como um chifre, o reino deste pode datar da trasladação da capital do Império de Roma para Ravena, o que se deu em Outubro do ano de 408. Porque, então, o Imperador Honório, temendo que Alarico o cercasse em Roma, caso ficasse por ali, retirou-se então para Milão e depois para Ravena. O cerco e o saque de Roma o levaram a estabelecer ali sua residência,de modo que os seus sucessores acabara, fazendo de Ravena a sua capital. Segundo Macchiavel, na sua “Historia Florentina”, tendo deixado Roma, Valentiniano transferiu a capital para Ravena. A Rhoetia pertenceu aos Imperadores do Ocidente enquanto durou o Império; depois passou, com a Itália e o Senado Romano, para Odoacro, rei dos Hérulos na Itália, e depois dele, a Teodorico, rei dos Ostrogodos e seus sucessores, com a garantia dos Imperadores Gregos. Por morte de Valentiniano II, os Germanos e Suevos invadiram a Rhoetia em 455. Mas não encontro traço de nenhum reino que aí os mesmos tivessem estabelecido, pois, no ano de 457, quando ainda devastavam a Rhoetia, foram atacados e batidos por Barto, estribeiro mor do rei Maiorano; e nada mais se fala sobre a sua invasão da Rhoetia. Por volta do ano 496, Clodoveu, rei da França, conquistou o reino dos Germanos e matou seu último rei, Ermerico. Mas esse reino estava situado na Germânia, e apenas se limitava com a Rhoetia; pois o seu povo fugiu de Clodoveu pelas vizinhanças do reino dos Ostrogodos, sob o domínio de Teodomiro, que os recebeu como amigos e em seu favor escreveu uma carta amigável a Clodoveu. Foi assim que se tornaram habitantes da Rhoetia, como súditos e sob o governo dos Ostrogodos. Quando o Imperador Grego conquistou os Ostrogodos, e os sucedeu no reino de Ravena, não só por direito de conquista, mas por direito de herança, o Senado Romano ainda existia nesse reino. Portanto podemos reconhecer que este reino continuava no Exarcado de Ravena e Senado de Roma, pois o remanescente do Império do Ocidente ficou com o Senado de Roma, por direito que ainda conservou, e por fim exercitou, quando escolhia um novo Imperador do Ocidente.Enumerei, pois, os dez reinos em que se dividiu o Império do Ocidente em sua primeira divisão, isto é,quando Roma foi cercada e tomada pelos Gregos. Por fim, caíram alguns destes reinos, e outros se erigiram. Mas, seja qual for o seu número posteriormente, são ainda chamados “os dez reis”, de acordo com seu número inicial.

Capítulo 7

Do undécimo chifre da quarta besta

"Eu consigo calcular o movimento dos corpos celestiais, mas não a loucura das pessoas."

Isaac Newton

Diz Daniel: "Estava eu contemplando os chifres, e eis que vi um outro chifre pequeno, que nascia do meio deles; e três dos primeiros chifres foram arrancadas de diante dele; e reparei que neste chifre havia uns olhos como de homem, e uma boca que falava com insolência" (Daniel 7:8) e "se tinha tornado maior do que os outras, e eis que aquele chifre fazia guerra contra os santos e prevalecia sobre eles" (Daniel 7:20 e 21). E um anjo aproximou-se e deu a Daniel a interpretação dessas coisas, dizendo-lhe: "Os dez chifres deste reino serão dez reis; e depois deles se levantará outro, e será mais poderoso do que os primeiros, e humilhará três reis. E falará insolentemente contra o EXCELSO, eatropelará os santos do ALTÍSSIMO, e imaginará que pode mudar os tempos e as leis; e os santos serão entregues nas suas mãos até um tempo, e dois tempos e metade de um tempo". (Daniel 7:24 e 25) Os reis representam os reinos, como já foi dito. Portanto, o pequeno chifre é um pequeno reino. Era um chifre da quarta Besta e arrancou três dos primitivos. Por isso devemos procurá-los entre as nações do Império Latino, depois do aparecimento dos dez chifres. Mas era um reino com um rei diferente dos outros, tendo uma vida ou alma que lhe era peculiar, caracterizada com tendo olhos e boca. Por seus olhos era, portanto, um Vidente, e por sua boca, falando insolências e mudando os tempos e as leis, era ao mesmo tempo um profeta e um rei. Tal vidente, profeta e rei é a Igreja de Roma. Um vidente, , é um bispo, no sentido literal do vocábulo; e essa Igreja reivindica o bispado universal. Com a boca, dá leis aos reis e nações, assim como um Oráculo o faz; arroga-se a infalibilidade e pretende que os seus decretos ou éditos, tidos como Dogmas, obriguem o mundo inteiro; o que quer dizer que se arroga o papel de um Profeta no seu mais alto grau. No oitavo século, destruindo e conquistando o Exarcado de Roma, o reino dos Lombardos e o Senado e o Ducado de Roma, adquiriu o 'Patrimônio de Pedro' além dos seus domínios, tornando-se assim um Príncipe ou Rei temporal, ou chifre da quarta Besta. Num pequeno livro publicado em Paris em 1689, sob o título "Dissertação Histórica sobre Algumas Moedas de Carlos Magno, Ludovicus Pius, e seus Sucessores, estampadas em Roma" registra-se que, nos dias do Papa Leão X, havia no Vaticano, e continuava em exposição, uma inscrição em honra a Pipino, pai de Carlos Magno, nos seguintes termos: "Foi o piedoso Pipino o primeiro a abrir caminho à difusão da Igreja Romana, com o Exarcado de Ravena e com muitas outras dádivas". Isto é, Pipino, o piedoso, foi o primeiro a abrir caminho à grandeza de Roma, concedendo-lhe o Exarcado de Ravena e muitas outras oferendas. Antes e durante o reinado dos Imperadores Graciano e Teodósio, o Bispo de Roma vivia esplêndidamente; mas isto era, de acordo com o relato de Ammianus, à custa das senhoras romanas. Depois daqueles reinados, a Itália foi invadida por nações estranhas e não se saiu dessas dificuldades antes da queda do reino da Lombardia. Foi, certamente, pela vitória da Sé de Roma sobre o Imperador Grego, o Rei da Lombardia e o Senado de Roma, que a mesma adquiriu o "Patrimônio de Pedro" e selevantou na sua grandeza. A DÁDIVA DE CONSTANTINOÉ UMA FICÇÃO, portanto, assim como TAMBÉM o É ADÁDIVA DOS ALPES COTTIAE ao Papa, por Ariperto, rei dos Lombardos, mesmo porque os Alpes Cottiae faziam parte do Exarcado e, ao tempo de Ariperto, pertenciam ao Imperador Grego, e não ao Romano. A invocação dos mortos e a veneração de suas imagens [como sendo a de santos] tinham sido introduzidas gradativamente nos séculos 4 a 7. Contra a adoração de imagensdeclarou-se Filípico, Imperador Grego, já em 711 ou 712. E, para pôr fim a isto, o Imperador Leo Isaurus (Leão III) convocou uma assembléia de Conselheiros e Bispos noseu palácio, em 726; a mesma recomendou então um Édito contra a adoração das imagens e enviou uma carta ao Papa Gregório II, pedindo a convocação de um Concílio em Roma, conforme citado por Sigonius em "De Regno Italiae, ad Ann. 726". Em conseqüência disto, este Papa convocou um Concílio em Roma, porém, ao contrário do esperado, CONFIRMOU A ADORAÇÃO DAS IMAGENS, EXCOMUNGOU O IMPERADOR GREGO, ABSOLVEU O POVO POR SUA LEALDADE, proibindo-o de pagar tributo ou manifestar de qualquer forma sua obediência ao Imperador. Então o povo de Roma, Campânia, Ravena e Pentápolis, com as cidades aí compreendidas, revoltou-se, atacou os magistrados Romanos, matou o Exarca Paulo em Ravena e pôs abaixo a Pedro, Duque de Roma, que havia ficado cego. E quando Exileratus, Duque da Campânia, incitou o povo contra o Papa, os Romanos invadiram a Campânia e o mataram, bem como a seu filho Adriano. Então o novo Exarca, Eutíquio, vindo à Napoles, mandou alguns conspiradores secretamente, a fim de tirar a vida do Papa e dos nobres de Roma. Mas a conspiração foi descoberta e novamente os Romanos se revoltaram contra o Imperador Grego e comprometeram-se a defender a vida do Papa e os seus Estados (i.é, o "Patrimônio de Pedro"), bem como a obedecer Sua autoridade em todas as coisas. Assim Roma, com o seu Ducado, inclusive parte da Toscana e da Campânia, revoltou-se no ano de 726, tornando-se um Estado livre, governado apenas pelo Senado da cidade. Daí por diante foi absoluta a autoridade do Senado em assuntos civis, enquanto que a autoridade do Papa se limitava aos negócios da Igreja. Por esse tempo os Lombardos, que eram zelosos pela adoração das imagens, e pretendiam favorecer a causa do Papa, invadiram as cidades do Exarcado; por fim, em 752 tomaram Ravena eacabaram com o Exarcado. (Sigonius em "De Regno Italiae, ad Ann. 726, 752"). Este foi o primeiro dos três reinos a cair diante do pequeno chifre da profecia de Daniel. No ano de 751, o Papa Zacarias depôs a Quilderico, preguiçoso e inútil rei da França (cf. "De Regno Italiae, Ann. 750"), o último da linhagem de Meroveu.Desligando os seus súditos do juramento de fidelidade, deu o reino a Pipino, que era senão apenas o mordomo do Palácio,constituindo assim um novo e poderoso amigo. Seu sucessor, o Papa Estêvão III (cf. "De Regno Italiae, Ann. 753, 754, 755"), sabia tratar melhor o Imperador Grego do que os Lombardos; Este foi, no ano seguinte, ao rei dos Lombardos a fim de persuadí-lo de devolver o Exarcado ao Imperador. Como não fosse bem sucedido, foi até a França e persuadiu Pipino que este devia tomar dos Lombardos o Exarcado e Pentápolis, A FIM DE OS DAR "À SÃO PEDRO". Em conseqüência disto, em 754 Pipino veio com um exército à Itália e obrigou Astolfo, rei dos Lombardos, a prometer rendição; mas no ano seguinte Astolfo, ao contrário, para se vingar do Papa diretamente, cercou a cidade de Roma. Diante disso o Papa escreveu a

Pipino, dizendo-lhe que "SE NÃO VIESSE A TODA PRESSA contra os Lombardos sitiantes da cidade, PELO PODER QUE LHE HAVIA SIDO DADO POR SÃO PEDRO, PIPINO PERDERIA O REINO DE DEUS E TAMBÉM A VIDA ETERNA", SENDO EXCOMUNGADO. Temeroso muito mais da revolta dos seus súditos, e ainda se sentindo obrigado para com a Igreja de Roma, que o colocou no Poder, Pipino marchou rapidamente com um exército sobre a Itália, levantou o cerco, sitiou os Lombardos em Pávia e os forçou a entregar ao Papa, por força de sua rendição, o Exarcado e a região de Pentápolis, em posse perpétua. Assim o Papa tornou-se Senhor de Ravena e do Exarcado, com exceção de umas poucas cidades. E as chaves foram então mandadas à Roma e "postas sobre a confissão de São Pedro, isto é, sobre o seu túmulo no Altar-mor, em sinal de verdadeiro e perpétuo domínio, mas por benevolente piedade do rei Pipino", como se lê na inscrição de uma moeda de Pipino, cunhada neste tempo. Isto aconteceu em 755, e daí por diante os Papas, como Príncipes de poder temporal, DEIXARAM DE INSCREVER em suas Cartas e Bulas O ANO REFERIDO AOS IMPERADORES Gregos, como haviam feito até então. Depois disto os Lombardos invadiram os domínios do Papa (cf. "De Regno Italiae, Ann. 773"). Então o Papa Adriano pediu a Carlos Magno, filho e sucessor de Pipino, que viesse em seu auxílio. Concordando, Carlos Magno entrou com um exército na Itália, invadiu a Lombardia, derrubou o trono e tornou-se senhor de suas regiões, devolvendo ao Papa não só o que lhe havia sido tomado, mas ainda os restos do Exarcado, que eles anteriormente haviam prometido a Pipino entregar ao Papa e, entretanto, não o haviam feito ainda. Deu-lhe ainda outras cidades Lombardas. Em troca, os Romanos o fizeram "patrício" e deram-lhe a autoridade de confirmar a eleição dos Papas. Estas coisas foram feitas nos anos de 773 e 774. Este Reino dos Lombardos foi o segundo a cair diante do pequeno chifre visto por Daniel. Mas Roma, que deveria ser a séde de seu reino, ainda lhe não pertencia. Tendo sido eleito Papa em 796 (cf. "De Regno Italiae, Ann. 796"), Leão III comunicou sua eleição a Carlos Magno, por seus Legados, mandando-lhe de presente as "chaves de ouro da Confissão de Pedro e a Bandeira da Cidade de Roma"; as primeiras eram o agradecimento do Papa pela dádiva das cidades do Exarcado e da Lombardia, concedidas por Carlos Magno; a bandeira queria dizer que este Monarca poderia vir e submeter o Senado e o povo de Roma, como havia feito com o Exarcado e com o Reino dos Lombardos. Porque, ao mesmo tempo, desejava o Papa que Carlos Magno mandasse à Roma alguns de seus Príncipes, a fim de submeter o povo romano e ligá-lo por juramento, em fidelidade e submissão à Carlos Magno, conforme citado por Sigonius. Um poeta anônimo, publicado por Boeclerus em Strasburgo, assim se expressa: "E com súplicas piedosas o exortou a enviar alguns dos seus principais e pusesse o povo romano sob seu domínio, comovendo-a a respeitar as alianças e os grandes juramentos de fidelidade". Disto surgiu um desentendimento entre o Papa e a cidade, resultando que, dois ou três anos depois, ajudados por alguns Clérigos, os Romanos se levantaram com tanto tumulto contra o Papa, que se criou um novo estado de coisas em todo o Ocidente. Dois dos Clérigos o acusaram de crimes; com uma força armada, os Romanos apanharam ao Papa, despiram-lhe seus hábitos sacerdotais e o prenderam em um mosteiro. Porém, auxiliado por alguns amigos, este conseguiu fugir para a Germânia a procura de Carlos Magno, a quem se queixou dos Romanos, dizendo que os mesmos agiam contra o Imperador, além de tentarem derrubar a autoridade da Igreja e reconquistar sua antiga liberdade. Na ausência do Papa, os seus acusadores, com aquelas forças de ataque, devastaram as possessões da Igreja e enviaram a acusação contra Este a Carlos Magno, o qual, antes do fim do ano, mandou o Papa de volta a Roma com um grande cortejo de nobres e bispos. Os nobres e bispos da França, que acompanharam o Papa em cortejo, investigaram o chefe da acusação em Roma e mandaram, sob custódia, os seus acusadores para a França Isto ocorreu em 799. No ano de 800, isto é, o seguinte, o próprio Carlos Magno veio à Roma e, num dia pré-fixado, presidiu a um Concílio de Bispos Italianos e Franceses, o qual deveria ouvir a ambas as partes. Mas, enquanto os adversários do Papa ainda esperavam ser ouvidos, o Concílio declarou (vide "Anastasium") que o Papa era o supremo juiz de todos os homens e estava acima de qualquer julgamento por quem quer que fosse, exceto por si próprio; diante disso, o Papa fez a declaração solene de sua inocência diante de todo o povo, com o que foi considerado absolvido. Pouco depois, pela época do Natal, já tinha o povo de Roma feito a eleição de seus Bispos e reconhecido que ele e o Senado haviam herdado os direitos do antigo Senado e do Povo de Roma, elegeu Carlos Magno como Imperador, se submetendo ao mesmo tal qual o velho Império Romano e seu Senado eram submetidos aos Imperadores Romanos. O Papa então o coroou e o ungiu com os santos óleos e prostrou-se de joelhos, adorando-o, conforme era praticado com os velhos Imperadores Romanos. Segundo aquele mesmo poeta citado, lemos: "Depois de proferidos os louvores, o Sumo-Sacerdote o adorou, como antigamente era costume devido aos Príncipes". Por outro lado, o recém-nomeado Imperador fez ao povo o seguinte juramento: "Eu, Carlos Magno, Imperador, em nome de Cristo e diante de Deus e do bem-aventurado Apóstolo Pedro, prometo e me proponho defender a santa Igreja Romana em todas as ocasiões, enquanto receber o auxílio divino, como souber e puder". Também o Imperador foi feito Cônsul de Roma e seu filho, também chamado Pipino, foi coroado como Rei da Itália. Em vista disso, o Imperador passou a chamar-se "Carolus serenissimus, Augustus, a Deo coronatus, magnus, pacificus, Romae gubernans imperium, ou Imperator Romanorum. Sua efígie foi, daí por diante, cunhada nas moedas de Roma.Quanto àqueles inimigos do Papa, em número de trezentos romanos e dois ou três Clérigos traidores, foram condenados à morte. Os trezentos romanos foram degolados num mesmo dia nos campos de Latrão; mas, por intercessão do próprio Papa, os três Clérigos foram perdoados e desterrados para a França. Assim, o título de Imperador Romano, que até então pertencia aos Imperadores Gregos, foi por este Ato transferido para o Ocidente, aos Reis da França. Depois disto (citado por Sigonius, em "De Regno Italiae"), Carlos Magno deu ao Papa a Cidade de Roma, subordinando-a a Si mesmo, como Imperador de Roma; passou o inverno organizando os negócios de Roma e os da Sé Apostólica, bem como os de

toda a Itália, quer civis, quer eclesiásticos, para os quais fez novas leis; no verão seguinte voltou para a França, deixando a cidade governada pelo Senado e ambos pelo Papa e por ele próprio. Mas, ao Carlos Magno saber que as novas leis por ele decretadas não eram observadas nem pelos juízes que as deviam aplicar, nem pelo povo que as devia cumprir, e que os homens importantes escravizavam, tanto homens livres quanto das Igrejas e dos Mosteiros, para o trabalho em suas vinhas, campos, pastos e casas, e continuavam a extorquirlhes gado e vinho e a oprimir aos que serviam nas Igrejas, escreveu a seu filho Pipino, ordenando-lhe que pusesse fim a tais abusos, tivesse cuidado com a Igreja e vigiasse para que as leis fossem observadas. Assim, pois, profeticamente, considero o Senado, o Povo e o Principado de Roma como o terceiro reino que o pequeno chifre derrubou e, mesmo, o mais importante dos três. Porque esse povo elegera o Papa e o Imperador, e agora, elegendo o Imperador também Cônsul, foi reconhecido como retendo a mesma autoridade do velho Senado e do Povo Romano. A cidade de Roma havia sido a metrópole do velho Império Romano, representada em Daniel pela quarta Besta. Submetendo o Senado, o Povo e o Ducado, tornou-se metrópole do pequeno chifre daquela Besta e completou o Patrimônio de Pedro, que era o reino representado por aquele chifre. Além disso, essa vitória teve maiores conseqüências do que as dos OUTROS DOIS REINOS, pois fortaleceu o Império do Ocidente, o qual continua até os nossos dias. Colocou o Papa acima da judicatura do Senado Romano e acima da do Concílio dos Bispos Italianos e Franceses e mesmo acima de qualquer judicatura humana; deu-lhe a supremacia sobre as Igrejas do Ocidente e sobre os seus Concílios no mais alto grau, tornou-a "Maior do que as outras". Assim, quando esta nova religião começou a se estabelecer na mente dos homens, ele não só se agarrou aos Reis, mas ao próprio Imperador do Ocidente.É digno de menção o hábito de beijar os pés do Papa, honra superior àquela tributada aos Reis e Imperadores e que se estabeleceu historicamente por essa época. Há alguns exemplos disso no nono século: diz-nos Platina que "os pés do Papa Leão IV foram beijados, de acordo com o antigo costume, por todos os que chegavam a sua presença"; e na opinião de outros, tal hábito foi iniciado por Leão III, sob a desculpa de que sua mão havia sido contaminada pelo beijo de uma senhora. Por esse tempo também os papas começaram a canonizar santos e a conceder indulgências e perdão. Para uns, quem começou tais coisas foi Leão III. É digno de nota que ao longo de 21 anos, entre 775 e 796, Carlos Magno conquistou a Germânia, desde o Rheno e o Danúbio para o norte até o mar Báltico, e para leste até o rio Teis e extendeu suas conquistas também à Espanha, até o rio Ebro. Por essas conquistas, estabeleceu o fundamento de um Novo Império e, ao mesmo tempo, propagou a religião Católica-Romana em todos os seus domínios, obrigando os Saxões e os Hunos, que eram pagãos, a aceitar a fé Romana, e distribuindo suas conquistas no norte pelos Bispados, garantindo ao Clero a cobrança de dízimos e ao Papa a 'moeda de Pedro'. Com tudo isto, a Igreja de Roma aumentou, enriqueceu-se, exaltou-se e se firmou. Na já mencionada "Dissertação Histórica sobre Algumas Moedas de Carlos Magno, Ludovicus Pius, e seus Sucessores, estampadas em Roma", há um desenho de uma peça de Mosaico, que o Papa Leão III mandou fazer em seu palácio, perto da Igreja de São João de Latrão, em memória da remessa do estandarte ou bandeira da cidade de Roma, curiosamente desenhada, à Carlos Magno, e que ainda pode ser vista estampada naquele livro. No mosaico aparece Pedro com três chaves no colo; com sua mão direita está estendendo o Pallium ao Papa, e com a esquerda a bandeira da cidade à Carlos Magno. Junto ao Papa está a inscrição: SCISSIMUS D. N. LEO PP; perto do Rei, lê-se: D. N. CARVLO REGI; e sob os pés de Pedro, o seguinte: BEATE PETRE, DONA VITAM LEONI PP, ET BICTORIAM CARVLO REGI DONA. Este quadro dá o título de Rei à Carlos Magno e, portanto, foi feito quando, supostamente, Pedro estava entregando o Pallium ao Papa e o Papa mandando a bandeira da cidade à Carlos Magno, isto é, no ano de 796. As palavras acima: "SANTISSIMUS DOMINUS NOSTER LEO PAPA, DOMINO NOSTRO CAROLO REGI" referem-se à mensagem; e as palavras abaixo "BEATE PETRE DONA VITAM LEONI PAPAE & VICTORIAM CAROLO REGI DONA" são uma prece pedindo à Deus a preservação da vida do Papa e a Vitória do Rei sobre os Romanos. As três chaves no colo de Pedro significam as chaves das três partes de seu Patrimônio: a de Roma, com o seu Ducado, que o Papa reclamava e estava conseguindo, a de Ravena com o Exarcado, e a dos territórios tomados aos Lombardos, esta última novamente conquistada. Estes são os três domínios, cujas chaves estavam no colo de Pedro, cuja coroa agora orna a cabeça do Papa e por cuja conquista se formou o PEQUENO CHIFRE DA QUARTA BESTA. A entrega de Pallium ao Papa por Pedro com a mão direita e a referência ao Papa, antes que ao Rei, naquela inscrição, deve ser entendida como um reconhecimento da realeza do Papa acima da dos reis da terra, dignidade esta só então conquistada por esta época.Depois da morte de Carlos Magno, seu filho e sucessor, Ludovicus Pius confirmou, a pedido do Papa, a doação de seu avô e de seu pai à Sé de Roma. Confirmando-a, nomeia em primeiro lugar Roma com seu Ducado (cf. citado no recital de confirmação em "De Regno Italiae, Ann. 817"), estendendo-a até à Toscana e à Campânia, depois ao Exarcado de Ravena com a Pentápolis e, em terceiro lugar, os territórios tomados aos Lombardos. São estes as três conquistas e ele as devia possuir para o uso da Igreja 'sub integritate', completamente, sem que o Imperador aí se metesse, isto é, sob a jurisdição e poder do Papa, salvo casos especiais, em que o rei a isso fosse chamado. Esta ratificação do Imperador Ludovicus foi feita sob juramento. E assim como o Rei dos Ostrogodos que, em homenagem ao Imperador Grego de quem possuíra o Reino da Itália, cunhava em suas moedas a efígie do Imperador no anverso e a própria no reverso, também mesmo fez o Papa, em reconhecimento ao Imperador do Ocidente. Desde então, e por muito tempo, os Papas começaram a cunhar moedas, e estas traziam a efígie dos Imperadores Carlos Magno, Ludovicus Pius, Lotharius e seus sucessores de um lado, e no reverso a inscrição do Papa.

Capítulo 8

Do poder do undécimo chifre de mudar os tempos e as leis

"Nenhuma grande descoberta foi feita jamais sem um palpite ousado."

Isaac Newton

No reinado do Imperador Grego Justiniano e, de novo, no reinado de Focas, os Bispos de Roma obtiveram algum domínio sobre as Igrejas Gregas, mas não de longa duração. Seu domínio permanente foi apenas sobre as nações do Império do Ocidente, representado pela quarta Besta de Daniel. Tal jurisdição foi estabelecida pelo seguinte édito dos Imperadores Graciano e Valentiniano (Vide "Anais de Baronius, Ano 381, Seção 6"), como se lê abaixo: "Segundo determinação de Dámaso, queremos que, quem quer que seja condenado por um Concílio de cinco ou de sete Bispos, ou pela opinião de pessoas católicas, e relutante em apresentar-se ao juízo sacerdotal, seja remetido ao juízo episcopal pelos ilustres Prefeitos do Pretório da Gália e da Itália, ou os seus substitutos, ou ainda pelos Cônsules ou vigários, e que venham a Roma sob guarda. Ou, se se verificar crime de monta em lugares muito afastados, seja o caso levado ao exame do Metropolitano da mesma província do Bispo. Mas, se o criminoso for o próprio Metropolitano, sem demora seja este levado à Roma ou aos juizes designados pelo Bispo de Roma. E, em caso de suspeita de crime atribuído aos Metropolitanos ou a quaisquer sacerdotes, recorra-se ao Bispo Romano ou ao Concílio de quinze Bispos das vizinhanças. E o que for resolvido depois do exame, isto seja respeitado". Este édito, que aparece sem os nomes de Valente e de Teodósio no cabeçalho, foi feito no período que entremeou seus reinados, isto é, no fim do ano de 378 ou começo de 379. Era dirigido aos Prefeitos Pretórios da Italia e Gália e, conseqüentemente, tinham caráter geral, pois o Prefeito Pretório da Itália governava não só a Itália, mas também a Ilíria Ocidental e a África, enquanto que o Prefeito Pretório da Gália governava não só a Gália, mas também a Espanha e a Bretanha. A concessão de tal jurisdição ao Papa deu oportunidade para que muitos lhe escrevessem quando deviam resolver sobre casos duvidosos, aos quais respondia mediante cartas decretais. E daí por diante o Papa legislou para as Igrejas Ocidentais por meio de tais Cartas Papais. Escrevendo Himerius, Bispo de Tarragonha, capital de uma província da Espanha, ao Papa Dámaso, pedindo-lhe instruções sobre certos assuntos eclesiásticos, a carta só chegou a Roma depois da morte daquele Papa, em 384. O Papa Sirício, seu sucessor, deu-lhe resposta com autoridade legislativa, dizendo-lhe, com respeito a um dos assuntos: "Proíbo que tal se faça, pois os decretos gerais já haviam sido enviados às Províncias pelo meu predecessor Libério, de veneranda memória". E de outro, assim se referiu: "Saibam achar-se despojados de todas as honras eclesiásticas, de que se tornaram indignos pela autoridade da Sé Apostólica". E de um terceiro assunto, decretou: "Saibam os Sumos-Sacerdotes Pagãos, de todas as Províncias, que, se alguns desses se elevarem às 'ordens sacras', do seu ou de outros Estados, em atitude contrária aos Cânones ou às Nossas Interdições, será lavrada competente sentença pela Sé Apostólica". E assim o Papa Sirício conclui esta sua Carta Papal: "... exortamos o teu espírito fraterno a que observes os Cânones e cada vez mais guardes as Decretais: por isto respondemos à tua consulta, para que dês conhecimento dela não só à Todos os Bispos de tua diocese, mas também à todos os Cartagineses, Béticos, Lusitanos e Gauleses (povos da Gália) bem como àqueles cujas províncias te são vizinhas, às quais é de salutar efeito que recebam as Nossas Ordenações através das tuas letras. E, ainda, reiterando que nenhum sacerdote do Senhor deva ignorar quanto é estabelecido pela Sé Apostólica e pelos Cânones veneráveis, é contudo conveniente, já pela antigüidade do teu sacerdócio, já para a tua própria glória, que aquilo que em geral te é escrito diretamente, por tua solicitude seja comunicado a todos os nossos irmãos; enquanto o que por nós é instituído, não irrefletidamente, mas com segurança e muita cautela, permaneça inviolável e que, para o futuro seja fechada a porta à todas as 'excusas', para que nada fique 'exposto'. Dado a 3 de Fevereiro de 385, sendo cônsules os ilustríssimos senhores Arcádio e Bautone" No reinado de Joviano ou de Valentiniano I, o Papa Libério mandou Decretos gerais às províncias, ordenando que os Arianos não deveriam ser rebatizados. E o fez de acordo com a resolução do Concílio de Alexandria, de que nada mais se lhes deveria exigir (aos Arianos) do que a renúncia às suas opiniões. Diz-se que o Papa Dámaso decretou, num Concílio Romano, que impostos e dízimos deveriam ser pagos sob pena de maldição (anátema) e que no fim dos Salmos dever-se-ia sempre dizer ou cantar: "Glória ao Pai, Glória ao Filho e ao Espírito Santo, Amém". Mas a primeira Carta Decretal ainda conservada é esta de Sirício, pela qual o Papa o fez Seu Vigário sobre a Espanha, promulgando seus Decretos e insistindo que os mesmos fossem observados. Os Bispos de Sevilha por vezes foram Vigários do Papa: pois assim escreve Simplício ao Bispo Zenon: "Alegrando-nos, pois, com tais indícios, julgamos oportuno delegar-te a autoridade de Vigário de nossa Sé, para que, revestido de tal poder, de modo algum permitas sejam transgredidos nem os Decretos Apostólicos, nem as lições dos santos Padres". E o Papa Hormisda fez o Bispo de Sevilha seu Vigário na Bética e na Lusitânia (Hromisd., em "Cartas 24 e 26") e ao Bispo de Tarragonha fez seu Vigário sobre todo o resto da Espanha, como se compreende a partir de suas respectivas Cartas. Em sua Carta decretal à Victrícius, Bispo deRuão, na França, em 404, em prosseguimento ao Édito de Graciano, o Papa Inocêncio I baixou o seguinte decreto: "Se, porém, surgirem contendas entre os Clérigos, quer de ordens maiores, quer de menores, estas sejam resolvidas, de acordo com o Sínodo de Nicéia, pela congregação dos bispos da mesma província; e a ninguém da Igreja Romana, cujo respeito deve ser guardado em todas as coisas, seja lícito ir para outras províncias, deixando esses sacerdotes que na mesma província regem a Igreja de Deus pela vontade divina. E se o fizer, fica privado do ofício do Clericato e será condenado à perda dos direitos. Desde, porém, que se trate de causas mais graves, sejam então remetidos à Sé Apostólica, como prescreveu o Sínodo e exige o Santo Costume, após o pronunciamento da sentença episcopal". Por estas cartas, parece-me que a Gália estava então submetida ao Papa e assim o tinha sido por algum tempo; e que aquele Bispo de Ruão era então o seu Vigário, ou um deles: pois o Papa lhe diz que dirija as causas maiores à Sé de Roma, de acordo com o costume. Entretanto, pouco depois, o Bispo de Arles tornou-se Vigário do Papa para toda a Gália; pois em 417, ordenando o Papa Zósimo que ninguém tivesse acesso a sua pessoa sem as

credenciais de seus Vigários, conferiu a Patroclo, Bispo de Arles, tal autoridade para toda a Gália, nos termos do seguinte decreto: "Zósimo à Todos os bispos constituídos na Gália e nas Sete províncias: Assim decreta a Sé Apostólica que, se alguém de qualquer parte da Gália, de qualquer grau eclesiástico, pretende vir a nós em Roma, ou ir a qualquer outra parte, não o faça sem que os Bispos Metropolitanos hajam recebido as Cartas, com as quais fique provado o seu sacerdócio e o lugar de seu exercício. Teremos isto por estatuto, pelo fato de que muitos falsos Bispos, presbíteros e eclesiásticos, não possuindo qualquer documento, pelo que possam ser recusados, se insinuam à veneração e recebem indevida reverência. Qualquer, pois, ilustríssimo irmão, que se nos apresente sem as ditas cartas, seja ele Bispo, presbítero, diácono ou de graus imediatamente inferiores,saiba que não será por nós recebido. É necessário tornar esta ordem conhecida em todas as regiões, para que seja observado aquilo que decretamos por estatuto. E se alguém, por sua própria vontade, a infringir temerariamente, saiba que fica privado de Nossa Comunhão. Mas este privilégio das Cartas nós o concedemos a Patroclo, nosso santo irmão e nosso Bispo, em atenção aos seus méritos especiais". Que o Bispo de Arles era por vezes o Vigário do Papa em toda a França é afirmado também por todos os Bispos da Diocese de Arles em sua carta ao Papa Leão I: "A quem tanta honra e dignidade foram concedidas, não só para governar estas províncias com autoridade própria, mas também, por delegação da Sé Apostólica, manter as Gálias sob toda a regra eclesiástica". Em 556, diz o Papa Pelágio I, em sua Carta a Sapandus, Bispo de Arles: "Desejando, com o valioso favor de Deus, seguir as pegadas dos nossos antepassados e imitar todos os seus atos, impomos à tua caridade, para toda a Gália, a representação da Sé Apostólica, a que presidimos pela graça divina".Por influência do mesmo Édito Imperial, não só a Espanha e a Gália, mas ainda a Ilíria sujeitaram-se ao Papa. Dámaso fez de Acholius, então Bispo da Tessalônica, metrópole da Ilíra Oriental, o seu Vigário auditor das causas; em 382, Acholius, notificado por aquele Papa, veio à um Concílio em Roma. O Papa Sirício, seu sucessor, decretou que na Ilíria nenhum Bispo poderia ser ordenado sem o consentimento de Anísio, sucessor de Acholius. E os Papas seguintes deram a Rufo, sucessor de Anísio, o poder de convocar Concílios Provinciais, pois, nas "Coleções de Holstenius" há o relato de um Concílio de Roma, convocado na gestão do Papa Bonifácio II, no qual foram exibidas Cartas Decretais de Dámaso, de Sirício, de Inocêncio II, de Bonifácio I e de Celestino, Bispos de Roma, à Acholius e à Rufo, Bispos da Tessalônica, nas quais Aqueles dão ordens para ouvirem as causas na Ilíria, ordens, que são concedidas pelo Senhor e pelos Santos Cânones à Sé Apostólica, sobre toda aquela Província. Eis o que o Papa Sirício diz em sua Carta à Anísio: "Há tempos te escrevemos, ilustríssimo irmão, por intermédio do Bispo Candidiano, que nos precedeu na presença do Senhor, a respeito de não ser facultada à Iliria a pretensão de se ordenarem bispos sem o seu consentimento: Carta esta que ele não pôde saber se havia efetivamente chegado às tuas mãos. Na verdade muitas coisas foram feitas pelos Bispos, no tocante às ordenações, com o espírito de luta, o que a tua caridade conhece melhor... Para refreares toda a audácia dessa natureza, deves vigiar a tua solicitude, abrasando-te no amor do Espírito Santo, de modo que ou tu, se for possível, ou quem dos Bispos tu julgares idôneo, com o teu consentimento escrito, possa ordenar, segundo os Estatutos do Sínodo de Nicéia e da Igreja Romana, como Bispo Católico a um Clérigo digno do clero, de vida e costumes provados, para suceder ao falecido ou ao deposto". O Papa Inocêncio I, em sua Carta à Anísio, diz: "...A quem (Anísio) os Bispos predecessores de tão ilustre homem, isto é, Dámaso, de santa memória, Sirício, como também o precitado homem, mandaram que seja comunicado tudo quanto ocorrer em todas aquelas regiões". E na Carta a Rufo, sucessor de Anísio, diz: "Assim, observados os intervalos por nós marcados às igrejas, aprende a consultar, a fim de que com prudência e seriedade possas cuidar das coisas que ocorrerem nas igrejasda Acaia, da Tessália, do Antigo Épiro, do Novo Épiro, de Creta, da Dácia Central, da Dácia Marítima, da Mésia, da Dardânia e da Provália. E se Cristo o aprovar, nós também o aprovamos. Realmente, é devido aos Seus sacratíssimos conselhos que recomendamos - à tua sinceridade, prudência e virtude - este Cuidado, não decretando isto de nossa iniciativa, senão imitando aos nossos predecessores Apostólicos, que confiaram este encargo aos felicíssimos Acólio e Anísio, dados os seus méritos". Na Carta decretal à Rufo e aos outros Bispos da Ilíria, diz Bonifácio I: "Ao Bispo de Tessalônica delegamos a nossa autoridade e, como já disse reiteradamente, ninguém ouse ordenar sem seu consentimento". E o Papa Celestino, na sua decretal aos Bispos da Ilíria assim se exprime: "Rufo é o nosso delegado para a vossa Província; à ele, pois, deveis levar quaisquer causas. Ninguém seja ordenado sem o seu conselho; sem o seu conhecimento ninguém ouse administrar a Província; e sem a sua vontade ninguém congregue os Bispos". E na causa relacionada a Perigenes, no título de sua Carta, assim estão enumeradas as Províncias sujeitasàquele Bispo: "À Rufo e aos demais Bispos instituídos para aMacedônia, Acaia, Tessália, Velho Épiro, Novo Épiro, Prevália e Dácia". Numa decretal aos mesmos Bispos, assim diz o Papa Xisto: "Todas as igrejas da Iliria, conforme as recebemos de nossos predecessores, e também nós o fizemos, estão atualmente sob os cuidados do Bispo de Tessalônica, para que, por sua solicitude, haja unidade entre os irmãos, e, como de costume, observe e ponha termo às ações; e à Ele sejam referidas as ações de cada sacerdote. Haja Concílio sempre que for o caso e toda vez que, à vista de urgente necessidade, seja determinado". Já na sua Carta decretal à Anastácio, Bispo de Tessalônica, assim escreve o Papa Leo I: "Mas, assim como a cada Metropolitano é dado o poder de ordenar em suas Províncias, também queremos que ordenes os Metropolitanos, todavia com julgamento maduro e acabado". A Ilíria Ocidental compreendia as duas Panônias, a Sávia, a Dalmácia, a Nórica Central e a Nórica Marítima; sua metrópole era Sirmium, e assim foi até que Átila a destruiu. Depois, Laureacum tornou-se a capital da Nórica e das duas Panônias, e Salona tornou-se a capital da Dalmácia. Então, conforme "Caroli a S. Paulo-Geographiam sacram, págs. 72 e 73", os Bispos de Laureacum e de Salona recebiam o Pallium do Papa; e Zósimo, na sua Carta decretal à Hesíquio, Bispo de Salona, diz-lhe

"que denuncie os decretos apostólicos não só aos Bispos de sua circunscrição, como aos das Províncias vizinhas". Parece que a submissão dessas Províncias à Sé de Roma começou com Anémius, consagrado Bispo de Sirmium por Ambrósio, Bispo de Milão, o qual, no Concílio de Aquileia, presidido pelo Papa Dámaso em 381, declarou sua sentença nestes termos: "A capital da Ilíria não é senão a cidade de Sírmium. Eu, pois, sou o Bispo daquela cidade. DECLARO EXCOMUNGADO A QUEM NEGAR QUE O FILHO DE DEUS É ETERNO E COETERNO AO PAI SEMPITERNO". No ano seguinte Anémio e Ambrósio, com Valeriano, Bispo de Aquileia, Acholius, Bispo de Tessalônica e vários outros, foram ao Concílio de Roma, que se reuniu para dominar a Igreja Grega por maioria de votos e exaltar a autoridade da Sé Apostólica, como já fora tentado no Concílio de Sárdica. Aquileia era a segunda cidade do Império do Ocidente e por alguns era chamada a "segunda Roma". Era ametrópole da Ístria, do Forum Julium e da Venécia; sua submissão à Roma era manifesta pela Carta decretal de Leão I, dirigida a Nicetas, seu Bispo, em 458, pois assim começa a Epístola do Papa: "Tendo regressado à nós o nosso filho Adeodato, Diácono de nossa Sé, conta haver rogado à tua caridade que aceitasse de nós o poder da Sé Apostólica no que se refere a estas coisas que, certamente, parecem trazer grande dificuldade de julgamento". Em seguida responde a algumas perguntas de Nicetas e por fim conclui: "Depois farás chegar esta nossa carta, enviada para consulta à tua fraternidade, à todos os irmãos e aos bispos de tua província, para que a autoridade concedida seja útil na observância de todas as coisas". Em 591, Gregório Magno citou Severo, Bispo de Aquileia, a vir à sua presença, para ser julgado por um Concílio em Roma (cf. "Greg. M.Lib. 1, indic. 9, Epist. 16") Os Bispos de Aquileia e de Milão criavam-se reciprocamente e, pois, tinham a mesma autoridade e a mesma submissão à Sé de Roma. Em 557, o Papa Pelágio o testemunha (cf. "Apud Gratianum, de Mediolanensi & Aquileiensi Episcopis") nas seguintes palavras: "Era antigo costume que, não podendo tomar ordens do Apostólico (o Papa), devido à distância e dificuldades do caminho, os Bispos de Milão e de Aquileia se ordenavam reciprocamente". Tais palavras implicam que a ordenação desses dois Bispos pertencia à Sé de Roma. Lourenço, Bispo de Milão (cf. "Greg. M. Lib. 3, Epíst. 26, & Lib. 4, Epíst. 1"), havia excomungado a Magno, um de seus presbíteros; e tendo falecido aquele, o Papa Gregório Magno absolveu (cf. "Lib. 5, Epíst. 4") o presbítero e mandou o Pallium à Constantino, recém-eleito Bispo. No ano seguinte, repreendeu a este por parcialidade no julgamento de Fortunato (cf. "Lib. 9, Epísts. 10 e 67") e ordenou que este viesse à Roma para aí ser julgado. Quatro anos depois, nomeou os Bispos de Milão e Ravena para ouvirem a causa de Máximo; e, dois anos mais tarde, ou seja em 601, -quando, por morte de Constantino, o povo de Milão havia eleito Deusdedit como seu sucessor (cf. "Lib. 11, Epísts. 3 e 4"), e os Lombardos tinham escolhido um outro, -Gregório escreveu ao Notário, Clérigo e Povo de Milão, que, "pela autoridade de suas letras, Deusdedit devia ser ordenado e que aquele que os Lombardos tinham ordenado era indigno sucessor de Ambrósio". Disso se conclui que a Igreja de Milão havia continuado no estado de subordinação à Sé de Roma desde os dias de Ambrósio, pois o próprio Ambrósio reconhecia a autoridade daquela Sé: "A Igreja Romana, cujo tipo e forma em tudo seguimos, não tem este costume ... e desejo em tudo seguir a Igreja Romana." (cf. "Ambros. Lib. 3 – de sacramentis, C. 1") E, comentando o capítulo terceiro da Primeira Carta de Paulo à Timóteo, diz ainda: "Desde que o mundo inteiro é de Deus, diz-se que Sua casa é a Igreja, da qual Dâmaso é hoje o chefe". E em sua oração pela morte de seu irmão Sátiro, conta como este, tendo ido a uma certa cidade na Sardenha, "chamou o Bispo local e lhe perguntou, interessado, se estava de acordo com os Bispos católicos, isto é, com a Igreja Romana". E, em conjunto com o Sínodo de Aquileia, em 381, numa Carta sinodal ao Imperador Graciano, diz ele: "Tivemos necessidade de rogar à Vossa Clemência que não permitisse ser perturbada a Igreja Romana, cabeça de todo o mundo romano e da sacrossanta fé dos Apóstolos, de onde, com efeito, dimanam todos os direitos da veneranda comunhão". Assim, pois, as Igrejas de Aquileia e de Milão estavam subordinadas à Sé de Roma desde os dias do Imperador Graciano. Auxêncio, o predecessor de Ambrósio, não estava sujeito à Sé de Roma. Conseqüentemente, esta submissão da Igreja de Milão teve início com Ambrósio. A Diocese de Milão compreendia a Ligúria, com a Insúbria, os Alpes Cottiae e a Rhoetia e era dividida da Diocese de Aquileia pelo rio Addua. No ano de 844, o Bispo de Milão rompeu

com a Sé de Roma e esta separação continuou durante duzentos anos, segundo o relato de Sigonius (em "de Regno Italiae, Lib. 5"): "No mesmo ano, Angilberto, Arcebispo de Milão, por motivo pouco averigüado, separou-se da Igreja Romana; e tanto influiu com esse exemplo que só depois de duzentos anos a Igreja de Milão voltou-se à obediência e à autoridade da Igreja Romana". O Bispo de Ravena, metrópole da Flamínia e da Emília, também estava subordinado ao Papa pois, no ano de 417, Zósimo excomungou alguns presbíteros daquela Igreja e escreveu uma Carta de comunicação ao seu Clero como sendo um ramo da Igreja de Roma. Diz ele: "Na sua, isto é, na nossa Igreja Romana, etc.". Quando o povo de Ravena elegeu um novo Bispo e deu notícia disto ao Papa Xisto, este o pôs de lado, ordenando em seu lugar a Pedro Crisólogo (cf. "Baronius. Op. Cit. Anno 433, sect. 24"). Em sua Carta à Eutíquio, conservada nos "Atos do Concílio de Calcedônia", escreveu Crisólogo: "Por amor à paz e à lealdade, não podemos ouvir as causas da fé sem o consentimento do Bispo da Cidade de Roma". Consultado por Leão, Bispo de Ravena, sobre algumas questões, o Papa Leão I lhe respondeu por meio de uma Carta decretal, datada do ano de 451. E o Papa Gregório Magno, repreendendo a João, Bispo de Ravena, a respeito do uso do Pallium (cf. "Greg. M. Lib. 3, Epíst. 56, 57 e Lib 5. Epísts. 25 e 56"), diz-lhe de um preceito de um de seus predecessores: "Determinando que deviam ser conservados todos os privilégios anteriormente concedidos ao Bispo e à Igreja de Ravena, ao que João deu uma resposta submissa"; e, depois da morte de João, o Papa Gregório ordenou a visitação da Igreja de Ravena, confirmou os privilégios concedidos antes disso e mandou o seu Pallium conforme um antigo costume, ao novo Bipo, Mariniano. Esta Igreja ainda se separou algumas vezes da de Roma, mas sempre voltou à sua obediência. O resto da Itália, com as

ilhas adjacentes, contendo as regiões suburbanas, ou dez Províncias sob o poder temporal do Vigário de Roma, isto é: a Campânia; a Toscana e a Úmbria; a Picenun Suburbicarium; a Sicília; a Apúlia e a Calábria; a Brutii e Lucânia; a Samnium; a Sardenha; a Córsega; e a Valéria. Estas dez constituíam própriamente as províncias do Bispado de Roma. Aliás, no seu 'quinto canon', o Concílio de Nice determinava a realização de Concílios em cada província, durante a primavera e o outono. De acordo com este 'canon', os bispos das províncias deviam encontrar-se em Roma de seis em seis meses. Neste sentido, o Papa Leão I aplicou o canon à Roma e, numa Carta decretal aos Bispos da Sicília, escrita no Consulado de Alípio e de Ardabúrio Coss, em 447, diz: "Porque os santos padres salutarmente ordenaram que todos os anos houvesse duas reuniões em cada uma das províncias, três de vós devereis sempre acorrer à Roma três dias antes do mês de outubro. E tal prática vós a deveis observar francamente. Pois que, assim, com a ajuda da graça de Deus, mais serão evitados escândalos e erros na Igreja de Cristo, e porque da discussão conjunta na presença do Apóstolo Pedro resultará que todos os decretos canônicos permaneçam inviolados por todos os Sacerdotes do Senhor". Assim, pois, a Província de Roma compreendia a Sicília, parte da Itália e as ilhas circunvizinhas, pois anualmente mandavam os Bispos aos Concílios anuais de Roma: mas não se estendia às Províncias de Ravena, Aquileia, Milão, Arles e outras. Estas tinham seus próprios Concílios. Os Bispos de cada província do Império Romano eram convocados pelo Metropolitano ou Bispo da capital da província, o qual presidia o respectivo Concílio; mas o Bispo de Roma não só presidia o Concílio dos Bispos das regiões suburbanas: dava ainda ordens aos Metropolitanos de todas as outras Províncias do Império do Ocidente, como seu governador universal. Tudo isto se verifica dos exemplos seguintes: Em 417, o Papa Zósimo citou a Próculo, Bispo de Marselha, para que este comparecesse a um Concílio em Roma, para tratar a respeito de sua ordenação ilegítima; e o condenou, como se pode ver de várias de suas Cartas. Em 419, à vista de uma representação do Clero de Valência contra o Bispo Máximo, o Papa Bonifácio I ordenou aos Bispos de toda a Gália e das Sete Províncias que reunissem um Concílio contra aquele. E em sua Carta, diz que "assim agiam os seus predecessores". O Papa Leão I convocou um Concílio Geral de todas as Províncias da Espanha, para se reunirem na Galícia, contra os Maniqueus e os Pricillianos, conforme diz em sua Carta decretal à Turríbio, um dos Bispos espanhóis. Numa Carta decretal à Nicetas, Bispo de Aquileia, ordena-lhe a convocação de um Concílio dos Bispos daquela Província contra os Pelágios, e a fim de serem confirmados os Decretos sinodais já ratificados pela Sé de Roma contra aquela heresia. E em sua Carta decretal à Anastácio, Bispo de Tessalônica, ordenou-lhe que reunisse anualmente dois Concílios Provinciais, mas que as causas mais difíceis fossem remetidas à Sé de Roma; e que se em momentos extraordinários fosse necessário convocar um Concílio, os bispos não deveriam ser tão incomodados: que se contentasse com convocar dois Bispos de cada Província e que os mesmos não fossem convocados por mais de quinze dias. Na mesma Carta é descrita a forma de governo da Igreja, então estabelecida e consistente na subordinação à Sé de Roma: "Desta maneira também nasceu a distinção dos Bispos e foi largamente previsto que nem todos se considerassem com autorização para todas as coisas; mas que, em cada província, houvesse alguém a quem coubesse a sentença de maior autoridade e que, nas cidades grandes, alguns que fossem designados tomassem um cuidado mais amplo e, por seu intermédio, chegasse tal cuidado à Sé de Pedro, única da Igreja universal; e que nada estivesse truncado de sua cabeça. Quem, pois, se vê colocado à frente de outros, não se melindre se alguém lhe for preposto; mas ele próprio preste a obediência que exige; e assim como não quer levar uma carga pesada, também não se atreva a impôr aos outros um peso insuportável". Essas palavras mostram, fartamente, a forma monárquica de governo então estabelecida nas Igrejas do Império do Ocidente, sob o domínio do Bispo de Roma, por meio do Decreto Imperial de Graciano e dos apelos e Cartas decretais nele baseados. Tendo o Papa Leão, num Concílio em Roma, lavrado uma sentença contra Hilário, Bispo de Arles, por aquilo que este havia feito num Concílio Provincial na Gália,aproveitou a ocasião para, baseado no seguinte Édito de Valentiniano III, Imperador do Ocidente, estabelecer a mais absoluta autoridade de sua Sé sobre todas as outras do Império do Ocidente: "De Teodósio e Valentiniano, Imperadores augustos, ao ilustre senhor Écio [Aetius], ajudante, mestredas duas milícias e patrício, escrevem: É certo que o nosso amparo e o do Nosso Império está unicamente no favor da suprema Divindade e, para o merecer, favorecemos, acima de tudo, a veneranda fé e a religião. Tendo, pois, a autoridade do Sínodo consolidado o digno primado da Sé Apostólica de São Pedro, que é o príncipe da Coroa Episcopal e a dignidade da Cidade de Roma, ninguém se atreva a cometer coisas ilícitas contra a autoridade dessa Sé, porque, finalmente, só será guardada a paz das Igrejas em toda parte, quando o mundo conhecer o seu Chefe. Quando estas coisas até aqui vinham sendo inviolavelmente observadas, Hilário de Arles, segundo um relato fiel do venerável Leão, Papa Romano, com obstinada ousadia tentou coisas que se presumem ilícitas e, por isso, uma abominável confusão invadiu as igrejas transalpinas, como o prova principalmente o recente exemplo. Hilário, que se diz Bispo de Arles, empreendeu, temerariamente, as ordenações de Bispos, (tarefas) que lhe não eram devidas sem consultar o Pontífice da Igreja Romana. Removeu uns sem motivo, ordenou outros indignos e contra a vontade dos cidadãos. E quando eles não eram facilmente recebidos por 'aqueles que os não haviam eleito', juntava força armada e punha cerco aos claustros de modo hostil ou os levava (aqueles Bispos), por meio de guerras, para as suas sedes, onde então pregava a tranqüilidade da paz. Praticadas estas coisas contra a majestade do Império e contra o respeito à Sé Apostólica; e, discutidas com conhecimento por ordem do religioso homem, Papa da Cidade, com razão foi dada sentença contra ele, por motivo d'Aqueles que este havia ordenado mal." "E a mesma sentença havia de valer para as Gálias, mesmo sem a confirmação imperial. Pois que há que não possa a autoridade do Pontífice? Mas esta razão também provocou em nós uma deliberação violenta. Nem a Hilário, a quem a benigna autoridade do Bispo de Roma permite ainda

nomear-se Bispo, nem a outro qualquer, seja mais permitido misturar as armas com as coisas eclesiásticas ou opôr-se aos preceitos do Bispo de Roma, pois com tais abusos são ofendidas a fé e a reverência do Nosso Império. E não só fazemos retirar isto, que é grande pecado, como, para que não surja confusão entre as Igrejas, nem pareça diminuir em algo a disciplina da religião, com perene sanção decretamos não ser lícito aos Bispos da Gália e de outras províncias a tentar contra o antigo costume, sem a autoridade do venerando homem, Papa da Cidade Eterna. Mas tenham por lei, eles e todos, tudo o que estabeleceu e venha a estabelecer a autoridade da Sé Apostólica, de tal maneira que se algum dos Bispos, chamado ao tribunal do Bispo Romano, não comparecer, pelos Governadores da mesma província seja forçado a estar presente. Guarde-se, pois, tudo quanto os nossos divinos genitores augustos concederam à Igreja Romana, ohÉcio [Aetius], pai caríssimo. Pelo que a tua ilustre e preclara magnificência, pela autoridade do presente Edital, fará guardar o que acima foi estabelecido e cobrar a nossa multa de dez libras-ouro de cada juiz que permitir a violação das nossas ordens. Guarde-te Deus, caríssimo pai, por muitos anos! Dado em Roma, no oitavo dia de Junho do ano de 445, isto é, oitavo ano do Consulado, por Valentiniano". Por este Édito, o Imperador Valentiniano impôs à todas as Igrejas de seu Império a absoluta obediência ao Bispo de Roma; e declara que qualquer tentativa dos Bispos no sentido de obter alguma coisa sem a autoridade do Papa é contrária ao antigo costume, e que o Bispo intimado a comparecer perante sua judicatura deve aí ser forçado a ir pelo Governador da Província. Tais privilégios da Sé de Roma são considerados como concessãode seus antepassados, isto é, do Édito de Graciano e de Valentiniano II, como já vimos, e pelos quais, reconhecendo que o domínio da Igreja de Roma já durava sessenta e seis anos e que, se em todo esse tempo o mesmo não forasuficientemente estabelecido, o novo Édito era bastante para o firmar acima de qualquer dúvida no Império do Ocidente. Por isso, todos os Bispos da província de Arles, em 450, pedindo ao Papa Leão a restituição dos privilégios de seu Metropolitano, dizem: "Pelo bem-aventurado Pedro, Príncipe dos Apóstolos, a sacrossanta Igreja Romana traz consigo o principado sobre as Igrejas de todo o mundo". E Cerácio, Solônio e Verano, três Bispos da Gália, dizem na Carta “25 apud Holstenium”, dirigida ao mesmo Papa: "Sentimos crescer inefavelmente a satisfação, porque ‘aquela página de vossa especial doutrina’ é festejada de tal maneira nas reuniões privadas de todas as Igrejas que, realmente, pode ser declarada opinião uniforme de todos; ali vemos, com razão, estabelecido o principado da Sé Apostólica, de onde serão tirados os oráculos do espírito apostólico". E o próprio Leão, em sua Carta aos Bispos Metropolitanos da Ilíria, diz: "Porque o nosso cuidado se estende por todas as Igrejas, de nós exigindo isto o Senhor, que entregou ao bem-aventurado Pedro o primado da dignidade apostólica, como prêmio da sua fé, e coloca a Igreja Universal sobre a solidez deste fundamento". Quando essa Dominação Eclesiástica se achava em desenvolvimento, as nações bárbaras invadiram o Império do Ocidente e aí fundaram diversos reinos, de religião diversa da Igreja Romana. Pouco a pouco, entretanto, esses reinos foram abraçando a fé Romana, ao mesmo tempo que se foram submetendo à autoridade do Papa. Os Francos, na Gália, submeteram-se no fim do quinto século; os Godos, na Espanha, se submeteram no fim do sexto século; e os Lombardos, na Itália, foram conquistados por Carlos Magno em 774. Entre os anos de 775 e 794 o mesmo Carlos Magno estendeu a autoridade do Papa sobre toda a Germânia e a Hungria, até o rio Theysse e o Mar Báltico. Então colocou o Papa acima de qualquer judicatura, deu-lhe assistência, e lhe submeteu a Cidade e o Ducado de Roma. Pela conversão dos DEZ REINOS à RELIGIÃO ROMANA, o Papa apenas tinha alargado o seu domínio espiritual; mas não tinha ainda surgido como um "chifre da Besta". Foi o seu poder temporal que o converteu naquele "chifre". E um tal domínio foi adquirido na segunda metade do oitavo século, pelo arrancamento de três daqueles "chifres", como já vimos. Então, alcançado o poder temporal e um domínio acima de qualquer judicatura humana, ela "se tinha tornado maior do que os outros chifres/ reinos” (cf. Daniel 7:20) e "os tempos e as leis DAÍ POR DIANTE foram entregues nas suas mãos, até um tempo, e dois tempos e metade dum tempo" (cf. Daniel 7:25), ou sejam, três tempos e meio proféticos, isto é, por 1260 anos, desde que se considere como um tempo o ano calendárico de 360 DIAS, e um dia como um ano solar. Depois disso É QUE "se realizará o juízo, a fim de que lhe seja tirado o poder" (cf. Daniel 7:26), não de uma vez, mas gradativamente, "até que ele seja destruído e pereça para sempre, e seja dado o reino, o poder e a grandeza do reino, que está debaixo de todo o céu, ao povo dos Santos do Altíssimo, cujo reino é um reino eterno, e ao qual servirão e obedecerão todos os reis" (cf. Daniel 7:27).

Capítulo 9

Dos reinos representados pelo carneiro e pelo bode

"Eu mantenho o tema dos meus estudos sempre diante de mim, e espero até o amanhecer iniciar gradualmente, pouco a pouco, numa luz clara e completa."

Isaac Newton

O segundo e o terceiro Impérios, representados pelo Urso e pelo Leopardo, são novamente representados pelo Carneiro e pelo Bode; mas com a diferença que o Carneiro representa os reinos da Média e da Pérsia desde o começo dos quatro Impérios e o Bode representa o reino dos Gregos no fim dos quatro Impérios. Desta maneira, e sob as alegorias de um Carneiro e um Bode, são novamente descritos os tempos dos quatro Impérios. Diz Daniel: "E levantei os meus olhos e olhei; e eis que estava em pé, diante duma lagoa um carneiro, o qual tinha uns chifres elevados, e um chifre era mais alto que o outro, e crescia pouco a pouco" (Daniel 8:3). Os dois chifres do Carneiro são os reinos da Média e da Pérsia: não são duas pessoas, mas sim dois reinos - o da Média e o da Pérsia; e este (Pérsia) era o chifre maior, o qual cresceu mais que o outro. O reino da Pérsia levantou-se quando Ciro, tendo recentemente conquistado a Babilônia, revoltou-se contra Dário, rei dos Medos, bateu-o em Pasargadae e assim elevou os Persas sobre os Medos. Foi este o chifre que veio por último, e crescendo. O que veio primeiro era o reino dos Medos, desde a época em que Ciaxares e Nabucodonosor haviam derrubado Nínive e dividido entre si o Império Assírio. Os Impérios da Média e da Babilônia eram contemporâneos e levantaram-se simultâneamente pela queda do Império Assírio. A profecia das quatro Bestas começa com um destes Impérios, e a do Carneiro e do Bode com o outro destes Impérios. Enquanto o Carneiro representa os reinos da Média e da Pérsia desde o começo dos Quatro Impérios, o Bode representa o Império dos Gregos no fim daquelas Monarquias. No reino deste chifre maior e dos quatro outros que o sucederam, aquele Império é por eles representado durante o reino de Leopardo; e no reino do pequeno chifre, que permanecia no final do reino dos quatro e que, depois da queda destes se tornou poderoso, mas não pelo próprio poder, é por ele representado durante o reino da quarta Besta. Conforme Daniel 8:21, "o Bode é o rei dos Gregos", isto é, o reino ou Império dos Gregos; "e o grande chifre que ele tinha entre os seus dois olhos é o primeiro dos seus reis" - não o primeiro monarca, mas sim o primeiro reino, aquele que durou enquanto dominaram Alexandre Magno, seu irmão Arideu e seus dois filhos, Alexandre e Hércules. "E quanto aos quatro chifres que, depois de quebrado aquele primeiro, se levantaram em seu lugar, são os quatro reis, que se levantarão de sua nação mas sem terem a sua força" (cf. Daniel 8:22). Os quatro chifres são, pois, quatro reinos. Conseqüentemente, o primeiro grande chifre ao qual estes quatro sucederam é o primeiro grande reino dos Gregos e que foi fundado por Alexandre Magno, no ano de 414 de Nabonassar, e que durou até a morte de seu filho Hércules, no ano de 441 de Nabonassar. E os quatro reinos são os de Cassandra, Lisímaco, Antígono e Ptolomeu. "E, depois de seu reinado, quando tiverem crescido as iniqüidades, levantar-se-á um rei (reino) descarado e compreendedor de enigmas; e o seu poder se firmará, mas não pelas suas próprias forças". (Daniel 8:23 e 24). Este reino era o último chifre do Bode, o qual saiu de um dos quatro e se tornou bastante grande. O fim deste reino foi quando os Romanos começaram a sua conquista, isto é, quando submeteram a Perseu, rei da Macedônia, a parte fundamental do reino dos Gregos. Então os transgressores foram às últimas, pois ocorreu que o cargo do sumo-sacerdócio foi arrematado em leilão e os adornos ou utensílios do Templo foram vendidos a fim de pagar dívidas; e o sumo-sacerdote, com alguns Judeus, conseguiram uma licença de Antíoco Epifânio para agirem segundo as ordenações pagãs e abriram uma escola em Jerusalém, a fim de serem ensinadas aquelas ordenações. Então Antíoco Epifânio tomou Jerusalém com uma força armada, matou quatro mil Judeus, fez muitos prisioneiros para os vender, saqueou o Templo, interditoou a adoração, mandou queimar a lei de Moisés e estabeleceu a adoração dos deuses pagãos em toda a Judéia. No mesmo ano, isto é, em 580 de Nabonassar, os Romanos conquistaram a Macedônia, o mais importante dos quatro reinos. Até então o Bode foi poderoso por seu próprio poder, mas daí por diante começou a sê-lo sob o domínio Romano. Daniel distingue os tempos, descrevendo cuidadosamente as ações dos reis do Norte e do Sul, dois dos quatro chifres que se limitavam com a Judéia até que os Romanos conquistaram a Macedônia; daí por diante apenas se refere às principais revoluções ocorridas no âmbito das nações representadas pelo Bode. Neste período final o pequeno chifre devia persistir e tornar-se forte, mas não por sua própria força. As três primeiras Bestas de Daniel tinham perdido seus domínios, cada qual ao surgir a Besta seguinte; mas suas vidas se haviam prolongado e todas se acham ainda vivas. A terceira Besta, o Leopardo, reinou por suas quatro cabeças até o levantamento da quarta Besta, o Império dos Latinos; e sua vida foi prolongada sob o poder destes últimos. Reinando por suas quatro cabeças, esse Leopardo representa o mesmo que o Bode com seus quatro chifres. Conseqüentemente, o Bode reinou pelos quatro chifres até o levantamento da quarta Besta de Daniel, isto é, o Império dos Latinos, mas sua vida continuou sob o domínio destes. Os Latinos não estão compreendidos entre as nações representadas pelo Bode nesta profecia: seu poder sobre os Gregos é apenas referido para distinguir os tempos em que o Bode era poderoso por si mesmo, daqueles em que não o era por sua própria força. Ele era poderoso por seu próprio valor até que foi submetido pelos Latinos; depois disso sua vida foi prolongada sob o domínio destes, e tal prolongamento se deu nos dias do último chifre, pois nesses dias o chifre do Bode tornou-se forte, mas não pela própria força. Entretanto, porque este chifre era de um Bode, devemos considerá-lo entre as nações que compõem o seu corpo. Entre estas é que ele deveria surgir e tornar-se forte. Realmente, "dum destes chifres saiu um chifre pequeno, que se tornou grande contra o meio-dia (Rei do Sul), contra o oriente (Rei do Norte) e contra a terra forte" (Israel) (cf. Daniel 8:9). Então devia erguer-se no Noroeste daquelas nações e estender seu domínio ao Egito, à Síria e à Judéia. No último tempo do reino dos quatro chifres, devia surgir de um deles e dominar os restantes, mas não pelo seu próprio poder. Deveria ser assistido por um poder estranho, um poder que lhe era superior e que tirou o poder da terceira Besta e que era, naturalmente, o da quarta Besta. Este pequeno chifre foi o reino da Macedônia, desde que ficou sujeito aos Romanos. Pela vitória dos Romanos sobre Perseu, rei da Macedônia, no ano 580 de Nabonassar, aquele reino deixou de ser um dos

quatro chifres do Bode, passando a ser um domínio de outra espécie: não um chifre da quarta Besta, porque a Macedônia fazia parte do corpo da terceira; mas um chifre da terceira Besta apresentado sob nova forma, um chifre do Bode que se tornou forte, mas não por seu próprio poder; um chifre que se ergueu e tornou-se poderoso graças a um poder estranho, isto é, o poder dos Romanos. Pelo legado de Átalo, último rei de Pérgamo, os Romanos herdaram esse reino no ano 615 de Nabonassar, inclusive toda a Ásia Menor neste lado do Monte Taurus. Em 684 e 685 de Nabonassar conquistaram a Armênia, a Síria e a Judéia; em 718 de Nabonassar submeteram o Egito. E por tais conquistas, o pequeno chifre "se tornou grande contra o meio-dia (Rei do Sul), contra o oriente (Rei do Norte) e contra a terra forte (Israel). E elevou-se até contra a fortaleza do céu; e deitou abaixo muitos dos fortes e muitas das estrelas e pisou-as aos pés" (cf. Daniel 8:9 e 10), isto é, sobre o povo e os grandes homens dos Judeus. "E elevou-se até contra o príncipe da força", isto é, o Messias, o Príncipe dos Judeus, o qual levaram à morte no ano de 780 de Nabonassar; "e tirou-lhe o sacrifício perpétuo, e destruiu o lugar do seu santuário" (cf. Daniel 8:11), isto é, nas guerras das nações de Leste, sob o comando dos Romanos, contra a Judéia, quando Nero e Vespasiano eram imperadores (nos anos de 816, 817, 818 de Nabonassar). "E foi-lhe dado poder contra o sacrifício perpétuo, por causa dos pecados do povo; e a verdade será abatida sobre a terra, e ele empreenderá tudo e tudo lhe sucederá conforme o seu desejo" (Daniel 8:12). Esta transgressão está expressa nas palavras seguintes como a "transgressão da desolação", referida por Daniel (Daniel 11:31); refere-se principalmente a adoração de Júpiter Olímpico em seu templo, construído pelo Imperador Adriano, no local do templo dos Judeus e à revolta destes, sob a chefia de Barchochab, determinada por aquele motivo, e à desolação da Judéia, em consequência de tudo isso, pois que, como arremate, os Judeus foram desterrados da Judéia sob pena de morte. Continua Daniel (cap. 8: 13 e 14): "Então ouvi um dos santos que falava; e um santo perguntou a outro que lhe falava: Até quando durará o que a visão anuncia quanto ao sacrifício perpétuo e ao pecado causa da desolação que foi feita; e até quando será calcado aos pés o santuário e a fortaleza de Israel? E ele respondeu: Até dois mil e trezentos dias completos, isto é, compostos de tarde e manhã; e depois o santuário será purificado". Os dias de Daniel representam anos; e estes anos talvez possam ser contados desde a destruição do templo pelos Romanos, no reinado de Vespasiano, ou desde a contaminação do Santuário pela adoração de Júpiter Olímpico, ou da desolação da Judéia, no fim da guerra judaica, isto é, pelo banimento de todos os Judeus de seu país, ou, finalmente, partindo de qualquer outro período que o tempo descobrirá. Em consequência, o último chifre do Bode continuou forte, sob a dominação romana, até o reinado de Constantino o Grande e de seus filhos. Então, pela divisão do Império Romano entre os Imperadores Grego e Latino, aquele se separou dos Latinos, tornando-se apenas o Império Grego, mas ainda sob o domínio de uma família romana. E então se torna forte sob o domínio dos Turcos. Embora não muito judiciosamente, alguns tomam este chifre como sendo Antíoco Epifânio. Lembremos, entretanto, que um chifre da Besta nunca representa um indivíduo, mas um novo reino. E o reino de Antíoco era velho. Antíoco reinou sobre um dos quatro chifres e o pequeno era um quinto chifre e tinha seus reis próprios. Inicialmente era pequeno; depois tornou-se muito grande, o que não aconteceu com Antíoco; é mesmo descrito como se tendo tornado maior que os outros, o que não se deu com Antíoco; seu reino, ao contrário, era fraco e tributário dos Romanos; e ele não o ampliou. É dito que o chifre era "um rei arrogante, que destruía muitíssimos e prosperava em suas práticas contra o povo eleito; mas Antíoco foi enxotado do Egito por uma simples mensagem dos Romanos e logo depois derrotado e desfeiteado pelos Judeus. O chifre era forte devido a um outro poder, enquanto Antíoco agia por conta própria. O chifre elevou-se contra o Príncipe DA FORÇADO CÉU, o Príncipe dos Príncipes, o que caracteriza uma atitude própria de Anticristo, e não Antíoco. O chifre derrubou o Santuário, e Antíoco não fez nada disto; ao contrário, deixou-o de pé. O Santuário e o Messias foram calcados aos pés durante 2300 dias; mas nas profecias de Daniel os dias representam anos e, por outro lado, a profanação do Templo no reino de Antíoco não durou tantos dias naturais. Estes deveriam durar até o fim, até o extremo da indignação contra os Judeus. E esta ainda não chegou ao seu termo. Deveriam durar enquanto o Santuário derrubado não fosse purificado: e o Santuário não o foi ainda. Esta profecia do Cordeiro e do Bode está repetida na última profecia de Daniel. Nesta, o Anjo diz a Daniel (Cap. 11: 1 e 2): E eu, Gabriel, desde o primeiro ano de Dário Medo, estava junto dele para o sustentar e fortificar. E agora eu te anunciarei a verdade. Eis que haverá ainda três reis na Pérsia" (isto é: Ciro, Cambises e Dário Hystaspis) "e o quarto (Xerxes) se elevará, pela grandeza de suas riquezas, acima de todos; e depois que se tiver tornado poderoso com as suas riquezas, excitará todos os povos contra o reino da Grécia". Isto se refere ao Carneiro, cujos dois chifres representam os reinos da Média e da Pérsia. Então ele continua descrevendo os chifres do Bode, dizendo assim: "Levantar-se-á um rei forte, que dominará com grande poder, e que fará o que lhe aprouver" (Daniel 11:3) e pelo esfacelamento de seu reino em quatro menores, os quais não passarão à posteridade. Depois disso descreve as ações de dois desses reinos que confinam com a Judéia, a saber, o Egito e a Síria, aos quais chama de reis do Sul e do Norte, naturalmente em relação à Judéia; e continua a descrição até o fim do reino dos quatro (chifres) e até o reinado de Antíoco Epifânio, quando os transgressores chegariam ao máximo. No oitavo ano de Antíoco, quando este profanou o Templo e estabeleceu na Judéia os deuses pagãos; quando os Romanos conquistaram o reino da Macedônia; o Anjo da Profecia deixa de descrever os negócios dos reis do Sul e do Norte, e começa a descrever os dos Gregos sob o domínio dos Romanos, nas seguintes palavras: "E estarão do seu lado os braços (de homens poderosos) que violarão o santuário da fortaleza, e farão cessar o sacrifício perpétuo, e porão no Templo a abominação da desolação" (Daniel 11:31). O vocábulo hebraico em Daniel 11:8 significa "contra o rei", em Daniel 11:31 significa "contra ele" e possivelmente em Daniel 8:9 signifique "contra um deles". Nestas profecias de

Daniel encontra-se, a cada passo, o vocábulo "braços" no sentido de poder militar de um reino, quando se levantam para conquistas e quando setornam poderosos. Os Romanos conquistaram a Ilíria, o Épiro e a Macedônia no ano 580 de Nabonassar; trinta e cinco anos depois, pela vontade e testamento de Átalo, último rei de Pérgamo, herdaram este rico e florescente reino, isto é, a Ásia deste lado do Monte Taurus; e sessenta e nove anos mais tarde conquistaram o reino da Síria, reduzindo-o a uma província. Trinta e quatro anos depois o mesmo foi feito ao Egito. Em todos estes passos, os braços Romanos (forças de armas) ergueram-se sobre os Gregos; e, depois de noventa e cinco anos, numa guerra contra os Judeus, violaram o santuário da fortaleza e fizeram cessar o sacrifício perpétuo, substituindo-o pela abominação que tornou a terra desolada. Mas esta abominação foi posta depois dos dias de Cristo (como se lê em Mateus 24:2), mais específicamente no décimo sexto ano do Imperador Adriano, ou seja, em 132 d.C., quando o Templo de Júpiter Capitolino foi erigido no lugar onde fora o Templo de Deus em Jerusalém. Por isto, os Judeus, chefiados por Barchochab, pegaram em armas contra os Romanos, numa guerra em que foram destruídas cinqüenta cidades, novecentas e oitenta e cinco de suas melhores vilas e quinhentos e oitenta mil homens passados a fio de espada. No fim da guerra, em 136, foram todos banidos da Judéia sob pena de morte. E naqueles dias a terra ficou desolada de seus velhos habitantes (os judeus). E, desde que o anjo da profecia passa, deste modo, dos quatro reinos dos Gregos ao domínio dos Romanos sobre aqueles, temos a confirmação de que, a seguir é descrita a situação dos Cristãos, no final do tempo, nas seguintes palavras (Daniel 11:33, 34 e 35): "E os que forem doutores entre o povo ensinarão a muitos; e cairão vítimas da espada, e da chama, e do cativeiro e das rapinas prolongadas. E, quando caírem arruinados, firmar-se-ão por um fraco auxílio (isto é, no reinado de Constantino o Grande). E muitos se juntarão à eles fingidamente. E dos sábios cairão alguns, para que sejam acrisolados e purificados e branqueados até ao tempo devido". E um pouco adiante, diz que até o fim haverá "um tempo, e tempos e meio tempo", o que se refere à duração do reino do último chifre da quarta Besta, vista por Daniel, e da Mulher e sua Besta, descrita no livro de Apocalipse.

Capítulo 10

Da profecia das setenta semanas

"Dez mil dificuldades não constituem uma dúvida."

Isaac Newton

A visão da estátua feita de quatro metais foi dada em sonho, primeiro a Nabucodonosor e depois a Daniel. Este começou a tornar-se célebre pela faculdade de decifrar coisas secretas, como se lê em Ezequiel 28:3. A visão das "quatro Bestas" e a "do Filho do Homem vindo nas nuvens" lhe foi também dada em sonho. Já a "do Carneiro e do Bode" lhe apareceu em pleno dia, quando se encontrava nas margens do rio Ulai, e lhe foi explicada por Gabriel, o Anjo da Profecia. Esta se refere ao Príncipe da Força e ao Príncipe dos Príncipes; entretanto, no primeiro ano do reinado de Dário, o Medo, sobre a Babilônia, aquele Anjo da Profecia tornou a aparecer a Daniel e lhe explicou o que significam Filho do Homem, Príncipe da Força e Príncipe dos Príncipes. A profecia do Filho do Homem vindo nas nuvens refere-se à segunda vinda do Cristo; a do Príncipe da Força, à sua primeira vinda; já a profecia do Messias ou Príncipe dos Príncipes, explicando-as, a ambas se refere, e lhes marca o tempo. Esta profecia, como aliás todas as outras de Daniel, divide-se em duas partes: uma profecia introdutória e a sua explicação. Assim o traduzo e interpreto, como um todo: "Setenta semanas foram cortadas ("cortar" é o termo original, significando cronometradas ou demarcadas, pois vem da prática de marcar valores fazendo entalhes na pedra ou madeira) sobre o teu povo e sobre a tua cidade santa a fim de que: a prevaricação se consuma, e o pecado seja selado (isto é, seja consumado, selando aquilo que já está concluído); e a iniquidade se apague; e a justiça eterna seja trazida (de volta); e as visões (profecias) e o Profeta se cumpram; e o Santo dos santos (templo) seja ungido. Sabe, pois, isto, e adverte-o bem: Desde a saída da ordem (ouÉdito) para Jerusalém ser reedificada até ao Cristo chefe (Cristo em grego, Messias em hebraico, Ungido em inglês), passarão sete semanas e sessenta e duas semanas e (em Jerusalém)serão reedificadas as praças e os muros nos tempos de angústia. E depois das sessenta e duas semanas, será morto o Cristo, e o povo (judeu de Jerusalém) que O há de negar não será mais seu povo. E um povo com o seu capitão, que há de vir, então destruirá a cidade e o seu santuário (templo), e o seu fim será uma ruína total. E depois do fim da guerra, virá a desolação decretada. E o Cristo confirmará com muitos a sua nova aliança durante uma semana; e no meio da semana fará cessar a hóstia e o sacrifício; e estará no templo a abominação da desolação; e a desolação durará até a consumação e até o fim" (Daniel 9: 24 a 27). "Setenta semanas foram decretadas sobre o teu povo e a tua cidade, a fim de que a prevaricação se consume, etc." Aqui, substituindo uma semana por sete anos, obtemos um período de 490 anos, desde o tempo em que os Judeus dispersos deveriam ser reincorporados (Vide Isaías 23:13) em um povo e uma cidade santa, até a morte e a ressurreição de Cristo; pelo que (ou: quando então) a prevaricação seria (ou estaria) consumada, o pecado teria o seu fim, a iniquidade apagar-se-ia, a justiça eterna seria trazida e esta visão seria cumprida e morto o Profeta, aquele mesmo Profeta que os Judeus esperavam; por isso seria ungido o Santo dos Santos, o mesmo que também é chamado o Ungido, isto é, o Messias ou o Cristo. Assim, ligando a visão à expiação dos pecados, os 490 anos terminaram com a morte e ressurreição do Cristo. Entretanto, os Judeus dispersos tornaram-se um povo e uma cidade quando pela primeira vez se constituiram num corpo político, o que se deu no sétimo ano de Artaxerxes Longimano, quando Ezra voltou do cativeiro com uma leva de Judeus e reviveu o culto judaico e, por ordem do rei, nomeou magistrados em toda parte, a fim de que julgassem e governassem o povo de acordo com as leis de Deus e do Rei, como se lê em Esdras 7:25. Houve apenas dois retornos do cativeiro: o de Zorobabel e o de Ezra. No primeiro, apenas tiveram licença para construir o Templo; com Ezra, antes de mais nada, tornaram-se um organismo político ou uma cidade, com governo próprio. Assim, os anos de Artaxerxes começaram dois ou três meses depois do solstício de verão e o seu sétimo ano caiu no terceiro ano da 80a. Olimpíada, na segunda metade do qual Ezra chegou a Jerusalém, o que se deu no ano de 4257 do Período Juliano. Contando-se desta data até a morte do Cristo, acham-se exatamente 490 anos! Se contarmos em anos judaicos, começando no outono e partindo do primeiro outono após a chegada de Ezra aJerusalém, quando pôs em execução o Decreto/ Édito do rei,a morte do Crsito cairá no ano 4747 do Período Juliano ou em 34 de nosso tempo. As semanas serão semanas judaicas, terminando por anos sabáticos, o que tomamos como certo. Entretanto, se colocarmos a morte do Cristo um ano antes, como se faz comumente, devemos encontrar, lá atrás, o ano da viagem de Ezra. E isto condiz com a Profecia: "Sabe, pois isto, e adverte-o bem: Desde a saída da ordem (ou Édito) para Jerusalém ser reedificada até o Cristo chefe, passarão sete semanas e sessenta e duas semanas". A primeira parte da Profecia refere-se à primeira vinda do Cristo, sendo datada para sua vinda como um Profeta; a data da sua vinda para ser Príncipe ou Rei parece referir-se à sua segunda vinda. Então o Profeta está já morto e o Santo dos Santos ungido (com seu sangue) e Aquele que foi ungido vem entãopara ser Príncipe e reinar.AS PROFECIAS DE DANIEL ALCANÇAM O FIM DO MUNDO, e quase não se encontram no Velho Testamento profecias referentes ao Cristo que, deste ou daquele modo, não se refiram à sua segunda vinda. Se alguns dos antigos, como Irineu (cf. "Livro 5, Haer. c. 25"), Júlio Africano (cf. "Apud Hieron. in h. 1"), Hipólito martir e Apolinário, Bispo em Laodicéia, consideram a meia semana referida aos tempos do Anti-Cristo, porquê não poderemos então, com a mesma "liberdade de interpretação", aplicar as sete semanas (49 anos) ao tempo em que o Anti-cristo será destruído pelo brilho da chegada do Cristo?Nos dias dos antigos Profetas, quando as dez tribos se achavam no cativeiro, os Israelitas esperavam um duplo retorno (das tribos); e que primeiro os Judeus deveriam construir um novo Templo, inferior ao de Salomão, até que aquele período fosse completado; depois disso voltariam, de todos os lugares onde se achassem cativos, para construir Jerusalém e o Templo de maneira gloriosa (cf. Tobias 14: 4 a 6). E, para exprimir a glória e a excelência dessa cidade ainda não erguida, diz-se figuradamente que será construída com pedras preciosas (cf. Tobias 13: 16 a 18 e Isaías 54: 11 e 12), e é chamada não só de 'Nova' Jerusalém, mas também de a Jerusalém Celeste, a Cidade Santa, a Esposa do Cordeiro, a Cidade do Grande Rei, a Cidade aonde os Reis da Terra trarão Sua Glória e Sua Honra. Entretanto, enquanto essa volta do cativeiro era o anseio de Israel, mesmo antes dos tempos de

Daniel, não sei porquê este a haveria de omitir em sua profecia. E desde que esta parte da profecia ainda não se realizou, não tentarei interpretá-la; contentar-me-ei com fazer notar que aquelas setenta semanas, bem como as sessenta e duas, eram semanas judaicas, terminando por anos sabáticos. Assim, as sete semanas são o compasso de um Jubileu da mais alta natureza, por que um Jubileu deve sercelebrado; e que, desde que o Édito para voltar e reconstruir Jerusalém precede o Messias ou Príncipe em 49 anos, talvez(tal Édito) não decorra dos Judeus propriamente, mas de algum outro reino amigo, e precede a sua volta do cativeiro, e lhe dá motivos; e por fim, que essa reconstrução de Jerusalém e outros lugares devastados de Judá está predita em Miquéias 7:11; em Amós 9:11 e 14; em Ezequiel 36: 33, 35, 36, 38; em Isaías 54:11, 12; 55:12; 61:4; 65:18, 21, 22; Tobias 14:5; e que a volta do cativeiro, a vinda do Messias e seu reino são descritas em Daniel 7; em Atos 1; em Mateus 24; em Joel 3; Em Ezequiel 36 e 37; em Isaías 60; 62; 63; 65 e 66, além de muitas outras passagens das Escrituras. Como? Não sei. Que o tempo seja o intérprete. "Passarão sete semanas e sessenta e duas semanas; e serão reedificadas as praças e os muros nos tempos de angústia. E depois das sessenta e duas semanas, será morto o Cristo, e o povo que o há de negar não será mais seu povo. E um povo com o seu capitão, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, etc." Tendo predito ambas as vindas do Cristo e datado a última da volta e da reconstrução de Jerusalém, a fim de evitar a referência à reconstrução de Jerusalém por Nehemias, ele distingue esta daquela, dizendo que daquele período até o Ungido haverá não sete semanas, mas sessenta e duas semanas, e isto não será em dias felizes, mas em tempos de angústia; e no fim dessas semanas o Messias não será o Príncipe dos Judeus, mas será eliminado; os Judeus não possuirão mais Jerusalém, porque a cidade e o santuário serão destruídos. Ora, Nehemias veio a Jerusalém no vigésimo ano do reinado de Artaxerxes, enquanto Ezra lá continuou, como se vê em Nehemias 12:36; achou a cidade devastada e as casas e os muros desmoronados, como informa o mesmo Nehemias em outra passagem (caps. 2:17 e 7:4); e concluíram os muros no dia 25 do mês de Elul, ainda segundo Nehemias 6:15, no vigésimo oitavo ano do rei, isto é, em Setembro de 4278 do Período Juliano. Contando sessenta e duas semanas a partir daquela data, isto é, 434 anos, alcançaremos o mês de setembro do ano de 4712 do período Juliano, como aquele em que nasceu o Cristo, com o que são concordes Clemente de Alexandria, Irineu, Eusébio, Epifânio, Jerônimo, Cassiodoro e outros antigos. Tal foi a opinião geral até que Dionisius Exiguus inventou a 'era vulgar', na qual o nascimento do Cristo foi posto dois anos mais tarde. Se, conforme alguns, considerarmos o nascimento do Cristo três ou quatro anos antes da era vulgar, o fato ocorrerá ainda dentro da última parte da última semana, o que já é suficiente.É bem sabido como o Cristo foi eliminado e a cidade e o santuário destruídos pelos Romanos. "E o Cristo confirmará com muitos a sua Nova Aliança durante uma semana". E isto se deu, apesar de sua morte, até a expulsão dos Judeus e a vinda de Cornélio e dos gentios, no sétimo ano depois de sua paixão. "E no meio da semana fará cessar a hóstia e o sacrifício", isto é, pela guerra dos Romanos contra os Judeus, a qual, depois de algumas comoções, começou no décimo terceiro ano de Nero, isto é, na primavera de 67, quando Vespasiano conduziu um exército e invadiu a Judéia; a guerra terminou no sEgundo ano de Vespasiano, ou seja, no ano de 70, no outono, aos 7 de setembro, quando Tito tomou a cidade, tendo sido o Templo incendiado vinte e sete dias antes. Assim a guerra acabou por durar três anos e meio (1260 dias!) "E estará no Templo a abominação da desolação; a desolação dUrará até a consumação e até o fim" (Daniel 9:27 - Nalgumas Bíblias, especialmente nas traduções em português, francês e inglês, utilizou-se a expressão "sobre A ASA das abominações virá o assolador"). Representando os reinos por Bestas e Aves, os Profetas distendem suas asas sobre uma região, simbolizando exércitos que as invadem ou as governam. Assim, uma "asa de abominação", muitas vezes nas Escrituras, também simboliza um falso deus: CAMOS é chamado a ‘abominação de Moab’, e MOLOC a ‘abominação de Amon’ (I Reis 11:7). A significação é, pois, que a gente de um Príncipe que há-de-vir destruirá o santuário e abolirá o culto diário do verdadeiro Deus e espalhará sobre toda a região um exército de falsos deuses; e, estabelecendo o seu culto e domínio, causará a desolação dos Judeus, até ser preenchida a época dos Gentios. Pois o mesmo Cristo nos diz que a abominação da desolação, a que se refere Daniel, deveria ser estabelecida nos dias do Império Romano (cf. Mateus) 24:15. Assim, nesta curta Profecia, temos a predição dos períodos principais, relacionados com a vinda do Messias: a data de seu nascimento, a de sua morte, a da rejeição dos Judeus, a duração da "guerra Judaica", que ocasionou a destruição da cidade e do santuário e a data de sua segunda vinda. Assim, a interpretação que aqui damos é mais extensa e completa e melhor adequada ao nosso desígnio, do que se nos restringíssemos à sua primeira vinda, como realmente fazem os intérpretes. Evitamos ainda violentar a linguagem profética de Daniel, tomando as sete semanas e as sessenta e duas semanas como um número único. Se Daniel tivesse tal intenção, teria dito apenas sessenta e nove semanas e não sete semanas e sessenta e duas semanas, modo de contar que, convenhamos, nenhum povo adota. Por outro lado trata-se de anos judaicos lunissolares. [EXTENSO COMENTÁRIO DE RODAPÉ ENCONTRADO NO LIVRO: O antigo ano solar das nações orientais é composto de 12 meses de 30 dias cada; daí veio a divisão do círculo em 360 graus. Parece que tal sistema foi usado por Moisés em sua história do dilúvio e por João no Apocalipse, onde um tempo, tempos e meio tempo ou 42 meses ou ainda 1260 dias se equivalem. Mas, ao se calcular vários destes anos, deve-se levar em conta os restos de dias que terão de ser adicionados no seu final. Pois os Egípcios somavam cinco dias ao fim destes anos; o mesmo faziam os Caldeus muito antes de Daniel, como se vê na Era de Nabonassar; e os Magos Persas usavam o mesmo ano de 365,até o Império Árabe. Os antigos Gregos também usavam o mesmo ano solar de 12 meses iguais ou 360 dias; mas de dois em dois anos intercalavam um mês de 10 e de 11 dias, alternadamente. O ano dos Judeus, já desde sua saída do Egito, era lunissolar. Era solar porque a colheita ocorria sempre depois da Páscoa e os frutos da terra eram sempre colhidos antes da Festa dos

Tabernáculos, como se lê em Levítico capítulo 23. Mas os meses eram lunares, pois Moisés mandava que no começo de cada mês o povo tocasse trombetas sobre os seus holocaustos e libações - como se vê em Números 10:10; 28:11 e 14 -, e essa solenidade ocorria na lua nova - como declaram Ps. [Salmos?] 81:3, 4, 5; [1 ou 2?] Crônicas 23:31. Estes meses eram por Moisés chamados primeiro, segundo, terceiro, quarto, etc, e o primeiro mês também era chamado Abib; o segundo, Zif; o sétimo, Etanim;o oitavo, Bul; - como se lê em Êxodo 13:4; I Reis 6:37, 38; 8:2. Mas no cativeiro da Babilônia os Judeus usaram os nomes dos meses caldaicos, pelos quais compreendiam os meses de seu próprio ano. De modo que os meses judaicos perderam seus antigos nomes, substituídos por vozes caldaicas. Os Judeus começavam o ano civil desde o equinócio de outono e o ano sagrado desde o vernal; e o primeiro dia do primeiro mês era na lua nova visível mais próxima do equinócio. Se Daniel usava o ano Caldaico ou o ano Judaico, isto não é de grande importância, pois a diferença é apenas de 6 horas por ano ou 4 meses em 480 anos. Mas penso que eram anos Judaicos, primeiro porque Daniel era Judeu e, mesmo com os nomes caldaicos nos meses, os Judeus "compreendiam" os meses de seu próprio ano Judaico; em segundo lugar porque esta profecia está baseada na profecia de Jeremias, relativa aos 70 anos de cativeiro e tem portanto que ser entendida como do mesmo tipo de anos desta outra; estes eram, portanto, anos Judaicos já que a profecia foi dada na Judéia e antes do cativeiro; finalmente, porque Daniel toma as semanas de anos, o que é uma peculiar maneira de contar os anos entre os Judeus. Pois desde que seus dias eram contados por sete e o último dia de cada sete era um sábado, os anos também se contavam em ciclos de sete anos e o último de cada sete era um ano sabático; e sete dessas semanas de anos fazem, para os Judeus, um Jubileu, compreendido como 49 anos. Fim do comentário]. As setenta semanas de anos são semanas judaicas, terminando em anos sabáticos, o que é muitíssimo notável. Porque tanto terminam no ano do nascimento do Cristo, dois anos antes da era vulgar, quanto no ano de sua morte, ou sete anos depois desta: todos estes são anos sabáticos! Outros [comentaristas] contam apenas como anos lunares ou por semanas não Judaicas; e o que é pior, ligam sua interpretação a uma cronologia errada, das quais se excetua apenas a opinião de Funccius acerca das setenta semanas, a qual coincide com a nossa. Aqueles situam Ezra (Esdras) e Nehemias no reinado de Artaxerxes Mnemon, e a construção do Templo no reinado de Dárius Nothus, contando as semanas de Daniel a partir desses dois reinados. Passemos agora ao estabelecimento das bases da Cronologia aqui seguida, o que farei tão rapidamente quanto possível. A guerra do Peloponeso começou na primavera do ano I da Olimpíada 87. Com isto concordam Diodoro, Eusébio e todos os outros. Começou dois meses antes que Pyhtodorus deixasse de ser arconte, conforme Tucídides, em seu livro segundo, isto é, em Abril, dois meses antes do fim do ano olímpico. Mas os anos dessa guerra são determinados com mais precisão pela distância de 50 anos que vai de seu primeiro ano à morte de Xerxes, inclusive, conforme o mesmo Tucídides, livro segundo, ou de 48 anos, exclusive, de acordo com Eratóstenes, citado por Clemente de Alexandria; pelos 69 anos contados do começo do reinado de Alexandre na Grécia; pela realização dos Jogos Olímpicos no quarto e no décimo anos desse reinado, como nos diz Tucídides no livro quinto; e pelos três eclipses do Sol e um da Lua, mencionados ainda por Tucídides e por Xenofonte. Ora, diz-nos Tucídides, testemunha insuspeita, que a notícia da morte de Artaxerxes Longimano foi trazida à Éfeso e daí para Atenas por alguns atenienses, no sétimo ano dessa guerra do Peloponeso, em meados do inverno. Então, ele morreu no ano 4 da Olimpíada 88, no fim do ano 4289 do Período Juliano; suponhamos que falecera um ou dois meses antes do meio do inverno, pois as notícias deviam vir muito lentamente naquela época. Mas Artaxerxes Longimano reinou 40 anos, conforme Diodoro, Eusébio, Jerônimo e Sulpício; ou 41 anos, de acordo com Ptolomeu citado por Clemente de Alexandria, Alexandre Abulfarago e Nicéforo, inclusive o reinado de seus sucessores Xerxes por dois meses e Sodgian durante sete meses; mas o reinado destes não é contado a parte, quando se contam os anos dos reis, mas inclui-se nos 40 ou 41 anos do reinado de Artaxerxes. Excluam-se esses nove meses e o domínio de Artaxerxes será de trinta e nove anos e três meses. Conseqüentemente, desde que seu reinado terminou no começo do inverno de 4289 do Período Juliano, deve ter começado entre o meio verão e o outono de 4250 P.J. Chego ao mesmo resultado por outro caminho. Cambises começou o seu reinado na primavera e 4185 P.J. e reinou oito anos, inclusive os cinco meses de Smerdis; então subiu Darius Hystaspis, na primavera de 4193 P.J., e reinou trinta e seis anos, no que são concordes todos os cronologistas. Os reinados destes dois reis são marcados por três eclipses da Lua, observados na Babilônia e registrados por Ptolomeu. Assim não pode haver dúvidas. Um (eclipse) foi no sétimo ano de Cambises, no dia 16 de Julho de 4191 P. J., às 11:00 da noite; outro foi no vigésimo ano de Dário, no dia 19 de Novembro do ano de 4212 P.J., às 11:45 da noite; e o terceiro no trigésimo primeiro ano de Dário, a 25 de Abril de 4223 P.J., às 11:30 da noite. Por tais eclipses e pela comparação das profecias de Ageu e de Zacarias, é manifesto que os seus anos começaram depois do dia 24 do undécimo mês judaico e antes de 25 de Abril: conseqüentemente ao final de Março. Xerxes, pois, começou a reinar na primavera de 4229 P. J., pois Dário morreu no quinto ano depois da batalha de Maratona, conforme Heródoto, em seu “livro 7” e Plutarco. Aquela batalha foi em Outubro de 4224 P. J., dez anos antes da batalha de Salamina. Portanto Xerxes começou a reinar menos de um ano depois de Outubro de 4228, P. J., talvez na primavera seguinte: pois gastou seus primeiros cinco anos e alguns meses preparando a expedição contra os Gregos; e esta expedição foi feita ao tempo dos Jogos Olímpicos do ano I da Olimpíada 75, sendo Calíade arconte de Atenas, 28 anos depois do Regifúgio e do Consulado do primeiro Cônsul Junius Brutus, no ano 273 da fundação de Roma, sendo então cônsules Fábio e Fúrio. A passagem do exército de Xerxes pelo Helesponto começou no fim do quarto ano da Olimpíada 74, isto é, em Junho de 4234 P. J. e levou um mês; e no outono, isto é, três meses depois, na lua cheia, no dia 16 do mês de Munychion, deu-se a batalha de Salamina, pouco depois de um eclipse do Sol que,

conforme os cálculos, ocorreu a 2 de Outubro. Assim, pois, o seu sexto ano começou um pouco antes de Junho, talvez na primavera de 4234 P.J.; conseqüentemente, seu primeiro ano teve início na primavera de 4229 P.J. Ora, de acordo com todos os escritores, ele reinou quase vinte e um anos. Somem-se a isto os sete meses do reinado de Artabano e teremos 21 anos e quatro ou cinco meses, que terminam entre o meio verão e o outono de 4250 P.J. Então, começa o período do sucessor de Artaxerxes, como queríamos demonstrar. O mesmo é confirmado por Júlio Africano que, além de outros escritores, nos diz que o vigésimo ano desse Artaxerxes era o 115 a contar do começo do reinado de Ciro na Pérsia, e caía no ano 4 da Olimpíada 83. Começou, portanto, com o Ano Olímpico, logo depois do Solstício de Verão de 4269 P.J. Subtraindo-se 19 anos, seu primeiro ano começará na mesma época do ano 4250 P.J., como já vimos.Seu sétimo ano, pois, começou depois do meio verão de 4256 P.J., e a viagem de Ezra para Jerusalém, na primavera seguinte, cai no começo do ano 4257 P.J., como ficou dito.

Capítulo 11

Da época do nascimento e da paixão de Cristo

"Se eu vi mais longe, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes."

Isaac Newton

As datas do nascimento e da paixão de Cristo,em todas as suas belezas, não foram suficientemente consideradas pelos primeiros cristãos, de vez que não representam papel fundamental para a religião. Os que primeiro começaram a celebrá-las, as colocaram nos períodos cardeais do ano, como 25 de Março, que era o Equinócio vernal, quando Júlio César corrigiu o Calendário; a festa de João Batista, a 24 de Junho, que era o Solstício de verão; a festa de São Miguel, a 29 de Setembro, que era o Equinócio de outono; e o nascimento do Cristo, no Solstício de inverno, a 25 de Dezembro, com as festas de Santo Estêvão, São João e dos Inocentes, tão próximas quanto possível desta última data. E porque, em tempo, a data do Solstício foi mudada de 25 de Dezembro, seguidamente, para 24, 23, 22 e mais para trás, nos séculos seguintes alguns chegaram a colocar o natal do Cristo a 23 de Dezembro e, por fim, a 20. Parece que por estas razões a festa de São Tomás foi fixada a 21 de Dezembro e a de São Mateus a 21 de Setembro. Assim também a entrada do Sol nos signos do Zodíaco, segundo o Calendário Juliano, foi tomada para a festa de outros santos, como, por exemplo, a Conversão de Paulo, a 25 de Janeiro, quando o Sol entrava em Aquário; a de São Matias a 25 de Fevereiro, ou a entrada em Peixes; a de São Marcos, a 25 de Abril, ou a entrada no Touro; o Corpus Cristi a 26 de Maio, quando o Sol entrava nos Gêmeos; a de São Tiago a 25 de Julho, ou seja, a entrada em Câncer; a de São Bartolomeu a 24 de Agosto, ou quando alcançava a Virgem; a de Simão e Judas, a 28 de Outubro, quando o Sol atingia o Escorpião. E se houvesse outros dias notáveis no Calendário Juliano, eles o marcavam com as festas de outros santos, como São Barnabé, a 11 de Julho, que, segundo Ovídio, devia ser a festa de Vesta e Fortuna e da deusa Matuta; a de São Felipe e Tiago, a primeiro de Maio, dia dedicado a Bona Dea ou Magna Mater e, também, à deusa Flora, ainda hoje celebrado com os seus ritos. Tudo isto mostra que essas festas foram fixadas à vontade, primeiro nos Calendários Cristãos, por matemáticos que se não apegaram à tradição, e que depois os Cristãos consideraram aquilo que estava nos Calendários. Também não existe uma tradição segura a respeito dos anos do Cristo. Pois os Cristãos que primeiro fizeram inquérito sobre tais assuntos, como Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano, Júlio Africano, Lactâncio, Jerônimo, Santo Agostinho, Sulpício, Severo,Prósper e tantos outros, colocam a morte do Cristo no décimo quinto ou décimo sexto ano de Tibério, e dizem que a pregação de Cristo foi apenas de um ou dois anos. Por fim, Eusébio descobriu quatro Páscoas sucessivas no Evangelho de João, a vista do que estabeleceu a opinião de que ele havia pregado durante três anos e meio; assim teria morrido no décimo primeiro ano de Tibério. Posteriormente outros, encontrando a opinião de que a morte se dera no Equinócio, a 25 de Março, o que estava mais de acordo com as datas da Páscoa Judaica dos anos décimo sétimo e vigésimo, colocaram a sua morte num daqueles anos. Igualmente, não há certeza nas opiniões relativas à data de seu nascimento. Os primeiros Cristãos colocaram seu batismo próximo ao começo do décimo quinto ano de Tibério; daí, contando para trás trinta anos, colocaram seu nascimento no quadragésimo terceiro ano Juliano, no quadragésimo segundo de Augusto e no vigésimo oitavo da vitória de Actium. Esta a opinião dominante nos primeiros tempos, até surgir Dionysius Exiguus, o qual colocou o batismo do Cristo no décimo sexto ano de Tibério, mal interpretando o texto de Lucas 3:23, como se Jesus só tivesse atingido os 30 anos ao ser batizado; assim inventou a Era Vulgar, na qual o nascimento de Jesus é colocado dois anos mais tarde. Assim sendo, e uma vez que não existe tradição digna de fé, ponhamos tudo de lado e examinemos o que pode ser colhido em relatos fidedignos. O décimo quinto ano de Tibério começou a 28 de Agosto de 4727 P.J. Logo que passou o inverno e a temperatura se tornou suficientemente quente, imaginamos que João teria começado a batizar; e antes do inverno seguinte sua fama se espalhou em outras terras e todo mundo acorreu ao seu batismo, inclusive Jesus. Assim, a primeira Páscoa depois de seu batismo, referida por João 2:13, foi no décimo sexto ano de Tibério. Depois dessa festa, Jesus veio para as terras da Judéia, onde se demorou batizando, enquanto João fazia o mesmo em Enon, conforme se lê em João 3:22, 23. Mas quando soube que João havia sido preso, partiu para a Galiléia (cf. Mateus 4:12), receoso porque os Fariseus tinham sabido que ele batizava mais discípulos do que João (João 4:1). E, na viagem, passou pela Samaria quatro meses antes da colheita (cf. João 4:35), isto é, mais ou menos pelo Solstício de inverno, pois aí a colheita se fazia entre a Páscoa e o Domingo de Pentecoste e começava cerca de um mês depois do Equinócio vernal. Diz ele: "Não dizeis vós que ainda há quatro meses, e depois vem a colheita? Mas eu digo-vos: Levantai os vossos olhos e vede os campos que já estão branquejando para a colheita" (João 4:36), significando que no campo o povo estava preparado para o Evangelho, como se vê de suas palavras seguintes.[OUTRO EXTENSO COMENTÁRIO DE RODAPÉ ENCONTRADO NO LIVRO: Noto que Jesus e seu precursor, João, tinham por hábito, em suas parábolas, aludir a coisas presentes. Quando os velhos Profetas queriam descrever as coisas enfáticamente, construíam suas parábolas com as coisas que se lhes apresentavam, como por exemplo, o rasgão de uma capa, cf. ISamuel cap. 15; o ano sabático, cf. Isaías 37; os vasos de um oleiro, cf. Jeremias 18, etc; mas também quando faltam os objetos adequados eles o fornecem, como por exemplo, rasgando sua própria capa, cf. 1 Reis 11; atirando flechas, cf. 2 Reis 13, despindo seus corpos, cf. Isaías 20; dando nomes expressivos a seus filhos, cf. Isaías cap. 8; escondendo um cinto nas barrancas do Eufrates, cf. Jeremias 13; quebrando uma bilha de barro, cf. Jeremias 19; fazendo prisões e cadeias, cf. Jeremias 27; prendendo um livro a uma pedra e os lançando no Eufrates, cf. Jeremias 51; situando uma cidade pintada por eles, cf. Ezequiel 4; dividindo seu cabelo em três partes, cf. Ezequiel 5; fazendo uma cadeia, cf. Ezequiel 7; carregando trastes de mudança como um cativo medroso, cf. Ezequiel 12, etc. Deste jeito é que os Profetas gostavam de se expressar. E tendo o Cristo um espírito profético mais nobre que os outros, a todos excedeu na maneira de falar, já não se referindo a suas próprias ações, pois seria menos solene e elegante, mas transformando em parábolas as coisas tais quais se apresentavam; quando a colheita material se aproximava, advertia mais uma vez os discípulos quanto à colheita espiritual, cf. João 4:35; Mat. 9:37. Vendo os lírios do campo, admoesta os discípulos acerca das roupagens

bonitas, cf. Mateus. 6:28. Aludindo a estação dos frutos, que vai passando, lembra-lhes que os homens devem ser conhecidos por suas obras, cf. Mateus 7:16. Por ocasião da Páscoa, quando as árvores estão enfolhadas, ensina aos discípulos: "Aprende uma comparação tirada da figueira: Quando os seus ramos estão tenros e as folhas têm brotado, sabeis que está próximo o verão, etc." cf. Mateus 24:32; Lucas 21:29. Na mesma ocasião, aludindo à estação do ano e à sua paixão próxima, a se verificar dois dias depois, fez a parábola da aproximação da colheita, e do assassínio do herdeiro, cf. Mateus 21:33; na mesma ocasião, aludindo aos cambistas, por ele mesmo recentemente expulsos do Templo e à sua paixão próxima, contou a parábola do nobre que foi à terras distantes, para receber um reino e que confiou os seus bens aos seus servos e, na volta, condenou o servo preguiçoso que não havia feito render o seu dinheiro, cf. Mateus 25:14; Lucas 19:12. Estando próximo do Templo, onde muitos carneiros estavam presos a fim de serem vendidos para os sacrifícios, falou por meio de parábolas de muitas coisas a respeito de carneiros, pastores e a porta do aprisco, e esclareceu que aludia aos apriscos que se alugavam no mercado, dizendo que nos mesmos um ladrão não poderia passar pela porta gradeada e corrediça, nem o pastor abri-la, mas que o porteiro a abria ao pastor, cf. João 10:1. Sendo o Monte das Oliveiras um lugar muito fértil, onde, pois, não poderiam faltar parreiras, falou de muitas coisas místicamente, como do esposo, da vinha e de seus ramos, cf. João cap. 15. Encontrando um cego, advertiu sobre a cegueira espiritual, cf. João 9:39. Diante da visão de uma criança, descreveu mais uma vez a inocência dos escolhidos, cf. Mateus 18:2 e 19:13. Ouvindo que Lázaro havia morrido e podia ser ressucitado, discorreu sobre a ressurreição e a vida eterna, cf. João 11:25,26. Ouvindo falar de um morticínio a mando de Pilatos, fez advertências sobre a morte eterna, cf. Lucas 13:1. Aos seus pescadores falou sobre pescadores de homens, cf. Mateus 4:10 e fez uma outra parábola relativa aos peixes, cf. Mateus 13:47. Achando-se no Templo, falou do templo de seu corpo, cf. João 11:19. Durante a ceia, falou por parábola sobre a ceia mística no reino dos céus, cf. Lucas cap. 14. No momento da alimentação material, chamou a atenção dos discípulos para o alimento espiritual e para a comida de sua carne e a bebida de seu sangue misticamente, cf. João 6:27, 53. Quando os seus discípulos estavam faltos de pão, advertiu-os contra o fermento dos Fariseus, cf. Mateus 16:6. Convidado a comer, respondeu que havia outros manjares, cf. João 4:31. No grande dia da Festa dos Tabernáculos, quando os Judeus, segundo a tradição, trouxeram muita água do rio Shiloah (Siloé) para o Templo, levantou-se e disse: "Se alguém tem sêde venha a mim e beba. Aquele que crê em mim, como diz a Escritura, do seu seio correrão rios de água viva", cf. João 7:37, 38. No dia seguinte, aludindo aos servos que eram libertados por motivo do ano sabático, disse que a verdade libertaria aqueles que guardassem as suas palavras. Os Judeus interpretaram isto literalmente, como se se referisse à libertação dos escravos e retorquiram: "Nós somos descendentes de Abraão, e nunca fomos escravos de ninguém; como dizes tu: Sereis livres? Cf. João 8:33. Sustentavam sua liberdade com um duplo argumento: primeiro porque eram descendentes de Abraão e, portanto, se acaso fossem novamente libertados, já teriam sido escravos; mas nunca tinham sido escravos. Na última Páscoa, quando Herodes fez passar o seu exército através da Judéia contra Aretas, rei da Arábia, porque fosse este um agressor e militarmente mais forte, como aparece dos fatos, aludindo o Cristo a esse estado de coisas, compôs a parábola do rei fraco, conduzindo seu exército contra outro mais forte que lhe fez guerra, cf. Lucas 14:31. Não duvido que outras parábolas tivessem sido construídas sobre outras ocorrências cuja história nos escapou. [fim do extenso comentário de rodapé]. Portanto, João foi preso pelas alturas de Novembro, no décimo sétimo ano de Tibério; em consequência o Cristo passou da Judéia para Caná da Galiléia em Dezembro, onde foi recebido pelos Galileus, os quais tinham visto tudo quanto ele havia feito durante a Páscoa em Jerusalém. E quando um nobre de Cafarnaum soube de sua volta para a Galiléia, procurou-o e pediu que lhe curasse o filho, ele ainda não foi para lá, mas apenas disse: "Vai, o teu filho vive. E, quando este já ia de volta para casa, vieram os seus criados ao seu encontro, e deram-lhe novas de que o filho vivia. Perguntou-lhes então a hora em que o doente se achara melhor. E eles disseram-lhe: Ontem, à hora sétima, o deixou a febre. Reconheceu então o pai ser aquela mesma a hora em que Jesus lhe dissera: "Teu filho vive"; e creu nele, e toda a sua casa, cf. João 4:50 a 53. Este foi o começo de seus milagres na Galiléia. E assim o Evangelho de João é completo e claro relativamente às ações nesse primeiro ano, ações estas omitidas pelos outros evangelistas. O resto de sua história, dali em diante, é descrita mais completamente pelos outros evangelistas do que por João, pois o que aqueles relatam, este omite. Daí por diante, Jesus ensinou aos sábados nas Sinagogas da Galiléia, sendo aplaudido por todos. E vindo à sua própria cidade, Nazaré, aí pregou: "E todos os que estavam na sinagoga, ouvindo isto, encheram-se de ira. E levantaram-se e lançaram-no fora da cidade e conduziram-no até ao cume do monte sobre o qual estava fundada sua cidade, para o precipitarem. Mas ele, passando pelo meio deles, retirou-se. E foi a Cafarnaum, cidade da Galiléia, e ali ensinava aos sábados" (Lucas 4: 28 a 31). Podemos admitir que nesta ocasião ou a Páscoa havia passado ou se aproximava ainda. Mateus passa sobre esse período em poucas palavras e só então começa a relatar a pregação e os milagres do Cristo. Diz ele:"E, tendo Jesus ouvido que João fora preso, retirou-se para a Galiléia. E, deixada a cidade de Nazaré, foi habitar em Cafarnaum, cidade marítima nos confins de Zabulon e Neftali". "Desde então, começou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos porque está próximo o reino dos céus" (Mateus 4:12, 13, 17). Depois disso, chamou os discípulos Pedro, André, Tiago e João (Mateus 4:18, 21), e "percorria toda a Galiléia, ensinando nas suas Sinagogas, e pregando o Evangelho do reino de Deus, e curando todas as doenças e todas as enfermidades entre o povo. E espalhou-se a sua fama por toda a Síria, e trouxeram-lhe todos os que tinham algum sinal, possuídos de vários achaques e dores, e os possessos, e os lunáticos, e os paralíticos; e curava-os. E seguiram-no multidões da Galiléia, e da Decápole, e de Jerusalém, e da Judéia e do país de além do Jordão. (Mateus 4:23 a 25). Tudo isto foi feito antes do Sermão da Montanha; portanto,

podemos dizer que certamente a segunda Páscoa decorreu antes daquele sermão. As multidões que o seguiam de Jerusalém e da Judéia mostraram que aí estivera anteriormente durante a Festa. O Sermão da Montanha foi feito quando a ele vieram multidões de toda parte, seguindo-o pelos campos abertos, o que vem a ser um argumento em favor da estação de verão. Nesse sermão, apontou os lírios dos campos então em flor, ante os olhares do auditório. Diz ele: "E porque vos inquietais com o vestido? Considerai como crescem os lírios do campo; eles não trabalham nem fiam. E digo-vos todavia que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu jamais como um deles. Se pois Deus veste assim uma erva do campo, que hoje existe e que amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé!" (Mateus 6:28 a 31) Assim, pois, as ervas do campo estavam em flor e, conseqüentemente, com a Páscoa havia passado o mês de Março.Vejamos então como decorre o resto da Festa, na ordem em que se acha no Evangelho de Mateus, porque este foi testemunha ocular e dirá as coisas em ordem cronológica, o que não fazem nem Marcos nem Lucas. Algum tempo depois do Sermão da Montanha, quando chegou o momento em que devia ser recebido, isto é, quando se aproximava a data de uma Festa em que os Judeus o deviam receber, preparou-se Ele para ir a Jerusalém; e, quando em caminho com os discípulos, tendo um Samaritano lhe negado hospedagem ao atravessar a Samaria, disse-lhe um certo Escriba: "Mestre, eu seguir-te-ei, para onde quer que fores. E Jesus disse-lhe: As rapôsas têm as suas covas, e as aves do céu os seus ninhos; porém o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mateus 8: 19, 20; Lucas 9: 57, 58) O Escriba disse ao Cristo que lhe faria companhia na jornada; e este lhe respondeu que queria alojamento. Penso então que se tratava da Festa dos Tabernáculos, porque logo após encontramos o Cristo e os seus Apóstolos no mar de Tibiríades em tão grande tempestade que o barco era lavado pelas águas e ameaçava sossobrar, até que o Cristo "imperou aos ventos e ao mar" (Mateus 8: 23 a 26). Ora, essa tempestade mostra que havia já chegado para eles o inverno. Depois disso "Jesus ia percorrendo todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas deles, e pregando o Evangelho do reino, e curando toda a doença e toda a enfermidade" (Mateus 9:35). "E, convocados os seus doze discípulos, deu-lhe Jesus poder sobre os espíritos imundos, para os expelirem, e curarem todas as doenças e todas as enfermidades" (Mateus 10:1). Finalmente, quando recebeu uma mensagem a respeito de João, o Batista, e lhe respondeu, disse às multidões: "Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus adquire-se à força, e os violentos arrebatam-no" (Mateus 11:12); e censurou as cidades de Corazin, de Betsaida e de Cafarnaum, onde a maioria de suas obras haviam sido feitas, porque as mesmas não se haviam arrependido (Mateus 11:20, 21). Como se pode ver em muitas passagens, muito tempo era decorrido desde a prisão de João: o inverno havia passado, a nova Páscoa aproximava-se; pois logo a seguir, no capítulo 12, diz Mateus: "Naquele tempo, num dia de sábado, passava Jesus por umas searas, e seus discípulos, tendo fome, começaram a colher espigas e a comê-las" (Mateus 12:1) e, na expressão de Lucas, "machucando-as nas mãos". Portanto não só o trigo estava largando as espigas, mas já estavam maduras; consequentemente a Páscoa, na qual os primeiros frutos eram sempre oferecidos antes da colheita, havia chegado ou já passara. Lucas chama esse sábado , isto é, o segundo "primeiro-sábado", ou a segunda das duas grandes festas da Páscoa. Nós chamamos Páscoa, e sua oitava, Pasquela (Nota do Tradutor: Em inglês, "Passover", como expressão genérica, ou Easter, que dá os compostos High-easter e Low-easter, correspondente a Páscoa e Pasquela.); assim Lucas chama aFesta do Sétimo Dia Dos Pães Ázimos de "o segundo dos dois 'primeiros-sábados' ".Num dos sábados seguintes foi ele à Sinagoga e curou um homem que tinha uma das mãos sêca (Mateus 12: 9 a 13; Lucas 6:6). "Mas os Fariseus, saindo dali, tiveram conselho contra ele sobre o modo de o levarem à morte. E Jesus, sabendo-o, retirou-se daquele lugar, e seguiram-no muitos, e curou-os a todos. E ordenou-lhes que não o descobrissem" (Mateus 12:14 a 16). Depois disso, estando num barco, enquanto a multidão estava na praia, contou-lhes três parábolas do semeador (Mateus 13), por onde ficamos sabendo que estavam na época da semeadura e, conseqüentemente, havia passado a Festa dos Tabernáculos. Posteriormente, "indo para a sua pátria, ensinava nas suas Sinagogas" (Mateus 13:54); mas "não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles" (Mateus 13:58). Então, tendo estado ausentes durante um ano, os doze voltaram e disseram a Jesus tudo quanto haviam feito. Foi nessa ocasião que Herodes mandou degolar João em sua prisão, e os discípulos deste vieram comunicar o fato a Jesus, o qual, ao ter a notícia, reuniu os doze e partiu secretamente, num barco, para uma região despovoada, pertencente a Betsaida. Quando o povo o descobriu, seguiu a pé das cidades vizinhas. Então o inverno havia passado. Curou os doentes e no deserto alimentou cinco mil homens com suas mulheres e filhos, com apenas cinco pães e dois peixes (Mateus 14 e Lucas 9). E quando isto se deu estava próxima a Páscoa dos Judeus (João 6:4). Mas Jesus não foi à essa Festa.Depois disto, andava pela Galiléia, porque na Páscoa anterior os Judeus tinham tomado conselho para o destruir e até o queriam matar (João 7:1). Portanto, desde então é visto primeiro na costa de Tiro e de Sidon, depois no mar da Galiléia, a seguir na costa da Cesaréia de Felipe e finalmente em Cafarnaum. (Mateus 15:21, 29; 16:13; 17:34). Mais tarde, quando se aproximava a Festa dos Tabernáculos, seus irmãos o censuraram por andar escondido e insistiram para que fosse à essa Festa. Entretanto, depois que os mesmos partiram, também ele foi embora secretamente (João 7:2); e quando os Judeus tentaram lapidálo, escapou-se deles (João 8:59). Depois disso foi à Festa da Dedicação, no inverno (João 10:22) e, quando novamente tentaram agarrá-lo, escapou para além do Jordão (João 10:39, 40. Mateus 19:1), onde se demorou até a morte de Lázaro, quando veio então para a Betânia, perto de Jerusalém, e o ressuscitou (João 11:7, 18). "Desde aquele dia, pois, pensaram sobre o meio de lhe dar a morte. Jesus, pois, já não andava em público entre os Judeus, mas retirou-se para uma terra vizinha do deserto, para uma cidade chamada Efrém, e lá estava com os seus discípulos" (João 11:53,54), até a última Páscoa, quando os Judeus finalmente o levaram à morte. Temos assim, comparando os Evangelhos de Mateus e de João,

a história da ação de Jesus de modo contínuo, durante cinco Páscoas. João é mais preciso no começo e no fim; Mateus é mais preciso no meio. Aquilo que um omite, o outro registra. A primeira Páscoa decorreu entre o batismo do Cristo e a prisão de João (João 11:13); a segunda cerca de quatro meses após a prisão de João e o começo da pregação do Cristo na Galiléia (João 4:35); e portanto esta foi a festa a que Jesus também compareceu e aquela na qual o Escriba desejava segui-lo (Mateus 8:19; Lucas 9:51, 57), ou isto se deu na festa anterior; a terceira foi aquela em que o trigo estava largando as espigas e estas já estavam maduras (Mateus 12:1; Lucas 6:1); a quarta estava próxima quando o Cristo operou a multiplicação dos pães (Mateus 14:15; João 6: 4,5) e finalmente a quinta foi aquela em que o Cristo sofreu (Mateus 20:17; João 12:1). Entre a primeira Páscoa e a segunda, João e o Cristo batizaram juntos, até a prisão do primeiro, o que se deu quatro meses antes da segunda. Então, o Cristo começou a pregar e a escolher seus discípulos. Depois de os haver instruído durante um ano, mandou-os pregar nas cidades dos Judeus; ao mesmo tempo, tendo João ouvido dizer o mesmo do Cristo, mandou-lhe perguntar quem Ele era. Na terceira, o sumo-sacerdote começou os conciliábulos para a sua morte. Um pouco antes da quarta, os doze voltaram à sua presença, depois de haverem pregado durante um ano em todas as cidades; ao mesmo tempo, Herodes mandou degolar João na prisão, onde se achava encarcerado havia dois anos e três meses. Em conseqüência disto, temendo Herodes, o Cristo foi para o deserto. Na quarta, não foi a Jerusalém, receoso dos Judeus que, na Páscoa anterior, haviam planejado a sua morte e porque seu tempo ainda não era chegado. Em conseqüência disto, daí por diante, até a Festa dos Tabernáculos, andou secretamente pela Galiléia, com receio de Herodes; depois da Festa dos Tabernáculos, não mais voltou à Galiléia; foi entretanto, algumas vezes à Jerusalém, outras retirou-se para além do Jordão ou para a cidade de Efrém, pelo deserto, até à Páscoa, na qual foi acusado, preso e crucificado. Assim, João batizou em dois verões e o Cristo pregou em três. No primeiro verão, João pregou para se tornar conhecido e para dar testemunho do Cristo. Então, depois que veio para ser batizado, e se lhe deu a conhecer, batizou outro verão, para tornar o Cristo conhecido por seu testemunho direto; e o Cristo também batizou nesse mesmo verão, para tornar-se mais conhecido. Devido ao testemunho de João, vinha mais gente ao batismo do Cristo que ao daquele. No inverno seguinte João foi preso; então, desde que sua tarefa chegara ao fim, o Cristo iniciou a sua de pregar nas cidades. No começo da pregação completou o número de doze apóstolos, instruiu a todos no primeiro ano, a fim de os mandar à outras terras. Antes do fim desse ano sua fama de pregador e seus milagres se haviam de tal modo espalhado por toda parte que na Páscoa seguinte os Judeus tomaram conselho de o matar. No segundo ano de sua pregação, não se sentindo seguro para falar abertamente na Judéia, mandou os doze pregar em todas as suas cidades; e no fim do ano os apóstolos voltaram e lhe contaram o que haviam feito. Os doze continuaram com ele durante todo o último ano, recebendo instrução mais aperfeiçoada, a fim de poderem pregar em todas as nações, depois de sua morte. Com a notícia da morte de João, e temendo Herodes por um lado e os Judeus pelo outro, passou esse ano mais retraído do que antes: pelos lugares despovoados, atravessou seis meses pela Judéia, fora do domínio de Herodes. Temos assim, nos Evangelhos de Mateus e de João, todas as coisas contadas na devida ordem, desde o começo da pregação de João até a morte de Cristo e os anos de tal modo distintos uns dos outros, por suas características essenciais, que não pode haver engano. A segunda Páscoa se distingue da primeira pela interposição da prisão de João; a terceira distingue-se da segunda por uma dupla característica: primeiro, pela interposição da Festa a que o Cristo compareceu (Mateus 8:19; Lucas 9:57); em segundo lugar pela distância que vai entre o início das prédicas, pois a segunda foi no começo de sua pregação e a terceira tanto tempo depois que, antes o Cristo pôde dizer: "Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus adquire-se à força", e censurar as cidades da Galiléia, porque não se arrependiam ante suas prédicas e porque nelas haviam sido feitas as suas maiores obras. A quarta distingue-se da terceira pela missão dos doze de pregar nas cidades da Judéia durante todo esse tempo. A quinta se distingue de todas as anteriores pela volta dos doze de sua excursão e por continuarem junto ao Cristo em todo o intervalo entre ela e a anterior, assim como pela paixão e outros característicos. Entretanto, desde que o primeiro verão em que João batizou caiu no décimo quinto ano do Imperador Tibério e, em conseqüência a primeira dessas cinco Páscoas, no décimo sexto ano, a última delas, na qual Jesus sofreu, cairá no vigésimo ano do mesmo Imperador, portanto no consulado de Fábio e Vitélio, no ano 79 P.J. ou 34 de Cristo,o qual foi um ano sabático dos Judeus. E que assim o foi, confirmo pelos seguintes argumentos: Tomo como certo que a paixão foi na sexta-feira, dia 14 do mês de Nisan; a grande Festa da Páscoa no sábado, dia 15 daquele mês e a ressurreição no dia seguinte. Mas o dia 14 de Nisan caía sempre na lua cheia seguinte ao Equinócio vernal; e o mês começava na lua nova anterior,não na verdadeira conjunção, mas na primeira aparição da lua nova, pois os Judeus referiam-se sempre à lua “silenciosa”, que cultivavam, isto é, do desaparecimento da lua à velha lua; e porque a primeira aparição deveria dar-se cerca de 18 horas depois da verdadeira conjunção, contavam o seu mês a partir de sexta hora, à tarde, isto é, do pôr do sol logo depois da décima oitava hora desde a conjunção. A essa regra chamam Regra Jah, designado por duas letras hebraicas correspondendo ao número 18. Bem sei que, segundo Epifânio, e desde que suas palavras sejam interpretadas corretamente, os Judeus usavam um ciclo defeituoso, no qual a lua nova legal tinha um avanço de dois dias. Mas isso ele não disse com segurança, pois nem entendia de Astronomia nem dos conhecimentos rabínicos: apenas sustentava uma hipótese errada relativamente à paixão. Na verdade, os Judeus não antecipavam, mas adiavam os seus meses: achavam legal começar os meses um dia após a primeira aparição da lua nova, porque esta durava mais de um dia; mas nunca um dia antes, a menos que celebrassem a lua nova antes de sua existência. E os Judeus ainda conservam esta tradição em seus livros, segundo a qual o Sinédrio se esforçava por definir a lua nova a olho: mandando observadores nos lugares

montanhosos e inquirindo-os acerca da aparição da lua e transferindo a lua nova do dia em que tinham concordado para a véspera, sempre que os observadores viessem de regiões distantes, e tivessem feito a observação um dia antes que fizesse sol em Jerusalém. De acordo com isto, Josephus (cf. "Joseph. Antig. lib. 3 c. 10"), sacerdote que tinha o seu ministério no Templo, diz que a Páscoa ocorreu a 14 de Nisan, de acordo com a Lua, quando o Sol estava no Carneiro. Isto é confirmado por dois fatos, pelo mesmo referidos, o que anula completamente a hipótese de que os Judeus usassem um ciclo defeituoso. Pois no ano em que Jerusalém foi tomada e destruída, diz ele, a Páscoa foi no dia 14 do mês de Xanticus que, conforme Josephus, é o nosso Abril e que cinco anos antes caiu no dia 8 do mesmo mês. Estes dois fatos concordam com o curso da Lua.Portanto, calculando a lua nova do primeiro mês, de acordo com o seu curso e a Regra Jah, e daí contando 14 dias, verifica-se que o décimo quarto dia desse mês, no ano 31 de Cristo, caiu numa terça-feira, 27 de Março; no ano 32, ocorreu num domingo, 13 de Abril; no ano 33, aconteceu numa sexta-feira, 3 de Abril; no ano 34, foi numa quarta-feira, 24 de Março ou quiçá, para evitar o Equinócio, que caía na mesma data e para ter um tempo mais conveniente para a colheita, numa quinta feira, 22 de Abril; no ano 35, também numa terça-feira, 12 de Abril; e finalmente em 36, num sábado, 31 de Março.Mas porque o décimo quinto e o vigésimo primeiro dia de Nisan, um ou dois de Pentecostes e o décimo, o décimo quinto e o vigésimo segundo dia de Tisri eram sempre sabáticos ou dias de repouso, e havia o inconveniente de que em dois dias seguidos fosse proibido enterrar os mortos e preparar carne fresca, porque naquela região quente as carnes se alterariam em dois dias; para evitar estes e outros inconvenientes os Judeus adiavam a Lua de um dia, sempre que o primeiro dia do mês de Tisri ou, o que dá no mesmo, sempre que o terceiro do mês de Nisan fosse domingo, quarta ou sexta-feira. A esta regra chamavam Regra Adu, palavra de três letras hebraicas equivalentes aos números 1, 4, 6, isto é, ao primeiro, o quarto e o sexto dia da semana, e que chamamos domingo, quarta e sexta-feira. Assim, pois, adiando de acordo com a Regra Adu, o décimo quarto dia do mês de Nisan, no ano 31 de Cristo cairá numa quarta-feira, 28 de Março; no ano 32, cai numa segunda-feira, 14 de Abril; no ano 33, numa sexta-feira, 3 de Abril; no ano 24 numa sexta-feira, 23 de Abril; no ano 35, numa quarta-feira, 13 de Abril e no ano 36 num sábado, 31 de Março. Por este cálculo, portanto, o ano 32 fica excluído, uma vez que a Paixão não podia cair numa sexta-feira, a menos que fosse estabelecida cinco dias após, ou dois dias antes da lua cheia; ao passo que deveria cair na lua cheia ou no dia seguinte. Pelas mesmas razões ficam excluídos os anos 31 e 35, porque então a Paixão não cairia numa sexta-feira, a menos que esse dia viesse três dias depois ou quatro dias antes da lua cheia. Erros tão grandes seriam muito notáveis no céu por qualquer olho vulgar. O ano 36 é aceito por muito poucos ou por quase ninguém; assim, tanto este ano como o ano 35 devem ser postos fora de discussão. No começo de seu reinado, Tibério nomeou Valerius Gratus como governador da Judéia; depois de 11 anos, o substituiu por Pôncio Pilatos, o qual governou por 10 anos. Então, Vitélio, nomeado recentemente governador da Síria, despojou-o de sua honra, substituindo-o por Marcelo e, por fim, mandando-o para Roma; mas, devido aos atrasos, Pilatos só chegou aí depois da morte de Tibério. Nesse meio tempo, depois de haver deposto Pilatos, Vitélio veio à Jerusalém durante a Páscoa, em visita àquela e outras províncias, no início de seu mandato; e no lugar de Caifás, então sumo-sacerdote, colocou Jônatas, filho de Ananus, chamado nas Escrituras pelo nome de Anás. Depois disso, Vitélio voltou a Antióquia, recebeu cartas de Tibério, indicando-lhe que fizesse a paz com Artabano, rei dos Partas. Ao mesmo tempo, e também a pedido de Tibério, os Alanos invadiram o reino de Artabano; e seus súditos, orientados por Vitélio, pouco depois se rebelaram; Tibério pensava que, premido pelas dificuldades, Artabano mais facilmente aceitasse as condições de paz. Organizando então um grande exército, Artabano dominou os rebeldes e, encontrando-se com Vitélio no Eufrates, fez uma liga com os Romanos. Depois disso, Tibério mandou que Vitélio guerreasse contra Aretas, Rei da Arábia. Assim, pois, conduzindo seu exército contra Aretas, foi Junto com Herodes à Jerusalém e ofereceu sacrifícios públicos nas festas que então eram celebradas. Tendo sido aí recebido com muitas honras, demorou-se em Jerusalém por três dias; nessa ocasião, transferiu o sumo-sacerdócio de Jônatas para seu irmão Teófilo; ao quarto dia, tendo recebido comunicação da morte de Tibério, fez o povo jurar fidelidade a Caio, o novo imperador, e levou a tropa a recolher-se aos seus quartéis. Tudo isto é relatado por Josephus em "Antiguidades, Lib. 18, c. 6, 7". Mas Tibério reinou 22 anos e 7 meses e morreu a 16 de Março, no começo do ano 37 de Cristo. Assim, a notícia de sua morte levou 36 ou 38 dias para vir de Roma à Vitélio, em Jerusalém. Sendo um prazo razoável para a chegada daquela mensagem, confirma-se que a Festa a que Vitélio e Herodes compareceram era a Páscoa; pois se tivesse sido a Pentecoste, como geralmente se pensa, Vitélio teria ignorado a morte do Imperador durante três meses, o que não é admissível. Entretanto, as coisas que aconteceram entre esta festa e a Páscoa a que Vitélio esteve presente, a saber, a irrupção de uma sedição na Pártia, a dominação desse movimento, a realização posterior de uma liga com os Partas, a expedição de notícias dessa liga à Roma, o recebimento de novas instruções, em conseqüência disso, para guerrear osÁrabes e a execução de tais ordens, requeriam certamente muito mais tempo do que os cinqüenta dias entre a Páscoa e a Pentecoste do mesmo ano. Conseqüentemente, a primeira Páscoa a que Vitélio compareceu foi a do ano anterior e, portanto, Pilatos foi deposto antes da Páscoa do ano 36, e, em conseqüência disso, a paixão de Cristo ocorreu antes dessa Páscoa: porque ele (Cristo) não sofreu durante a gestão de Vitélio, nem de Vitélio e Pilatos, mas na de Pilatos somente. Ainda se pode observar que o sumo-sacerdócio se tinha tornado então uma função anual e que era durante a Páscoa que se fazia a nomeação. Pois Valerius Gratus, antecessor de Pilatos, conforme dito por Josephus, fez Ismael o sumo-sacerdote depois de Ananus; e pouco depois, possivelmente um ano após, o substituiu por Eleazar, depois no ano seguinte por Simão, e depois no ano seguinte Caifás; então demitiu Pilatos. Assim, em uma Páscoa, Vitélio vez Jônatas sucessor de

Caifás e na seguinte fez de Teófilo o sucessor de Jônatas. Por isso é que nos diz Lucas que no décimo quinto ano de Tibério, Anás e Caifás eram sumo-sacerdotes, isto é, Anás até a Páscoa e Caifás depois da Páscoa. Concordando com isto, João nos fala do exercício anual do sumo-sacerdócio, pois nos diz repetidamente que no último ano da pregação de Cristo, Caifás era o sumo-sacerdote (João 11:49; 18:13); já no ano seguinte, isto é, depois da Páscoa, diz Lucas que o era Anás (Atos 4:6). Assim, pois, Teófilo foi sumo-sacerdote no primeiro ano de Caio, Jonas o foi no vigésimo segundo ano de Tibério e Caifás o foi no vigésimo primeiro ano deste.

Portanto, reconhecendo os períodos como um ano, a Paixão, ao tempo em que Anás substituiu Caifás, não poderia ter sido depois do vigésimo ano de Tibério, isto é, não depois do ano 34.Assim, restam a considerar apenas os anos 33 e 34, o primeiro dos quais se pode excluir mediante o seguinte argumento: Na Páscoa dois anos antes, quando o Cristo passou pelas searas e seus discípulos apanharam espigas e as machucaram nas mãos e as comeram, a já maturidade dos grãos demonstra que aquela Festa havia sido tardia; isto se deu na Páscoa do ano 32, que conforme já vimos, caiu a 14 de Abril, enquanto que a do ano anterior, 31, caiu mais cedo, a 28 de Março. Portanto, não foi dois anos depois de 31, mas sim dois anos depois de 32, que se deu a Paixão de Cristo. Assim, todas as caracterísitcas da Paixão coincidem com as do ano 34: e é este o único ano com o qual coincidem.

Capítulo 12

Da profecia da escritura da verdade

"Deve-se aprender sempre, até mesmo com um inimigo."

Isaac Newton

Os reinos representados pela segunda e terceira Bestas, isto é, o Urso e o Leopoardo, são novamente descritos por Daniel em sua última Profecia, escrita no terceiro ano do reinado de Ciro sobre a Babilônia, ano em que conquistou a Pérsia. Mas esta Profecia é um comentário sobre a visão do Carneiro e do Bode. Diz ele: "E agora te anunciarei a verdade. Eis que haverá ainda três reis naPérsia (Ciro, Cambises e Dário Histaspes), e o quarto, que se elevará por suas riquezas acima de todos; e depois que se tiver tornado poderoso com suas riquezas, excitará todos os povos contra o reino da Grécia. Levantar-se-á, porém um rei forte (Alexandre Magno), que dominará com grande poder, fazendo o que lhe aprouver. E quando chegar ao auge da glória, o seu reino será destruído e dividido pelos quatro ventos do céu; mas isto não será entre os seus descendentes (mas depois de sua morte), nem com o mesmo poder com que ele dominou; porque o seu reino será dilacerado, e passará a estranhos, com exceção daqueles (quatro ditos reinos) (cf. Daniel 11:2, 3,4). Tendo conquistado todo o Império Persa, etambém parte da Índia, Alexandre Magno morreu na Babilônia, um mês antes do Solstício de Verão, no ano 425 de Nabonassar; seus capitães deram seu reino à seu irmão bastardo Felipe Arideus,criatura desequilibrada; e nomearam Pérdicas o administrador do reino. Com o assentimento daqueles, Pérdicas nomeou Meleagro chefe do exército, Seleuco como estribeiro mor, Craterus o tesoureiro do reino, Antipater governador da Macedônia e da Grécia, Ptolomeu governador do Egito, Antígono governador da Panfília, Lícia, Licânia e Frígia Maior; Lisímaco governador da Trácia e outros capitães governadores de outras províncias, tantas quantas eram nos dias de Alexandre Magno. Então os Babilônios começaram a contar uma nova Era, a que chamaram Era de Felipe, partindo do ano 425 de Nabonassar, o qual veio a ser o primeiro do reinado de Felipe. Roxana, esposa de Alexandre Magno, havia ficado grávida e três ou quatro meses depois deu à luz um menino, que foi chamado Alexandre, saudado como rei, e ligado a Felipe, a quem haviam anteriormente posto no trono. Felipe reinou três anos sob a administração de Pérdicas, mais dois sob a de Antipater, e um ainda sob a de Poliperco: ao todo, reinou seis anos e quatro meses, quando foi assassinado, com sua rainha Eurídice, em Setembro, por ordem de Olímpia, a mãe de Alexandre Magno. Descontentes com as crueldades de Olímpia, os Gregos se revoltaram com Cassandro, filho e sucessor de Antipater. Fingindo dominar os Gregos revoltosos, Cassandro assassinou Olímpia e, pouco depois, isolou o jovem rei e sua mãe Roxana no Castelo de Anfípolis, sob a guarda de Gláucias, no ano 432 de Nabonassar. No anos seguinte, Ptolomeu, Cassandro e Lisímaco, por intermédio de Seleuco, formaram uma liga contra Antígono e, depois de algumas lutas, foi feita a paz, no ano 438 de Nabonassar, sob as seguintes condições: Cassandro deveria comandar as forças da Europa até a maioridade de Alexandre, filho de Roxana; Lisímaco deveria governar a Trácia; Ptolomeu deveria governar o Egito e a Líbia; e Antígono deveria governar toda a Ásia. Seleuco reservara-se a Mesopotâmia, a Babilônia, a Susiana e a Média, já desde o ano anterior. Cerca de três anos depois da morte de Alexandre, tinha ele sido nomeado governador da Babilônia por Antipater; então foi expulso por Antígono; mas agora recobrava e alargava seu governo sobre uma grande parte do Oriente, o que deu lugar a uma nova Era, chamada o período dos “seleucidas”. Não muito depois (cf. Diodoro), no mesmo ano olímpico, feita a paz com Antígono, vendo que Alexandre, o filho de Roxana, estava crescendo, e que, conforme era voz corrente em toda a Macedônia, estava apto para conquistar a liberdade e assumir o governo do reino de seu pai, Cassandro ordenou que Gláucias, então governador do Castelo, matasse Roxana e também o jovem rei seu filho, e que ocultasse a sua morte. Então Poliperco pôs como rei a Hércules, filho de Alexandre Magno com a Barsine; mas, em breve, a pedido também de Cassandro, mandou assassiná-lo. Algum tempo depois, a vista de uma grande vitória de Demétrio, filho de Antígono, numa batalha naval contra Ptolomeu, Antígono tomou para si o título de rei e deu o mesmo título ao filho. Isto ocorreu no ano de 441 de Nabonassar. Com tal exemplo, Seleuco, Lisímaco e Ptolomeu também tomaram o título e a dignidade real, tendo-se abstido de o fazer enquanto ainda vivesse alguém da raça de Alexandre Magno com direito à herança da coroa. Assim, por falta de herdeiros, a monarquia dos Gregos partiu-se em vários reinos, quatro dos quais, “situados nos quatro ventos do céu", foram muito importantes. Ptolomeu reinou sobre o Egito, a Líbia e a Etiópia; Antígono sobre a Síria e a Ásia Menor; Lisímaco sobre a Trácia; e Cassandro sobre a Macedônia, a Grécia e o Épiro, como já foi dito. A esse tempo, Seleuco reinava sobre as nações de além Eufrates que pertenciam aos corpos das duas primeiras Bestas; mas, depois de seis anos, submeteu Antígono, ficando assim de posse de um dos quatro reinos proféticos. Mas Cassandro, temeroso do poder de Antígono, fez uma liga com Lisímaco, Ptolomeu e Seleuco contra Antígono; e, enquanto Lisímaco invadia as partes da Ásia nas alturas de Helesponto, Ptolomeu submetia a Fenícia e a Celesíria com as costasmarítimas da Ásia. Seleuco veio com um poderoso exército até a Capadócia, onde se reuniu às forças confederadas, venceu e matou Antígono na Frígia e apoderou-se de seu reino no ano 447 de Nabonassar. Depois disso, Seleuco construiu Antióquia, Laodicéia, Apaméia, Beréia, Edessa e outras cidades na Síriae na Ásia, nas quais estabeleceu os Judeus com privilégios iguais aos dos Gregos. Demétrio, filho de Antígono, conservou apenas uma pequena parte dos domínios paternos; por fim, perdeu Chipre para Ptolomeu. Mas depois do assassinato de Alexandre, filho e sucessor de Cassandro, rei da Macedônia, apoderou-se desse reino no ano de 454 de Nabonassar. Algum tempo depois, quando preparava um grande exércitopara reconquistar os domínios de seu pai na Ásia, Seleuco, Ptolomeu, Lisímaco e Pirro, rei do Épiro, ligaram-se contra ele. Invadindo a Macedônia, corromperam o exército de Demétrio, puseram-no em fuga, apoderaram-se do reino e o dividiram com Lisímaco. Sete meses após, Lisímaco venceu a Pirro, tomou-lhe a Macedônia, que susteve durante cinco anos e meio, unindo-a ao reino da Trácia. Em suas guerras contra Antígono e Demétrio, Lisímaco lhes havia tomado a Cária, a Lídia e a Frígia; tinha um tesouro em Pérgamo, um castelo no tôpo de uma colina cônica na Frígia, perto do rio Caicus, cuja guarda havia confiado a um tal Filatero, que a princípio lhe foi fiel, mas por fim se revoltou

contra ele, no último ano de seu reinado. Pois Lisímaco, instigado por sua esposa Arsinoé, começou assassinando seu próprio filho Agatocles e depois diversos dos que o choravam. A viúva de Agatocles fugiu com os filhos e alguns amigos, e pediu a Seleuco que guerreasse contra Lisímaco. Diante disso, Filatero, que era acusado pela própria Arsinoé de ter sido o assassino de Agatocles, pôs-se em armas ao lado de Seleuco. Nessa ocasião Seleuco batalhou contra Lisímaco na Frígia; este morreu na batalha e Seleuco tomou o seu reino no ano 465 de Nabonassar.Assim, o Império dos Gregos, que inicialmente se havia dividido em quatro, reduziu-se novamente em dois reinos notáveis, os quais são chamados por Daniel, de os reinos do Sul e do Norte. Então Ptolomeu reinava sobre o Egito, a Líbia, a Etiópia, a Arábia, a Fenícia, a Celesíria e Chipre; e Seleuco, tendo unido três dos quatro reinos, tinha um domínio pouco inferior ao do Império Persa, antes conquistado por Alexandre Magno. Tudo isso é assim representado por Daniel (cf. Daniel 11:5): "E o Rei do Sul (Ptolomeu) se fortificará, mas um dos príncipes daquele primeiro rei (Seleuco, um dos príncipes de Alexandre Magno) será mais poderoso do que ele (Ptolomeu), e dominará sobre muitos países, porque o seu domínio será grande". Depois de haver Seleuco reinado sete meses sobre a Macedônia, a Grécia, a Trácia, a Ásia, a Babilônia, a Média e todo o Oriente até a Índia; Ptolomeu Ceraunus, irmão mais moço de Ptolomeu Filadelfo, rei do Egito, matou-o a traição e apoderou-se de seus domínios na Europa. Enquanto isto, Antíoco Soter, filho de Seleuco, sucedia a seu pai na Ásia, Síria e a maior parte do Oriente. Depois de dezenove ou vinte anos de reinado, foi sucedido por seu filho, Antíoco Teus, o qual, tendo tido uma guerra interminável com Ptolomeu Filadelfo, acabou acomodando as coisas por meio de um casamento com Berenice, filha de Filadelfo. Mas depois de um reinado de quinze anos, sua primeira esposa Laodice o aprisionou e pôs no trono seu filho Seleuco Calínico. No princípio de seu reinado, levado pela mãe, Calínico cercou Berenice em Dafne, perto de Antióquia, matou-a com seu filho e muitas de suas damas. Em conseqüência disto, Ptolomeu Euergetes, filho e sucessor de Filadelfo, declarou guerra a Calínico, tomou-lhe a Fenícia, a Síria, a Cilícia, a Mesopotâmia, a Babilônia, a Susiana e outras regiões; carregou para o Egito 400.000 talentos de prata e 2.500 imagens de deuses, entre as quais as de deuses do Egito, trazidas por Cambises. No começo, Antíoco Hierax ajudou a seu irmão Calínico, mas depois contendeu com elepela posse da Ásia. Nesse meio tempo, Eumenes, governador de Pérgamo, bateu Antíoco e tomou a parte da Ásia que fica ao Oeste do Monte Taurus, o que se deu no quinto ano de Calínico, o qual, depois de um reinado inglório de 20 anos, foi sucedido por seu filho Seleuco Ceraunus; quatro anos depois, em 527 de Nabonassar, Eurgetes foi sucedido por seu filho Ptolomeu Filopater. Tudo isso assim está expresso por Daniel, cf. Daniel 11:6, 7,8: "E alguns anos depois, eles (os reis do Sul e do Norte) se aliarão um com o outro, e a filha do Rei do Sul (Berenice) passará a ser (esposa) do Rei do Norte, para travarem ambos amizade, mas esta princesa não se estabelecerá por um braço forte, nem a sua descendência subsistirá; e será entregue (à morte) ela mesma e os jovens que a conduziram, e que a tinham sustentado durante algum tempo (ou a defendido, no cerco de Dafne). Mas do seu mesmo tronco sairá um rebento (seu irmão Euergetes), que irá com um exército, e tornar-se-á senhor deles. E, além disso, levará cativos para o Egito os seus deuses, e as suas estátuas, e os vasos preciosos de prata e ouro, e prevalecerá contra o Rei do Norte". Tendo herdado o remanescente do reino de seu pai, e pensando recuperar o que fora perdido, Seleuco Ceraunus lançou um grande exército contra o governador de Pérgamo, então feito rei; mas faleceu no terceiro ano de seu reinado. Continuando a guerra, seu irmão e sucessor, Antíoco Magno, tomou do rei de Pérgamo quase toda a Ásia Menor, e recuperou as Províncias de Média, Pérsia e Babilônia dos governadores revoltados; e, no quinto ano de seu reinado, invadiu a Celesíria e, depois de fraca resistência, apoderou-se da maior parte dela. Voltando no ano seguinte a invadir o restante, e também a Fenícia, este bateu o exército de Ptolomeu Filopater perto de Berytus. Então invadiu a Palestina e suas circunvizinhanças da Arábia, voltando no terceiro ano com um exército de 78.000 homens. Mas Ptolomeu veio do Egito com 75.000 soldados e o derrotou em Ráfia, perto de Gaza, entre a Palestina e o Egito, recuperando a Fenícia e a Celesíria no ano 532 de Nabonassar. Cheio de si por causa desta vitória, e vivendo num luxo excessivo, os Egípcios se rebelaram, mas foram dominados e, nestes tumultos, foram mortos 60.000 Judeus Egípcios. Tudo isto assim está descrito na Profecia de Daniel, cf. Daniel 11:10 a 13: "Seus filhos (Seleuco Ceraunus e Antíoco Magno, filhos de Calínico), porém, se estimularão com isto, e reunirão grandes exércitos; e um deles (Antíoco Magno) marchará com grande presteza e à maneira de inundação, e voltará (no ano seguinte) e encher-se-á de ardor, e pelejará contra as forças do Egito. Mas o Rei do Sul, vendo-se assim atacado, sairá e pelejará contra o Rei do Norte, e preparará um exército imenso, e lhe será entregue entre as mãos uma grande multidão de inimigos. E fará um grande número de prisioneiros, e o seu coração se elevará, e matará muitos milhares, e contudo não prevalecerá. Porque o Rei do Norte tornará a vir, etc.". Cerca de doze anos depois desta batalha entre Filopater e Antíoco, morreu aquele, deixando o reino a seu filho menor, Ptolomeu Epifânio, de apenas cinco anos. Então Antíoco Magno aliou-se a Felipe, rei da Macedônia, a fim de invadirem os domínios de Epifânio nas suas vizinhanças. Travou-se uma guerra entre Antíoco e Epifânio, sendo a Fenícia e a Celesíria ocupadas alternativamente por um e por outro. Com isto, estas regiões muito sofreram de ambos os lados. Primeiramente, capturados por Antíoco, depois por um tal Scopas, que comandava o exército egípcio e a retomou; poucos anos depois, em 550 de Nabonassar, Antíoco derrotou Scopas perto das nascentes do Jordão, cercou-o em Sidon, tomou a cidade e reconquistou a Síria e a Fenícia ao Egito, onde os Judeus lhe vieram como voluntários. Mas, cerca de três anos depois, preparando-se para uma guerra contra os Romanos, fez a paz com Epifânio e lhe deu sua filha Cleópatra. No outono seguinte atravessou o Helesponto, para invadir as cidades da Grécia, que estavam sob a proteção Romana, algumas das quais foram tomadas. Mas foi derrotado pelos Romanos no outro verão, e forçado aregressar para a Ásia com o seu exército. Antes do fim do ano, a frota

de Antíoco foi batida pelos Romanos perto de Focéa: ao mesmo tempo Epifânio e Cleópatra mandaram uma embaixada a Roma, para felicitar os Romanos por sua vitória contra seu sogro e pai e para exortá-los a continuar a guerra contra o mesmo na Ásia. Os Romanos novamente derrotaram Antíoco no mar, perto de Éfeso, passaram o Helesponto, obtiveram outra grande vitória por terra e lhetomaram toda a Ásia ao Oeste do Monte Taurus, dando-a ao rei de Pérgamo, que os havia auxiliado na guerra; largo tributo foi imposto a Antíoco. Assim o rei de Pérgamo, graças ao poder dos Romanos, recobrou aquilo que lhe havia sido tomado; retirando-se para o que restava de seu reino, Antíoco foi assassinado dois anos mais tarde pelos Persas, quando saqueava o Templo de Júpiter Belus, em Elimais, a fim de fazer dinheiro para entregar aos Romanos como imposto. Tudo isto se acha descrito por Daniel, cf. Daniel 11:13 a 19, da maneira seguinte: "Porque o Rei do Norte (Antíoco) tornará a vir, e juntará uma multidão de tropas muito maior do que antes; e depois de certo tempo e anos, virá com muita pressa com um numeroso exército e grandes forças. E naqueles tempos se levantarão muitos contra o Rei do Sul (principalmente os Macedônios); os filhos dos prevaricadores de teu povo (Samaritanos, etc.) se elevarão também para cumprirem a profecia, e cairão. E virá o Rei do Norte, e fará terraplenagens, e tomará cidades fortificadíssimas; e os braços (ou as forças de guerra) do Rei do Sul não poderão suster o seu esforço, e os mais valentes dentre eles se levantarão para lhe resistir, porém achar-se-ão sem forças. E (Antíoco), vindo sobre ele (Ptolomeu) fará o que bem lhe aprouver, e não haverá quem possa subsistir diante dele, e ele entrará na terra ilustre (da Judéia), a qual será assolada sob sua mão. E ele se confirmará (em Ráfia) no desígnio de vir apoderar-se de todo o reino daquele, e tratará com ele de boa fé; e dar-lhe-á em casamento sua filha (Cleópatra), princesa de grande formosura em comparação das outras mulheres, a fim de o perder, mas não lhe sairá a coisa conforme o seu intento, e ela não será por ele. E dirigir-se-á às Ilhas, e tomará muitas delas; e fará deter (por algum tempo) o autor de seu opróbio, mas (por fim) ficará coberto de confusão. E voltará para as terras do seu império, e tropeçará, e cairá, e não será mais achado". Seleuco Filopater sucedeu a seu pai Antíoco no ano 561 de Nabonassar e reinou doze anos, mas nada fez de notável; era preguiçoso e atento apenas em extorquir dinheiro para os Romanos, de quem era tributário. Foi assassinado por Heliodoro, a quem havia mandado saquear o templo de Jerusalém. Assim descreve Daniel (cf. Daniel 11:20) o seu reino: "E um homem, vilíssimo e indigno da honra de rei, ocupará o seu lugar, e perecerá em poucos dias (anos), não no furor de alguma briga, nem em alguma batalha". Um pouco antes da morte de Filopater, seu filho Demétrio foi enviado à Roma como refém, em vez de Antíoco Epifânio, irmão de seu pai; Antíoco achava-se em Atenas, voltando de Roma, quando morreu Filopater. Em conseqüência, Heliodoro, tesoureiro do reino, subiu ao trono. Mas Antíoco manejou os negócios de tal modo que os Romanos retiveram Demétrio em Roma e o Rei de Pérgamo, aliado daqueles, derrubou Heliodoro e pôs Antíoco no trono, enquanto Demétrio, o herdeiro legal, ficava em Roma como refém. Assim feito rei, graças à amizade do Rei de Pérgamo, Antíoco reinou com grande autoridade sobre a Síria e as nações vizinhas; mas rebaixou muito sua própria dignidade, roubando quando saía do palácio, vagabundeando pela cidade, disfarçado, com um ou dois companheiros, tagarelando e bebendo com gente da mais baixa classe, com forasteiros e desconhecidos, freqüentando ambientes de dissolução, onde se divertia, vestindo-se como autoridades e oficiais Romanos, representando papéis cômicos e, nas festas públicas, saracoteando com criadas e gente do povo, expondo-se por todas as maneiras ridículas. Tal conduta fez com que fosse tomado por louco. No primeiro ano de seu governo, depôs o sumo-sacerdote Onias e vendeu essa dignidade a Jason, irmão mais moço de Onias, porque Jason lhe havia prometido 440 talentos de prata pelo cargo e mais 150 por uma licença para a construção de um estabelecimento onde os jovens fossem treinada nas maneiras pagãs. Tal licença foi concedida pelo rei e executada por Jason. Então, tendo o rei mandado um tal Apolônio ao Egito à coroação de Ptolomeu Filometor, jovem filho de Filometor e de Cleópatra, soube que Filometor não tinha boa impressão de sua conduta na Fenícia; então tomou medidas em favor de sua própria segurança, para o que foi a Jope e a Jerusalém, onde foi recebido com muitas honras. Daí percorreu as cidades da Fenícia com um pequeno exército, prevenindo-se contra o Egito, cortejando o povo e lhe distribuindo favores extraordinários. Tudo isto vem assim descrito por Daniel, cf. Daniel 11:21 a 24: "E ocupará o seu lugar (de Filometor) um homem desprezível, e não lhe será dada a honra de rei (pois os Sírios é que haviam elevado Heliodoro); e virá secretamente, e se apoderará do reino com engano (feito principalmente ao rei de Pérgamo). E os braços do combatente (que foram a favor de Heliodoro) serão vencidos diante dele e quebrados, e também o chefe da confederação (o sumo-sacerdote Onias). E depois de feita esta amizade (pela ida de Apolônio à coroação), usará com ele de engano, e subirá (ao Egito) e vencê-lo-á com pouca gente. E entrará nas cidades grandes e ricas (da Fenícia); e lhes fará o que nunca fizeram seus pais, nem os pais de seus pais (para agradar os Judeus da Fenícia e do Egito e os seus amigos): repartiros despojos, os capturados e a riqueza deles, (tomada de outros lugares) e formará projetos contra as mais fortes cidades, e isto durará um certo tempo". Tais coisas foram feitas no primeiro ano de seu reinado, em 573 de Nabonassar. De então por diante, desenvolve seus planos de conquista do Egito, até o sexto ano. Três anos depois, ou seja, no quarto ano de seu reinado, Menelau comprou o sumo-sacerdócio a Jason; mas não tendo pago o preço ajustado, foi substituído pelo rei, e este, antes que pudesse receber a reclamação, foi a Cilícia, a fim de apaziguar uma sedição e deixou Andrónico como seu representante na Antióquia; nesse meio tempo e a fim de fazer dinheiro, um irmão de Menelau subtraiu alfaias do Templo, vendeu uma em Tiro e mandou outras a Andrónico. Tendo Onias censurado a Menelau, este levou Andrónico a assassiná-lo, pelo que, ao regressar da Cilícia, o rei mandou matar Andrónico. Então Antíoco preparou sua segunda expedição contra o Egito, o que realizou no sexto ano de seu reinado, no ano 578 de Nabonassar, sob o pretexto de que, por morte de Cleópatra, os governadores de seu filho, o jovem rei do

Egito, reclamavam a devolução da Fenícia e da Celesíria, que era a herança daquela rainha e que, para recobrar aqueles países, levantavam um grande exército (cf. Macabeus 3:5, 8; 4:4). Considerando Antíoco que seu pai não havia renunciado a posse daqueles países, negou que fossem herança da rainha e, com outro grande exército deu batalha aos Egípcios nas fronteiras desse país, entre Pelusium e o monte Casius. Bateu-os, e teria destruído todo o seu exército, se não tivesse corrido para um lado e para o outro, ordenando aos seus soldados que não matassem, mas os prendessem. Por este ato de humanidade, conquistou o Pelusium, e pouco depois, o Egito, onde penetrou com enorme tropa de infantaria, de carros, de elefantes e de cavalaria, assim como uma grande frota. Então, conquistando pacificamente as cidades do Egito, marchou para Mênfis, descarregou a inteira responsabilidade da guerra sobre Euloeus, governador do rei, estabeleceu amizade com o jovem soberano e tomou conta dos negócios do reino. Enquanto assim se ocupava Antíoco, espalhou-se na Fenícia o boato de que o mesmo havia morrido. Então, para reconquistar o sumo-sacerdócio antes perdido, Jason asssaltou Jerusalém com mais de mil homens e tomou a cidade. A vista disso, e supondo que a Judéia se houvesse sublevado, o rei largou-se às pressas do Egito, reconquistou a cidade de Jerusalém, matou quarenta mil pessoas, fez outros prisioneiros e os vendeu para fazer dinheiro, foi ao Templo, saqueou o seu tesouro, os ornamentos, os utensílios, as alfaias de ouro e prata, no valor de 1.800 talentos, carregando tudo para a Antióquia. Isso se passou no ano 578 de Nabonassar e assim descrito por Daniel, cf. Daniel 11:25 a 28: "E será instigado pelo seu próprio poder e pelo seu coração a sair contra o Rei do Sul com um grande exército; e o rei do meio (possívelmente outra alusão ao rei do oriente, isto é, o Rei do Norte) animar-se-á a sair à batalha com muitas e fortes tropas auxiliares; mas eles não perseverarão firmes, porque (até Antíoco e seus amigos) maquinarão desígnios contra ele. E aqueles mesmos que comiam o pão com ele, o arruinarão, e o seu exército será oprimido, e um grande número dos seus cairão mortos. Também estes dois reis somente pensarão em fazer o mal um ao outro, e, (como amigos) sentados à mesma mesa, dirão palavras de mentira (contra os Judeus e contra o santo concerto), mas nenhum conseguirá os seus intentos, porque o prazo (marcado por Deus para a própria abominação da desolação) é para 'outro tempo'. E voltará ao seu país com muitas riquezas; e seu coração será hostil à santa aliança (do Senhor, com Israel) e fará muitos males (aos Judeus), e voltará para o seu país". Vendo Filometer, inicialmente educado no luxo pelo eunuco Euloeus, nas mãos de Antíoco, os Egípcios de Alexandria deram o reino a Euergetes, irmão mais moço do soberano. Sob o pretexto de restaurar Filometer, Antíoco guerreou Euergetes, bateu-o por mar e sitiou-o, bem como a sua irmã Cleópatra, em Alexandria. Como os Príncipes assediados houvessem pedido socorro ao senado Romano, e Antíoco não se achasse bastante forte para tomar a cidade naquele ano, voltou para a Síria, deixando Filometer em Mênfis, para governar o Egito em sua ausência. Durante o inverno, Filometer fez as pazes com o irmão. Quando, na primavera do ano de 580 de Nabonassar, Antíoco voltava para atacar a ambos, encontrou no caminho os Embaixadores Romanos Pompilius Loena, C. Decimus e C. Hostilius; ofereceu-lhes a mão para ser beijada, mas Pompilius entregou-lhe as tábuas com a mensagem do Senado, intimando-o a que primeiro as lesse. Depois de as ler, disse que consideraria com os amigos aquilo que convinha fazer, mas Pompilius riscou um círculo em torno dele e intimou-o a responder antes de sair do mesmo. Admirado ante esse estúpido e desusado imperativo, Antíoco respondeu que faria o que os Romanos quisessem. Então Pompilius extendeu a mão para que o Rei a beijasse e logo este saiu do Egito. No mesmo ano, seus capitães, por sua ordem, assolaram e trucidaram os Judeus, profanaram o Templo, estabeleceram o culto de deuses pagãos em toda a Judéia, e começaram a perseguir e guerrear aqueles que os não adoravam. Tais ações estão assim descritas por Daniel, cf. Daniel 11:29,30: "No tempo determinado, voltará e tornará a vir para o Sul, mas esta última expedição não será semelhante à primeira. Porque os navios e os Romanos virão contra ele; e ficará consternado, e voltará, e conceberá uma grande indignação contra a aliança do santuário, e conforme ela, assim farás, depois tornará a vir, e empreenderá muitas coisas contra aqueles que tiverem abandonado a aliança do santuário". No ano em que, por ordem dos Romanos, Antíoco retirou-se do Egito e estabeleceu o culto dos deuses gregos na Judéia, os Romanos conquistaram a Macedônia, reino fundamental do Império Grego, reduzindo-a a uma Província. Deste modo, começaram a pôr um fim à terceira Besta, o que assim se acha expresso por Daniel: "E, depois dele, as armas (isto é, os Romanos) levantar-se-ão". Nas Profecias de Daniel, braços (ou armas) estão por toda parte, significando o poder militar de um reino, e se erguem quando conquistam ou se tornam poderosos. Até aqui, Daniel descrevia as ações dos reis do Norte e do Sul; mas com a conquista da Macedônia pelos Romanos, deixou de descrever as ações dos Gregos e começou a descrever as dos Romanosna Grécia. Eles conquistaram a Macedônia, a Ilíria e o Épiro no ano 580 de Nabonassar. Pelas disposições testamentárias de Átalo, último rei de Pérgamo, 35 anos depois herdarameste rico e florescente reino, que compreendia a Ásia ao oeste do Monte Taurus; 69 anos depois, conquistaram o reino da Síria, que reduziram à condição de província e 34 anos depois fizeram o mesmo ao Egito. Por todas estas etapas, as armas Romanas sobrepujaram os Gregos. E 95 anos mais tarde, ao guerrear os Judeus, violaram o santuário à força, proibiram o sacrifício diário, substituindo-o pela "abominação da desolação", pois esta foi posta depois dos dias de Cristo, como se lê em Mateus 24:15. No ano décimo sexto do Imperador Adriano, isto é, no ano 132, a abominação foi estabelecida pela construção de um Templo a Júpiter Capitolinus no local onde fora antes o Templo de Deus em Jerusalém. Por isso os Judeus se revoltaram, chefiados por Barchochab, pegaram em armas contra os Romanos, numa guerra em que foram destruídas 50 cidades, 985 de suas melhores vilas e aldeias, e passado a fio de espada 580.000 homens; e no fim da guerra, no ano de 136, os Judeus foram expulsos sob pena de morte, com o que a terra ficou desolada de seus velhos habitantes. No começo da guerra judaica, no reinado de Nero, os Apóstolos fugiram

da Judéia levando consigo os seus rebanhos: alguns para além do Jordão, para Pella e outros lugares. Pedro e João vieram para a Ásia e Pedro foi para Roma, via Corinto. Mas João ficou na Ásia, tendo sido banido pelos Romanos para Patmos, sob acusação de chefe de um partido de Judeus, cuja nação então se achava em guerra com os Romanos. Por essa dispersão dos judeus-cristãos, a religião cristã, que já se propagava para oeste até Roma, espalhou-se rapidamente em todo o Império Romano, e sofreu muitas perseguições, até os dias de Constantino o Grande e de seus filhos. Tudo isto vem descrito por Daniel, cf. Daniel 11:32 a 35: "E os prevaricadores da aliança usarão de disfarces e fraude (os que adoram deuses pagãos e colocam a abominação) mas o povo, que conhece o seu Deus, perseverará constante e procederá (segundo a Lei). E os que forem doutos entre o povo, ensinarão a muitos; e cairão vítimas da espada, e da chama, e do cativeiro e das rapinas prolongadas. E, quando caírem arruinados, serão sustidos por um fraco auxílio (no reinado de Constantino o Grande) e muitos vindos de entre os pagãos (devido ao desenvolvimento do Cristianismo, nesta época de Constantino) se ajuntarão a eles fingidamente. E dos sábios alguns cairão para que sejam acrisolados e purificados, e branqueados até ao tempo marcado"; porque ainda haverá outro tempo. Até aqui o Império Romano continuava intacto. Sob seu domínio, o pequeno chifre do Bode continuava forte, "mas não por suas próprias forças". Então, pelo crescimento de Constantinopla, dotada de um Senado, e outros privilégios semelhantes aos de Roma; e pela divisão do Império Romano em dois, o dos Gregos e o dos Latinos, sediados nessas duas cidades (Constantinopla e Roma); começa um novo estado de coisas, no qual um "rei" (o Império dos Gregos) fará o que quiser e (estabelecendo suas próprias leis acima das leis de Deus) se elevará e engrandecerá contra todo o deus; e falará insolentemente contra o Deus dos deuses, e sair-lhe-ão bem as coisas até que a ira seja cumprida. E não terá respeito algum ao Deus de seus pais e mostrar-se-á apaixonado por mulheres; e nenhum caso fará dos deuses, pois se julgará superior a tudo. Mas vencerá o deus Maozim (isto é, guardas fortes e almas dos mortos) no seu templo, e enfeitará com ouro, e prata, e pedras preciosas, e com tudo o que há de custo a este deus, que seus pais desconheceram (cf. Daniel 11:36 a 38). Tudo isto se refere à disseminação de monges e freiras no Império Grego, os quais reduzem a santidade à abstinência do matrimônio, à invocação de santos, à veneração de suas relíquias (restos mortais) e outras superstições, que esses homens introduziram no quarto e quinto séculos. "E o Rei do Sul (os Saracenos) pelejará contra ele no tempo assinalado, e o Rei do Norte (os Turcos) marchará também contra ele como uma tempestade, com grande multidão de carroças e de gente a cavalo e com uma grande armada, e entrará nas suas terras, e assolá-las-á, e passará adiante. Depois entrará na terra gloriosa (ou na Judéia) e serão devastadas muitas províncias, e somente se salvarão das suas mãos estas: Edom e Moab, e as fronteiras dos filhos de Edom e de Moab, e as fornteiras dos filhos de Amon, isto é, aquelas a quem suas caravanas pagam tributo. E estenderá a sua mão contra as suas províncias, e a terra do Egito não escapará. E tornar-se-á senhor dos tesouros de ouro e de prata, e de tudo o que há de precioso no Egito, e passará também pela Líbia e pela Etiópia (cf. Daniel 11:40 a 43). Todas estas nações compõem o Império Turco; portanto, este Império é aqui tomado como o Rei do Norte. Também constituem o corpo do Bode; portanto o Bode ainda reina no seu último chifre, mas não por seu próprio poder.

Capítulo 13

Do rei que fez o que quis; elevou-se e engrandeceu-se acima de todos os deuses e venceu os maozins e mostrou-se indiferente ao amor de mulheres.

"Um homem pode imaginar coisas que são falsas, mas ele pode somente compreender coisas que são verdadeiras, pois se as coisas forem falsas, a noção delas não é compreensível."

Isaac Newton

Nos primeiros tempos do Cristianismo, os cristãos de cada cidade eram governados por um Concílio de Presbíteros, sob a presidência do Bispo da cidade. Bispos e Presbíteros não se intrometiam nos negócios de outra cidade,a não ser em mensagens e cartas de admoestação. Também, os Bispos de várias cidades não se reuniam em Concílio antes do reinado do Imperador Romano Cômodo, por isso que não podiam se reunir sem licença dos governadores Romanos das Províncias. Mas nos dias de Cômodo, e com permissão dos governadores, começaram a se reunir em Concílios Provinciais: primeiramente na Ásia, em oposição a "heresia dos Catafrígios" (sobre o que falaremos logo adiante); pouco a pouco, o fazendo em outros lugares e em várias ocasiões. Geralmente o Concílio era presidido pelo Bispo da Capital da província Romana: daí vem a autoridade dos Bispos metropolitanos sobre os outrosBispos da mesma província. Vem daí o motivo de, mais tarde, nos dias de Cipriano, ter-se o Bispo de Roma chamado a si mesmo Bispo dos Bispos. Logo que o Império se tornou cristão, o Imperador romano Constantino começou a convocar Concílios em todas as províncias. E, estabelecendo aquilo que devia ser considerado e os influenciando, por seu interesse e poder, tomaram o partido que quiseram. Foi assim que, depois da divisão do Império Romano em Grego e Latino, aquele se tornou "o rei", que, em matéria religiosa, "fará o que quiser" e, legislando "se elevará e engrandecerá contra todo o deus" e, por fim, no sétimo Concílio Geral, estabelecerá o culto das imagens e da alma dos mortos, chamados Maozins. O mesmo "rei" estabeleceu como santidade a abstinência do casamento. Diz-nos Eusébio, em sua “História Eclesiástica Lib. 4 C. 18, 29” que Musanus escreveu um tratado contra os que haviam caído na heresia dos Encratitas, recém-estabelecida, cujo autor era Taciano, discípulo de Justino, introduzindo erros perniciosos; e que no seu primeiro livro contra tais heresias, referindo-se a Taciano e sua heresia, assim se exprimiu Irineu: “Derivados de Saturnino e de Márcio, eram chamados "continentes" ensinavam que se não deve contrair matrimônio, naturalmente reprovando este primitivo ofício de Deus, e acusando-O implícitamente pelo fato de ter feito o homem e a mulher para a procriação do gênero humano. Também introduziram a abstinência do uso das coisas que chamam 'animais', e mostrando-se ingratos contra aquele Deus que criou todas as coisas. Também negam a salvação do primeiro homem. Isto, ainda recentemente, foi excogitado entre eles por um tal Taciano, destacado entre todos como autor desta impiedade; e este, tendo sido discípulo de Justino, durante todo o tempo que com ele esteve, Justino nada inventou neste gênero. Mas após o seu matírio, separando-se da Igreja, enaltecido e temido por sua arrogância de doutor, como se fosse melhor que os outros, introduziu uma nova forma de doutrina. Esta mesma incrível inverdade também sustenta Valentino, com Saturnino e Márcio: a de que o matrimônio não passa de uma corrupção e de um estrupro, meditando, além disso, novos argumentos a fim de destruir a salvação de Adão. Esta a heresia que então houve, vinda dos Encratitas”, concluiu Irineu. Eusébio só chega até aqui em seu relato, Mas, conquanto os partidários de Taciano fossem inicialmente considerados heréticos, sob a denominação de 'Encratitas' ou 'continentes', seus princípios não podiam ser ainda muito reprovados: pois Montano revelou-se muito cortês a respeito de Taciano e apenas considerou ilegal o segundo casamento; ele também estabeleceu jejuns freqüentes e os dias de jejum anual, a observação da Páscoa e a alimentação com carnes secas. Nos meados do terceiro século, os Apostólicos se constituiam um ramo dos discípulos de Taciano e condenavam o casamento. No final do terceiro século, os Hierocitas do Egito também condenavam o casamento. Paulo O Eremita fugiu para o deserto, subtraindo-se às perseguições de Decius e aí viveu vida solitária até o reinado de Constantino o Grande; entretanto, não fez discípulos. O mesmo fez Antão, na perseguição de Deocleciano, ou um pouco antes desta, e teve discípulos. Em breve, muitos outros seguiram-lhe o exemplo de celibato e vida reclusa. Até então os princípios dos Encratitas haviam sido rejeitados pelas Igrejas; mas então, refinados pelos monges e impostos não a todos os homens, mas apenas àqueles que voluntáriamente tomavam vida monástica, começaram a ser admirados e penetrar, primeiro na Igreja Grega, e por fim na Latina, como uma torrente. Diz Eusébio (em “In vita Constantini L. 4 C. 28”) que Constantino o Grande tinha em grande veneração esses homens, que se haviam dedicado inteiramente à filosofia “divina”; e que uma quase igual veneração tinha Ele pela santa companhia das virgens “perpétuamente devotadas à Deus", pois estava certo de que o Deus a quem Ele próprio se havia consagrado "vivia na mente destes e destas". Em seu tempo, e no de seus filhos, essa profissão de vida singular foi propagada no Egito por Antão, e na Síria por Hilário. E espalhou-se tão rapidamente que, pouco depois de Juliano o Apóstata, a terça parte da população do Egito vivia nos desertos, inicialmente em celas isoladas, depois reunidas em mosteiros ou conventos; por fim, estes vieram para as cidades, e encheram as igrejas de Bispos, Presbíteros e Diáconos, como veremos. Nos dias de sua mocidade, Atanásio derramava água sobre as mãos de seu mestre Antão; e vendo que os monges lhe eram fiéis, elevou a muitos deles como Bispos e Presbíteros no Egito. Esses Bispos erigiram novos mosteiros, nos quais nomearam Presbíteros para as próprias cidades e Bispos para outras. O mesmo se fazia na Síria, onde a superstição foi propagada rápidamente, vinda do Egito, graças a Hilário, discípulo de Antão, a Espiridião e Epifânio de Chipre, Tiago de Nisa, Cirilo de Jerusalém, Eustáquio de Sebástia, na Armênia; Eusébio de Emisa, Tito de Bostra, Basílio de Ancira, Acácio de Cesaréia, na Palestina; Elpídio de Laodicéia, Melício e Flaviano de Antióquia, Teodoro de Tiro, Protógenes de Carra, Acácio de Beréia, Teodotus de Hierápolis, Eusébio de Calcedônia, Anfilóquio de Icônio, Gregório Naziazeno, Gregório de Nissa e João Crisóstomo, de Constantinopla, foram todos Bispos Monges do quarto século. Eustátio, Gregório Nazianzeno, Gregório de Nissa, Basílio e outros tinham mosteiros de Clérigos nessas cidades, de onde saíram Bispos para outras. Seguindo o exemplo, estes aí criaram mosteiros, onde as Igrejas locais se abasteciam de Bispos. Por isso, numa carta escrita por volta do ano 385 (“Epist. 10”), assim Jerônimo se refere ao Clero da época: "Como eles próprios não são mais que Monges, tudo quanto se diz contra eles não recaia sobre os Clérigos, que são os pais dos Monges. Aquilo

que prejudica o rebanho é sempre uma vergonha para o pastor". E, no seu livro “contra Vigilantius”, lê-se: "Quê farão as Igrejas do Oriente? Estas recebem Clérigos virgens ou continentes, ou que, tendo esposas, desistem de ser maridos!" Não muito tempo depois, já os Imperadores davam ordem às Igrejas para que estas escolhessem clérigos (leia-se Bispos e Presbíteros) nos Mosteiros, de acordo com a seguinte lei (“L. 32, de Episcopis”): "Os Imperadores Arcádio e Honório Augustos, a Cesário P. F. Procônsul: Se por acaso os Bispos pensam que lhes mingüam os Clérigos, é mais justo que os ordenem de entre os Monges: não os vejam com maus olhos ou como inimigos, por motivos públicos ou privados, mas os considerem como aprovados. Dado aos 7 de Agosto de 398, pelos Cônsules Honório A. IV e Eutiquiano". Tal Édito acentua como uma característica do "rei que fará o que quiser" a "indiferença ao amor das mulheres". E o Império Grego se achava mesmo nas mãos dos Encratitas, pelos quais estes (Imperadores) revelavam uma grande admiração. A seita dos Encratitas foi firmada pelos Gnósticos, e propagada por Taciano e Montano lá para os fins do segundo século; sua doutrina foi primeiramente condenada pelas Igrejas deste e do século seguinte, o terceiro, mas no terceiro e quarto séculos a condenação foi corrigida por partidários destes (em especial, os Imperadores Romanos no quarto século); ela espalhou-se nas Igrejas do Oriente durante o quarto século e, antes que esse terminasse, penetrou todo o Ocidente. Daí por diante, tendo as igrejas Cristãs uma "forma de divindade, entretanto negando a sua força", caiu nas mãos dos Encratitas; e os pagãos, que durante o quarto século haviam penetrado nos meios cristãos, abraçaram mais rapidamente essa espécie de cristianismo, de vez que a mesma tinha maior afinidade com suas velhas superstições pagãs do que com os sinceros Cristãos cujaslâmpadas das Sete Igrejas da Ásia - e não pelas dos Mosteiros -haviam iluminado a universal Igreja de Deus durante os três primeiros séculos. Os Catafrígios também criaram algumas outras superstições, como a Doutrina dos Espíritos e de seu castigo no Purgatório, mitigado por meio de preces e oblações (de vivos), tal como se lê em Tertuliano, em seus livros "De Anima" e "De Monogamia". Também usavam o sinal da cruz como ‘encantamento’. Em outro livro, "De Corona Militis", Tertuliano diz dos Catafrígios: "Faz-se na fronte o sinal da cruz para qualquer movimento: seja para entrar, para sair, para vestir-se, calçar-se, lavar-se, ou sentar-se à mesa, para acender a luz, ao deitar-se ou ao sentar-se para qualquer palestra". Todas estas superstições são referidas proféticamente por Paulo, quando diz, em I Tim. 4:1 a 3 : "Ora, o espírito diz, claramente, que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, dando ouvido a espíritos ‘enganadores’ e a doutrina ‘de demônios’ e espíritos ‘adorados pelos pagãos’, que com hipocrisia ‘propagam a mentira’” a respeito de suas aparições, milagres que praticam, suas relíquias e o sinal da cruz, "e têm eles cauterizada a consciência, proibindo o matrimônio e o uso dos alimentos que Deus criou para que, (mesmo) com ação de graças, (não) participem deles os fiéis e aqueles que conheceram a verdade". Estes princípios e práticas dos Catafrígios passaram à posteridade. "Porque o mistério da iniqüidade (deles) já se opera" nos dias dos Apóstolos através dos Gnósticos, continuando seu trabalho muito intensamente na sua linhagem de Tacianistas (Encratistas) e Catafrígios; "e então se manifestará esse (ministério) iníquio"; "a vinda dele é por obra de Satanás com todo o poder (Romano lhe favorecendo), e com sinais e prodígios mentirosos, e com todas as seduções da iniquidade", coloridos com a forma de piedade Cristã (culto às relíquias dos mortos mártires e respectivos milagres atribuídos às relíquias), mas sem o seu poder” (2 Tessalonicenses 2:7 a 10). Conquanto um certo freio houvesse sido posto ao "cristianismo catafrígio" por Concílios Provinciais, até o quarto século, ao se tornarem cristãos os Imperadores Romanos e, com eles, grandes massas de pagãos, atraídas pelas ‘exterioridades’, estes acharam a "forma catafrígia" (de culto) mais adaptável a seus velhos princípios (pagãos), em que a religião consistia antes em cerimônias e exterioridades, dias santos e doutrina de Espíritos, do que na ‘religação’ dos Cristãos sinceros. Por esse motivo, logo se colocaram ao lado dos "cristãos catafrígios" e estabeleceram essa forma de cristianismo (como padrão) antes de findar-se o quarto século. Foi assim que "aqueles que tinham conhecimento", depois de terem sido perseguidos pelos Imperadores pagãos durante os três primeiros séculos, e haverem recebido um pequeno auxílio com a conversão de Constantino o Grande, e seus filhos, caíram sob novas perseguições (desta vez ‘doutrinárias’), "para que sejam acrisolados, e purificados e branqueados até ao tempo marcado". (Daniel 11:33 a 35).

Capítulo 14

Dos maozins, venerados pelo rei que faz o que quer.

"Aquilo com que não estou satisfeito, dificilmente consigo julgar apto a ser comunicado a terceiros, especialmente na filosofia natural, onde o fantasiar é interminável.(*Carta para Robert Boyle, publicada na Philosophical Transactions).*"

Isaac Newton

Referem-se as Escrituras aos “que crêem em Deus” e aos “que crêem em ídolos”. Elas dizem que "Deus é o nosso refúgio, a nossa força e a nossa defesa"; no mesmo sentido, Deus é "a rocha de seu povo", enquanto que os falsos deuses são "a rocha dos que neles acreditam" (Deuteronômio 32:4, 15, 18, 30, 37). Ainda no mesmo sentido é que os deuses do "rei que fará aquilo que quiser" são chamados proféticamente de Maozins: alimento, fortaleza, protetores, guardiães e defensores. Diz Daniel (cf. Daniel 11:38, 39): "Mas vencerá o deus Maozim no ‘seu templo’, e enfeitará com ouro, e prata, e pedras preciosas e com tudo o que há de custo a este deus, que seus pais desconheceram. E ‘fortificará as suas praças (ou templos); e lhes dará poder sobre muitas coisas’, e lhes repartirá a terra gratuitamente". Ora, isto aconteceu por etapas, no seguinte modo: Conta-nos Gregório de Nissa (“Orat. de vita Greg. Thaumaturg T. S. pg. 574”) que, depois da perseguição do Imperador Décio, o Bispo de Neocesaréia, no Ponto, então chamado Gregório, "instituiu entre todo o povo, como adição ou corolário de devoção para com Deus, que fossem celebradas festas àquelesque haviam lutado pela fé", isto é, os Mártires. O que na opinião de Gregório de Nissa era mais do que justificável “... quando se observa que a multidão simples e inábil, por força dos prazeres corporais, (ainda) permanecia no "erro dos ídolos"; que o que havia de mais importante entre eles deveria ser corrigido, isto é, que em lugar de seu culto vão, deveriam voltar suas vistas para Deus; (então) era permitido que, em memória dos santos mártires aqueles se alegrassem, se deleitassem e se dissolvessem de prazer”. Deleitavam-se os pagãos com os festivais de seus deuses e não estavam dispostos a renunciar àqueles deleites; é por isso que, no propósito de "lhes facilitar a conversão ao cristianismo", Gregório instituiu festas anuais aos Santos e aos Mártires. Eis por que, com a preocupação de eliminar as festas pagãs, as principais festas cristãs foram estabelecidas exatamente nas mesmas datas que estas: assim, a comemoração do Natal com os comes e bebes, jogos e esportes, em lugar das ‘Bacchanalia’ e das ‘Saturnalia’ pagãs; a celebração do Dia de Maio com flores no dia das festas ‘Floralia’; as festividades da Virgem Maria, de João Batista e de diversos Apóstolos nas datas das solenidades da entrada do Sol nos signos dos Zodíaco, segundo o calendário juliano. Durante aquela perseguição de Décio, Cipriano ordenou que se registrassem as paixões (leia-se: martírios) dos Mártires naÁfrica, a fim de que, anualmente, fosse celebrada a sua memória com oblações e sacrifícios. E pouco depois, Felix, Bispo de Roma, (registrado por Platina) "Consultando a glória dos Mártires, ordenou que se celebrassem sacrifícios anuais em honra a Eles". Devido aos prazeresdesses festivais, os cristãos cresceram muito em número, mas decresceram proporcionalmente em virtude, até que fossem, conforme declarou Daniel, "acrisolados e branqueados" pela perseguição de Deocleciano. Foi este o primeiro passo dado pela religião cristã no sentido da veneração dos Mártires, apesar de que, até então, ainda se tratasse de uma adoração ilegal. Entretanto, tal liberação é que dispôs, posteriormente, os cristãos à uma veneração dos mortos, como, pouco tempo depois, devia acontecer, pela "invocação dos Santos mortos, ou Santos mártires". O passo seguinte foi fingir que se orava no sepulcro dos próprios Mártires, prática esta iniciada durante a perseguição promovida por Diocleciano. No terceiro ou quarto ano desta perseguição, reuniu-se o Concílio de Eliberis, na Espanha, no ano 305, entre cujos cânones encontramos o de número 34, que diz: "Concordam mutuamenteque se não acendam mais as velas durante o dia nos Cemitérios: de fato, as almas dos Santos não devem ser perturbadas. Aqueles que não observarem estas coisas, serão afastados da comunhão da Igreja". Também, o cânone número 35, que diz: "Resolvem, assim, proibir que as mulheres passem a noite nos Cemitérios, pois que, muitas vezes, sob pretexto de estarem a orar, algumas ocultamente cometem crimes". Então, após encerrada a perseguição de Diocleciano, por volta do ano 314, segundo penso, o Concílio de Laodicéia, na Frígia, reunido na intenção de restaurar a decaída disciplina da Igreja, devida às muitas perseguições, estabeleceu os seguintes cânones: Cânone 9: "Os que pertencem à Igreja não têm licença de ir aos Cemitérios, ou 'martírios dos heréticos' como estes são chamados, com a finalidade de orar ou recuperarem sua saúde; os que o fizerem, sendo fiéis, serão excomungados por algum tempo". Cânone 34: "Um Cristão não deve deixar os Mártires de Cristo para ir a um falso mártir, isto é, a um mártir dos heréticos; pois estes são estranhos à Deus: portanto, sejam anátema (malditos) aqueles que vão aos mesmos". Cânone 51: "Os aniversários dos Mártires (mortos) não devem ser celebrados com jejuns; sua comemoração deve ser feita nos Sábados e nos dias do Senhor”. O Concílio de Paflagônia, celebrado no ano de 324, fez este cânone: "Se algum for arrogante e abominar a congregação dos Mártires, ou as liturgias a eles referentes, ou mesmo a memória dos Mártires, que seja anátema (maldito)". Por tudo isto, é manifesto que, no tempo das perseguições de Deocleciano, os Cristãos realmente costumavam orar nos cemitérios e sepulcros dos mortos; pois assim contornavam o perigo das perseguições e da falta de igrejas, que haviam sido então todas destruídas. E, mesmo depois de cessada a perseguição, continuou-se aquela prática, em honra aos Mártires, até que novas Igrejas foram edificadas. O hábito era considerado ‘vantajoso para a devoção e para a restauração da saúde dos doentes’. Parece, ainda, que nesses lugares de sepultamento, os Mártires eram comemorados anualmente em certos dias, que lhes eram dedicados; que ‘tais práticas eram tidas como piedosas e de caráter religioso’; que eram anatematizadas as pessoas que tinham a arrogância de lhes ser contrárias, ou de orar em túmulos de heréticos da doutrina; que estes cristãos acendiam velas aos Mártires em pleno dia, tal qual faziam os pagãos aos seus deuses, costume este que, antes de findar o quarto século, teve uma larga aceitação no Ocidente; Que borrifavam os devotos de Mártires com água benta, tal qual faziam os pagãos com os devotos de seus deuses; e que iam em peregrinação a Jerusalém e outros lugares santos, na crença de que a presença em tais lugares ‘dariam santidade’ aos seus devotos visitantes. Do costume de orar nos cemitérios e nos locais de martírio, derivou-se a trasladação dos corpos dos Santos e Mártires para as Igrejas novas, recém edificadas após o fim da perseguição. Essa prática foi iniciada pelo próprio Imperador Constantino, por

volta do ano 359, quando ordenou que os corpos dos Apóstolos André, Lucas e Timóteo fossem transferidos para uma nova Igreja construída em Constantinopla. Antes desse Ato de Constantino, os Egípcios mantinham insepultos os corpos de seus Mártires e Santos, em camas nas casas particulares, e contavam histórias de almas que apareciam depois da morte e subiam ao céu, segundo relata Atanásio, na "Vida de Antão". Tudo isso deu lugar a que o Imperador Juliano, segundo o relato de Cirilo, assim acusasse os cristãos pelas suas maneiras: "Nunca será suficientemente abominável o vosso acréscimo de novos defuntos ao antigo morto Jesus. Vós enchestes todos os lugares de sepulcros e monumentos, apesar de não terdes autorização para vos prostrardes diante de sepulcros e render-lhes culto regular" Pouco adiante, lemos: "Desde que Jesus disse que os sepulcros estão cheios de imundície, como podeis aí invocar a Deus?". Em outra passagem, denuncia que, caso os cristãos tivessem adotado os preceitos judaicos, "teriam adorado a Um Deus, em vez de muitos e não a Um Homem, ou antes, a vários homens infelizes, e não adorariam a estaca de madeira da cruz, cujo sinal estão a fazer no próprio rosto e em frente às suas casas". Depois que os sepulcros dos Santos e dos Mártires se converteram em lugares de adoração, tal qual os templos pagãos, e as Igrejas se converteram em sepulcros, e uma espécie de santidade foi atribuída aos cadáveres e restos mortais de Santos e de Mártires aí enterrados, ainda lhes foram estabelecidas Festas Anuais, com sacrifícios oferecidos à Deus em seus nomes. O passo seguinte, na invocação dos Santos, foi atribuir-se a seus cadáveres, ossos e outras relíquias, o poder de operarem milagres, "por meio de Suas almas livres", às quais se emprestava o poder de saber aquilo que fazemos ou dizemos e, bem assim, a possibilidade de nos fazerem o bem e o mal, e de realizarem aqueles milagres por nós. Era esta, exatamente, a noção que tinham os pagãos das "almas livres" de seus antigos reis e heróis, a quem adoravam sob os nomes de Saturno, Rhea, Júpiter,Juno, Marte, Vênus, Baco, Ceres, Osíris, Ísis, Apolo, Diana, e o resto dos deuses. E desde que esses deuses eram masculinos e femininos, marido e mulher, filho e filha, irmão e irmã, concluímos que se trata de antigos homens e mulheres, históricamente ou míticamente venerados, tais como estes Mártires foram. Ora, a primeira etapa da invocação dos Santos realizou-se durante a perseguição de Decius, e a segunda, na perseguição de Deocleciano. Parece, pois, que a terceira etapa se deveu ao procedimento de Constâncio e de Juliano O Apóstata. Quando este começou a estabelecer o culto pagão, e a aviltar os Santos e Mártires, parece que os cristãos da Síria e do Egito fizeram um estardalhaço com os milagres praticados pelas relíquias dos Santos e Mártires cristãos, em oposição aos poderes que Juliano Apóstata atribuía a seus ídolos pagãos. A propósito, dizem Sozemen e Ruffinus que, quando foram abertos os templos pagãos, Juliano consultou o Oráculo de Apollo Daphnoeus, nos subúrbios de Antióquia, fazendo pressão por meio de inúmeros sacrifícios a fim de obter deles uma resposta. Por fim, o Oráculo lhe respondeu que estava impedido de falar-lhe devido ao "poder" dos ossos do Mártir Babilas, ali enterrado. Por esta resposta, deduzimos que, naquela ocasião, já algum cristão havia tomado o lugar de onde, antes, um sacerdote pagão costumava dar a resposta do Oráculo através de um longo tubo. Diante disso, em seu último livro "contra Constâncio", escrito no último ano de seu reinado, diz-nos Hilário, nos seguintes termos, aquilo que se estava passando no Oriente, aonde este se encontrava: "Perseguirás sem martírio. Muito devemos à vossa crueldade, ó Nero, ó Décio, ó Maximiano! De fato, por vosso intermédio,vencemos o diabo! [É fato que] em todos os lugares é aceito o sangue dos santos Mártires,. Enquanto são notadas as 'obras dos milagres' (relíquias) os demônios mugem; os espíritos ardem sem fogo e confessam sem a intervenção de interpelante; os corpos se levantam sfem laços; as vestes não caem na face de mulheres suspensas pelos pés; e as angústias são afastadas". Em sua primeira "Oração contra o Imperador Juliano", que reinava então, assim se exprime Gregório Nazianzeno :"Não temestes aos Mártires, aos quais foram decretadas honras e Festas, e pelos quais são repelidos os demônios e curados os doentes; que aparecem e fazem predições; cujos corpos por si mesmos têm o mesmo poder das almas santas, tanto pelo toque das mãos, quanto pelas honras; cujas gotas de sangue, por si mesmas, e tais quais pequenos sinais de sua Paixão/ sofrimento, têm o mesmo poder que os corpos. Estas coisas tu não veneras; antes descuidas e desprezas". Estas coisas, ditas a pagãos por cristãos convictos, é que levaram os pagãos da Fenícia a demolir o sepulcro de João Batista e a queimar os seus ossos, durante o reinado do Imperador Juliano. Então, alguns cristãos se misturaram entre os pagãos, apanharam alguns restos de ossos, e os remeteram à Atanásio, que os escondeu na parede de uma igreja, prevendo, 'de acordo com a profecia de um espírito', segundo nos informa Ruffinus, que os mesmos seriam proveitosos para as gerações futuras. Uma vez levantada a gritaria em torno de tais milagres, foi crescendo com o tempo e se generalizando. Em sua segunda "Oração a São Babilas", diz Crisóstomo, (cf. "Hom. 47 in S. Julian"), vinte anos depois do silêncio do Oráculo de Apollo Daphnoeus, isto é, no ano de 382, ao falar dos milagres produzidos pelos Santos e suas relíquias: "Nenhum lugar existe neste nosso mundo, nem povos, nem cidades, onde estes novos e imprevistos milagres não sejam celebrados. Se fossem pequenos, por certo não teriam logo chegado à admiração dos homens". E, pouco adiante, comenta: "Do que dizemos dão prova abundante os milagres que, diáriamente, fazem os Mártires, aos quais concorre uma grande multidão de criaturas". Em sua "Homília 66", descrevendo como os demônios eram atormentados e expulsos pelos ossos de Mártires, acrescenta Crisóstomo (cf. "Epist. 27 ad Eustochium"): "Por este motivo, muita gente, e algumas vezes até reis, vem de longe apreciar este Espetáculo. Na verdade, os templos dos Santos Mártires mostram vestígios e sinais de juízo futuro, pois neles os demônios são realmente açoitados e os homens atormentados e libertados. Vês que força é (ou que tem) A VIDA DOS SANTOS MORTOS?" As mesmas coisas são mencionadas por Jerônimo, no "Epitáfio de Paula": "Paula VIU Samaria, onde estremeceu comovida por tantos milagres. Ali estão os profetas Eliseu e Abdias (Obadias) e João Batista. De fato, ela via os demônios rugindo sob vários suplícios, uivando diante dos túmulos dos Santos Homens,

uivando como se fossem lobos, rugindo como leões, silvando como serpentes, mugindo como touros, torcendo a cabeça para trás até tocar o chão; e também viu mulheres suspensas pelos pés sem que suas vestes caíssem sobre o rosto".

Isto foi escrito por volta de 384. Abundavam no Egito as relíquias dos Santos e Mártires, que os Egípcios conservavam insepultos e embalsamados em suas camas, em residências particulares. E, em sua Oração aos Mártires Egípcios, parece que Crisóstomo considera o Egito o lugar mais importante nesse ponto de vista, pois diz: "Bendito seja Deus, porque do Egito provêm os Mártires ... do Egito temos os Mártires e não somente lá, mas nas regiões vizinhas e mais próximas, como em toda parte. E, como há abundância..., superadas as necessidades da população, as remetem (relíquias) ainda a outras cidades, mostrando sua cortesia e generosidade, para que depois, além da abundância destas coisas, também deles recebam ainda outras de que necessitam. Assim fizeram os Egípcios com o que pertence aos Atletas da Religião (cristã). Vendo-se possuidores de muitas riquezas (leia-se: Relíquias), pela benevolência de Deus, não fecharam inutilmente nas suas cidades os grandes presentes de Deus, mas transmitiram à toda parte os tesouros dos Bens, quer para mostrar o próprio amor para com os seus irmãos, quer para honrar o Senhor comum e proporcionar à sua cidade a glória de todas as outras e declarar que ela era a Metrópole de todo o mundo. De fato, (dos Mártires) os seus corpos fortificam-nos a cidade mais seguramente do que com um muro adamantino e intransponível; e, quais rochedos altíssimos adominar de todos os lados, não somente repelem os assaltos daqueles 'inimigos que são percebidos pelos sentidos', mas também as insídias dos 'demônios invisíveis' e inutilizam e destroem todas as fraudes do diabo. Na verdade, essa posse (?) não nos é útil tão somente contra as insídias dos homens ou os enganos do demônio; mas se o Senhor comum ficar irado contra nós pela grande quantidade de pecados, poderemos torná-lo favorável à cidade, apresentando-Lhe logo esses corpos". Esta Oração foi escrita em Antióquia, quando Alexandria ainda era a Metrópole do Oriente, isto é, antes do ano 381, ano em que Constantinopla se tornou então a capital: e os Egípcios levaram ainda muitos anos mais distribuindo por todo o mundo as relíquias milagrosas desses Mártires, como já o faziam antes. Tinha Alexandria posição proeminente entre as demais cidades, como distribuidora dessas relíquias, gozando assim o prestígio de metrópole do mundo. Antióquia, na Síria, seguiu o exemplo do Egito, espalhando relíquias de quarenta Mártires: e os exemplos do Egito e da Síria em breve foram seguidos por todo o mundo. As relíquias dos quarenta Mártires da Antióquuia foram distribuidas entre as Igrejas antes do ano de 373, pois Atanásio, que morreu neste ano, escreveu sobre as mesmas uma Oração, que ainda não foi publicada, mas que Gerad Vossius viu em manuscrito, na Biblioteca do Cardeal Ascânio, na Itália, conforme declara no seu "Comentários sobre a Oração de Efraim Syrus, sobre os quarenta Mártires". Então, desde que os Monges de Alexandria mandaram relíquias dos Mártires do Egito para todas as partes do mundo, conquistando assim uma glória para sua cidade, pelo que esta foi declarada a Metrópole de todo o mundo, como já vimos em Crisóstomo, podemos concluir que antes que Alexandria recebesse as relíquias dos quarenta Mártires de Antióquia, já esta havia começado a mandar as de seus próprios Mártires à toda parte, dando assim exemplo às outras cidades. Assim, o costume partiu do Egito, alguns anos antes da morte de Atanásio, quando os ossos milagrosos de João Batista foram levados para o Egito e escondidos na parede de uma Igreja, "para que pudessem ser de utilidade às gerações futuras", como já vimos. Restringiu-se no reinado de Juliano O Apóstata, depois do que espalhou-se do Egito por todo o Império, pois Alexandria era a Metrópole do Mundo, de acordo com Cristóstomo, ideal para a propagação dessa espécie de devoção, e Antióquia e outras cidades lhe seguiram o exemplo. Foram os monges os cabeças da propagação dessas "superstições", o principal dos quais foi Antão, pois, segundo o relato de Atanásio, foram estas as suas últimas palavras, dirigadas aos discípulos: "Tenham cuidado de se apegarem ao Cristo em primeiro lugar, depois aos Santos, a fim de que, após a morte, eles os possam RECEBER como a amigos e parentes nos tabernáculos eternos. Pensem nestas coisas, procurem percebê-las e se eu lhes mereço alguma consideração, lembrem-se de mim como de um pai". Recebendo um tal encargo de Antão, no momento de sua morte, em 356, os monges seus discípulos não podiam deixar de se inflamar de devoção aos Santos, como o mais fácil caminho, apontado por seu mestre, para entrar nos tabernáculos eternos depois da morte. Daí a aclamação geral acerca dos milagres feitos pelas relíquias dos Santos, ao tempo de Constâncio, bem como a dispersão de relíquias milagrosas por todo o Império. Alexandria deu o exemplo e nisto torno-se notável entre as demais cidades. Daí o fato de que, em 362, nos dias de Juliano, levado pela profecia de um espírito, segundo o relato de Ruffinus, haver Atanásio escondido aos pagãos alguns ossos de João Batista, não para que fossem esquecidos, mas numa parede falsa de uma Igreja, perante convenientes testemunhas, a fim de que pudessem ser de utilidade àsfuturas gerações. É daí que vem a invocação dos Santos mortos para fazerem milagres, assistirem os homens em suas devoções e servirem de medidores perante Deus. O próprio Atanásio, desde a sua juventude, considerava os Santos mortos e os Mártires como mediadores para as suas preces. Numa "Carta à Marcelino", escrita nos dias de Constantino o Grande, diz ele que "as palavras dos Salmos não devem ser transpostas ou alteradas de nenhuma forma, mas recitadas ou cantadas sem qualquer artifício, assim como se acham escritas, a fim de que os Santos que as deram, SABENDO que são "suas próprias palavras", possam (desse modo) orar conosco; ou antes, que o Espírito Santo, que falou aos Santos homens, vendo as suas próprias palavras, com as quais os inspiraram, possa à elas se ajuntar e assim nos dar assistência". Por isso que, visto serem os monges mais numerosos no Egito que em qualquer outro país, a veneração dos Santos começou mais cedo e espalhou-se mais rapidamente. Indo ao Egito em 388, a visitar Mosteiros e o sepulcro de Apolônio e outros Mártires da Tebaida, que haviam sofrido no domínio de Maximino, Paládio deles (Mártires) diz, em máximas: "1. A esses todos, os cristãos erigiram um único templo (Alexandria), onde agora são operados muitos prodígios. 2. Tanta era a graça do homem,

que logo este foi ouvido nas coisas que pedia! 3. Nós também os vimos em martírio, enquanto rezávamos com Os que tinham sofrido o mesmo martírio; e adorando a Deus, saudávamos os Seus corpos". Também Eunápio, que era pagão, é testemunha autorizada daquilo que se fazia em seu tempo. Relatando como os soldados entregavam os templos egípcios aos monges, em 389, por ordem do Imperador, assim ataca os Mártires, que então tomavam o lugar dos velhos deuses egípcios: "Aqueles soldados também instalaram ali (templo) Monges de mosteiro, responsáveis por incentivar que, em lugar dos deuses que, espiritualmente, eram adorados, homens escravos e até mesmo criminosos (os Mártires) passassem a ser venerados em seu lugar, com honras divinas, constrangendo mentes humanas ao culto e aos cerimoniais. Pois eles (os Monges) mostravam como sendos deuses as cabeças embalsamadas daqueles homens que, pela multidão de seus crimes, tinham sido condenados, anteriormente pelos juízes, à pena máxima; diante destas cabeças dobravam seus joelhos, reverenciavam-nas entre numerosos outros deuses que os Monges apresentavam, e sujavam-se no pó e na imundície, só para estarem junto aos seus túmulos. Entretanto, eram por eles chamados Mártires, Ministros,Intérpretes e Árbitros de preces junto a Deus; na realidade, eram apenas restos de escravos sem fé, que foram submetidos às piores torturas, levando consigo as cicatrizes dos seus crimes e da iniquidade; e contudo, a terra (povo) suporta deuses deste jaez". Por tais exemplos, compreende-se que a invocação dos Santos no Egito tinha alguma reputação e que, de um modo geral, era recebida e praticada pelo povo. Assim é que Basílio, Monge que no ano de 369 foi feito Bispo de Cesaréia, e falecido em 378, diz, na sua "Oração ao Máritr Mamas": "Pensai no Mártir: muitos de vós O possuíram em sonhos ou neste lugar (de Relíquias) tendes tido a Sua assistência, através da prece; muitos de vós, invocando a Sua presnça, tendes tido sua assistência em vossos trabalhos ou tendes sido afastados dos caminhos incertos; muitos de vós tendes recuperado a saúde ou tendes tido a ressurreição de filhos mortos ou, ainda, por Eles, tido prolongadas as vossas vidas". Um pouco mais adiante, assim se exprime Basílio, em relação à universalidade dessa 'superstição' nas regiões da Capadócia e da Bitínia: "Toda a região se move em memória do Mártir; em sua Festa, toda a cidade se acha 'em transportes' de alegria. A gente rica deixa de visitar os túmulos de seus ancestrais para visitar os lugares de devoção". E, no fim da sua "Homília", Basílio pede à Deus "que preserve a igreja, assim 'fortificada' com as grandes torres dos Mártires". Na "Oração aos Quarenta Mártires", Basílio diz: "Ei-los, (os Mártires) conquistando nosso país, como certas torres asseguraram-nos contra os nossos inimigos. E como não ficaram confinados num lugar único, estão distribuiídos em muitos países e adornam muitos lugares. Muitas vezes vos tendes esforçado, muitas vezes tendes procurado algém que possa orar por vós: Ei-los (os Mártires) aqui estão, quarenta deles, emitindo vozes de prece (por vós). Os que estiverem em aflição, corram para aqui, a fim de se libertarem de sua desgraça! Os que se regozijam, têm socorro aqui, para continuarem felizes! Aqui, é ouvida aquela mulher que ora pelo seu filho: ela alcança o regresso feliz de seumarido ausente e a saúde para aquele que está doente! Ó vós (Mártires) protetores da humanidade, os melhores companheiros de nossos cuidados, votantes e coajudadores em nossas preces, poderosos embaixadores de Deus, etc.". Por tudo isto, põe-se manifesto que antes do ano de 378 as Orações e Sermões aos Santos estavam muito além de simples figuras de retórica e que a massa geral do povo do Oriente já se havia deixado corromper pelos Monges "Encratitas-Catafrígios", com a sua incessante adoração dos Santos. Em sua "sexta Oração", escrita no ano de 373, diz Gregório Nazianzeno, que era monge, e recentemente nomeado Bispo de Sasima: "Purifiquemo-nos para os Mártires, ou antes, para o Deus dos Mártires". Um pouco mais adiante, os chama de "mediadores da conquista da ascenção ou da divindade". No mesmo ano, no fim de sua "Oração a Atanásiio", recém-falecido, assim este o invoca: "Olha piedosamente para nós aqui embaixo, e governa este povo -como perfeitos adoradores da perfeita Trindade, que é contemplada e adorada no Pai, no Filho e no Espírito Santo -. E, se houver paz, preserva-me e comigo alimenta o meu rebanho; mas se houver guerra, traze-me para casa, coloca-me junto a Ti e daqueles que são como Tu". No final da "Oração fúnebre a Basílio", escrita em 378, assim Gregório Nazianzeno se dirige ao mesmo, recém falecido: "Mas tu, ó divina e sagrada Cabeça, olha-nos daí do céu; e por Tuas preces, arranca-nos este espinho da carne, que nos é dado por Deus para o exercício; ou faze que possamos suportá-lo com coragem, e dirigir toda a nossa vida para aquilo que melhor nos convém. Quando partirmos desta vida, recebe-nos no Vosso tabernáculo, para que, vivendo juntos e vendo a santa e abençoada Trindade mais pura e perfeitamente, da qual não temos agora senão uma visão imperfeita, possamos atingir o fim dos nossos desejos e receber a recompensa das lutas e sofrimentos que houvermos suportado". Na sua "Oração a Cipriano, não o Bispo de Cartago, mas sim um outro", um Bispo Grego, invoca-o da mesma maneira; e diz-nos também como uma piedosa virgem, chamada Justina, foi protegida pela invocação da Virgem Maria; e ainda conta os milagres feitos pelas cinzas de Cipriano. Outro Monge, que foi Bispo eminente, chamado Gregório de Nissa, conta como um certo homem, voltando de um país distante, encontrou-se em grande perigo, pois todos os caminhos estavam interceptados por tropas de nações bárbaras; mas, invocando o nome de Efraim, por estas palavras: "Santo Efraim, assiste-me!", livrou-se do perigo, perdeu o medo de morrer e, mais do que esperava: chegou à casa são e salvo. No final desta oração, dirige-se a Efraim nos seguintes termos: "Mas tu, Efraim, que assistes agora no altar divino, e ofereces sacrifícios ao Príncipe da Vida, e à Santíssima Trindade, juntamente com os Anjos; lembra-te de todos nós e alcança o perdão de nossos pecados, a fim de que possamos gozar a felicidade eterna do reino dos céus". Na "Oração ao Mártir Teodoro", escrita no ano de 381, o mesmo Gregório de Nissa assim descreve o poder daquele Mártir e a atitude do povo: "No último ano, este Mártir apaziguou uma tempestade de bárbaros e pôs um ponto final na guerra dos Citas temíveis e cruéis. Se alguém conseguir levar a poeira que cobre o túmulo onde repousam os restos deste Mártir, a poeira deve ser tomada como uma

dádiva, ser apanhada e guardada como coisa de imenso valor. Que grande mercê é tocar as próprias relíquias! Se tão grande fortuna chegar um dia a ser alcançada! O que só o será por meio de sentidas preces! E Eles sabem quais os que o conseguem! Como um corpo vivo e flórido, aqueles que a vêem (dádiva) a abraçam, aplicando-lhe os olhos, a boca, os ouvidos e todos os órgãos dos sentidos; e então, afetuosamente, derramam lágrimas sobre o Mártir, como se Ele estivesse restaurado (ressucitado, ali mesmo) e lhes houvesse aparecido; oferecem-Lhe preces e fazem súplicas, para que Ele interceda por eles como um advogado, orando a Ele como a um 'ajudante de Ordens de Deus' e invocando-O como se só recebessem dádivas quando Ele quisesse". Gregório de Nissa conclui a Oração com estaprece: "Ó Teodoro! Nós queremos muitas bênçãos! Intercede e suplica por teu país perante nosso Rei e Senhor; porque o país do Mártir é o lugar de sua Paixão! E eles são cidadãos, irmãos e parentes daqueles que o adoram e o honram! Receamos aflições e esperamos perigos; não se acham longe os Citas perversos, prontos a nos guerrearem. Luta por nós como um soldado, ó Teodoro! Usa a liberdade de falar por Teus servos! Intercede pela paz, a fim de que estas reuniões públicas não cessem, para que esses bárbaros furiosos e perversos não devastem os templos e os altares, para que os profanos e os ímpios não tripudiem sobre as coisas santas. Consideramos como um benefício que Tu nos fazes o sermos preservados e defendidos! Oramos pela evitação dos perigos que nos ameaçam. E se houver necessidade de maior intercessão e deprecação, chama o côro de Teus irmãos Mártires e, em conjunto com eles todos, intercedam por nós! Que as preces de tantos justos repare os pecados das multidões e do povo! Exorta a Pedro, excita a Paulo e a João, o divino e amado discípulo, para que sejam solícitos para com as Igrejas que erigiram, pelas quais foram feitos prisioneiros e sofreram perigos e morte; para que a adoração dos ídolos não lhes levante a cabeça contra nós, para que não surjam heresias como abrolhos na vinha, para que o joio não abafe o trigo, para que a ilusão das riquezas não nos seja uma pedra de tropeço e torne o frutífero poder da Palavra algo falto de base; antes, pelo poder de Tuas preces e das de Teus companheiros, ó criatura admirável e eminente no meio dos Mártires, a comunidade cristã se torne um vicejante campo de trigo". No sermão pregado em Constantinopla, no ano de 381, perante todos os Bispos do Oriente, reunidos no Segundo Concílio Geral, por ocasião dos funerais de Meletius, Bispo de Antióquia, assim falou o mesmo Gregório de Nissa: "O noivo (Meletius) não se afastou de nós: está entre nós, posto que não o vejamos; é um sacerdote nos lugares mais internos e, face a face, intercede a Deus por nós e pelos pecados do povo". Isto não era floreio de retórica, mas a exata opinião de Gregório de Nissa em relação a Meletius, como se pode depreender das citações anteriores, referentes a Efraim e Teodoro: e ele a sustentou até mesmo perante o Concílio de Constantinopla (cf. “Ad an. 381, Sect. 41”); pelo que, diz Baronius, podemos deduzir que o mesmo Gregório de Nissa professava nada mais que aquilo que então pensavam todo o Concílio e, portanto, todas as igrejas daquelas regiões, a saber, que os Santos do céu oram à Deus por nós. Outro Monge eminente, Efraim Sylus, contemporâneo de Basílio, e morto no mesmo ano, invoca este último da seguinte maneira, no “Encômio” ou oração quando de sua morte recente: "Intercede por mim, criatura muito miserável, e chama-me por Tua intercessão, ó Pai; tu que és forte, ora por mim que sou fraco; tu que és aplicado, por mim que sou pregiçoso; tu que és animoso, por mim que sou desanimado; tu que és sábio, por mim que sou ignorante... Tu, que entesouraste o tesouro de todas as virtudes, sê-me um guia, a mim, que sou vazio de boas obras". No início de seu “Encômio aos Quarenta Mártires”, escrito na mesma época, invoca-os desta maneira: "Ajudai-me, pois, ó Santos, com a vossa intercessão; e vós, ó amados, com as vossas santas preces; para que, com sua graça, Cristo possa dirigir a minha língua, etc.". E depois de se referir à mãe de um desses quarenta Mártires, conclui a Oração com a seguinte prece: "Rogo-te, ó Santa, fiel e abençoada senhora, que ores por mim aos Santos, dizendo: Intercedei vós para que o pequenino e miserável Efraim triunfe em Cristo; para que o mesmo ache graça e pela graça do Cristo possa ser salvo".E, novamente, numa segunda Oração, celebrando os “Santos Mártires de Cristo”, assim se expressava: "Nós vos rogamos, Mártires santíssimos, que intercedais junto ao Senhor por nós, - miseráveis pecadores, revestidos com as imundícies da negligência, - para que derrame sua divina graça sobre nós". E, mais adiante, já no fim do Sermão, lemos: "Agora vós, Santíssimos homens e gloriosos Mártires de Deus, ajudai-me a mim, pecador miserável, com as vossas orações, para que eu possa alcançar mercê nesta hora terrível, em que tornam manifestos os segredos de todos os corações. Hoje vim a vós, santíssimos Mártires de Cristo, como um inútil e inábil portador: pois entreguei aos filhos e irmãos de vossa fé uma taça do excelente vinho de vossa luta, com a excelente mesa de vossa vitória repleta de toda sorte de iguarias. Esforcei-me com toda afeição e energia do meu pensamento, para deleitar-vos a vós, pais, irmãos, amigos e parentes, que frequentais diariamente essa mesa. Olhai como cantam e exultam e se rejubilam, glorificando a Deus, que coroou vossas virtudes, pondo em vossas sacratíssimas cabeças as coroas incorruptíveis e celestiais; com imensa alegria aproximaram-se das sagradas relíquias de vosso martírio, desejosos de uma bênção e de levar daqui santos remédios para o corpo e para a mente. Como bons discípulos e fiéis ministros de nosso benigno Senhor e Salvador, outorgai, pois, a vossa bênção sobre todos: e também sobre mim, fraca e débil criatura, que recebi a força por vossos méritos e vossa intercessão e que, com toda devoção de meu espírito, cantei um hino em vosso louvor e vossa glória, perante as vossas santas relíquias. Por isso vos rogo, Efraim que, à frente do trono da divina majestade, vos coloqueis por mim, vil e miserável pecador, para que vossas preces possam obter-me a salvação, a fim de convosco gozar a eterna felicidade, pela graça e benignidade e mercê de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, a quem, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, sejam dados louvor e honra para todo o sempre, Amém". Pelo que fica citado de Basílio, os dois Gregórios e Efraim, concluímos que a adoração dos Santos foi estabelecida entre os Monges e seus admiradores, no Egito, Fenícia, Síria e Capadócia, antes do ano de 378, ano em que Efraim e Basílio morreram. Crisóstomo não

vem muito depois: pregou na Antióquia, durante quase todo o reinado de Teodósio o Grande, e em seus sermões há muitas exortações a essa espécie de "superstição", como pode ver-se no fim de suas “Orações a Santa Júlia, Santa Pelágia, o Mártir Inácio, aos Mártires do Egito”, assim como nos Sermões sobre "Sorte e Providência", "Os Mártires em Geral", "Santa Berenice", "Santa Prosdoce", sobre "Juventino e Máximo", assim como "Sobre o nome Cemitério", etc. Assim diz ele no “Sermão sobre Berenice e Prosdoce”: "Talvez estejais inflamados de não menor amor por estes Mártires. Assim, com esse ardor, prostremo-nos diante de suas relíquias e abracemos os seus ataúdes! Pois os ataúdes dos Mártires têm grande virtude, do mesmo modo que os seus ossos têm um grande poder! Apliquemo-nos a eles, não só no dia de seu festival, mas também nos outros dias. Invoquemo-los e supliquemos que sejam nossos patronos, pois têm grande poder e eficácia, não só quando vivos, mas também depois de mortos; e muito mais depois de mortos do que antes. Porque agora eles têm as marcas e os brandões de Cristo e, quando mostram essas marcas, tudo obtêm do Rei. Pois, que são de muito grande eficácia... por sua contínua assistência e perpétua visitação, nos temos insinuado como familiares à eles, e podemos, por seu intermédio, obter a misericórdia de Deus". Constantinopla estava livre de tais superstições até a chegada, no ano de 379, de Gregório Nazianzeno. Em poucos anos, entretanto, foi inflamada também. Diz-nos Ruffinus (cf. “Hist. Eccl. L. 2, C. 23”) que quando o Imperador Teodósio lutava contra o tirano Eugenius, o que se deu em 394, o mesmo foi com os sacerdotes e o povo a quase todos os lugares de oração; prostrava-se, vestido de estamenha (tecido comum), ante as tumbas dos Mártires e dos Apóstolos e orava, pedindo assistência por intermédio dos Santos. Acrescenta Sozomen (cf. “L. 4, C. 24”) que, quando o Imperador havia marchado sete milhas de Constantinopla contra Eugenius, entrou numa igreja que fora construída em homenagem a João Batista e pediu, mediante invocação, a assistência deste. Diz Crisóstomo (cf. “Hom. 66 ad populum, circa finem. (E) Hom. 8,27, in Matth.”): "O que está vestido de púrpura (Imperador) aproxima-se para beijar esses sepulcros; e, pondo de lado a sua dignidade, suplica aos Santos a sua intercessão junto a Deus" (cf. “Hom. 42, 43, in Gen.”); "e o que vai coroado com um diadema (Imperador), oferece as suas orações ao tecelão e ao pescador (Mártires), seus protetores" (cf. “Hom. 1, in 1 Tess.”) E, noutro lugar: "As cidades acorrem aos sepulcros dos Mártires e o povo se inflama de amor por eles" (cf. “Exposit. in Psal. 114, sub finem.”). Essa prática de mandar relíquias de um lugar para outro, a fim de operar milagres e, assim, acender a devoção das nações pelos Santos mortos e suas relíquias, bem como o estabelecimento da invocação de suas almas, durou até meados do reinado de Teodósio O Grande, quando este oproibiu pelo seguinte Édito: "Ninguém transporte para outro lugar um corpo sepultado; ninguém dilacere um mártir, ninguém o mercadeje. Se em qualquer lugar estiver sepultado algum mártir, tenham-no de fato em seu poder e, para sua veneração. Ao que chamar-se-á Templos de Mártires, anexem os edifícios que quiserem. Dado aos 4 de Março do ano de 386, por Honório, sendo Cônsul Evódio". Depois disto, os campos e as estradas ficaram cheios de altares erguidos aos Mártires, que se pretendia terem sido descobertos por sonhos e revelações. Isto determinou o estabelecimento do Cânon 14 do Quinto Concílio de Cartago, em 398, que diz: “Convém igualmente que os altares, aqui e ali construídos nos campos e nas estradas, em memória dos Mártires, e nos quais não haja provas da existência dos corpos ou de suas relíquias, sejam, se possível, destruídos pelos Bispos que governam aquelas regiões. Mas se, pelos tumultos populares isto não puder ser realizado, deve o povo ser avisado para não freqüentar aqueles lugares, a fim de que os que pensam retamente não sejam constrangidos por nenhuma “superstição”. E não seja absolutamente aceita nenhuma memória de Mártires como provável, desde que aí não estejam o corpo ou algumas relíquias verdadeiras, ou onde não seja transmitida (oralmente) a origem de alguma habitação, ou a posse ou a Paixão, muito fielmente desde sua origem. De fato, devem ser condenados de qualquer maneira os altares construídos por causa de sonhos ou revelações sem fundamento". Serviam tais altares para a invocação dos Santos ou Mártires enterrados ou supostamente aí enterrados. Primeiramente encheram as igrejas em toda parte com relíquias ou supostas relíquias de Mártires, cuja invocação era feita nessas igrejas, do modo como vimos antes. Depois encheram os campos e as estradas de altares, para os invocar aonde quer que fosse. Essa nova religião foi estabelecida pelos Monges em todo o Império Grego antes da expedição do Imperador Teodósio contra Eugenius e, segundo penso, antesdo supra mencionado Édito, no ano de 386. A mesma religião ou culto dos Maozins espalhou-se também, e rapidamente, no Império do Ocidente. Mas, nesta profecia, Daniel descreve principalmente as coisas feitas entre as nações comprendidas no corpo da terceira Besta.

Parte Dois.
Observações sobre o Apocalipse de São João.

Capítulo 15

Introdução:

Época em que foi escrito o Apocalipse

"Percebo que um homem tem que decidir não divulgar nada de novo, ou então tornar-se um escravo para defendê-lo.(Conversa com Henry Oldenburg, primeiro Secretário da Royal Society.)"

Isaac Newton

Irineu introduziu a opinião de que o Apocalipse fora escrito ao tempo de Domiciano; fê-lo, porém, propondo a data de outros livros sagrados, depois dos quais colocou o Apocalipse. É possível que tivesse ouvido de seu mestre Policarpo, o qual havia recebido aquele libro do próprio João, lá para os dias da morte de Domiciano, ou que talvez, por aquela época, João tivesse feito do mesmo uma nova publicação (cópia), com o que Irineu teria sido levádo a supôlo recém-escrito por João. Em sua "Crônica", e na "História Eclesiástica", Eusébio segue a opinião de Irineu. Mas depois, em suas "Demonstrações Evangélicas (Livro 3)", conjuga o banimento de João em Patmos com a morte de Pedro e de Paulo; outro tanto fazem Tertuliano e o Pseudo Prochorus (Vide "Pameilium in notis ad Tertull. de Praescriptionibus, n. 213 & Hieron. L. 1 Contra Jovinianum, C. 14, Edit. Erasmi"), como o autor, fosse ele quem fosse, da velhíssima fábula de que, a mando de Nero, João teria sido posto num tacho de óleo fervente e, tendo saído incólume, fora então banido para Patmos. Conquanto isto não passe de ficção, era a história encontrada na tradição das primeiras Igrejas, dando-o como banido para Patmos nos dias de Nero. Epifânio dá o Evangelho de João como escrito ao tempo de Domiciano e mesmo o Apocalipse antes dos dias de Nero (cf. "Areth. C. 18, 19"). No começo de seu comentário, Arethas cita a opinião de Irineu através de Eusébio, entretanto não a aceita; tanto que afirma, logo a seguir, que o Apocalipse foi escrito antes da destruição de Jerusalém e que houvesse sido rompido o sexto selo durante aquela destruição. Com a opinião dos primeiros comentaristas concorda a tradição das Igrejas da Síria, preservada até os nossos dias, graças à Versão Siríaca do Apocalipse, cujo título é: "A Revelação que foi feita por Deus a João Evangelista, na Ilha de Patmos, para onde fora banido por Nero, o César". O mesmo é confirmado por uma história contada por Eusébio (cf. "Hist. Eccl. L. 3, C. 23"), além de Clemente de Alexandria e outros antigos autores, referentes a um jovem que, algum tempo depois de seu regresso de Patmos, foi por João entregue aos cuidados do Bispo de uma certa cidade; o Bispo educou-o, instruiu-o e finalmente batizou-o; libertando-se, porém, de seus cuidados, o jovem meteu-se em más companhias; pouco a pouco foi-se tornando rebelde e vicioso, depois abusava e roubava aos que encontrava à noite; por fim, tornou-se tão desesperado que os companheiros, sob a sua chefia, constituíram uma quadrilha de salteadores. E, diz Crisóstomo, (cf. "Chrysost. ad Theodorum lapsum.") que por longo tempo foi este o capitão do bando. Finalmente, voltando à cidade, vindo de Patmos, João teve notícia dessas coisas e correu para encontrar-se com o ladrão; faltando com o respeito a seu antigo mestre, este fugiu; João foi-lhe ao encalço; chamou-o e reconquistou-o para a Igreja. Trata-se de uma história antiga, a qual inclusive admite que houvesse João voltado de Patmos quando da morte de Nero e não da de Domiciano, pois entre a deste e a de João decorreram apenas dois anos e meio; e, nos seus últimos dias, João era tão enfermo que era transportado para a Igreja (cf. "Hieron. in Epist. ad Gal. L3, C.6"); morreu com mais de 90 anos e, portanto, não poderia de modo algum ter corrido atrás do ladrão da história. Esta opinião é confirmada pelas alusões do Apocalipse ao Templo e ao Altar, bem como à Cidade Santa, como então existente; e também aos Gentios que, pouco depois, viriam calcar aos pés a Cidade Santa e o pátio externo. Isto é confirmado ainda pelo próprio estilo do Apocalipse, mais cheio de hebraismos do que o Evangelho, também escrito por João. De tudo isto depreende-se que o mesmo foi escrito quando João havia de pouco deixado a Judéia, onde estava afeito à lingua siríaca; e que só teria escrito seu Evangelho após longas conversas com Gregos asiáticos, que o teriam feito perder a maior parte de seus hebraismos. É também confirmada por vários falsos Apocalipses, como os de Pedro, Paulo, Tomé, Estêvão, Elias e Cerinto, perfeitas imitações do verdadeiro. Assim como havia Evangelhos e Atos falsos, ocasionados pelos verdadeiros, a escrita de muitos apocalipses falsos, atribuídos aos Apóstolos e aos Profetas, mostra que havia um verdadeiro e apostólico livro, muito procurado entre os primeiros cristãos. Destarte, o autêntico deve mesmo ter sido escrito um pouco mais cedo, dando assim lugar a que, no período apostólico, aparecessem tantas versões falsas, atribuídas a Pedro, a Paulo, a Tomé e a outros, que haviam morrido antes de João. Caio, que foi contemporâneo de Tertuliano, diz-nos (cf. "Apud Euseb. Hist. Eccl. L. 3, C. 28 Edit. Valesii") que Cerinto escreveu suas Revelações como um grande apóstolo e pretendia que as visões lhe tinham sido mostradas por anjos, conferindo um milênio de prazeres materiais à Jerusalém, depois da ressurreição. Deste modo, seu apocalipse era uma perfeita imitação do de João; contudo, viveu tão cedo que (cf. "Epiphan Haeres. 28") se opôs aos Apóstolos em Jerusalém, no primeiro ano de Cláudio ou um pouco antes, isto é, vinte e seis anos antes da morte de Nero (cf. "Hieron. adv. Lucif.") e morreu antes de João. Devem ser estas razões suficientes para a determinação da época. Há, porém, ainda uma que, para homens refletivos, deve ser boa razão, embora não o seja para os demais. Apresento-a e deixo-a ao julgamento de cada um. Parece que há uma alusão ao Apocalipse na Epístola de Pedro e na aos Hebreus: consequentemente, deve ter sido escrito antes destas. Tais alusões em Hebreus parecem-me o discurso referente ao sumo-sacerdote no Tabernáculo celeste, o qual é simultâneamente Sacerdote e Rei, como era Melquisedeque; e as que se referem à palavra de Deus como sendo afiada espada de dois gumes; o repouso milenar; à terra cujo fim é ser queimada, supostamente pelo lago de fogo; o julgamento e a viva indignação que devorará os adversários; a cidade celeste que tem alicerces cujo construtor e autor é Deus; a nuvem de testemunho; o monte Sião; a Jerusalém celeste; a grande assembléia; os espíritos dos justos que se tornaram perfeitos, etc.; a ressureição; o abalo dos céus e da terra e sua mudança, para que um novo céu, nova terra e novo reino que não pode ser abalado, possa ser estabelecido. Já na primeira Epístola de Pedro, ocorre isto: "a revelação de Jesus Cristo", expressão repetida duas ou três vezes (I Pedro 1:7, 13; 4:13; 5:1); o sangue de Cristo como o "do Cordeiro que foi imolado, desde o princípio do mundo" (cf. Apoc. 13:8); a construção "espiritual" do céu (cf. Apoc. cap. 21); e "uma herança incorruptível, e que não pode contaminar-se, nem murchar, reservada nos céus para vós, a quem o poder de Deus guarda, pela fé, para a salvação, que está preparada para se manifestar no últmo tempo" (I Pedro 1:4 e 5); o

sacerdócio real (cf. Apoc. 1:6; 5:10); o santo sacerdócio (cf. Apoc. 20:6); o começo do julgamento na casa de Deus (cf. Apoc. 20:4,12); e a igreja da Babilônia (cf. Apoc. cap. 17).São estes, entretanto, alusões mais obscuras; mas a Segunda Epístola de Pedro, desde o versículo 19 do primeiro capítulo, até ao fim, parece um comentário seguidodo Apocalipse. Aí, falando às Igrejas da Ásia, às quais João havia recebido ordem de mandar esta profecia mais segura, para ser considerada como uma luz que brilha nas trevas, até que rompa a aurora e que o Sol nasça em seus corações, isto é, até que comecem a entendê-la: porque, diz ele, nenhuma profecia da escritura é suscetível de interpretação particular; nos tempos passados as profecias não vieram pela vontade do homem, mas santos homens de Deus falaram, movidos pelo Espírito Santo. O próprio Daniel confessa (cf. Daniel 8:15, 16, 27; 12:8, 9) que não entendia suas profecias; entretanto não deviam as Igrejas esperar do profeta João a interpretação de suas próprias profecias, mas estudá-las. Eis, em substância, o que disse Pedro no primeiro capítulo; no segundo, então, Pedro passa a descrever, além dessa palavra da profecia mais segura, como na Igreja levantar-se-iam falsos profetas ou falsos doutores, tratados de conjunto, no Apocalipse, pelo nome genérico de falsos profetas, os quais "introduzirão seitas de perdição e renegarão aquele Senhor que os resgatou", o que é a característica do anti-cristo; e diz mais, que "muitos seguirão as suas dissoluções"; os que habitam a terra (cf. Apoc. 13: 7,12) serão enganados pelo falso profeta e embriagados pelo vinho da fornicação da Prostituta, razão por que será blasfemado o caminho da verdade; pois (cf. Apoc. 13: 1, 5, 6) a Besta está cheia de blasfêmias: e por ambição vos mercadejará com palavras fingidas, pois serão esses tais os negociantes da terra que traficarão com a grande Prostituta e venderão (cf. Apoc. 18: 12 e 13) coisas de alto preço com os corpos e as almas dos homens: e o seu julgamento - não demora e sua danação não cessa (cf. Apoc. 19:20) - virá seguramente e de supresa no último dia, como uma torrente sobre o velho mundo e como fogo e enxofre sobre Sodoma e Gomorra, quando o justo será libertado com o foi Ló (cf. Apoc. 21: 3, 4), porque o Senhor sabe como livrar o piedoso da tentação e reservar o injusto para ser punido no dia de juízo, no lago de fogo; mas principalmente os que andaram segundo a carne na sensualidade da imundícia (cf. Apoc. 9:21; 17:2), embriagando-se com o vinho da fornicação da Prostituta, que desdenha a dominação e não se receia de blasfemar das coisas gloriosas (cf. Apoc. 13:6); pois a Besta abriu a boca contra Deus, para blasfemar o Seu nome e o Seu tabernáculo e os que estão no céu. Como perfeitas feras, a Besta de dez chifres e a de dois, ou o Falso Profeta, foram tomadas e lançadas no lago de fogo, por blasfemarem das coisas de que não entendiam; sentem prazer nas orgias feitas à luz do dia, divertindo-se com seus próprios enganos, enquanto convosco festejam (cf. Apoc. 18:3, 7, 9) tendo olhos cheios de adultério e de contínuo pecado: pois os reinos da Besta vivem deliciosamente com a grande Prostituta e as nações se deixam embriagar com o vinho de sua dissolução. Eles deixaram o caminho direito, extraviaram-se seguindo o caminho de Balaão, filho de Bosor, o qual amou a recompensa da iniquidade; "o falso Profeta que ensinava Balac a pôr tropeços diante dos filhos de Israel (cf. Apoc. 2:14). Estes não são fontes de água viva, mas fontes sem água; não como nuvens de Santos, nas quais subiram as duas testemunhas, mas nuvens arrastadas na tempestade, etc. Assim, o autor da Epístola de Pedro toma todo o segundo capítulo na descrição das qualidades das Bestas Apocalípticas e dos falsos Profetas: só no terceiro capítulo, então, ele descreve a destruição de modo mais completo, bem como o futuro reino. Diz ele que, pelo fato da vinda do Cristo ser deferida para mais tarde, não deveriam escarnecer, perguntando: "onde está a promessa de Sua vinda?" Então descreve a vinda súbita DO DIA DO SENHOR, como um ladrão na noite, que é a expressão do Apocalipse; que um dia diante do Senhor é como mil anos; a passagem dos velhos céus e da terra por uma conflagração num lago de fogo, e nossa espera de novos céus e uma nova terra nos quais habite a justiça. Vendo que Pedro e João eram apóstolos da circuncisão, parece-me que os mesmos se deixaram ficar com suas Igrejas na Judéia e na Síria, até que os Romanos levaram a guerra à sua nação, isto é, até o décimo segundo ano de Nero; que então eles teriam seguido o principal corpo móvelde suas Igrejas para a Ásia e que Pedro foi então à Roma, via Corinto; que o Império Romano considerava as Igrejas como inimigas, principalmente por que eram de origem judaica. Então, com o propósito de evitar insurreições, prenderam os seus chefes e baniram João para Patmos. Parece-me também provável que o Apocalipse tenha sido composto em Patmos e que, pouco depois deste, tenham sido escritas a Carta aos Hebreus, bem como as de Pedro, dirigida àquelas Igrejas, com referências explícitas a essa profecia, à qual estavam particularmente ligados. Pois parece que essas Cartas foram escritas em tempos de aflição geral e tribulações causadas pelos pagãos e, por conseguinte, quando o Império guerreou os Judeus, mesmo porque, até então, os pagãos viviam em paz com os Cristãos, os Judeus e o resto. A Carta aos Hebreus, mencionando Timóteo ligado áqueles Hebreus, lhes deve ter sido escrita depois de sua fuga para a Ásia, onde Timóteo era Bispo, e, conseqüentemente, depois de começada a guerra, e quando os Hebreus da Judéia eram estranhos a Timóteo. Parece também que Pedro chama Roma de Babilônia, tanto em relação à guerra feita contra a Judéia e o próximo cativeiro, semelhante àquele sob o domínio da velha Babilônia, quanto em relação ao nome que lhe é dado no Apocalipse. E, escrevendo "aosestrangeiros dispersos pelo Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia", parece insinuar que estes eram os estrangeiros recentemente dispersados pelas guerras romanas; pois eram os únicos estrangeiros que se encontravam em tal caso. Esta interpretação das coisas concorda melhor com a História, desde que devidamente retificada. Porque dizem Justino (cf. “Apol. ad Antonin. Pium”) e Irineu (cf. “Haeres, L. 1, C. 20. Vide etiam Tertullianum, Apol. C. 13”) que Simão, o Mago, veio à Roma no reinado de Cláudio e aí praticou as suas habilidades. E, acrescenta o Pseudo Clemente, viu-se obrigado a fugir, mas quebrou o pescoço na fuga, graças às preces de Pedro. Por isso, Eusébio (cf. “Euseb. Chron.”) ou o seu interpolador Jerome, registrou a vinda de Pedro a Roma no segundo ano de Cláudio. Mas Cirilo, Bispo de Jerusalém (cf. “Cyril, Catech. 6”), bem como

outros tantos como Philastrius, Sulpitius, Prosper, Maximus Taurinensis e Hegesippus Junior, todos situam essa vitória de Pedro no tempo de Nero. Realmente, a mais antiga tradição era que Pedro teria vindo à Roma nos dias do Imperador Nero, conforme se lê em "Lactantius (Lactant. de mortib. Perfect. C. 2)". Diz-nos Crisóstomo (cf. "Hom. 70 in Matth. c. 22") que os Apóstolos continuaram durante muito tempo na Judéia e que então, tendo sido expulsos pelos Judeus, foram aos Gentios. Essa dispersão ter-se-ia dado no primeiro ano da guerra judaica, quando os Judeus, segundo relata Josephus, começaram a se tornar tumultuosos e violentos em toda parte. Tudo concorda que os Apóstolos foram dispersos em várias regiões ao mesmo tempo. Orígenes (cf. "Apud Euseb. Eccl. Hist. L. 2, c. 25") fixou a data, dizendo que no começo da guerra judaica os Apóstolos e os discípulos de Jesus foram dispersos por todas as nações: Tomé, na Pártia; André, na Cítia; João, na Ásia e Pedro, inicialmente na Ásia, onde pregou a essa gente dispersa e, depois, na Itália. Diz Dionysius Corinthus que Pedro veio da Ásia até Roma, via Corinto, e toda a antiguidade concorda em que Pedro e Paulo aí, em Roma, foram martirizados, no fim do reinado de Nero. Marcos foi com Timóteo à Roma (2 Tim. 4:11; Colossenses 4:10). Silvano era assistente de Paulo e, pelos companheiros de Pedro, mencionados na primeira Carta, ficamos sabendo que a escreveu de Roma; e os Antigos geralmente concordam que nessa Carta ele chamava Roma de Babilônia. Sua segunda Carta foi escrita aos mesmos estrangeiros dispersos com os primeiros (2 Pedro 3:1) e nela diz que Paulo lhes havia escrito sobre as mesmas coisas, como também em sua outra Carta, versículos 15 e 16. Ora, não há outra Carta de Paulo à esses estrangeiros, além daquela dirigida aos Hebreus; aí encontramos (Hebreus 10: 11, 12), de um modo geral, tudo aquilo de que falava Pedro ou que particularmente se refere à mudança do velho céu e da terra e ao estabelecimento de uma herança imutável, juntamente com uma exortação à graça, pois para os maus (o Dia de) Deus é um fogo devorador (Hebreus 12:25, 26, 28 e 29). Tendo assim estabelecido a época em que deve ter sido escrito o Apocalipse, é desnecessário alongar-me a respeito de sua autenticidade, desde que foi devido à sua grande aceitação que, nos primeiros tempos, muitos tentaram imitá-lo, apresentando falsos apocalipses, com o nome dos Apóstolos; e os próprios Apóstolos,como já mostrei, o manuseavam e citavam suas passagens.É por isso que o estilo da Carta aos Hebreus é mais místico do que o de outras Cartas de Paulo e o do Evangelho de João é mais figurado e majestático do que os outros Evangelhos. Não vejo que o Cristo tenha sido chamado o 'verbo de Deus' em nenhum outro livro do Novo Testamento, escrito antes do Apocalipse. Por isto, sou de opinião que a expressão foi tomada desta Profecia, assim como o foram muitas outras passagens deste Evangelho (de João), tais como, em referência ao Cristo, como sendo a luz que ilumina o mundo; o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo; o noivo; o que dá testemunho; o que desceu do Céu; o Filho de Deus, etc. Justino Martir, que se tornou cristão cerca de trinta anos depois da morte de João, escreve expressamente que "um certo homem entre os Cristãos, cujo nome era João, um dos doze Apóstolos do Cristo, profetiza, na Revelação que lhe foi mostrada, que aqueles que acreditam em Cristo viverão um milênio em Jerusalém". E, poucas linhas antes, diz: "Mas eu, como muitos que são Cristãos, os quais têm um juízo certo sobre todas as coisas, tanto acredito que haverá uma ressurreição da carne quanto um milênio de vida em Jerusalém, reconstituída, aumentada e embelezada". Isto é o mesmo que dizer que todos os verdadeiros Cristãos daqueles primeiros tempos haviam recebido esta Profecia, pois em todas as épocas, todos quanto acreditavam naquele milênio, tinham recebido o Apocalipse como o fundamento de suas opiniões. E não conheço um só exemplo em contrário. Papias, Bispo de Hierópolis, homem do período apostólico e um dos mesmos discípulos de João, não só ensina a doutrina dos milênios, mas (cf. "Arethas in Proaem. in Apoc.") afirma que o Apocalipse foi escrito por inspiração divina. Melito, que brilhou pouco depois de Justino (cf. "Euseb. Hist. L. 4, c.26. Hieron.") escreveu um comentário a essa Profecia; e, como Bispo de Sardes, uma das Sete Igrejas nela citada, nem podia ignorar a tradição a esse respeito, nem praticar uma impostura sobre a matéria. Irineu, que foi contemporâneo de Melito, escreveu bastante sobre o assunto e disse que "o número 666 era encontrado em todas as cópias antigas e dignas de fé; e que isto lhe era também confirmado por aqueles que tinham visto João face a face" sem dúvida tomando como um destes a seu mestre Policarpo. Ao mesmo tempo Teófilo (cf. "Euseb. Hist. L. 4, c. 24"), Bispo de Antióquia, o afirma, bem como Tertuliano, Clemente de Alexandria e, pouco depois, Orígenes. E seu contemporâneo Hipólito Mártir, Metropolitano dos Árabes (cf. "Hieron."), escreveu um comentário a respeito. Todos estes foram homens antigos que floresceram cerca de cento e vinte anos depois da morte de João e tiveram o maior destaque nas Igrejas daqueles tempos. Pouco depois, Victorinus Pictaviensis escreveu outro comentário sobre a matéria. E este viveu ao tempo de Deocleciano. Isto basta para provar quanto o Apocalipse era aceito e estudado naqueles primeiros tempos. Realmente, não encontro outro livro do Novo Testamento, de início tão fartamente atestado ou comentado quanto este. Diz a Profecia: "Bem-aventurado aquele que lê, e ouve as palavras desta profecia e observa as coisas que nela estão escritas". Isto animou os primeiros cristãos a estudá-lo tanto, até que as dificuldades (interpretativas) os levaram a comentar de preferência os outros livros do Novo Testamento. Esta a situação do Apocalipse até que a incompreensão relativa ao milênio o prejudicou: e Dionísio de Alexandria, verificando quanto lhe abundavam os barbarismos, isto é, os hebraismos, levou a reserva tão longe que no quarto século muitos Gregos tinham o Apocalipse em suspeita. Entretanto, enquanto os Latinos e uma grande parte dos Gregos conservavam sempre o Apocalipse, e o resto apenas duvidava por preconceito, sua autoridade (e autoria) em nada sofreu, na opinião geral. Esta Profecia é chamada A Revelação (Daniel 10:21; 12:4,9), em relação à escritura da verdade, que Daniel teve ordem de fechar e selar, até ao fim do tempo; Daniel as selou até ao fim e até que chegasse o dia em que o Cordeiro rompesse os seus selos: e depois da profecia das duas testemunhas, que estavam ao lado, vestidas de linho (panbo de saco), mas antes que subissem ao céu, numa nuvem. Tudo isto

é como se dissesse que essas Profecias de Daniel e de João não deveriam ser entendidas enquanto não chegasse o tempo do fim. Mas, então, alguns poderiam profetizar além deles, num estado de aflição e de tristeza por um longo tempo, mas de modo obscuro; tanto que só uns poucos seriam convertidos. Entretanto, já bem no fim da Profecia, seria interpretada tão claramente que muitos ficariam convencidos. Então, diz Daniel, muitos correrão de uma parte para outra e a ciência se multiplicará. Porque o Evangelho (a boa notícia) deve ser pregado em todas as nações antes da grande tribulação e do fim do mundo. E a multidão que sai dessa grande aflição, brandindo folhas de palmeiras, não pode ser incontável em todas as nações, a menos que o tenha sido pela pregação do Evangelho antes que isso aconteça. Deve haver uma pedra, cortada de uma montanha sem o auxílio de mãos, antes que ela caia sobre os artelhos da estátua e se torne um grande monte e encha a terra. Um Anjo deve voar pelo meio do céu com o Evangelho eterno e pregá-lo a todas as nações, antes que caia a Babilônia e que o Filho do homem ceife a sua seara. Os dois Profetas devem subir ao céu numa nuvem, antes que os reinos deste mundo se transformem em reinos do Cristo! É, pois, uma parte da Profecia, que não deveria ser entendida antes dos últimos tempos do mundo. Depõe, portanto, em favor da Profecia, que ela não tenha sido entendida. Mas se os últimos tempos, o momento de abrir estas coisas, estão agora se aproximando, como o parece pelos grandes êxitos dos últimos intérpretes, sentimo-nos mais encorajados do que nunca a penetrar nestes mistérios. Se a pregação geral do Evangelho está se aproximando, são principalmente para nós e para a nossa posteridade as seguintes palavras: "Nos tempos finais, o sábio entenderá, mas os ímpios não entenderão (Daniel 12:10). "Bem-aventurado aquele que lê, e ouve as palavras desta profecia e observa as coisas que nela estão escritas" (Apocalipse 1:3). A insensatez dos intérpretes tem sido predizer tempos e coisas por esta profecia, como se Deus os tivesse feito profetas. Por essa precipitação não só se expuseram, mas atraíram o desprezo para a profecia. O desígnio de Deus era muito outro! Ele deu esta e outras Profecias do Velho Testamento, não para satisfazer a curiosidade humana, permitindo-lhe um prévio conhecimento das coisas, mas para que, depois de cumpridas, pudessem ser interpretadas pelo evento realizado; e sua mesma Providência - e não os intérpretes – fosse, por elas, revelada ao mundo. Pois a realização de coisas preditas com grande antecedência será um argumento convincente de que o mundo é governado pela Providência! Porque, assim como as poucas e obscuras Profecias concernentes à primeira vinda do Cristo eram para o estabelecimento da fé cristã, que deste então todas as nações tem corrompido como religião; assim as muitas e claras Profecias concernentes às coisas que devem ser feitas à segunda vinda do Cristo não são apenas um vaticínio, mas também para efetuar uma recuperação e um restabelecimento da verdade há muito perdida e o estabelecimento de um reino (global), no qual habite a justiça. O acontecimento provará o Apocalipse; e esta Profecia, assim provada e compreendida, abrirá os velhos profetas; e todos juntos darão a conhecer a verdadeira fé e a estabelecerão como religião. Porque aquele que entende os velhos Profetas deve começar com isto; mas ainda não chegou o tempo de os entender perfeitamente; a principal revolução, nelas profetizada, ainda não passou: "Nos dias da voz do sétimo anjo, quando começãsse a soar a trombeta, se cumpriria o mistério de Deus, como Ele o anunciou pelos profetas Seus servos (Apocalipse 10:7). E então "o reino deste mundo passou a ser de nosso Senhor e de seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos" (Apocalipse 11:15). Já foram cumpridas tantas profecias que, por maior que seja o trabalho de as estudar, este apresenta exemplos suficientes da Providência de Deus. Mas então o sinal de revolução, predito por todos esses santos Profetas, ao mesmo tempo que atraem o olhar para essas predições, dar-lhes-á a sua interpretação. Até então, contentemo-nos com interpretar aquilo que já está realizado. Entre os intérpretes dos últimos tempos, há uns poucos que fizeram mistérios. O êxito de outros leva-me a pensar. E se fiz algo de útil aos escritores do futuro, tenho meu propósito (dado como cumprido).

Capítulo 16

Das relações entre o Apocalipse e o Livro da Lei de Moisés e o culto de Deus no templo.

"Se eu fosse esperar que as pessoas fizessem minhas ferramentas e tudo o mais para mim, eu nunca teria feito nada. (Sobre a construção do primeiro telescópio refletor.)"

Isaac Newton

O Apocalipse de João foi escrito no mesmo estilo e na mesma linguagem das Profecias de Daniel e tem para com estas a mesma relação que elas têm entre si. Assim, representa uma Profecia completa e se constitui, deste modo, de duas partes: uma Profecia introdutória e a sua interpretação. A Profecia se divide em sete partes sucessivas, pela abertura dos sete Selos do livro que Daniel teve ordem de selar: então é chamado Apocalipse ou Revelação de Jesus Cristo (o abridor dos Selos) . O tempo do sétimo Selo é subdividido em oito partes sucessivas, por meio de um silêncio de meia hora no céu e pelo soar sucessivo de sete trombetas. E a sétima trombeta dá o sinal da batalha do grande Dia do Deus Onipotente, por meio da qual os reinos deste mundo tornar-se-ão o reino do Senhor e de seu Cristo e serão destruídos os que destroem a terra. A interpretação começa com as seguintes palavras (Apocalipse 11:19): "Então abriu-se no céu o templo de Deus e apareceu a arca de seu testamento no seu templo"; e continua até o fim da Profecia. O templo é a cena das visões e estas visões do templo referem-se à festa do sétimo mês. Porque as festas dos Judeus eram, típicamente, (anunciações ou sinais) de coisas porvindouras. A Páscoa reporta-se à primeira vinda do Nosso Senhor e as festas do sétimo mês à sua segunda vinda. Como a primeira tivesse ocorrido muito tempo antes que esta Profecia tivesse sido feita, as referências aqui são exclusivamente às festas do sétimo mês. No primeiro dia daquele mês, pela manhã, o Sumo-sacerdote arranjava os candelabros: e, como uma alusão, a Profecia começa com a visão de um como filho do homem, vestido como sumo-sacerdote, aparecendo como se estivesse no meio de sete castiçais de ouro ou, outra vez, entre os mesmos, arranjando as lâmpadas, que pareciam uma haste de estrêlas em sua mão direita: e isto era realizado pela remessa de Sete Cartas aos Anjos ou Bispos das Sete Igrejasda Ásia que, nos primeiros tempos, iluminaram o Templo ou Igreja Primitiva universal. Estas Cartas contêm advertências contra a próxima apostasia e, assim, referem-se aos tempos em que a apostasia começava a trabalhar fortemente, e antes que tivesse prevalecido. Ela começou a trabalhar nos dias dos Apóstolos e deveria continuar trabalhando até que o homem do pecado fosse revelado. Começou a trabalhar nos discípulos de Simão, Menandro, Carpocrates, Cerinto e outros do mesmo quilate, encharcados de filosofia metafísica dos Gentios e dos Judeus Cabalistas, pelo que foram chamados de Gnósticos. João os chama de anti-cristos e diz que nos seus dias havia muitos anti-cristos. Mas estes, tendo sido condenados pelos Apóstolos e por seus discípulos imediatos, não ofereceram perigo às Igrejas durante a abertura dos primeiros quatro Selos. As visões, na abertura destes Selos, referem-se exclusivamente aos negócios civis do Império Romano pagão. Enquanto prevaleceram, as tradições apostólicas preservaram a Igreja em sua pureza; assim, os negócios da Igreja não começaram a ser considerados nesta Profecia antes da abertura do quinto Selo. Então, ela principiou a declinar, por falta de conselhos. Por isso é aconselhada, por estas Sete Cartas, (conselhos estes que perduraram) até que a Apostasia prevaleceu e tomou lugar, o que se deu quando da abertura do sétimo Selo. Portanto, os conselhos contidos nestas Cartas se referem ao estado da Igreja ao tempo do quinto e do sexto Selos. Ao abrir-se o quinto Selo, por uma grande perseguição a Igreja é então expurgada dos hipócritas. Ao abrir-se o sexto Selo, o que restava da Igreja é posta fora do caminho (desencaminhada), a saber, o Império Romano pagão. Ao abrir-se o sétimo Selo, revelou-se então o homem do pecado. As Sete Cartas referem-se a esses tempos. Os sete anjos, aos quais estas Cartas eram dirigidas, correspondem aos sete Amarc-holim, que eram sacerdotes e oficiais superiores do Templo e tinham, em conjunto, as chaves do portão do Templo e as chaves do Tesouro, responsáveis pela direção, secretaria e superintendência de todos os negócios do Templo. Depois que os castiçais estavam preparados, João viu abrir-se a porta do Templo e, pela voz que era como de uma trombeta, foi chamado para a porta leste do grande átrio, a ver as visões (4:2): viu que “um trono se erguia”, isto é, viu o propiciatório sobre a Arca do Testamento, que os Judeus respeitavam como ‘o trono de Deus entre osQuerubins’ (Êxodo 25:2). “E aquele que estava sentado no trono era no aspecto semelhante a uma pedra de jaspe e de sardônica" (4:3), isto é, cor de oliva, que é a cor do povo da Judéia. E, “estando o Sol a Leste, havia em volta do trono um arco-íris”, emblema da glória. "E em volta do trono estavam outros vinte e quatro tronos" (4:4), correspondendo às câmaras dos vinte e quatro Príncipes dos Sacerdotes, doze aoNorte e doze ao Sul do Átrio dos Sacerdotes. "E sobre estes tronos estavam sentados vinte e quatro anciãos vestidos de roupas brancas, e nas suas cabeças havia coroas de ouro" (4:4), representando os Príncipes dos vinte e quatro cursos de Sacerdotes, vestidos de linho. "E do trono saíam relâmpagos e vozes e trovões" (4:5), isto é, os jatos de luz solar sobre o altar no sacrifício matinal “e as vozes trovejantes dos que tocavam as trombetas e cantavam” à porta leste do átrio dos Sacerdotes. Porque estando estes entre João e o trono, pareciam vir do trono. "E diante do trono estavam sete lâmpadas ardentes, que são os Sete Espíritos de Deus" (4:5) ou Anjos das Sete Igrejas, representados no princípio da Profecia por sete estrelas. "E em frente do trono havia um como mar de vidro semelhante ao cristal" (4:¨6) identificando a piscina bronzeada entre o pórtico do Templo e o Altar, cheia de água cristalina. "E no meio do trono e em volta do trono havia quatro animais cheios de olhos por diante e por detrás" (4:6), isto é, uma besta em frente ao trono e outra atrás, aparecendo a João como se no meio do trono e uma de cada lado, no círculo em seu redor, representando, na multidão de seus olhos, o povo nos quatro lados do pátio do povo. "E o primeiro animal era como um leão, o segundo animal semelhante a um novilho, e o terceiro animal tinha o rosto como de homem e o quarto animal era semelhante a uma águia voando (4:7). No deserto, o povo de Israel acompanhava em redor o Tabernáculo; a leste ficava três tribos, sob o estandarte de Judá, a oeste outras três tribos, sob o estandarte de Efraim; ao sul mais três tribos, sob o estandarte de Rubem e, por fim, ao norte, as três restantes, sob o estandarte de Dan (livro de Números, capítulo 2). Ora, o estandarte de Judá era um Leão, o de Efraim era um Touro, o de Rubem era um Homem e o de Dan era uma Águia, segundo afirmam os Judeus. Daí foram tirados os hieróglifos de Querubins e Serafins, representativos do

povo de Israel. Um Querubim tinha um corpo com quatro faces: as faces de um Leão, de umTouro, de um Homem e de uma Águia, olhando para os quatro pontos cardeais do céu, sem se voltarem, como na visão de Ezequiel (Ezequiel, capítulo 1). E quatro Serafins tinham as mesmas quatro faces com quatro corpos, isto é, uma face para cada corpo. As quatro bestas são, pois, quatro Serafins nos quatro lados do pátio do povo: o primeiro, no lado de leste, com a cabeça de Leão; o segundo, no oeste, com a cabeça de Touro; o terceiro, no lado sul, com a cabeça de Homem; e o quarto, no lado norte, com a cabeça de Águia. Os quatro representam, em conjunto, as doze tribos de Israel, das quais cento e quarenta e quatro mil foram assinalados (7:4). "E os quatro animais tinham cada um seis asas" (4:8), duas para cada tribo, ao todo vinte e quatro asas, correspondendo às vinte e quatro estações do povo. "E em volta e por dentro estavam cheios de olhos; e não cessavam dia e noite (ou nos sacrifícios de manhã e de noite) de dizer: Santo, santo, santo o Senhor Deus Onipotente, que era, que é e que há de vir (4:8). Esses animais são, pois, os Serafins, que apareceram a Isaías numa visão semelhante a esta do Apocalipse. Pois aí também o Senhor se sentava num trono no Templo; e os Serafins, tendo cada um seis asas, exclamavam: "Santo, santo, santo é o Senhor Deus dos Exércitos (Isaías 6:3). "E, enquanto aqueles animais davam glória e honra, e ação de graças ao que estava sentado sobre o trono, e que vive pelos séculos dos séculos, os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava sentado no trono e adoravam o que vive pelos séculos dos séculos, e lançavam suas coroas diante do trono, dizendo: Tu és digno, ó Senhor nosso Deus, de receber a glória, e a honra, e o poder, porque criaste todas as coisas, e por Tua vontade é que elas subsistem e foram criadas (4:9-11). Nas cerimônias da manhã e da tarde, assim que o sacrifício era posto sobre o Altar e o cálice começava a ser derramado, soavam as trombetas e os Levitas cantavam seguidamente três estrofes; e, cada vez que soavam as trombetas, o povo caía de joelhos em adoração. Três vezes, portanto, o povo adorava; para significar o número três, os animais exclamavam: santo, santo, santo. Terminada a cantoria, o povo orava de pé, até terminar a solenidade. Nesse meio tempo, os Sacerdotes entravam no Templo e prostravam-se diante daquele que se sentava no trono e o adoravam. "E", diz João (cf. Apoc. 5:1) "vi na mão direita do que estava sentado no trono um livro escrito por dentro e por fora selado com sete Selos", isto é, o livro que Daniel tinha tido ordem de selar, e que aqui é representado pelo livro profético da Lei, posto ao lado direito da Arca, como se estivesse na mão direita daquele que se sentava no trono: pois os festivais e cerimônias da Lei, prescritos ao povo nesse livro, esboçavam aquelas coisas que eram preditas no livro de Daniel; e o que estava escrito por dentro e por fora desse livro refere-se às profecias sincrônicas.

[***NOTAS DO TRADUTOR E DO DIGITADOR****: Tanto no original em inglês, quanto no livro traduzido para o português e impresso, ocorre o seguinte: um anexo de 11 páginas intitulado simplesmente de ADVERTÊNCIA é publicado no final do livro,tratando do mesmo tema da metade do capítulo 16 e todo o capítulo 17 do livro, que encerram o livro, isto é, estas 11 páginas consiste de uma outra versão um pouco resumida para as 40 páginas que encerram o livro. Não sabemos qual versão foi escrita primeiro, portanto, achamos por bem publicar aqui a versão resumida e depois encerrar o livro com o texto mais extenso. Se o leitor acompanhar atentamente a leitura, verá que está reprisando o mesmo tema porém sob outra ênfase. Ao que parece, ambas foram escritas pelo Sir Isaac Newton, porém em momentos diferentes*].

Versão Curta da parte final do livro:

"E não se tinha encontrado ninguém que fosse digno de abrir o livro" (Apoc. 5:4) até o aparecimento do Cordeiro de Deus. O Sumo-sacerdote era representado por um cordeiro imolado ao pé do Altar, no sacrifício da manhã. "E veio, e recebeu o livro da mão daquele que estava sentadono trono" (Apoc. 5:7). É que, na festa do sétimo mês, o sumo-sacerdote ia ao lugar mais sagrado, tomava o livro da Lei, punha-se ao lado direito da Arca e lia o livro ao povo. E, a fim de bem o ler, estudava-o préviamente durante sete dias, isto é, do quarto ao décimo, sendo ajudado nessas práticas por alguns sacerdotes. Há uma alusão a esses sete dias de estudos no fato de serem abertos sucessivamente sete Selos,pelo Cordeiro. No décimo dia do sétimo mês era imolado um novilho em holocausto pelo sumo-sacerdote e um bode pelo pecado do povo. Era lançada a sorte sobre dois bodes, para saber qual seria oferecido a Deus; o outro era chamado Azazel, o bode expiatório. Paramentado de linho, o sumo-sacerdote tomava o vaso dos incensos cheio de brasas do Altar, tendo a mão cheia de incenso miúdo; então ia ao Santo dos Santos, além do véu, e aspergia o Tabernáculo Do Testemunho com o dedo molhado no sangue do novilho e sete vezes ele aspergia em frente ao Véu; então matava o bode, que, por sorteio, coubera à Deus, em holocausto pelo pecado do povo e levava o seu sangue para além do Véu, com ele aspergindo, também sete vezes, o Tabernáculo e em frente ao Véu, depois do que ia então ao Altar e o aspergia sete vezes com o sangue do novilho e outras sete vezes com o do bode. Depois disto (cf. Levítico caps. 4 e 16) põe ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo; sobre ele confessa todas as iniqüidades dos filhos de Israel e todas as suas transgressões em todos os seus pecados, pondo-os sobre a cabeça do bode, que é depois mandado para o deserto, pelas mãos de uma pessoa escolhida; e o bode carregará

sobre si mesmo todas as iniquidades daqueles para uma terra desabitada. Enquanto o sumo-sacerdote fazia estas coisas no lugar mais sagrado e no Altar, o povo continuava sua devoção, quieto e silencioso, aguardando. Este então retorna ao Santo dos Santos, tira os paramentos de linho que vestia e punha outros, limpos; voltava, entregava o novilho e o bode do holocausto para serem queimados fora do pátio, num fogo de lenha, aceso com as brasas de um vaso dos incensos, retiradas do Altar. Então, o povo ia do Templo para casa saudando-se com a frase: "Deus vos assinale para um bom ano novo". É em alusão a isto que (cf. Apoc. 8:1 a 5) "tendo (o Anjo) aberto o sétimo Selo, fez-se silêncio no céu, quase por meia hora. E veio outro Anjo, e parou diante do Altar, tendo um vaso dos incensos feito de ouro; e foram-lhe dados muitos perfumes, a fim de que oferecesse as orações de todos os santos sobre o altar também de ouro, que está diante do trono de Deus. E a fumaça dos perfumes (formada) das orações dos santos subiu, da mão do Anjo, até a presença de Deus. E o Anjo tomou o vaso dos incensos, e o encheu de fogo do Altar, e o lançou sobre a terra", que, supomos, era fora do ambiente (do Altar), sacrificando o bode que a Deus coube por sorte. Pois, de vez que o sumo-sacerdote era o próprio Cristo, o novilho (aqui) é omitido. A esse sacrifício ouviam-se "trovões e vozes, e relâmpagos" (vindos do estalir do fogo sagrado) "e um grande terremoto (cf. Apoc. 8:5); simultâneamente, eram marcados os cento e quarenta e quatro mil, escolhidos entre as doze tribos dos filhos de Israel, assinalados em sua fronte como os servos do nosso Deus; então os restantes, também das doze tribos, recebiam o sinal da Besta, enquanto que, montada na Besta, a Mulher fugia do Templo para o lugar que lhe estava preparado no deserto.(Repare as semelhanças ...). Este Selo e esta Marca eram representados pelo lançamento da sorte sobre os dois bodes, dos quais o que cabia a Deus era sacrificado sobre o Monte Sião e o bode expiatório, carregando os pecados do povo, era enviado para o deserto. No décimo quinto dia do mês e nos seis que seseguiam, havia grandes sacrifícios. É uma alusão ao toque das trombetas, ao canto com vozes trovejantes e ao derrame dos cálices naqueles sacrifícios, quando se diz que sete trombetas são ouvidas e sete trovões pronunciam as suas vozes e sete cálices da ira são derramados. Por isso o toque das sete trombetas, as vozes dos sete trovões e o derrame dos sete cálices da ira são sincrônicos e se referem a uma mesma divisão do tempo do sétimo Selo em sete partes sucessivas, ocorrida após o momento de 'silêncio'. Os sete dias dessa festa eram chamados de A Festa dos Tabernáculos. Durante eles, os filhos de Israel habitavam em tendas e se regozijavam, brandindo folhas de palmeira. Há uma alusão a isto quando se fala de "uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam em pé diante do trono e diante do Cordeiro, revestidos de vestiduras brancas, e com palmas (folhas de palmeira) nas suas mãos" (Apoc. 7:9) e que aparecem depois de marcados os cento e quarenta e quatro mil; é dito que "estes são aqueles que vieram de grande tribulação" (cf. Apoc. 7:14), triunfando na batalha do Grande Dia, marcada pelo toque da sétima trombeta. Assim, a visão dos cento e quarenta e quatro mil e da multidão exibindo folhas de palmeira se extende ao (ou além do) toque da sétima trombeta, sendo, portanto, sincrônica com os tempos do sétimo Sêlo. Quando os cento e quarenta e quatro mil são assinalados, de todas as tribos dos filhos de Israel, e os restantes recebem o sinal da Besta, é destruído o primeiro Templo. João recebe ordem de medir "o Templo de Deus, e o altar", isto é, seus átrios, "e os que nele adoram", que são os centro e quarenta e quatro mil que se acham sobre o Monte Sião e sobre o mar de vidro; "mas o átrio que está fora do Templo", isto é, o pátio do povo, "não o meças, porque ele foi dado aos Gentios", isto é, àqueles que receberam a marca da Besta "e eles calcarão a cidade santa durante quarenta e dois meses" (Apoc. 11:1,2), ou seja, todo o tempo que a Besta age sob o domínio da mulher Babilônia. E (Apoc. 11:3) "darei às minhas duas testemunhas o poder de profetizar, vestidos de saco, durante mil, duzentos e sessenta dias", isto é, todos ao mesmo tempo. Como Elias "eles têm poder de fechar o céu, para que não chova durante o tempo que durar a sua profecia" (Apoc. 11:6), ao toque da primeira trombeta; e como Moisés, "têm poder sobre as águas, para as converter em sangue", ao toque da segunda trombeta; "e de ferir a terra com todo o gênero de pragas" – aquelas mesmas das outras trombetas - "todas as vezes que eles quiserem". Tal como Ageu e Zacarias, eles profetizam durante a construção do segundo Templo. E são "as duas Oliveiras" ou Igrejas que fornecem óleo às lâmpadas (Zacarias cap. 4); são "os dois candeeiros postos diante do Senhor da Terra". Cinco das Sete Igrejas da Ásia, as que prosperam, são julgadas em erro e exortadas ao arrependimento e convidadas a mudar de lugar, sem o que serão vomitadas da boca do Cristo ou punidas com a espada da boca do Cristo, a menos que se arrependam. As outras duas, isto é, as Igrejas de Smirna e de Filadélfia, que sofriam perseguição, ficaram perseguidas para que iluminassem o segundo Templo. Quando apostatou a primitiva Igreja Católica, representada pela 'mulher no céu', e se dividiu em duas igrejas corruptas, representadas pela prostituta de Babilônia e pela Besta de dois chifres, os cento e quarenta e quatro mil que foram assinalados, de todas as doze tribos, tornaram-se as duas testemunhas, em oposição àquelas duas falsas igrejas: e o nome das duas testemunhas, uma vez imposto, fica para a verdadeira Igreja de Deus, em todos os tempos e lugares, até o fim da Profecia. Na interpretação desta Profecia, a "mulher vestida de sol", que é vista no céu, representa, antes de voar para o deserto, a primitiva Igreja Católica, iluminada pelas sete lâmpadas nos sete candeeiros de ouro, os quais são asSete Igrejas da Ásia. O Dragão significa o mesmo Império,que na Profecia de Daniel é simbolizado pelo Bode, no reinado de seu último chifre, isto é, todo o Império Romano, até a sua divisão em Impérios Latino e Grego; durante todo o tempo da divisão, representa apenas o Império Grego; e a Besta é a mesma quarta Besta da Profecia de Daniel, isto é, o Império dos Latinos. Antes da divisão do Império Romano nos Impérios Grego e Latino, a Besta está incluída no corpo deste Dragão; depois da divisão, entretanto, a Besta representa apenas o Império Latino. Daí o fato de o Dragão e a Besta terem as mesmas cabeças e os mesmos chifres. Mas nesta, as coroas se acham nos chifres, enquanto que naquele estão na própria cabeça. Os chifres são os dez reinos, nos quais a Besta

fica dividida, após a sua separação do Dragão, como já foi descrito. As cabeças são sete dinastias sucessivas, ou partes nas quais o Império Romano fica dividido quando da abertura dos Sete selos. Antes que a mulher voasse para o deserto,"estando para dar à luz" um filho de um Império Cristão, "clamava com dores de parto", isto é, durante os dez anos da perseguição de Deocleciano "e sofria tormentos para dar à luz; e o Dragão", isto é, o Império Romano pagão, "parou diante da mulher, a fim de devorar o seu filho, logo que ela o tivesse dado à luz. E deu à luz um filho homem, que havia de reger todas as gentes com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono" (Apoc. 12:1-5) no Templo, pela vitória de Constantino o Grande sobre Maxêncio. "E a mulher fugiu" (do Templo) "para o deserto" (da Arábia para a Babilônia), "onde tinha um retiro que Deus lhe havia preparado", de riquezas e honras e dominação, montada na Besta, "para aí se sustentaram durante mil e duzentos e sessenta dias" (Apoc. 12:6). "E houve no céu uma grande batalha" (Apoc. 12:7) entre os Pagãos, chefiados por Maximino, e o novo Império Cristão; "e foi precipitado aquele grande Dragão, aquela antiga serpente, que se chama o demônio e Satanás, que seduz todo o mundo" (Apoc. 12:9), isto é, o espírito de idolatria pagã; "e foi precipitado" (do trono) "na terra" (Apoc. 12:9). "E eles venceram-no pelo (mérito do) sangue do Cordeiro, e pela palavra do seu testemunho, e desprezaram as suas vidas até morrer" (por Cristo) (Apoc. 12:11). "E o dragão, depois que se viu precipitado na terra, perseguiu a mulher que tinha dado à luz o filho homem (Apoc. 12:13), movendo contra ela uma nova perseguição, no reinado de Licínio. "Mas foram dadas à mulher", pela fundação de Constantinopla, que passou a rivalizar com Roma, "duas asas de uma grande águia, a fim de voar para o deserto ao lugar do seu reitro" (Constantinopla) montada na Besta, "onde é sustentada por um tempo, e por tempos, e por metade de um tempo, fora da presença da serpente". (Apoc. 12:14). "E a serpente", em conseqüência da morte de Constantino o Grande, "lançou da sua boca, atrás da mulher, a água" das perseguições "como um rio", isto é, o Império do Ocidente sob o domínio de Constantino Júnior e de Constante, "para fazer que ela fosse arrebatada pelacorrentesa. Porém a terra", isto é, as nações da Ásia, então dominadas por Constantinopla, "ajudou a mulher"; e, pela conquista do Império do Ocidente, então sob o domínio de Magnentius, "e a terra abriu a sua boca e engoliu o rio que o dragão tinha vomitado de sua boca. E o dragão irou-se contra a mulher; e foi fazer guerra aos outros seus filhos que guardam os mandamentos de Deus, e retém a confissão de Jesus Cristo" (Apoc. 12:16, 17), os quais, naquela guerra, foram "assinalados de todas as tribos dos filhos de Israel", e ficaram sobre o Monte Sião com o Cordeiro, em número de cento quarenta e quatro mil, tendo em sua fronte escrito o nome de seu Pai. Quando a terra engoliu o rio e o Dragão foi fazer guerra contra os restantes filhos da mulher, João "parou sobre a areia do mar. E viu levantar-se do mar uma Besta, que tinha sete cabeças e dez chifres" (Apoc. 12:18 e 13:1). E a Besta "era semelhante a um Leopardo, e os seus pés como pés de Ursos, e a sua boca como boca de Leão" (Apoc. 13:2). Aqui João nomeia de forma ordenada as mesmas quatro Bestas da Profecia de Daniel, substituindo apenas aquela 'quarta' pela sua Besta, a fim de mostrar que elas são as mesmas! E o dragão deu-lhe" (à sua Besta) "sua força e o seu trono e uma grande autoridade" pela renúncia, em seu favor, ao Império do Ocidente. "E uma de suas cabeças" (a sexta) estava "como ferida de morte", isto é, pela espada da terra que havia engolido as águas lançadas da boca do dragão; "mas a sua ferida mortal foi curada" (Apoc. 13:3) por uma nova divisão do Império entre Valentiniano e Valente, no ano de 364. João viu a Besta levantar-se do mar quando da divisão entre Graciano e Teodósio, no ano de 379. O dragão deu à Besta o seu poder, o seu trono e a sua autoridade, quando da morte de Teodósio, isto é, quando este deu o Império do Ocidente a seu filho Honório. Depois disto, não mais se uniram os Dois Impérios: mas o do Ocidente foi então dividido em dez reinos, como já demonstramos. Por fim, esses reinos se uniram sob a religião, isto é, sob o domínio da mulher, e reinaram com ela durante quarenta e dois meses. "E vi outra Besta", diz João (em Apoc. 13:11), "que subia da terra". Quando a mulher fugiu do dragão para o reino da Besta, tornando-se a sua igreja, esta outra Besta levantou-se da terra, para representar a igreja do dragão. Pois "que tinha dois chifres semelhantes ao de um cordeiro", tal como eram os Bispados de Alexandria e de Antióquia; e "falava como o dragão" em matéria de religião; "e fez que a terra", ou as nações do reino do dragão, "e os que a habitam adorassem a primeira Besta, cuja ferida mortal tinha sido curada" (Apoc. 13:12), isto é, que se convertessem à sua religião. "E operou grandes prodígios, de sorte que até fez descer fogo do céu à vista dos homens" (Apoc. 13:13) isto é, excomungou aqueles que dela divergem do ponto de vista da religião: pois ao pronunciar as suas excomunhões, ela costumava descer uma tocha acesa com a chama voltada para baixo. E disse "aos habitantes da terra que fizessem uma imagem da Besta que tinha recebido um golpe de espada e conservou a vida" (Apoc. 13:14), isto é, que devia ser reunido um Concílio de homens da religião da Besta. "E foi-lhe concedido dar espírito à imagem da Besta, e fazer que fossem mortos todos aqueles que não adorassem a imagem da Besta" (Apoc. 13:15). Entenda-se morte mística pela dissolução de suas igrejas. "E fez que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, tenham um sinal na sua mão direita, ou nas suas frontes; e que ninguém possa comprar ou vender, exceto aquele que tiver o sinal ou o nome da Besta, ou o número do seu nome" (Apoc. 13:16, 17), isto é, a marca , ou o nome ou o número que a este corresponde: ou 666. Todos os outros eram excomungados! Quando os Sete Anjos tinham derramado os Sete Cálices da ira e João os havia descrito a todos, foi ele chamado da época do sétimo Cálice para os tempos do sexto Selo, a fim de olhar a mulher e a sua Besta, que deviam reinar no último período do sexto Selo, então dado como presente. Entretanto o Anjo diz a João: "A Besta que viste, foi, e já não é, e subirá do abismo, e" (em seguida) "irá à perdição" (Apoc. 17:8), isto é, ele estava no reinado de Constante e Magnentius, até que o primeiro conquistou este último e reuniu o Império do Ocidente ao do Oriente. Não é durante a reunião; mas subirá do abismo ou do mar, na divisão seguinte do Império. Depois lhe diz o Anjo: "E aqui (que é preciso) um

espírito de sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está sentada" (Apoc. 17:9). Como se sabe, Roma foi construída sobre sete colinas, daí ser chamada a cidade das sete colinas. "São também sete reis. Cinco caíram, um subsiste e o outro ainda não veio; e, quando ele vier, deve durar pouco tempo. E a Besta, que era, e que já não é, ela mesma é a oitava; é uma das sete, e caminha para a perdição" (Apoc. 9:11). Cinco caíram, pois já são passados ostempos dos cinco primeiros Selos; e um É, pois é tomado como presente à época do sexto Selo; e outro ainda não veio, mas quando vier - o que se dá na abertura do sétimo Selo - deve continuar por um curto lapso de tempo; e a Besta que era, e que já não é, ela mesma é a oitava, o que se verificará através da divisão do Império Romano em Dois Impérios colaterais; e é da sétima, por lhe ser uma das metades; e marchará para a perdição. As palavras "cinco caíram, um subsiste e o outro ainda não veio" são em geral referidas, pelos intérpretes, ao tempo de João, o Apóstolo, quando foi dada a Profecia. Deve, entretanto, considerar-se que nesta Profecia muitas coisas são referidas em tempo presente, mas que não o eram quando a Profecia foi dada: seriam presentes em tempos futuros, os quais são presentes na visão. Assim, onde se diz,ao ser derramada a sétima taça da ira, que "Babilônia, a Grande, veio em lembrança diante de Deus, para lhe dar a beber o cálice do vinho da indignação de sua ira", aqui não está fazendo referência ao tempo do Apóstolo João, mas ao tempo do derrame da sétima taça da ira. Também se diz: "Caiu, caiu, aquela grande Babilônia" (Apoc. 14:8); "Mete a tua foice, e colhe, porque é chegada a hora da colheita" (Apoc. 14:15). "E vi os mortos, grandes e pequenos, estarem diante do trono" (Apoc. 10:12); e ainda, "foram julgados os mortos pelas coisas que estejam escritas nos livros, segundo as suas obras" (Apoc. 20:12), todas estas expressões não se referem aos dias do Apóstolo João, mas aos últimos tempos, considerados ‘presentes’ na Visão. Deste modo, as palavras "cinco caíram, um subsiste e o outro ainda não veio, e a Besta, que era, e que já não é, ela mesma é a oitava", não se referem à época do Apóstolo, mas aos tempos em que a Besta deveria ser mortalmente ferida por espada e mostram que esse ferimento lhe deveria ser feito na sexta cabeça. Sem essa referência,ficaríamos ignorantes sobre em qual cabeça seria a Besta ferida. "E os dez chifres que viste, são dez reis que ainda não receberam reino, mas receberão poder como reis durante uma hora depois da Besta. Estes têm um mesmo intento" (pois são da religião da prostituta), "e darão a sua força e o seu poder à Besta. Estes combaterão contra o Cordeiro", (quando soar a sétima trombeta) "e o Cordeiro os vencerá; porque ele é o Senhor dos senhores, e o Rei dos reis, e os que são com ele (são) os chamados, os escolhidos, e os fiéis. E (o Anjo) disse-me: As águas que viste, onde a prostituta está sentada, são os povos, e as nações, e as línguas", (componentes da Besta). E os dez chifres que viste na Besta, estes aborrecerão a prostituta, e a tornarão desolada e nua, e comerão as suas carnes, e queimá-la-ão com fogo" (no fim dos mil e duzentos e sessenta dias). Porque Deus lhes pôs nos seus corações o executarem o que lhe apraz, e darem o seu reino à Besta, até que se cumpram as palavras de Deus.E a mulher que viste, é a grande cidade que reina sobre os reis da terra (Apoc. 17:12-18), ou a grande cidade dos Latinos, que reina sobre os dez Reis até o fim daqueles dias.

Versão Longa e parte final deste livro:

"E ninguém foi capaz de abrir o livro, exceto o Cordeiro de Deus (Apoc. 5:3 e 7) E olhei, e eis que, no meio do trono e dos quatro animais, e no meio dos anciãos", isto é, ao pé do Altar, "estava de pé um Cordeiro, parecendo ter sido imolado" (o sacrifício matinal), "o qual tinha sete chifres",que são as Sete Igrejas, "e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus, mandados por toda a terra. E tendo aberto o livro, os quatro animais e vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um uma cítara e taças de ouro cheias de perfumes, que são as orações dos santos. E cantavam um cântico novo, dizendo: Digno és, Senhor, de receber o livro, e de desatar os Selos; porque foste morto, e nos resgataste para Deus com o teu sangue, de toda a tribo, e língua, e povo, e nação; e para o nosso Deus nos fizeste reis e sacerdotes; e reinaremos sobre a terra. (5:8-10). Os Animais e os Anciãos representavam os primitivos Cristãos de todas as nações; e a adoração desses Cristãos em suas Igrejas é aqui representada sob a forma de adoração a Deus e ao Cordeiro no Templo: Deus, por sua benevolência criando todas as coisas e o Cordeiro, pela sua de nos redimir por seu sangue; Deus, como se assentado no trono e vivendo eternamente; e o Cordeiro, como exaltado acima de tudo, pelos méritos de sua morte. Diz João (cf. Apoc. 5:11-14): "E olhei, e ouvi a voz de muitos anjos em volta do trono, e dos animais e dos anciãos; e era o número deles milhares de milhares, os quais diziam em alta voz: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber a virtude, e a dignidade, e a sabedoria, e a fortaleza, e a honra, e a glória, e a bênção. E toda a criatura que há no céu, e sobre a terra, e debaixo da terra, e as que há no mar, e todas as coisas que nestes lugares se encontram, a todas ouvi dizer: Ao que está sentado sobre o trono e ao Cordeiro, bênção e honra, e glória e poder pelos séculos dos séculos. E os quatro animais diziam: Amém. E os vinte e quatro anciãos prostraram-se sobre os seus rostos, e adoravam aquele que vive pelos séculos dos séculos". Era este o culto dos primitivos Cristãos. Sete dias antes do jejum do sétimo mês, costumava o sumo-sacerdote ficar contínuamente no Templo,estudando o livro da Lei, para que nele estivesse (afiadamente) perfeito, no dia da expiação. De acordo com o livro, o serviço, que era variado e complexo, tinha de ser executado todo por ele. Parte desse serviço era a leitura da Lei ao povo e a promoção de seu estudo, para o que o Sinédrio nomeava alguns Sacerdotes, os quais ficavam com o sumo-sacerdote durante os referidos sete dias, numa das câmaras do Templo. Aí discutiam com o povo a respeito da Lei, liam-na e os convenciam de que era necessário que cada um lesse e estudasse. E essa abertura e leitura da Lei naqueles sete dias é referida na abertura dos Selos, pelo Cordeiro.Somos de opinião que aqueles sete dias começavam na tarde anterior de cada dia, pois os Judeus começavam o seu dia à tardinha; e a solenidade do jejum começava na manhã do sétimo dia. Então o sétimo Selo era aberto no dia da expiação e, pois (8:2) "fez-se silêncio no céu, quase por meia hora". "E (cf. 8:3) veio outro Anjo" (o sumo-sacerdote), "e parou diante do Altar, tendo um vaso dos incensos feito de ouro; e foram-lhe dados muitos perfumes, a fim de que oferecesse as orações de todos os santos sobre o Altar de ouro, que está diante do trono de Deus". Nos outros dias, costumava um dos sacerdotes tirar fogo do grande Altar num vaso dos incensos feito de prata; mas naquele dia, o da Expiação, era o sumo-sacerdote quem tomava o fogo do Altar-mor e o colocava num vaso incensário feito de ouro; e, quando descia do Altar-mor, recebia o incenso de um dos sacerdotes, que lho trazia e ia com ele ao Altar de ouro. E enquanto oferecia o incenso, o povo orava em silêncio, que corresponde ao 'silêncio no céu',quase por meia hora. Depois que o Sumo-sacerdote havia incensado o altar, levava o vaso dos incensos fumegante, com as próprias mãos, ao Muito Santo Lugar em frente à Arca. "E a fumaça dos perfumes das orações dos Santos subiu da mão do Anjo até à presença de Deus". (8:4) Nos outros dias, havia uma certa medida de incenso para o Altar de ouro; mas naquele dia da Expiação havia abundância de incenso, tanto para o Altar quanto para o Muito Santo Lugar. E por isso se diz 'muito incenso'. Depois disto (8:5), "o Anjo tomou o vaso dos incensos, e o encheu de fogo do Altar, e o lançou sobre a terra", isto é, pelas mãos dos sacerdotes que pertencem ao seu corpo místico, lança-o na terra, fora do Templo, para com ele (fogo) queimar o Bode, que era a partilha do Senhor. "E", neste e em outros sacrifícios concomitantes, que eram oferecidos, até que se terminasse o sacrifício da tarde (8:5), "houve trovões, e vozes e relâmpagos, e um grande terremoto", isto é, a voz do sumo-sacerdote, lendo a Lei ao povo, e outras vozes e o troar das trombetas e da música do Templo, durante o sacrifício, assim como as luzes do fogo do Altar. Terminada a solenidade do dia da Expiação, os sete Anjos soavam suas trombetas durante o grande sacrifício dos sete dias da Festa dos Tabernáculos; a música do Templo e o canto dos Levitas, entremeado pelo som das trombetas; e os sete Anjos derramavam o seu cálice da ira, que são as bebidas oferecidas nesses sacrifícios. Quando seis dos Selos foram abertos, diz João (7:1-3): "E depois disto" (isto é, depois das visões do sexto Selo), "vi quatro Anjos que estavam sobre os quatro ângulos da terra, detendo os quatro ventos da terra, para que não soprassem sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma. E vi outro Anjo que subia da parte do oriente, tendo o Selo do Deus vivo; e clamou em alta

voz aos quatro Anjos,a quem fora dado o poder de fazer mal à terra e ao mar, dizendo: Não façais mal à terra, nem ao mar, nem às árvores,até que assinalemos sobre suas frontes os servos do nosso Deus". Este sinal é uma alusão à tradição dos Judeus de que, no dia da Expiação, todo o povo de Israel será assinalado nos livros da vida e da morte. Pois no seu Talmude (Buxfort em "Synagoga Judaica, C. 18 e 21"), dizem os Judeus que no começo de cada ano sagrado, três livros são abertos em julgamento: o livro da vida, no qual se acham escritos os nomes dos que são perfeitamente justos; o livro da morte, onde se acham escritos os nomes dos que são ateus ou muito perversos; e um terceiro livro, daqueles cujo julgamento ficou suspenso até o dia da Expiação, e cujos nomes serão escritos no livro da vida ou no livro da morte, antes daquele dia. Os primeiros dez dias desse mês são chamados dias de arrependimento. Em todos eles, judeus jejuam e oram muito e são muito devotos, a fim de que no décimo dia seus pecados sejam perdoados e seus nomes possam ser escritosno livro da vida. É por isto que esse dia é chamado dia da Expiação. Depois desse décimo dia, voltando da Sinagoga para casa, depois dos sacrifícios do Templo, eles dizem uns aos outros: "Que o Deus Criador vos assinale para um anobom". É que admitem que os livros então se acham selados e que a sentença de Deus fica imutável, de então até o fim do ano. A mesma coisa é expressa pelos dois Bodes, sobre cujas cabeças, anualmente, no dia da Expiação, o sumo-sacerdote põe duas inscrições: PARA DEUS e PARA AZAZEL. O bode destinado à Deus representa a gente que é assinalada na testa com o nome de Deus. O bode destinado à Azazel, o qual é mandado para o deserto, representa aqueles que recebem o sinal e o nome da Besta e vão para o deserto com a grande prostituta. Desde que os servos de Deus eram marcados no dia da Expiação, parece-nos que este sinal coincidia com as visões que apareceram à abertura do sétimo Selo; e que, quando o Cordeiro tivesse aberto seis daqueles Selos e visto as visões relativas ao que se continha dentro do sexto Selo, então olharia o verso da sétima folha e veria os quatro Anjos detendo os quatro ventos da terra e outro Anjo que subia da parte do Oriente tendo o Selo do Deus vivo. Compreendemos, também, que, depois da abertura do sétimo Selo, Estes eram vistos de pé diante de Deus; e que, depois de deterem os ventos, "fez-se silêncio no Céu, quase por meia hora" (8:1); e que, enquanto eram marcados os servos de Deus, o Anjo com o vaso dos incensos feito de ouro oferecia suas preces com incenso no Altar de ouro, e lia a Lei; e que, assim que estes foram marcados, os ventos açoitaram a terra, ao soar da primeira trombeta, e o mar ao soar da segunda. Estes ventos significam as guerras,marcadas pelo toque das quatro primeiras trombetas. Como os quatro primeiros Selos se distinguem dos três últimos pelo aparecimento dos quatro cavaleiros,quando dos quatro ventos do céu, as guerras das quatro primeiras trombetas distinguem-se das três últimas, porque umas são representadas pelos quatro ventos e as outras pelas três grandes aflições. Numa das visões de Ezequiel, quando se aproximava o cativeiro da Bablilônia, apareceram (cf. Ezequiel capítulo 9) "seis homens pelo caminho da porta superior que olha para o Norte, e cada um trazia na sua mão um instrumento de morte; via-se também, no meio deles, um homem vestido de roupas de linho portando à cinta um tinteiro de escriba" (9:2). "E o Senhor disse-lhe: Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém e, com um 'Tau', marca a fronte dos homens que gemem e que se doem de todas as abominações que se fazem no meio dela" (9:4). Então os seis homens, tal qual fazem os Anjos das seis primeiras trombetas, recebem ordem de matar a todos aqueles que não estiverem marcados. Depreendemos disso que os cento e quarenta e quatro mil sejam marcados a fim de ficarem preservados contra as pragas das seis primeiras trombetas; e que, finalmente, pela pregação do evangelho eterno, eles se multipliquem, tornando-se uma grande multidão, que ninguém poderá contar, de todas as nações, e raças, e povos e línguas; e que, ao soar a sétima trombeta, saíram da grande tribulação com folhas de palmeira em saus mãos; os reinos deste mundo, pelas guerras anunciadas pelo som da trombeta, tornam-se o reino de Deus e de seu Cristo. Pois a solenidade do grande Hosannah era realizada pelos Judeus no sétimo e último dia da Festa dos Tabernáculos. Naquele dia os Judeus levam folhas de palmeira nas mãos, cantando Hosannah. Depois que os seis Anjos, correspondentes aos seis homens com instrumentos de morte, das visões de Ezequiel, tinham tocado suas trombetas, sob a forma de "um outro Anjo forte, que descia do céu, vestido de uma nuvem, e com um arco-íris sobre a sua cabeça, o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo" (10:1), o Cordeiro desceu sob a forma sob a qual o Cristo apareceu no começo da profecia; "e tinha na sua mão um livrinho aberto" (10:2), aquele que havia sido aberto recentemente, pois que recebera apenas um livro daquele que estava sentado no trono e só ele era digno de abrir e olhar para o livro. "E (10:3) pôs o pé direito sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra: e (10:4) gritou em voz alta, tal qual um leão quando ruge". Costumava o sumo-sacerdote, no dia da Expiação, ficar de pé num lugar elevado, no átrio do povo, na porta oriental do átrio dos Sacerdotes e ler a Lei ao povo, enquanto a Novilha e o Bode, o qual era a partilha do Senhor, eram queimados fora do Templo. Podemos, pois, admiti-lo de pé e em tal maneira que o seu pé direito parecesse a João como se estivesse sobre o mar de cristal (a piscina bronzeada entre o pórtico do Templo e o Altar, cheia de água cristalina) e o esquerdo sobre o piso da casa; e que clamasse em voz alta, quando lia a Lei no dia da Expiação. "E (10:4) depois que gritou, sete trovões fizeram ouvir suas vozes". O trovão é a voz das nuvens e as nuvens representam a multidão; e esta multidão pode ser representada pelos Levitas, que cantam com vozes trovejantes e tocam instrumentos de música durante os grandes sacrifícios, no sétimo dia da Festa dos Tabernáculos, ocasião em que também fazem soar trombetas. Pois as trombetas soavam e os Levitas cantavam alternativamente, três vezes em cada sacrifício. Assim, a Profecia dos sete trovões não é mais que a repetição das sete trombetas, só que apresentada sob outra forma. "E (10:5-6) o Anjo que eu vira de pé sobre o mar e sobre a terra levantou a sua mão ao céu, e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos que" depois dos sete trovões "não haveria mais tempo" para arrepender-se; "mas (10:7) que nos dias da voz do sétimo Anjo, quando começasse a

soar a trombeta, se cumpriria o mistério de Deus, como Ele o anunciou pelos profetas seus servos". Portanto, as vozes dos trovões durarão até o fim deste mundo, o mesmo se dando com o som das trombetas. "E (10:8) ouvi a voz do céu, que novamente me falava, e que dizia: "Vai, e toma o livro aberto da mão do Anjo", etc. "E (10:10-11) tomei o livro da mão do Anjo, e devorei-o; e na minha boca era doce como o mel; mas, depoisque o devorei, o meu ventre ficou amargurado. E disse-me: É necessário que ainda profetizes à muitas nações, e povos e homens de diversas línguas e reis". Isto é uma introdução a uma nova Profecia, e uma repetição da Profecia de todo o livro; faz alusão ao fato de Ezequiel (Ezequiel capítulo ...) comer um rôlo ou um livro, aberto à sua frente, escrito por dentro e por fora, cheio de lamentações e chôro e desolação, mas doce em sua boca.Ora, comer e beber significam aquisição e posse; e comer um livro é tornar-se inspirado pela Profecia nele contida. Implica ser inspirado de maneira vigorosa e extraordinária pela Profecia de todo o livro e, portanto,quer dizer uma vívida repetição de toda a Profecia, à maneira de interpretação; e não começa enquanto a primeira delas, isto é, a dos Selos e das trombetas, não estiver terminada. Era doce na boca de João. Portanto, não se inicia com a amarga profecia do cativeiro da Babilônia, ou quando os Gentios estavam fora do átrio do Templo e calcavam a seus pés a cidade santa; nem com a Profecia das duas testemunhas vestidas de saco e a aflição da terra com todas as pragas ou as matanças feitas pela Besta: mas assim que termina a Profecia das trombetas, começa com a doce profecia da gloriosa mulher no céu e a vitória de Miguel sobre o dragão; e, depois disso, vem o amargor no ventre de João, por meio de uma longa descrição dos tempos da Apostasia. E o Anjo ficou de pé sobre o mar e a terra e (11:1) "foi-me dito: Levanta-te, e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram", isto é, seus pátios com osedifícios respectivos, no Átrio quadrado do Templo, chamado o lugar separado e o pátio quadrado do Altar, denominado oÁtrio dos Sacerdotes e o pátio daqueles que adoram noTemplo e que era chamado o Átrio Novo: "Mas (11:2) oÁtrio, que está fora do Templo, deixa-o de parte, e não o meças, porque ele é dado aos Gentios, e eles calcarão a cidade santa durante quarenta e dois meses". Esta medição se refere à medição do Templo de Salomão, por Ezequiel; então o Templo, inclusive o átrio exterior, era medido, para significar que poderia ser reconstruído posteriormente. Aí os átrios do Templo e do Altar e aqueles que aí adoravam são os únicos medidos, para exprimir a construção de um segundo Templo, para aqueles que forem marcados de entre as doze tribos de Israel e que adoram no átrio interno da sinceridade e da verdade. Mas João recebe ordens para deixar sem medir o átrio exterior,isto é, a exterioridade do governo da igreja, porque este é dado aos Gentios Babilônios. Pelo que dir respeito à gloriosa mulher no céu, cujos descendentes restantes guardaram os mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus, após a sua fuga para o deserto, continuou a mesma mulher em forma exterior, perdendo sua primitiva sinceridade e sua piedade, para tornar-se, por fim, a grande prostituta. Perdeu sua castidade mas guardou suas formas e atitudes exteriores. E quando os Gentios calcaram aos pés a cidade santa e adoraram no átrio externo, as duas testemunhas, representadas, talvez, pelos dois pés do Anjo, apoiados respectivamente no mar e na terra, profetizaram contra aqueles e, como Elias e Moisés (11:6) "eles tem poder de fechar o céu, para que não chova durante o tempo que durar a sua profecia; e têm poder sobre as águas, para as converter em sangue, e de ferir a terra com todo o gênero de pragas, todas as vezes que quiserem", isto é, com as pragas das trombetas e dos cálices da ira; e, por fim, são mortos, levantam-se de entre os mortos e sobem aos céus numa nuvem. Então, a sétima trombeta soará o Dia De Juízo. Terminada a profecia, João é novamente inspirado pelo livro que comeu e começa a interpretá-lo por estas palavras (11:19): "Então abriu-se, no céu, o Templo de Deus, e apareceu a Arca do seu testamento no seu Templo"... Pela Arca devemos entender o primeiro Templo, pois o segundo Templo não tinha Arca. E continua o versículo: "E sobrevieram relâmpagos, e vozes, e um terremoto, e uma grande chuva de pedra". Isto corresponde às guerras no Império Romano, durante o reinado dos quatro cavaleiros que apareceram quando da abertura dos quatro primeiros Selos. "Depois (12:1) apareceu no céu um grande sinal: uma mulher vestida de Sol". Na profecia, os negócios da Igreja começam a ser considerados com a abertura do quinto Selo. E na interpretação, eles (quinto Selo) começam ao mesmo tempo que a visão da Igreja sob a forma de uma mulher no céu, onde era perseguida; e clamava com dores de parto. A interpretação continua antes que seja feita a marcação dos servos de Deus e a marcação dos restantes com o sinal da Besta, depois do que, vem o Dia De Juízo, representado pelacolheita (sega e víndima). É então que João volta aos tempos da abertura do sétimo Selo, e interpreta a profecia das sete trombetas pelo derrame dos sete cálices da ira. Os Anjos que derramaram estes cálices saíram do Templo do Tabernáculo,isto é, do segundo Templo, uma vez que o Tabernáculo não possuía átrio exterior. Então João volta novamente aos tempos da medição do Templo e do Altar e à adoração pelos Gentios no átrio externo e à matança das testemunhas pela Besta nas ruas da grande cidade. E interpreta estas coisas pela visão de uma mulher montada sobre uma Besta, embriagada com o sangue dos Santos. E continua a interpretação até a queda da grande cidade e o Dia De Juízo. A Profecia completa do livro, representada pelo livro da Lei é, pois, repetida e interpretada nas visões que se seguem ao toque da sétima trombeta e começa com a do Templo de Deus, aberto no céu. Só as coisas expressas pelos trovões não foram escritas e, portanto, deixaram de ser interpretadas.

Capítulo 17

Da relação entre as profecias de João e Daniel. O assunto da profecia.

*"A Filosofia é uma Dama tão impertinente e trapaceira que se envolver em processo significa a mesma coisa que ter qualquer tipo de negócio com ela. (*Carta a Edmond Halley.)*"*

Isaac Newton

A cena da sagrada Profecia, no seu todo, é composta de três partes principais: as regiões além do Eufrates, representadas pelas duas primeiras Bestas de Daniel; o Império Grego, aquém do Eufrates, representado pelo Leopardo e pelo Bode; e o Império Latino, aquém daGrécia, representado pela Besta com dez chifres. É a estas três partes que se referem estas palavras: “a terça parte da terra, o mar, os rios, as árvores, os navios, o sol e a lua”. Situamos o corpo da quarta Besta deste lado da Grécia, porque as três primeiras das quatro Bestas tiveram suas vidas prolongadas depois de haverem perdido o domínio e, assim, não pertencem ao corpo da quarta Besta. Esta apenas ‘as calcou aos pés’. Os judeus tomavam como ‘terra’ ao grandecontinente de toda a Ásia e a África, às quais tinham acesso por terra. E como Ilhas do Mar compreendiam os lugares cujo acesso eles sempre faziam por mar, especialmente a Europa. Assim, nesta Profecia, a terra e o mar são expressões equivalentes às nações do Império Grego e do Império Romano. A terceira e a quarta Besta de Daniel são, respectivamente, o dragão e a Besta de dez chifres de João,apenas com esta diferença: João toma o dragão como representante de todo o Império Romano, enquanto permaneceu inteiro, porque o era assim no momento em que foi dada sua Profecia; e não considera a Besta (existente) enquanto o Império não é dividido. Então, diante da divisão, toma o dragão como símbolo do Império dos Gregos e a Besta como representação do Império dos Latinos. Eis por que o dragão e a Besta têm cabeças e chifres comuns. Entretanto o dragão só tem coroas sobre suas cabeças, enquanto que a Besta só as tem sobre os chifres. Isto é porque a Besta e seus chifres não reinaram enquanto não se separaram do dragão; e quando este (dragão) lhe deu o seu trono, os dez chifres receberam poder como de Reis, à mesma hora em que a Besta o recebeu. As cabeças são sete Reis sucessivos, quatro dos quais eram os quatro cavaleiros que apareceram quando da abertura dos quatro primeiros Selos. E já no fim da sexta cabeça, ou sexto Selo, considerada como presente nas visões, é dito que dos Sete Reis (Apocalipse 17:10) "cinco caíram, um subsiste e o outro ainda não veio; E (Apoc. 17:11) a Besta que era e que já não é", será mortalmente ferida por espada e "ela mesma é a oitava; é uma das sete e caminha para a perdição". Os chifres são os mesmos que os da quarta Besta de Daniel, acima descritos. Os quatro cavaleiros que aparecem à abertura dos quatro primeiros Selos foram bem explicados por Mede. Entretanto preferimos fazer o terceiro cavaleiro continuar até o reinado dos três Gordianos e de Felipe, o Árabe, que eram Reis do Sul, e começar o quarto com o reinado de Decius, continuando-o até o de Deocleciano. Pois (6:8) "apareceu um cavalo amarelo; e o que estava montado sobre ele tinha por nome Morte, e seguia-o o inferno, e foi-lhe dado poder sobre as quatro partes da terra, para matar à espada, à fome, e com a morte natural e por meio das feras da terra", ou exércitos de invasores e rebeldes. E tais eram os tempos durante todo esse intervalo. Até aqui o Império Romano, mantém-se indiviso e sob a forma monárquica, exceto em relação às rebeliões internas. E, como tal, é representado pelos quatro cavaleiros. Mas Deocleciano o dividiu, no ano de 285, para si e para Maximiano. E ele continuou assim dividido até a vitória de Constantino o Grande sobre Licínio, no ano 323, quando foi posto um fim às perseguições pagãs aos Cristãos, desencadeadas por Deocleciano e Maximiano e descritas na abertura do quinto Selo. Mas tal divisão do Império era imperfeita, de vez que o Império inteiro ainda se achava sob um e mesmo Senado. A própria vitória de Constantino o Grande sobre Licínio, um perseguidor pagão, iniciou a derrubada do Império pagão, descrita na abertura do sexto Selo. E as visões deste Selo continuam até depois do reinado de Juliano, o Apóstata, que era um Imperador pagão e reinava sobre todo o Império Romano. Os negócios da Igreja começam a ser considerados à abertura do quinto Selo, como já foi dito. Aí ela é representada por (12:1) "uma mulher vestida de sol" da retidão, no Templo do céu e, conforme as cerimônias judaicas, tendo "a lua debaixo de seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça", símbolo dos doze Apóstolos e das doze tribos de Israel. Quando (12:6) "a mulher fugiu para o deserto", deixou no Templo (12:17) "filhos seus que guardam os mandamentos de Deus, e retêm a confissão de Jesus Cristo". Assim, pois, antes da sua fuga, ela representava a primitiva e verdadeira Igreja de Deus. Entretanto, após sua fuga, degenerou, como Aholah e Aholibah. Na perseguição de Deocleciano ela (12:2) "clamava com dores de parto, e sofria tormentos para dar a luz". E no fim daquela perseguição, pela vitória de Constantino sobre Maxêncio, no ano 312 (12:3 e 4) ela "deu à luz um filho homem, que havia de reger todas as gentes com vara de ferro", ou seja, um Império Cristão. E (12:5) pela vitória de Constantino sobre Licínio, no ano de 323 "seu filho”, isto é, os Bispos, “foi arrebatado para Deus e para o seu trono". "E" (12:6) pela divisão do Império Romano em Império Grego e Império Romano, a mulher fugiu para o deserto" ou o espiritualmente estéril Império Latino, onde posteriormente a encontramos, sentada sobre a Besta e sobre os Sete Montes, e é chamada "a grande cidade que reina sobre os reis da terra", isto é, sobre os dez Reis que dão seus reinos àquela Besta.Mas antes que ela fugisse, houve luta no céu (12:7-17) entre Miguel e o dragão, isto é, entre o Cristianismo e as religiões pagãs; e "aquele grande dragão, aquela antiga serpente, que se chama o demônio e Satanás,que seduz todo o mundo", isto é, o paganismo, "foi precipitado na terra, e foram precipitados com ele os seus anjos", os sumo-sacerdotes pagãos. E João ouviu "uma grande voz no céu que dizia: Agora foi estabelecida a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder de seu Cristo; porque foi precipitado (do céu) o acusador de nossos irmãos". "E eles venceram-no pelo (mérito do) sangue do Cordeiro, e pela palavra de seu testemunho, e desprezaram as suas vidas até morrer” (por Cristo, nas perseguições). “Por isso, ó céus, alegrai-vos, e vós os que habitais nele. Ai da terra e do mar", isto é, as gentes do Império Grego e do Império Latino/ Romano, "porque o demônio desceu até vós com grande ira, sabendo que lhe resta pouco tempo" (para perder as almas). "E o dragão, depois que se viu precipitado na terra", isto é, do trono Romano, para o qual foi tomado o menino, "perseguiu a mulher que tinha dado à luz o filho homem; mas" pela divisão do Império Romano entre as cidades de Roma e Constantinopla, no ano de 330, "foram dadas à mulher duas asas duma grande águia", símbolo

do Império Romano, "a fim de voar" do primeiro Templo "no deserto" da Arábia, "ao lugar do retiro", naquela que é místicamente chamada Babilônia. "E", pela divisão daquele Império entre os filhos de Constantino o Grande, no ano de 337, "a serpente lançou de sua boca, atrás da mulher, água (das perseguições) como um rio", isto é, o Império do Ocidente, "para fazer que ela fosse arrebatada pela corrente. Porém a terra", isto é, o Império Grego, "ajudou a mulher, e a terra abriu a sua boca e engoliu o rio que o dragão tinha vomitado da sua boca" pela vitória de Constantino sobre Maxêncio, no ano de 353. Assim, “a Besta foi mortalmente ferida por espada”. "E o dragão irou-se contra a mulher", no reinado de Juliano, o Apóstata, no ano de 361, passou ao Império do Oriente, e foi fazer guerra aos outros seus filhos", que havia deixado atrás de si quando fugiu. Foi assim que “reviveu a Besta”. Pela divisão seguinte do Império, no ano de 379, entre Graciano e Teodósio, (13:1 e 11), levantou-se, do mar e da terra, duas Bestas: "do mar uma Besta, que tinha sete cabeças e dez chifres" e "subia da terra outra Besta que tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro". E, pela última divisão, no ano de 395, entre os filhos de Teodósio, (13:2) "o dragão deu-lhe sua força, e seu trono e grande autoridade" E os dez chifres receberam poder como se fossem reis, ao mesmo tempo que a Besta. (13:1 e 17:12) Por fim a mulher chega ao lugar de seu predomínio, assim temporal como espiritual, montada na Besta; e aí (12:14) "é sustentada por um tempo e por tempos, e por metade de um tempo, fora da presença da serpente". Ela é alimentada pelos mercadores da terra, durante três tempos e meio, ou três anos e meio, ou 42 meses, ou 1260 dias. E nesta Profecia os dias representam anos. Durante todo esse tempo, a Besta agia sentada sobre ele, isto é, reinou sobre ele e sobre os dez Reis que lhe deram seu poder e sua força, ou ainda, por outras palavras, que deram os seus Reinos à Besta. E estava "embriagada do sangue dos santos" (17:6). Por todas estas coisas, ela (Mulher, ou Besta) corresponde ao décimo primeiro chifre da quarta Besta de Daniel, (cf. Daniel 7:20) que reinou com "uma boca que falava com insolência e cujo olhar era mais intrépido (*ou astuto) que o de seus companheiros", era de uma espécie diferente dos demais e tinha olhos e boca como uma mulher, e (Apoc. 13:7) "foi-lhe permitido fazer guerra aos santos e vencê-los" e (Dan. 7:25) "atropelará os santos do Altíssimo e imaginará que pode mudar os tempos e as leis; e os santos serão entregues em suas mãos até um (ano ou) tempo, e dois (anos ou) tempos, e metade de um (ano ou) tempo". Essas características da mulher e o pequeno chifre da Besta concordam perfeitamente. No que respeita a seu domínio temporal, ela foi um chifre da Besta; quanto à sua dominação espiritual, montou sobre a Besta como uma mulher embriagada, foi a “sua igreja” e cometeu abominações com os dez Reis. A segunda Besta (13:11) "que subia da terra" era a igreja do Império Grego, pois "que tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro", sendo assim a sua igreja (devido a alusão ao cordeiro); mas "falava como o dragão", isto é, era de sua religião. E como ela "subia da terra", pertencia ao reino por esta representado. Também era chamada o falso profeta, que operava "os prodígios que se lhes permitiram fazer diante da Besta" (13:14), pelo que enganava àqueles que recebiam o seu sinal e adoravam a sua imagem. Quando o dragão deixou a mulher para (12:17) "fazer guerra aos outros seus filhos que guardam os mandamentos de Deus", essa Besta, que se erguia da terra, auxiliou nessa guerra, e (13:14) "seduziu os habitantes da terra com os prodígios que se lhe permitiram fazer diante da Besta, dizendo aos habitantes da terra que fizessem uma imagem da Besta que tinha recebido um duro golpe de espada" (13:3) "mas cuja mortal ferida foi curada". Ora, do ponto de vista da religião, fazer uma imagem da Besta significa reunir um corpo de homens como a própria Besta. Tinha ela também o poder de (13:15) "dar espírito à imagem da Besta", de modo que falasse a imagem da Besta, e fazer que fossem mortos todos aqueles que não adorassem a imagem da Besta". Naturalmente, a referência é à morte mística. "E (13:16) fará que todos" "tenham um sinal na sua mão direita, ou nas suas frontes; e que (13:17) ninguém possa comprar ou vender, exceto aquele que tiver o sinal, ou o nome da Besta, ou o número de seu nome". Os restantes seriam excomungados pela Besta de dois chifres. Esta marca são as três cruzes ; e o seu nome e o número de seu nome, 666. Assim, depois de mortalmente ferida por espada, a Besta continuou com vida, foi divinizada, como os pagãos costumavam divinizar os seus Reis depois de mortos, e uma imagem lhe foi erigida. Seus adoradores foram iniciados nessa nova religião, recebendo os sinais ou o nome desse ‘novo deus’, ou o ‘número de seu nome’. Pela morte de todos aqueles que o não adorassem, adorando a sua Imagem, foi destruído o primeiro Templo, iluminado pelas lâmpadas das Sete Igrejas (Cristãs primitivas). Um novo Templo foi construído para aqueles que o não adoram. E o átrio externo desse novo Templo, isto é, a forma exterior de uma igreja, é dada aos Gentios, que adorem a Besta e a sua imagem. Quanto aos que o não adoram, estes serão marcados na fronte com o nome de Deus e retirados para o átrio interno do novo Templo. São eles os 144.000 marcados de entre as doze tribos de Israel e chamados as duas Testemunhas, porque procedentes das duas asas da mulher,quando esta fugiu para o deserto e representados ainda por dois dos sete candeeiros. Estes aparecem à João no átrio interno do segundo Templo, de pé no Monte Sião, com o Cordeiro, como se constituíssem um mar de vidro. Estes são os Santos do Altíssimo, as hostes do céu e o povo santo, de que fala Daniel, como expulsos, calcados aos pés e destruídos nos últimos tempos pelo pequeno chifre de sua quarta Besta,e pelo Bode. Quando os Gentios calcam aos pés a cidade santa, Deus dá às suas duas Testemunhas o seu poder e elas profetizam mil e duzentos e sessenta dias em vestes de linho. Elas são chamadas as duas oliveiras, numa alusão às duas oliveiras da visão de Zacarias e que (cf. Zacarias cap. 4) ficavam lado a lado do candeeiro de ouro para fornecer óleo às lâmpadas. E ainda, de acordo com o Paulo, no capítulo 11 do livro aos Romanos, as duas Oliveiras representam Igrejas. E elas fornecem óleo às lâmpadas, pela manutenção de professores. São também chamadas os dois candeeiros o que, na Profecia, também significa Igrejas, isto é, as Sete Igrejasda Ásia, representadas pelos sete candeeiros. Cinco dessas Igrejas são considerada 'em erro' e proféticamente ameaçadas, caso não se arrependam. As outras duas são achadas

sem falta alguma, pelo que os seus candeeiros deveriam ser colocados no segundo Templo. Eram elas as Igrejas de Smirna e de Filadélfia. Encontravam-se em tribulação e perseguidas, sendo das sete as únicas em tal situação. Assim sendo, seus candeeiros eram os únicos capazes de representar as Igrejas em aflição, nos tempos do segundo Templo e, dentre as sete, eram as únicas que se mantinham em ordem. As duas testemunhas não são as novas Igrejas: são a posteridade da Igreja primitiva, a posteridade das duas asas da mulher e, assim, estão adequadamente representadas pelos dois primitivos candeeiros. Podemos então admitir que quando o primeiro Templo foi destruído e construído um novo para aquelesque adoram no Átrio interior, dois dos sete candeeiros foram colocados nesse novo Templo. Como já vimos, os negócios da igreja não são considerados durante a abertura dos quatro primeiro Selos. Só começam a ser considerados quando da abertura do quinto Selo. São, mais tarde, revistos, à abertura do sexto Selo. E osétimo encerra os tempos da grande Apostasia. É por isso que referimos as Cartas às Sete Igrejas aos tempos do quinto e do sexto Selos, pois os mesmos se referem à Igreja quando esta começou a declinar e encerram admoestações contra a grande Apostasia que então se aproximava. Quando em sua “Historia Ecclesiastica”, chega Eusébio ao reinado de Deocleciano, assim ele descreve o estado das Igrejas: "Por certo, não podemos explicar, como merece, qual e quanta glória foi conseguida, além da liberdade, com a doutrina da verdadeira piedade para com o Supremo Deus, pela primeira vez anunciada aos homens pelo Cristo, não só a todos os Gregos como aos Bárbaros, antes que fosse iniciada a perseguição”. “A bondade dos Imperadores para conosco disto pode ser uma indicação, pois também nos confiavam o governo das províncias e, por uma singular benevolência para com a nossa religião, libertavam-nos do medo de sacrificar". E, pouco adiante, escreve ele: "Na verdade, quem? poderá descrever perfeitamente a incontável multidão daqueles que diariamente se abrigam na fé em Cristo? E o número de igrejas em toda parte? E a afluência de gente ilustre nos templos sagrados?”“Por isso aconteceu que, já não satisfeitos com os antigos edifícios, por todas as cidades foram, desde os seus alicerces, contruídos templos espaçosos. E aumentando estes com o decorrer do tempo e se tornando cada dia maiores e melhores, jamais o ódio os pôde abater, nem os enfeitiçar a maldade do demônio, nem a insídia dos homens lhes criar obstáculos, enquanto a mão de Deus Onipotente protegeu e custodiou o seu povo, por ter ele merecido tal proteção. Mas,por demasiada liberdade, tendo caído na negligência e na indiferença, começando a ofender-se e a invejar-se recíprocamente com palavras, à maneira de armas, chocando-se antístites contra antístites, povo contra povo, deram-se tumultos; enfim a fraude e a simulação chegaram ao cúmulo da luta. Então, estando a Igreja em seu estado íntegro, e continuando livremente as reuniões da multidão dos fiéis, pouco a pouco a divina vingança, com braço ligeiro, como de costume, começou a nos repreender, vindo primeiro a perseguição no ambiente militar. Como, porém, destituídos de bom senso, não cogitássemos sequer de aplacar a Divindade, mas, ao contrário, à maneira de certos ímpios,julgando que as coisas humanas não fossem dirigidas por nenhuma Providência, diáriamente acrescentávamos crimes sobre crimes. Desprezadas as regras da religião, os nossos Pastores sustentavam mútuas contendas, com isso procurando apenas aumentar as ofensas, as ameaças, as emulações, os ódios, as inimizades recíprocas, reivindicando para si, com muitíssimo gosto, uma primasia, ou antes, a tirania. Cumpre-se então a palavra de Jeremias, quando diz que Deus, na sua ira, obscureceu a sua filha Sião e lançou do céu a glória de Israel, naturalmente pela destruição da Igreja". Era este, bem descrito, o estado da Igreja, justo antes da subversão das Igrejas, no princípio da perseguição de Deocleciano. E este estado da Igreja concorda com a primeira das Sete Cartas ao Anjo das Sete Igrejas, isto é, aprofética Igreja de Éfeso. Diz o Cristo ao Anjo daquela Igreja: "Mas tenho contra ti que deixaste o teu primeiro amor. Lembra-te pois (do estado) de onde caíste, e arrepende-te, e volta às tuas primeiras obras; do contrário, venho a ti, e removerei o teu candeeiro do seu lugar, se não se arrependeres. Isto, porém, tens (de bom): que aborreces as ações do Nicolaítas, que eu também aborreço" (Apoc. 2:4 em diante). Os Nicolaítas são os ‘Continentes’, já descritos sob o título de Encratitas, que tomaram como religião a abstinência do casamento, abandonando as esposas, quando as tinham. São aqui chamados Nicolaítas, do nome de Nicolau, um dos sete diáconos da primitiva Igreja de Jerusalém. Conta a história que ele tinha uma linda esposa. Sendo, porém, por ela dominado, abandonou-a, permitindo em seguida que ela se casasse com quem bem entendesse, no pressuposto que nos devemos desabituar da carne para melhor viver a vida cristã. Assim, tanto ele como seus filhos viveram em continência. Depois, os Continentes abraçaram a doutrina de Aenos e dos Espíritos, masculinos e femininos, e por isso foram perseguidos pelas primitivas Igrejas até o quartoséculo. E a Igreja de Éfeso é aqui aprovada porque odiava tais práticas. As perseguições de Deocleciano começaram no ano de 302 e duraram, no Império do Oriente, dez anos, e no Império do Ocidente, outros dois anos. Com este estado da Igreja concorda a Segunda Carta, dirigida à Igreja de Smirna. Diz o Cristo sobre ela: "Conheço a tua tribulação e a tua pobreza, mas és rico (em graça e santidade), e és caluniado por aqueles que se dizem Judeus, e não o são, antes são uma sinagoga de Satanás. Não temas nada do que terás de sofrer. Eis que o demônio fará meter na prisão alguns de vós, a fim de serdes provados; e tereis tribulação durante dez dias. Sê fiel até a morte, e eu te darei a coroa da vida" (Apoc. 2: 9,10). A tribulação durante dez dias (ou anos) não concorda com nenhuma outra perseguição além da de Deocleciano, de vez que é esta a única que teve uma duração de dez anos. Pela blasfêmia daqueles "que se dizem Judeus, e não o são, antes são uma sinagoga de Satanás", compreendemos a Idolatria dos Nicolaítas, que falsamente se diziam Cristãos. Lamenta a Terceira Carta que os Nicolaítas sejam (cf. Apoc. 2:14) "sequazes da doutrina de Balaão, o qual ensinava Balac a pôr tropeços diante dos filhos de Israel, para que comessem as coisas sacrificadas aos ídolos e cometessem abominações". Pois os Moabitas e os Midianitas,instruídos por Balaão (cf. Núm. 25:1, 2, 18; 31:16) tentaram e convidaram a Israel, por intermédio de suas mulheres, para

a prática de abominações, e para participarem com eles dos sacrifícios aos seus Deuses. Assim, pois, o dragão começou a se manifestar entre os habitantes da terra e do mar. Na Quarta Carta, há ainda um lamento aos Nicolaítas, apresentados, desta vez, sob a figura de uma mulher, Jezabel "que se diz profetiza", pelo fato de ela "ensinar e seduzir os meus servos, para fornicarem e comerem das coisas sacrificadas aos ídolos". (Apoc. 2:20). É então que a mulher começa a voar para o deserto. O reinado de Constantino o Grande, desde sua vitória sobre Licínio, foi monárquico sobre todo o Império Romano. Depois é que começou a ser este reino dividido entre os filhos de Constantino e, mais tarde, unificado sob o poder de Constantius, em conseqüência de sua vitória sobre Magnentius. Parece que a Terceira, Quarta e Quinta Cartas, dirigidas respectivamente aos Anjos das Igrejas de Pérgamo, de Tiatira e de Sardes, se referem aos negócios da Igreja durante aqueles três sucessivos períodos. Na Sexta Carta, ao Anjo da Igreja de Filadélfia, diz o Cristo: "Porque guardaste a palavra da minha paciência" (no reinado do Imperador pagão Juliano), "também eu te guardarei da hora da tentação, que virá sobre todo o mundo" (pela fuga da mulher para o deserto, pela guerra do dragão aos restantes de seus filhos e pela matança de todos aqueles que não adorarem a Imagem da Besta), "para provar os habitantes da terra", e para os distinguir, marcando a uns, na testa, com o nome de Deus e a outros com o nome da Besta. "Ao que vencer, fá-lo-ei uma coluna no templo do meu Deus, e não sairá jamais fora; e escreverei sobre ele o nome do meu Deus". (Apoc. 3:10- 12). Assim, os Cristãos da Igreja de Filadélfia, tantos quantos forem os vencedores, serão marcados com o selo de Deus e colocados no segundo Templo, de onde não mais sairão. Outro tanto se deve entender da Igreja de Smirna, que também guardou a palavra da paciência de Deus e foi achada sem qualquer falta. Estas duas Igrejas, com sua posteridade, são, pois, as duas Colunas e os dois Candeeiros ou as duas Testemunhas do Segundo Templo. Depois do reinado do Imperador Juliano, e de seu sucessor Joviano, que reinou apenas cinco meses, o Império foi novamente dividido entre Valentiniano e Valente. Então, na Carta ao Anjo da Igreja de Laodicéia, a Igreja Católica é representada como morna e é ameaçada de ser vomitada da boca do Cristo. "Porque dizes: Sou rico e cheio de bens, e de nada tenho falta" pois está em prosperidade exterior; "mas não sabes que" espiritual e interiormente "és um infeliz, e miserável, e pobre, e cego, e nu, pelo que vomitar-te-ei da minha boca" (Apoc. 3:16,17), da boca do Cristo, quando da abertura do sétimo Selo. Assim,é posto um fim aos tempos do primeiro Templo. Cerca de metade da população do Império Romano tornou-se cristã durante o reinado de Constantino o Grande e de seus filhos. Depois que Juliano abriu os Templos e restaurou o culto pagão, os Imperadores Valentiniano e Valente o toleraram durante todo seu reinado. Assim, a profecia do sexto Selo não se realizou completamente antes do reinado de seu sucessor, Graciano. Era costume dos sacerdotes pagãos oferecer ao Soberano, no começo de seu reinado, a dignidade e o hábito de Pontífex Maximus. Até então, todos os Imperadores a tinham aceitado. Graciano, entretanto, não só a rejeitou, como ainda derrubou os ídolos, interditou os sacrifícios e aboliu seus proventos, com os salários e com a autoridade dos Sacerdotes. Teodósio o Grande seguiu-lhe o exemplo. Daí em diante, o Paganismo não só não se recobrou, mas decresceu tão rapidamente que, cerca de dez anos depois da morte de Teodósio, Prudentius rotulou aos pagãos como "uma parte raríssima de homens e apenas umas poucas inteligências". Assim sendo, os negócios referidos ao sexto Selo terminaram com o reinado de Valente, ou antes, no começo do reinado de Teodósio, quando este, como seu predecessor Graciano, rejeitou a dignidade de Pontífex Maximus. Por isso, os Romanos foram muito mais infestados por invasões de estrangeiros nos reinados de Valentiniano e de Valente. Diz Ammianus: "Naquele tempo, em todo o mundo romano, reboavam as trompas guerreiras de povos de grande crueldade, e exercitados na guerra, que atravessavam suas fronteiras: simultâneamente, os Germanos invadiam a Gália e a Rhaetia; os Sármatas e os Quades, a Panônia; os Pictos, os Saxões e os Escoceses atormentavam a Bretanha com angústias freqüentes; os Austorianos, os Mouros e outros povos faziam incursões na África, mais atrozes do que de costume; grupos de salteadores Godos destruíam a Trácia, e o rei da Pérsia punha a mão sobre a Armênia". E, enquanto os Imperadores se viam ocupados em repelir estes inimigos, os Hunos, os Alanos, e os Godos, vieram sobre o Danúbio em dois corpos, venceram e mataram Valente e fizeram tão grande chacina no exército romano, que assim se expressa Ammianus: "Os Anais não registram nenhuma outra derrota das proporções da de Canes". Estas guerras por todos os lados não tiveram fim senão no começo do reinado de Teodósio, entre os anos de 379 e 380. Daí por diante, o Império ficou sossegado e livre dos exércitos inimigos, até a morte de Teodósio no ano de 395. Tanto tempo ficaram assim detidos os quatro ventos: e por tanto tempo houve silêncio no céu. E o sétimo Selo foi aberto ao começar aquele silêncio. Mede [citado pela segunda vez neste livro, e provavelmente um dos escritores a quem Isaac Newton teve por bibliografia, para realizar este livro] não explicou muito erradamente a Profecia das seis primeiras trombetas. Entretanto, se tivesse observado que o derrame dos cálices da ira está sincronizado com o soar das trombetas, sua explicação teria sido ainda mais completa. A denominação de 'Aflições' é dada às guerras marcadas pelo toque das três últimas trombetas, para as distinguir das guerras referidas ao toque das quatro primeiras. Os sacrifícios nos quatro primeiros dias da Festa dos Tabernáculos, nos quais tocam as quatro primeiras trombetas e os quatro primeiros derrames dos cálices da ira, são os morticínios em quatro grandes guerras; e estas guerras são representadas por quatro ventos dos quatro quadrantes da terra. O primeiro era um vento do Leste; o segundo, do Oeste; o terceiro, do Sul; e o quarto, um vento do Norte. E tudo em relação à cidade de Roma, metrópole do Império Romano. Estas quatro pragas caíram sobre a terça parte da terra, do mar, dos rios, do Sol, da Lua e das estrelas, isto é, sobre a terra, o mar, os rios, o sol, a lua e as estrelas de terça parte do cenário destas Profecias de Daniel e de João. A praga do vento do Leste (Apoc. 8:7 e seguintes), ao toque da primeira trombeta, foi a queda sobre a terra, isto é, sobre as nações do Império Grego. Assim, então,depois

da morte de Teodósio o Grande, os Godos, Sármatas, Hunos, Isaurianos e Mouros Austorianos invadiram e fizeram tremenda devastação na Grécia, Trácia, Ásia Menor, Armênia, Síria, Egito, Líbia e Ilíria, num período redondo de dez ou doze anos. A praga do vento do Oeste, ao toque da segunda trombeta, foi a queda sobre o mar, ou Império do Ocidente,de um "como que grande monte ardendo em fogo; e converteu-se em sangue a terça parte do mar". Assim, no ano de 407, o Império (latino/ romano) começou a ser invadido pelos Visigodos, Vândalos, Alanos, Suevos, Burgúndios, Ostrogodos, Hérulos, Quades e Gépidas. E por estas guerras, fracionou-se em dez reinos e foi terrívelmente devastado. E a própria Roma, consistindo no monte ardendo em fogo desta Profecia, foi sitiada e tomada pelos Ostrogodos, no início desses flagelos. Com a praga do vento do Sul, ao toque da terceira trombeta (Apoc. 8:10) "caiu do céu uma grande estrela, a arder como um facho, e caiu sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes das águas, isto é, o Império do Ocidente, então dividido em muitos reinos, transformando-as em absinto e sangue e tornando-as amargosas.É assim que Genserico, rei dos Vândalos e dos Alanos na Espanha, no ano de 427 passou à África com um exército de oitenta mil homens; invadiu os Mouros e guerreou os Romanos, tanto aí como nas praias da Europa, durante cerca de cinqüenta anos ininterruptamente; tomou Hippo em 431, e Cartago, a capital da África, em 439. Em 455, com uma frota numerosa e um exército de trezentos mil Vândalos e Mouros, invadiu a Itália, tomou e saqueou Roma, Nápoles e Cápua, além de muitas outras cidades, carregandopara a África, com as suas riquezas, a flor de sua gente. E noano seguinte, em 456, libertou a África do Império, expulsando completamente os Romanos de lá. Então, os Vândalos invadiram e conquistaram as Ilhas do Mediterrâneo, a saber, a Sicília, a Sardenha, a Córsega, a Iviça, a Maiorca, a Minorca, etc. E Ricimer sitiou o Imperador Anthemius em Roma, tomou a cidade e permitiu que os soldados a saqueassem, no ano de 472. Por essa época, os Visigodos expulsaram os Romanos da Espanha. Então, o Imperador do Ocidente, a grande estrela cai, do céu, a arder como um facho: tendo perdido, gradativamente, em tais guerras, quase todos os seus domínios, foi invadido e conquistado em um ano por Odoacro, rei dos Hérulos, em 476. No ano seguinte, os Mouros se revoltaram, enfraqueceram os Vândalos por várias guerras e lhes tomaram a Mauritânia. Estas guerras continuaram até que os Vândalos foram conquistados por Belisário, no ano de 534, com o que,devido a tantas guerras, a África ficou quase despovoada, conforme nos registra Procópio, o qual avaliou em mais de cinco milhões o número de homens que nelas pereceram. Quando os Vândalos, pela primeira vez,invadiram a África, essa região era muito populosa. Contava cerca de setecentos Bispados, ou seja, mais que a França, a Espanha e a Itália reunidas. Mas essas guerras entre Vândalos, Romanos e Mouros de tal forma despovoaram aÁfrica que, segundo Procópio, era quase por milagre que o viajante aí encontrasse um homem. Ao derrame do terceiro cálice diz-se: "Justo és, Senhor, que és e que eras, tu O Santo que isto julgaste; porque eles derramaram o sangue dos santos e dos profetas, lhes deste também a beber sangue, porque assim o merecem". (Apoc. 16: 5,6). De como derramaram o sangue dos Santos, pode ser compreendido pelo seguinte Édito do Imperador Honório, conseguido por quatro Bispos que lhe foram mandados em comissão, por um Concílio de Bispos Africanos, reunidos em Cartago a 14 de Junho do ano de 410, que diz: "Os Imperadores Honório e Theodoro Augustos, a Heracliano, 'Comitis' da África. Tendo sido completamente afastado o oráculo, porque a pouco e pouco insinuaram-se nos seus ritos superstições heréticas, saibam todos os inimigos da sagrada lei que devem ser castigados com as penas de proscrição e de sangue, caso tenham a temeridade de praticar esse crime em público. Dado aos 8 de Setembro de 410, sendo Cônsul Varano V. C." Este Édito foi reforçado, cinco anos mais tarde,por este outro: "Os Imperadores Honório e Theodoro Augustos, a Heracliano, 'Comitis' da África. Saibam todos os que se fizeram inimigos da lei sagrada, por se aproximarem dos ritos com superstições heréticas, que serão castigados com as penas de proscrição e de sangue, se ainda tiverem a temeridade de praticar o seu crime em público, e isto para que a verdadeira e divina reverência não seja contagiada pelo mau exemplo. Dado a 8 de Setembro do ano de 415 por Honório X e Teodoro VI Augustos". Sendo estes Éditos dirigidos ao governador daÁfrica, extendiam-se apenas aos Africanos. Antes destes houve muitos outros, e bem severos, contra os Donatistas, mas não chegavam ao derrame de sangue. Estes dois foram os primeiros que tornaram capital a sua reunião e a reunião detodos os dissidentes. Porque em tais Éditos a expressão Heréticos abrange todos os dissidentes, como se torna manifesto no seguinte, contra Euresius, um Bispo Luciferano: "Os Imperadores Arcádio e Honório Augustos, a Aureliano, Pro-Cônsul da África. São definidos como heréticos e devem ser destruídos com amplas sanções aqueles que foram apontados como se afastando do juízo e do caminho da religião católica por uma argumentação leviana; e por isso aprende por tua própria experiência que Eurésio foi herético. Dado aos 3 de Setembro do ano de 395, em Constantinopla, sendo Cônsules Olybrio e Probino". O Imperador Grego Zeno adotou como filho a Teoderico, Rei dos Ostrogodos, fê-lo estribeiro-mor, Patrício e Cônsul de Constantinopla. E, recomendando-lhe o Senado e Povo Romano, deu-lhe o Império do Ocidente. Mandando-o à Itália, conquistou Odoacro e reinou sobre a Itália, Sicília,Rhoetia, Nórica, Dalmácia, Libúrnia, Ístria e parte da Suévia, Panónia e Gália. Por isso é que Ennodius, num panegírico a Teoderico, diz: "O Império Romano voltou à seus limites". Teoderico reinou com grande prudência, moderação e felicidade; tratou os Romanos com singular benevolência, governou-os com suas próprias leis e restaurou seus governos através do Senado e dos Cônsules, enquanto ele próprio ocupava o lugar de Imperador sem, entretanto, assumir o título. Tanto que diz Procópio sobre ele: "Assim guiou os seus súditos de tal forma que nada lhe faltou do que é honra devida a um verdadeiro Imperador; prestou um grande culto à justiça e foi um diligente defensor das leis: manteve as terras intactas pelos vizinhos bárbaros, etc.".É por tudo isto que não incluo o reinado desse Soberano entre as pragas dos quatro ventos. Com a praga do vento do Norte, o Rei, o reino e os Príncipes do Império do Ocidente, são representados pela "terça parte do Sol, e a terça parte da

Lua e a terça parte das estrelas" (Apoc. 8:12) que "se obscureceu; e não resplandecia a terça parte do dia, e igualmente da noite".É assim que Belisário, havendo conquistado os Vândalos, invadiu a Itália em 535 e guerreou os Ostrogodos na Dalmácia, Libúrnia, Venetia, Lombardia, Toscana e outras regiões ao Norte de Roma, dentro de um período de vinte anos. Nesta guerra muitas cidades foram tomadas aos Romanos; os Ostrogodos assassinaram todos os homens jovens e velhos num total de trezentos mil, conforme os cálculos de Procópio, e remeteram as mulheres como escravas aos seus aliados Burgúndios. A própria Roma foi tomada e retomada várias vezes, com o que o povo se rarefez. Cessou o velho governo pelo Senado; os nobres ficaram arruinados e toda a glória da cidade foi extinta. No ano de 552, após uma guerra de dezessete anos, caiu o reino dos Ostrogodos. Ainda assim o seu remanescente e um exército de Germanos, chamados em seu auxílio, continuaram a guerra por mais três ou quatro anos. Seguiu-se então a guerra dos Hérulos que, no dizer de Anastasius, “devastavam toda a Itália”. Esta guerra foi seguida pela dos Lombardos, os mais ferozes de todos os Bárbaros. Começou no ano de 568 e durou, ao todo, trinta e oito anos. Diz Anastasius: "Foi feita tal ruína como há um século ninguém se recordava"; terminou no Papado de Sabiniano, no ano de 605, pela paz feita então com os Lombardos. Três anos antes de terminar esta guerra, assim falava Gregório o Grande, então Bispo de Roma: "Realmente não temos palavras para exprimir como há trinta e cinco anos somos oprimidos por quotidianos ferimentos e por grandes invasões dos Lombardos". E em um de seus sermões ao povo, assim exprime o grande extermínio dos Romanos em tais guerras: "Observai como daquele povo inumerável que éreis, a quantos ficastes reduzidos; e, todavia, diáriamente as ruínas urgem, acontecimentos imprevistos nos orpimem e novas coisas e inesperadas desgraças nos afligem". E em outro sermão, assim ele descreve as desolações: "As cidades foram destruídas, os acampamentos abatidos, os campos despovoados, a terra reduzida à solidão. Nenhum agricultor permaneceu no campo, quase nenhum habitante nas cidades. Entretanto, esses pequenos restos do gênero humano diária e contínuamente são feridos e não chegam a um termo os castigos da justiça celeste. Pelo contrário, a própria Roma, que outrora parecia ser a senhora do mundo, nós vimos como ficou, magoada de várias maneiras por dores inumeráveis, pela desolação dos cidadãos, pelos ataques dos inimigos, pela freqüência das ruínas. Eis que já a (Roma) esqueceram todos os potentados deste século. Eis que os povos a abandonaram. De fato, onde se acha o Senado? Onde está o povo? Apodreceram seus ossos e suas carnes estão consumidas. Realmente, extinguiram as dignidades seculares de toda ordem; e nós próprios, os poucos que sobrevivemos, diáriamente estamos orpimidos pela espada e pelas inúmeras tribulações. Mas por que dizemos estas coisas em relação aos homens? Vemos as ruínas crescerem, na medida que os edifícios são destruídos. Depois que faltam os homens, também caem as paredes. Roma já arde, vazia.Ei-la já desolada, entristecida, inconsolável e oprimida pelos gemidos, etc." Tudo isto foi dito por Gregório ao povo de Roma, que foi testemunha de tais verdades. Foi assim que, pelas pragas dos quatro ventos, foi sacudido o Império dos Gregos e foi derrubado o Império dos Latinos. E Roma ficou reduzida a simples capital de um pobre ducado, subordinado a Ravena, séde do Exarcado. A quinta trombeta deu o sinal de guerras feitas pelo Rei do Sul, segundo a expressão de Daniel, nos tempos do fim, fazendo pressão sobre aquele Rei que fazia o que queria. Esta praga começou quando da abertura "do poço do abismo", o que denota o abandono de uma religião falsa, pois (cf. Apoc. 9:2) "subiu uma fumaça do poço, como fumaça de uma grande fornalha", o que significa a multidão que havia abraçado aquela religião; "e da fumaça do poço saíram gafanhotos para a terra" (Apoc. 9:3), os quais representam os exércitos saídos daquela multidão. Aquele poço foi aberto para dar saída à fumaça e aos gafanhotos para a região das quatro monarquias, ou para a de algumas delas ...O Rei desses gafanhotos era o anjo do poço do abismo, sendo ao mesmo tempo o governador supremo, quer para os negócios civis, quer para os religiosos, tal qual o Califa dos Saracenos. Nuvens de gafanhotos por vezes se levantam na Arábia Faelix, de onde passam a infestar as nações vizinhas. São assim, muito a propósito, uma representação dosexércitos Árabes invadindo os Romanos. Eles começaram essas invasões no ano de 634, e a reinar em Damasco em 637. Construíram Bagdá no ano de 766 e reinaram sobre a Pérsia, Síria, Arábia, Egito,África e Espanha. Depois perderam a África para Mahades no ano de 910; a Média, a Hircânia, Corasan e toda a Pérsia para os Dailamitas, entre os anos de 927 e 935; a Mesopotâmia e Miafarekin para Nasiruddaulas no ano de 930; a Síria e o Egito para Achsjid, em 935. Então, sob imensa tristeza, o Califa de Bagdá entregou no ano de 936 todo o resto de seu domínio temporal a Maomé, filho de Rajici, Rei de Wasit, na Caldéia e fê-lo Imperador dos Imperadores. Mas, dentro de dois anos, Maomé perdeu Bagdá para os Turcos. Daí por diante, Bagdá ora está em mãos dos Turcos, ora em mãos dos Saracenos, até que Togrul-Beig, também chamado Togra, Dogrissa, Tangrolipix ou Sadoc, conquistou enfim Corasan e a Pérsia, e no ano de 1055 anexou Bagdá ao seu Império, tornando-a sua capital. Seus sucessores, Olub-Arslan e Melechschah conquistaram as regiões do Eufrates. E estas conquistas, depois da morte de Melechschah foram retalhadas entre os reinos da Armêina,Mesopotâmia, Síria e Capadócia. Durante todo o tempo em que os Califas Saracenos reinaram com poder temporal em Damasco e em Bagdá, contam-se trezentos anos, isto é, desde 637 até 936, inclusive. Então, lemos que os gafanhotos vivem apenas cinco meses. Mas, para o decôro do tipo, diz-se que esses gafanhotos tinham poder "de fazer mal aos homens durante cinco meses e cinco meses", como se tivessem vivido cerca de cinco meses em Damasco e novamente cerca de cinco meses em Bagdá, ou ao todo dez meses, o que equivale a trezentos dias proféticos, que por sua vez valem por trezentos anos. A sexta trombeta soou o início das guerras que,na Profecia de Daniel, o Rei do Norte fez ao supramencionado Rei "que fazia o que queria". Nestas guerras, o Rei do Norte, conforme a Profecia de Daniel, conquistou o Império dos Gregos e, ainda, a Judéia, o Egito, a Líbia e a Etiópia. Por estas conquistas estabeleceu-se o Império dos Turcos, como é fácil de verificar. Estas guerras começaram no ano de 1258, quando os quatro reinos dos Turcos, estabelecidos

no Eufrates, a saber, o da Armênia Maior em Miyapharekin, Megarkin ou Martirópolis; o da Mesopotâmia em Mosul; o de toda a Síria em Aleppo e o da Capadócia, em Inconium, foram invadidos pelos Tártaros, sob o comando de Hulacu e compelidos para as partes ocidentais da Ásia Menor, onde guerrearam os Gregos e começaram a erigir o Império Turco de então. Quando soou a sexta trombeta (cf. Apoc. 9:1315) João ouviu "uma voz que saía dos quatro cantos do Altar de ouro, que está diante dos olhos de Deus, a qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro Anjos que estão atados no grande rio Eufrates. E foram desatados os quatro Anjos que estavam preparados para a hora, e dia, e mês, e ano, para matarem a terça parte dos homens". Os quatro cantos do Altar de ouro representam a situação das capitais dos referidos quatro reinos, isto é, Miyapharekin, Mosul, Aleppo e Iconium, que formavam um quadrilátero. Eles mataram a terça parte dos homens quando conquistaram o Império Grego e tomaram Constantinopla, no ano de 1453. E começaram a se preparar para esse objetivo quando Olub-Arslan começou a conquista das nações do Eufrates, em 1063. O intervalo é chamado uma hora, e um dia, e um mês e um ano, o que equivalem a 391 dias proféticos que valem por anos. Nos primeiros trinta anos Olub-Arslan e Melechschah conquistaram as nações sobre o Eufrates e reinaram sobre o todo. Melechschah morreu em 1092 e foi sucedido por uma criança. Então esse reino fragmentou-se nos quatro reinos supra-mencionados.

Notas do Digitador:

Foi uma honra para mim fazer este trabalho, que levou cinco meses de digitações, entre 2007 e 2008, a partir de páginas escaneadas e gentilmente cedidas por um senhor muito idoso. Busquei exatidão de conteúdo e tornar clara a compreensão dos textos; omiti a opinião do tradutor brasileiro (todo um capítulo introdutório de apresentação, INEXISTENTE no original inglês) a respeito de Isaac Newton; e, para melhor clareza de entendimento, evitei todas as centenas de frases em latim, substituindo-as pelas traduções também apresentadas em rodapé, no livro . Também, cuidei de substituir as palavras comuns do vocabulário português-brasileiro da época em torno de 1940 por linguagem corrente atual. As principais substituições que fiz foram:

· epístola, por: carta
· coligido(a), por: reunido(a) em coleção/ coletânea [a partir de]
· a breve prazo, por: em breve
· fito, por: objetivo
· infirma, por: anula
· seguida, por: seqüencial (em: uma história seguida... desde)
· confinado, por: circunscrito
· ao seu talente, por: à sua vontade
· séquito, por: cortejo
· tonitruante, por: trovejantes
· silente, por: "silenciosa"
· ciosos, por: zelosos
· haste, ou corno, por: chifre (apenas)
· ratificados, por: confirmados
· alfaias, por: adornos ou utensílios
· serão sustidos, por: firmar-se-ão
· ceifa, por: colheita
· estio, por: verão
· afetando, por: fingindo
· segregou, por: isolou
· aquilão, por: Norte
· do meio-dia, por: do Sul
· varão, por: homem
· turíbulo, por: vaso dos incensos
· voga, por: grande aceitação
· a mocidade, por: os jovens
· a rapina, a presa, por: os despojos, os capturados
· cenóbias, por: mosteiros [referindo-se aos monges]
· taladas, por: devastadas
· cancela, por: porta gradeada e corrediça
· parabólicamente, por: por meio de parábolas
· celeuma, por: aclamação geral
· sumos ANTÍSTITES, por: Sumos-Sacerdotes Pagãos
· admonitórias, por: de admoestação
· penitência (e derivados), por: arrepender-se, arrependimento